

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA**

CRISTHIANE SOUZA ALVES

Orientadora: Profa. Dra. Selma Leitão

**ENTENDENDO NAS ENTRELINHAS:
COMO AS CRIANÇAS COMPRENDEM A IRONIA
EM DISCURSOS ARGUMENTATIVOS**

Recife

2011

CRISTHIANE SOUZA ALVES

**ENTENDENDO NAS ENTRELINHAS:
COMO AS CRIANÇAS COMPRENDEM A IRONIA
EM DISCURSOS ARGUMENTATIVOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Selma Leitão

Recife
2011

A474e Alves, Cristhiane Souza.

Entendendo nas entrelinhas : como as crianças compreendem ironia em discursos argumentativos / Cristhiane Souza Alves. – Recife: O autor, 2011.

209f. : il. ; 30cm.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Selma Leitão.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2011.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Psicologia. 2. Cognição. 3. Crianças. 3. Compreensão. 4. Argumentação. 5. Ironia. I. Leitão, Selma (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2011-26)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Cristhiane Souza Alves

Entendendo nas Entrelinhas: como as crianças compreendem a ironia em discursos argumentativos.

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Cognitiva da
Universidade Federal de
Pernambuco para obtenção do
título de Mestre.

Área de Concentração: Psicologia
Cognitiva

Aprovado em: 24 de fevereiro de 2011

Banca Examinadora

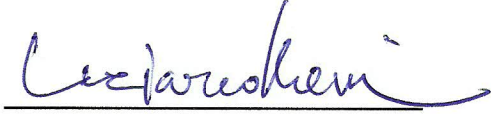
Profa. Dra. Selma Leitão Santos
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

Profa. Dra. M^a de Fátima Vilar de Melo
Instituição: UNICAP

Assinatura: 

Prof. Dr. Luciano Rogério de Lemos Meira
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

Compreender a enunciação de outrem
significa orientar-se em relação a ela,
encontrar o seu lugar adequado
no contexto correspondente.
A cada palavra da enunciação que estamos
em processo de compreender,
fazemos corresponder
uma série de palavras nossas,
formando uma réplica. (...)
A compreensão é uma forma de diálogo...
compreender é opor à palavra do locutor
uma contrapalavra.

(BAKHTIN & VOLOCHINOV, 1992, p.131)

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão maior do meu viver, que me deu vida, saúde e condições de chegar até aqui, pois sem Ele, nada alcançaria. A Ele tributo meu louvor por tudo o que Ele é, e por tudo o que Ele faz.

Ao meu amado esposo, Ailton Júnior, meu maior incentivador, por seu constante apoio, carinho e compreensão, por suportar as longas horas de ausência por conta deste trabalho. As muitas águas jamais poderão apagar o nosso amor...

Aos meus queridos filhos Deborah e David, inspiração da minha vida, que tiveram de abrir mão tantas vezes de minha presença, mas que sempre demonstraram carinho e paciência comigo. Amo vocês como amo a minha vida.

Aos meus queridos pais, porque eu sou parte de vocês, o que faz esta conquista também ser vossa; pelo incentivo, desde a infância, a levar os estudos com dedicação e responsabilidade. Muito obrigada!

À minha cunhada Ana Cláudia, que foi a primeira incentivadora da minha entrada no Mestrado. Você me fez acreditar que seria possível chegar até aqui. Minha sincera gratidão!

À professora Selma Leitão, pela honra que me concedeu de desfrutar de sua valiosa e competentíssima orientação neste trabalho. Admiro você por sua seriedade e amor à ciência, e pela nobreza com que trata a todos a sua volta. Muito agradecida!

Às crianças que participaram neste estudo, juntamente com seus responsáveis, pela disponibilidade e gentileza com que contribuíram na construção desta investigação.

Às minhas irmãs Kézia e Adna, que me ajudaram na formatação do texto e dos materiais de mídia empregados neste trabalho. Meu sincero agradecimento a elas e aos meus demais familiares que acompanharam este trabalho.

Às colegas de mestrado Laura e Nancy, por compartilharem dos momentos alegres e dos momentos difíceis desta jornada. Foi muito bom ganhar a amizade de vocês.

Ao CNPQ, pelo incentivo recebido por meio de bolsa.

RESUMO

Dentre os recursos que podem ser empregados na defesa de um ponto de vista, ou mesmo na produção de contra-argumentos, enfoca-se, neste trabalho, a utilização da estratégia enunciativo-discursiva da ironia, que se caracteriza pela implicação de sentidos diferentes daqueles que comumente seriam entendidos no enunciado ou discurso em questão. Considerando que é possível compreender ironia, segundo alguns estudos, em torno dos primeiros anos escolares, este trabalho se propôs a observar como a compreensão da ironia, a partir da perspectiva enunciativa dialógica, poderia afetar o reconhecimento dos elementos básicos de uma argumentação (argumento, justificativa, contra-argumento, resposta) por crianças que tivessem entre cinco e oito anos de idade. Esta investigação assume a perspectiva dialógica bakhtiniana de linguagem, que é vista como atividade social interativa, na qual sujeitos históricos interagem verbalmente produzindo e recebendo enunciados, que terão seus sentidos constituídos a partir da interação de diversos contextos, pontos de vista e falas sociais. Consequentemente, a compreensão aqui é entendida como um processo ativo, no qual existe uma orientação em relação à enunciação do outro, isto é, o interlocutor estabelece uma correspondência entre suas próprias palavras com as palavras que lhe foram enunciadas, como se fosse uma réplica, o que caracteriza a dialogicidade constitutiva do discurso. Quanto à argumentação, assume-se a perspectiva pragma-dialética, na qual argumentar é um ato de fala complexo, cujo propósito interacional é contribuir para a resolução de uma diferença de opinião. Este ato de fala argumentativo apresenta um efeito comunicativo, correspondente à sua compreensão, e um efeito interacional, que é a aceitação ou resposta ao ato de fala realizado, os quais não têm que necessariamente coincidir. No entanto, a fim de que algum grau de aceitação se efetue, será preciso alcançá-lo pelo menos algum grau de compreensão. A pesquisa foi realizada com quarenta crianças entre cinco e oito anos de idade, as quais assistiram a alguns trechos de filmes infantis em DVD, que continham situações argumentativas com ocorrência de ironia. Durante a exibição, foram realizadas perguntas relativas à compreensão da situação discursiva apresentada, as quais visavam capturar a compreensão tanto da ironia quanto de sua função retórica. As atividades foram videografadas e submetidas à análise da responsividade compreensiva de cada criança diante das situações discursivas observadas. As respostas dadas pelas crianças indicaram ser a compreensão do efeito de sentido irônico um pressuposto fundamental para a compreensão dos movimentos argumentativos de justificação ou de ataque a um ponto de vista que subjaciam aos enunciados irônicos. As crianças que aparentemente não capturaram uma subversão no sentido de um enunciado caracteristicamente irônico, também pareceram não atribuir-lhe uma função retórica.

PALAVRAS-CHAVE: ironia, compreensão, argumentação.

ABSTRACT

Among the resources that can be used to defend a point of view, or even to the production of counter-arguments, this investigation focuses on the use of the discursive and enunciative strategy of irony, which is characterized by the production of indirect meanings. Whereas it is possible to understand irony, according to some studies, around the early school years, this study proposes to look at how the understanding of irony, from the dialogic perspective, could affect the recognition of the basic elements of an argument (argument, supporting ideas, counterargument and response) of children that are between five and eight years old. This research takes the Bakhtinian dialogic perspective of language, which is viewed as an interactive social activity in which historical subjects interact verbally producing and receiving statements, which will have their meanings constructed from the interaction of different contexts, perspectives and social speeches. Consequently, comprehension is understood here as an active process in which there is an orientation to the enunciation of the other, that is, the speaker establishes a link between their own words with words that were uttered like a reply, which characterizes the constitutive dialogical discourse. As to the argument, it is assumed the pragma-dialectical perspective, in which arguing is a complex speech act whose interactive purpose is to help to resolve a difference of opinion. This argumentative speech act presents a communicative effect, corresponding to its understanding, and an interactional effect, which is the acceptance or response to the speech act performed, which did not necessarily have to coincide. However, in order that some degree of acceptance shall be conducted, you must achieve at least some degree of understanding. The survey was conducted with forty children aged between five and eight years of age, who watched some excerpts from children's films on DVD, containing argumentative situations with the occurrence of irony. During the exhibition, questions were made regarding the understanding of the discursive situation presented, which aimed to capture the understanding of both the irony and its rhetorical function. The activities were recorded in video and subjected to comprehensive analysis of the responsiveness of each child in front of discursive situations observed. Their responses indicated that children's understanding of the ironic sense seems to be a prerequisite for understanding the argumentative movements of justification or attack to a viewpoint that underlie the ironic statements. Children who apparently did not capture a sense of subversion in a characteristically ironic statement, also appeared to don't give it a rhetorical function.

KEYWORDS: irony, comprehension and argumentation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Escala Tonal de Funções Atribuídas à Ironia (Hutcheon, 2000)

FIGURA 2 – Convenções de Transcrição Adotadas

FIGURA 3 – Esquema Argumentativo de “Perdidos no Meio do Nada”

FIGURA 4 – Esquema Argumentativo de “Meninos & Meninas”

FIGURA 5 – Esquema Argumentativo de “Boas Maneiras”

SUMÁRIO

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Lista de figuras

Sumário

INTRODUÇÃO 09

Pressupostos..... 13

Objetivos..... 14

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ESTUDO 15

1.1. Linguagem, Cognição e Produção de Sentidos 15

1.2. Ironia sob Perspectivas..... 21

1.2.1. Perspectiva Retórica 22

1.2.2. Perspectiva Cognitivista..... 23

1.2.3. Perspectiva Enunciativo-Discursiva 26

1.3. A Compreensão da Ironia 35

1.4. Argumentação e Ironia: pontos de encontro 39

CAPÍTULO 2 – MÉTODO 43

2.1. Participantes e Contexto Discursivo da Produção de Dados 43

2.2. Procedimentos de Construção dos Dados 44

2.2.1. Desenho Animado 46

2.2.2. Perguntas de Compreensão 49

2.2.3. Episódios Argumentativo-Discursivos Apresentados..... 50

A) “Perdidos no meio do nada” 51

B) “Meninos e Meninas” 56

C) “Boas Maneiras” 59

2.3. Procedimento de Análise dos Dados..... 63

CAPÍTULO 3 – ANÁLISES E DISCUSSÕES 66

3.1. Episódio “Perdidos no meio do nada”	67
3.2. Episódio “Meninos e Meninas”	86
3.3. Episódio “Boas Maneiras”	101
A) Informações Visuais X Construção Discursiva.....	103
B) Informações Não-Verbais e Suprasegmentais	107
C) Atitudes Atribuídas aos Personagens	111
3.4. Ausência de Explicação	114
3.5. Não-Compreensão da Ironia e da Função Retórica.....	115
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS.....	128
ANEXOS	133
ANEXO 1	133
ANEXO 2	137
ANEXO 3	140
ANEXO 4	142
ANEXO 5	148
ANEXO 6	153
ANEXO 7	161
ANEXO 8	167
ANEXO 9	174
ANEXO 10	180
ANEXO 11	187
ANEXO 12	194
ANEXO 13	199
ANEXO 14	205

INTRODUÇÃO

A motivação deste trabalho surgiu do interesse pela forma como a compreensão de enunciados irônicos¹ poderia afetar a realização do efeito interacional de uma argumentação, que é a tentativa de convencer alguém da aceitabilidade ou não de uma opinião expressada (Van Eemeren & Grootendorst, 1992, p. 3). A fim de situar os/as leitores(as) no percurso realizado da graduação até aqui, consideramos pertinente fazer um breve resumo dos primeiros questionamentos que originaram esta pesquisa. Durante os estudos sobre gêneros textuais desenvolvidos no curso de graduação em Letras, nos chamou a atenção aqueles em que predominavam sequências tipológicas argumentativas, em especial os textos de opinião. Já a caminho do Mestrado, elaboramos um projeto que tinha por objetivo investigar como o trabalho com o gênero textual “artigo de opinião” poderia ajudar no desenvolvimento da compreensão textual no final do ensino fundamental.

No entanto, a partir das conversas iniciais de orientação, tivemos o estímulo de focar num aspecto mais objetivo do artigo de opinião que nos ocasionasse algum questionamento: pensamos em algo que estivesse relacionado tanto à argumentação quanto ao processo de compreensão. Então, à guisa de exemplo, mencionamos a ironia, como uma das estratégias discursivas que poderiam ser empregadas com o intuito de convencer um interlocutor acerca de um determinado assunto em disputa: parecia-nos consideravelmente arriscado utilizá-la, tendo em vista a possibilidade de, não sendo apreendida pelo interlocutor, prejudicar a compreensão dos posicionamentos assumidos no texto. Assim, de forma aparentemente simples, conseguimos delimitar o tema da pesquisa: a compreensão da ironia em discursos argumentativos.

Partimos, então, para a etapa de revisão de literatura, na qual entramos em contato com diversos trabalhos no campo da Psicologia sobre o assunto “compreensão da ironia”, a maioria deles envolvendo crianças pequenas, a partir de 5 ou 6 anos. Praticamente todos estes estudos, a maioria deles publicados nos periódicos *Journal of Experimental Psychology*, *Journal of Pragmatics*, *Discourse Processes* (alguns citados neste trabalho), foram realizados a partir da perspectiva cognitivista, enfocando aspectos considerados indispensáveis ao estudo da ironia - como discussões sobre sua definição, sobre a questão da ironia como um

¹ Neste trabalho serão usadas indistintamente as expressões “enunciado irônico”, “ironia”, “fenômeno irônico” e “sentido irônico” como equivalentes, exceto quando a distinção for necessária.

sentido oposto ao sentido literal, funções sociais da ironia, entre outras - através de procedimentos experimentais que utilizavam situações de ironia elaboradas especificamente para fins de pesquisa. Embora afirmem trabalhar em busca de um modelo de “*pragmática da ironia*”, não encontramos em nenhum deles uma abordagem compatível com o estudo da linguagem em uso, que constitui o cerne do que, em geral, denomina-se pragmática lingüística (Van Eemeren et al., 1996, p. 274), a qual privilegia a ocorrência de ironia em situações sociais concretas como principais instâncias de sua investigação.

Como tivemos formação num departamento em que se enfatizavam os estudos linguísticos na linha enunciativo-discursiva (Departamento de Letras – UFPE), vislumbramos no fenômeno irônico a presença de relações de interdiscursividade, o que nos levou a optar por abordá-lo a partir do dialogismo bakhtiniano, o qual considera como elemento essencial do estudo de interação verbal o enunciado, o qual tem seu sentido constituído a partir da interação de diversos contextos, pontos de vista e falas sociais (Flores et al., 2009). Por esta razão, também, pensamos em observar a ironia acontecendo em algum gênero discursivo (forma verbal de ação social, relativamente estável, que circula nas diversas esferas da atividade humana – Marcuschi, 2002) acessível à população em geral, em linguagem comum do dia-a-dia, no qual pudéssemos encontrar ocorrências de ironia em situações de argumentação.

A princípio, durante o processo de seleção ao Mestrado, pretendíamos trabalhar com adolescentes (nos últimos anos do ensino fundamental), porém, durante as orientações iniciais, fomos instigadas a considerar os relatos que davam conta de que a compreensão da ironia havia sido observada em crianças entre os seis e oito anos de idade. Sendo assim, pensamos que seria interessante focar a compreensão da ironia, na faixa de cinco a oito anos, especificamente em discursos argumentativos. Esta decisão levou-nos a refletir sobre que tipo de atividade discursiva de argumentação com ironia, que estivesse ao alcance da compreensão deles, poderíamos empregar para a realização da pesquisa. Pensamos, então, em elaborar episódios curtos de teatrinho de fantoches com historinhas que tivessem alguma ironia em meio a uma argumentação. Escolhemos os personagens da Turma da Mônica, pelo fato de serem bastante conhecidos das crianças brasileiras.

No entanto, refletindo sobre o fato de que teríamos de elaborar situações discursivas formatadas para o uso na situação de pesquisa, resolvemos buscar um gênero discursivo mais próximo da realidade das crianças, que fizesse parte do seu dia-a-dia, e logo nos veio a ideia de trabalharmos com histórias em quadrinhos; mas, esta também não vingou, porque imaginamos que alguns dos participantes talvez não dominassem a leitura da escrita. Foi assim que decidimos tentar usar o gênero desenho animado, que figura entre os mais onipresentes durante a infância de crianças urbanas e que têm acesso à TV. Buscamos localizar situações discursivas em DVDs infantis da Turma da Mônica que pudessem ser consideradas como argumentativas – isto é, que contivessem os três movimentos fundamentais que caracterizam a argumentação, que são o argumento (ponto de vista e justificativa), o contra-argumento (contraposição ao argumento) e a resposta (reação ao contra-argumento) (Leitão, 2000) – e que tivessem enunciados aos quais se pudessem atribuir sentidos irônicos, e as apresentamos às crianças, com o objetivo de fazer-lhes perguntas que visavam capturar a compreensão da ironia e do papel retórico que ela exercia naqueles eventos discursivos.

Para a abordagem da argumentação, assumiu-se a perspectiva pragma-dialética, na qual a argumentação é vista como *“um ato de fala complexo, cujo propósito é contribuir para a resolução de uma diferença de opinião, ou de uma disputa”* (Van Eemeren & Grootendorst, 1992, p. 10). É preciso destacar que este ato de fala argumentativo apresenta um efeito comunicativo, correspondente à sua compreensão, e um efeito interacional, que é a aceitação ou resposta ao ato de fala realizado, os quais não têm que necessariamente coincidir. É possível que o efeito comunicativo seja plenamente alcançado – isto é, o ato de fala seja compreendido – e, no entanto, não aconteça o mesmo com o efeito interacional – ou seja, não haja aceitação completa ou parcial. Entendemos, portanto, que numa argumentação, para que algum grau de aceitação se efetue, será preciso alcançar-se a plena compreensão do ato de fala em si. Com base nesta implicação, o presente estudo visou investigar se as crianças com as quais trabalhamos na pesquisa, caso não compreendessem uma ironia presente num discurso caracteristicamente argumentativo, também não entenderiam a própria argumentação em si.

A ironia é um recurso enunciativo e discursivo caracterizado pela produção de sentidos indiretos, uma *“estratégia de linguagem que, participando da constituição do*

discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia” (Brait, 1996, p.16), que pode ser empregado por diversas motivações comunicativas, como a realização de críticas ou como uma estratégia de defesa, por exemplo. Segundo Mainguenau (2008, p. 175), a ironia seria uma estratégia de imitação discursiva na qual o enunciador subverte a própria enunciação, como, por exemplo, alguém diz “Que homem amável!...” a uma pessoa que acabou de agir grosseiramente. A presença de alguns índices marcadores de distanciamento, como uma entonação específica (em discurso oral) ou reticências (em discurso escrito) permitiriam ao coenunciador pressupor um sentido irônico do enunciado.

Embora seja comum nas conversações cotidianas, a ironia pode comprometer a eficácia de discursos argumentativos, caso não seja reconhecida. De acordo com a abordagem retórica oferecida por Perelman (1996, p.235), este tipo de elaboração argumentativa por meio de ironia é considerado “*argumentação indireta*”, e seria uma figura - modo de expressão que não se enquadra no comum - característica da técnica argumentativa do ridículo, qualificada como a “*principal arma da argumentação*” (1996, p. 233). Empregá-la pode ser útil na argumentação, entretanto, ela requer que haja suficiente clareza acerca da opinião defendida e supõe conhecimentos complementares acerca dos fatos, senão o entendimento da argumentação pode ser prejudicado. Talvez por isso Perelman (1996) destaca que a ironia enquadra-se principalmente num procedimento de defesa (contra-argumentação) - opinião também sustentada por Berrendonner (1981, apud Seixas, 2006) -, pois para que seja capturada, é preciso o conhecimento prévio das posições do orador, as quais provavelmente foram evidenciadas em enunciações prévias.

Considerando estes fatores, pretendemos com esta investigação observar se as crianças que compreendem a ironia nas situações argumentativas apresentadas podem também perceber a dimensão argumentativa subjacente ao discurso irônico. Pelo caráter ambíguo dos enunciados irônicos, podemos questionar se lançar mão deste recurso numa situação argumentativa cotidiana, seja nas relações interpessoais ou na interação com os diversos gêneros discursivos, pode resultar numa estratégia retórica bem sucedida ou se um potencial não-reconhecimento dessa ironia pode comprometer a inteligibilidade do argumento. E isto deve ser especialmente considerado se o interlocutor da situação argumentativa estiver nos primeiros anos da infância, como é o caso neste trabalho.

A articulação entre argumentação e compreensão de usos indiretos da linguagem, como a ironia, é bastante interessante, pois conduz a uma reflexão sobre como é possível realizar movimentos argumentativos por meio deste tipo de estratégia discursiva, como se constroem os sentidos irônicos, e como estes podem ser capturados em sua função retórica. Também é possível observar como são relacionados conhecimentos linguísticos, psicológicos e sociais para se entender o que motiva as escolhas linguísticas, e em particular, o propósito argumentativo de um discurso. O reconhecimento dessa intenção - entendida aqui como o “*direcionamento*” de que falou Searle (2002, p.4) - é que permite ao indivíduo perceber as manobras discursivas de seu interlocutor e assim reagir a manipulação que objetiva conduzi-lo a uma certa opinião.

Na busca das respostas a estas questões, foram articulados conhecimentos relativos à compreensão dialógica da ironia e à abordagem psicológica da argumentação, segundo proposta por Leitão (2000), que considera como seus movimentos fundamentais o argumento (formado pelo ponto de vista e elementos de apoio), o contra-argumento (enunciado que desafia o argumento) e a resposta (a reação ao contra-argumento), de modo que fossem caracterizadas as funções retóricas que poderiam assumir enunciados irônicos nas situações argumentativas utilizadas durante a pesquisa.

Pressupostos

Considerando a questão central deste estudo – a compreensão da ironia em discursos argumentativos -, expomos a seguir alguns pressupostos que ancoram a investigação, os quais serão retomados de forma mais detalhada no decorrer do texto:

- a) Que a ironia é uma estratégia discursiva utilizada com o fim de produzir efeitos de sentido que geram estranhamento pela diferença, e que tem como marca seu caráter avaliativo, ou valor de julgamento;
- b) Que compreender a ironia requer a articulação de variados níveis de informações do discurso, desde o enunciado até o ambiente situacional e discursivo nos quais os interlocutores estão envolvidos;

- c) Que a ironia pode ser uma manobra discursiva eficaz na realização de movimentos argumentativos, mas que oferece risco de comprometer a argumentação, caso não seja capturada na função retórica pretendida.

Objetivos

Geral

Este estudo tem como finalidade principal investigar, a partir da perspectiva enunciativo-dialógica, como a compreensão de enunciados irônicos em argumentação, por crianças entre cinco e oito anos de idade, poderia afetar o reconhecimento dos elementos básicos desta atividade discursiva (argumento, contra-argumento e resposta).

Específicos

A fim de dar conta do que se propõe no objetivo geral, traçaram-se os seguintes objetivos específicos:

- i) Observar a interação de quarenta crianças de cinco a oito anos de idade com eventos discursivos – historinhas de desenho animado - em que ocorrem ironias em situação de argumentação;
- ii) Analisar os caminhos enunciativo-discursivos percorridos pelas crianças na produção de sentidos tanto das ironias quanto da função retórica que desempenharam nas interações discursivas.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ESTUDO

Neste capítulo abordaremos algumas questões pontuais de cunho teórico que visam oferecer uma breve contextualização da posição aqui adotada sobre a linguagem, cognição e produção de sentidos; a ironia sob algumas perspectivas (retórica, cognitivista e enunciativo-discursiva); a compreensão da ironia e a argumentação.

1.1. Linguagem, Cognição e Produção de Sentidos

A perspectiva geral em que se enquadra a presente pesquisa é a que entende o funcionamento cognitivo humano a partir do contexto histórico-cultural e comunicativo, e que afirma que os processos psicológicos ocorrem por meio de relações dialógicas, de natureza sociossemiótica (Bakhtin & Volochinov, 1992). Destaca-se nesta abordagem a interdependência entre o indivíduo e o mundo, o indivíduo e outro e o indivíduo e a linguagem no que tange ao funcionamento do psiquismo humano (Marková, 2006). Isto se opõe acentuadamente às tendências psicológicas chamadas genericamente de monológicas, focadas no indivíduo, as quais consideram a cognição e seus processos como sendo essencialmente intrapsíquicos.

A ideia de Bakhtin sobre a consciência individual é que ela se constrói na interação, de modo que o universo cultural, entendido como um grande e infinito diálogo teria primazia sobre a consciência individual (ibid., p.42). Em decorrência disso, a compreensão seria entendida não como uma experiência psicológica passiva de reconhecimento da ação de outros, mas como uma atividade dialógica, uma réplica ou uma tomada de posição diante de um dito.

É importante destacar que quando se fala, nesta perspectiva, de *relações dialógicas* faz-se referência a algo muito mais amplo que uma simples interação entre dois sujeitos: segundo o pensamento bakhtiniano, relações dialógicas se estabelecem como um “processo no qual múltiplas perspectivas avaliativas, diferentes modos de significar se opõem e se entrecruzam nos processos comunicativos numa forma mutuamente responsiva”(Leitão, 2007, p.78), de forma parecida às réplicas de um diálogo entre duas pessoas.

Ao fazer uma explanação sobre o “mundo bakhtiniano”, formado por objetos monológicos e coautores dialógicos, Marková (2006), pontua que a diferença entre as ciências naturais e as ciências humanas estaria no fato de que o objeto de estudo das primeiras seriam reificados e afônicos, ou seja, não-responsivos, enquanto que o objeto de estudo das ciências humanas – o ser humano – é por natureza, dialógico, responsivo. Assim, tudo o que é produto da mente humana, qualquer sistema coerente de sinais – seja texto, música, trabalhos artísticos etc. -, é dialogicamente construído, isto é, são orientados para outras mentes humanas e suas cognições. Dessa forma, o dialogismo “é uma epistemologia da cognição humana e da comunicação, e é, de maneira mais generalizada, parte das ciências humanas que estão preocupadas com o estudo dos pensamentos simbólicos expressados na linguagem” (2006, p. 125).

Segundo as palavras de Bakhtin & Volochinov (1992), “*a realidade do psiquismo interior é a do signo*”, do que decorre que “*sem material semiótico não se pode falar em psiquismo*”. Quando falam em *signo*, Bakhtin e os demais integrantes de seu “Círculo” (Volochinov, Medvedev) referem-se a um produto da criação ideológica (entendendo ideologia como o universo dos produtos do “espírito” humano), que são dotados de alguma materialidade semiótica (por exemplo, numa certa linguagem). Esta vinculação indissociável entre signo e psiquismo interior é a base da perspectiva que assume a natureza inerentemente constitutiva da linguagem, a qual aborda os processos psicológicos a partir do encontro de múltiplos discursos que circulam socialmente (heteroglossia dialogizada), os quais, após serem ativamente internalizados, formam a essência do pensamento e da vida mental (Leitão, 2007).

De acordo com Medvedev (1985, apud Faraco, 2009), os signos são intrinsecamente sociais, e emergem e significam dentro de relações sociais, o que implica que para estudá-lo, é necessário situá-lo nos processos sociais que lhe conferem significação. Outra característica fundamental do funcionamento dos signos nas sociedades humanas é que eles são multissêmicos (ou plurívocos), ou seja, seus significados são construídos na dinâmica histórica e no confronto de valores e interesses sociais.

Na obra organizada por Brait (2005), “*Bakhtin – dialogismo e construção de sentidos*”, encontra-se um interessante trabalho que reflete sobre o conceito de *mobilidade*

específica da forma linguística, formulado por Bakhtin a fim de possibilitar a compreensão da significação na linguagem. Segundo explica Dias, este conceito diz respeito “à orientação que é conferida à palavra (no sentido genérico) por um contexto e uma situação precisos” (ibid, p.102). No cap. 7 de “*Marxismo e Filosofia da linguagem*”, Bakhtin, admitindo que o problema da significação é um dos mais difíceis da linguística, propõe que ele seja estudado a partir das noções de tema e de significação: a primeira, implica a investigação contextual do elemento linguístico na situação concreta em que ocorreu; a segunda, envolve a investigação do significado desse elemento no sistema da língua (Bakhtin & Volochinov, 1992, p.128).

Entender os conceitos de *tema* e *significação* é fundamental para que se chegue ao conceito de mobilidade específica da forma linguística. O tema é apresentado como o elemento não-reiterável da enunciação, determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (palavras, formas morfológicas ou sintáticas, sons, entoações), mas também pelos elementos não-verbais da situação. Já a significação corresponde aos elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos, segundo Bakhtin, “um aparato técnico para a realização de um tema”, o qual não poderia existir sem um tema, e vice-versa.

Segundo ele explica, “o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação”, caso contrário, perderia seu sentido, do mesmo modo em que o tema “constitui o estágio superior real da capacidade linguística de significar, pois de fato, só o tema significaria de modo determinado. Por sua vez, a significação seria o estágio inferior da capacidade de significar, sendo apenas um potencial de significar no interior de um tema concreto (ibid, p. 131). Ao contrário das tendências básicas dos estudiosos da compreensão de atribuírem valor maior a uma significação usual da língua, Bakhtin diz no cap. 5 que o elemento que torna a forma linguística um signo é sua mobilidade específica:

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas... para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. (...) Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. (Bakhtin & Volochinov, 1992, pp.92, 93).

Outro conceito muito importante na abordagem dialógica é o de contexto. Ainda nessa obra, no cap. 6, que trata da interação verbal, Bakhtin declara que o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão não é interior, mas exterior, e está situado no meio social em que vive o indivíduo. Isto quer dizer que “a enunciação como tal é um puro produto da interação social” (IBID., p.121). Mas o que quer dizer contexto? Dias postula que o estatuto conferido por Bakhtin a contexto e situação não envolve atribuir um sentido em relação a uma situação de mundo ou a uma “porção” da realidade, mas sim de “conceber a palavra na relação com fatos de discurso, isto é, na relação com o interdiscurso, que comparece como espaço de memória na enunciação” (Dias, in Brait, 2005, p.105).

Dessa maneira, fica mais fácil entender o que Bakhtin quis dizer quando pontuou que “os contextos possíveis de uma única e mesma palavra são frequentemente opostos” e que eles “não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros”, mas que “encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (Bakhtin & Volochinov, 1992, p.107). E isto parece absolutamente pertinente quando se investiga uma atividade discursiva cuja essência reside no estabelecimento de uma oposição, de um conflito de pontos de vista, como é a argumentação, pois cada movimento enunciativo de seus participantes é crucial no enquadramento do que se diz, ou do que se insinua dizer, no caso de uma ironia. Assim, um aparente comentário elogioso, ou uma mera “citação” de algo anteriormente dito por um oponente, numa situação argumentativa, pode configurar-se como um decisivo elemento contra-argumentativo, capaz de minar todo o fundamento de um argumento.

Nos episódios apresentados às crianças na atividade de pesquisa, foram empregadas historinhas infantis de desenho animado que apresentavam nitidamente uma situação de conflito de opiniões em que uma das partes fazia uso dessa estratégia de insinuação irônica, a qual desempenhava uma função retórica que visava à desarticulação do argumento do oponente. É interessante destacar que a ironia parece ser uma ferramenta discursiva muito produtiva no movimento contrapositivo, como foi o caso nos três episódios utilizados.

Assim, com base nesses pressupostos acima delineados, podemos dizer que a abordagem do processo de construção de sentidos das crianças nesta investigação, levará

em conta que os sentidos das palavras não estão nelas mesmas (perspectivas representacionistas), nem nas mentes dos indivíduos (perspectivas cognitivistas), mas que os processos de construção de sentidos são interativos e acontecem no uso dialógico da linguagem, seguimos, neste estudo, o que disse Bakhtin & Volochinov: “Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém quanto pelo fato de que é dirigida a alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte” (Bakhtin & Volochinov, 1992, p.113).

Quando dizemos que o processo psicológico estudado – compreensão da ironia em argumentação – é eminentemente social, uma construção de sentidos interativa, uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro num contexto sociocultural, alinhamo-nos com tendências epistemológicas qualitativas, as quais guiaram a escolha dos procedimentos de construção e de análise dos dados. Nesta postura epistemológica, especialmente a do viés construcionista social, o interesse investigativo está no modo como funcionam os enunciados, que diz respeito à questão de compreensão das práticas sociais e de análise de estratégias retóricas atuantes em certos discursos (Potter, 1996). E quando fala de retórica, Potter explica que esta não deve ser confinada à comunicação obviamente argumentativa ou explicitamente persuasiva, mas sim entendida como uma característica pervasiva da maneira como as pessoas interagem e chegam à compreensão (ibidem, p.106).

Os estudos dos processos de construção de sentidos, especificamente os alinhados às tendências enunciativo-discursivas, conferem um lugar de destaque à complexa relação entre sentido e contexto. Ressalte-se, porém, que nessa linha de análise o “contexto” não se limita a um papel periférico, apenas como um fornecedor de informações que possibilitam a eliminação de ambiguidades – como é o caso das concepções que consideram os enunciados como portadores de sentidos estáveis – mas tem um estatuto privilegiado, sem o qual não se poderia sequer falar de um sentido propriamente dito.

Ao tratar da interação verbal, Bakhtin assevera que “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta” (BAKHTIN & VOLOCHINOV, 1992, p. 124). E vale lembrar que situação e contexto, para Bakhtin, não tratam apenas da atribuição de sentido a uma palavra em relação a uma

situação de mundo imediata, mas sim de “conceber a palavra na relação com fatos de discurso, isto é, na relação com o interdiscurso, que comparece como espaço de memória na enunciação” (Dias, in Brait, 2005). Em outras palavras, o que organiza de modo central a enunciação seria o fato de o indivíduo posicionar-se como sujeito em relação aos fatos do discurso.

Ainda na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, no capítulo que aborda o tema e a significação na língua, Bakhtin diz que o tema (sentido) da enunciação é determinado igualmente tanto pelas formas linguísticas quanto pelos elementos não-verbais da situação; e que isto deveria ser tomado seriamente a ponto de considerar que “se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes” (ibidem, p. 129).

Segundo Maingueneau (2008, p.20), “compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um **contexto que não é um dado preestabelecido e estável**” (grifo nosso). Obviamente, não está se defendendo aqui que as palavras numa frase não significam nada, nem que a forma como elas estão arranjadas não possam direcionar a interpretação, mas sim que sem considerar o contexto discursivo, isto é, a inscrição do evento num determinado momento sócio-histórico, as relações de ressonâncias de já-ditos, os elos da cadeia de comunicação discursiva, não seria possível falar de um sentido do enunciado. Uma ironia pronunciada numa circunstância de argumentação, por exemplo, poderá ser entendida como um elemento atacante ou reforçador de um ponto de vista a depender da compreensão dos posicionamentos assumidos pelos interlocutores, das atitudes a eles atribuídas, das condições sócio-históricas do evento discursivo.

Alguns autores oferecem uma descrição do que pode ser considerado relevante para a construção do contexto discursivo. Para Maingueneau, em particular, haveria pelo menos três tipos de fontes contextuais: 1) *Ambiente físico da enunciação* ou *contexto situacional* – permite interpretar os dêiticos, por exemplo; 2) *Cotexto* – sequências verbais presentes antes e depois do que se quer interpretar, e 3) *Saberes anteriores à enunciação* – conhecimentos gerais necessários à compreensão do enunciado. No decorrer das análises,

utilizaremos uma adaptação desta descrição a fim de ressaltar algumas informações apontadas pelas crianças na produção de sentidos das historinhas exibidas.

Tendo considerado o papel fundamental do contexto na atividade de produção de sentidos, podemos afirmar que o trabalho construtivo e sociointerativo de compreensão de um enunciado envolve a realização de inferências, que ocorrem a partir da integração das informações providenciadas por este contexto, o qual dependerá de condições textuais, pragmáticas, cognitivas, entre outras. Como diz Marcuschi, “... a contribuição essencial das inferências na compreensão de textos é funcionarem como provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência”. (Marcuschi, 2008, p.249).

Assim, assume-se, nesta investigação, que o processo de produção de sentidos consiste essencialmente em *inferir a partir da relação de vários conhecimentos*, que serão articulados de maneira bastante particular por cada indivíduo, gerando assim “compreensões” sensíveis aos contextos de cada evento discursivo.

1.2. Ironia sob Perspectivas

Como foi dito anteriormente, a ironia é um fenômeno que vem sendo estudado desde os remotos tempos dos primeiros filósofos gregos, e sua investigação pode ser encontrada em campos tão diversos do conhecimento humano como antropologia, literatura, linguística, psicologia (cognitiva, social e até mesmo clínica), filosofia, entre outros (Gibbs & Colston, 2007). Nos últimos anos do século XX, os estudos filosóficos, linguísticos e psicológicos sobre o tema se multiplicaram, particularmente perpassados por uma perspectiva pragmático-discursiva, que ressalta o discurso como uma ação e os atos de fala como carregados de intenções, crenças e desejos.

Até este ponto, tratou-se da ironia de uma forma geral, sem que se fizesse um detalhamento específico de acordo com áreas do conhecimento. Muitas são também as perspectivas através das quais se pode observar a ironia, como fez Brait (1996), por exemplo, que a abordou sob a visão discursiva, após diferenciá-la da filosófica, da retórica, da psicanalítica e da linguístico-pragmática. Neste trabalho, a ironia será contemplada em

consonância às teorias enunciativas e discursivas de estudo da linguagem e da cognição. No entanto, será realizado um breve comentário de algumas perspectivas que abordam a ironia e que podem contribuir para a presente investigação, como a retórica, a cognitivista e a discursiva.

1.2.1. Perspectiva Retórica

Devido ao grande volume de material sobre a ironia nesta perspectiva, serão feitas aqui apenas algumas referências gerais. Segundo Abbagnano, a retórica é a “arte de persuadir com o uso de instrumentos linguísticos” (2007, p. 1011), e teria sido uma grande invenção dos sofistas, especialmente de Górgias (séc. V a.C.). Seu objetivo seria “persuadir por meio de discursos os juízes nos tribunais, os conselheiros no conselho, os membros da assembleia e em qualquer outro lugar” (Górgias, p. 452). Para fazer-lhe oposição, Platão propôs uma retórica pedagógica que seria a “arte de guiar a alma por meio de raciocínios” (Fedro, 26 1ª). Mas foi Aristóteles quem atribuiu à retórica uma função específica, colocando-a como contrapartida da dialética; segundo ele, a retórica seria entendida como a “faculdade de teorizar o que é adequado em cada caso para convencer” (Retórica, I, 2, 2.1, p. 173). A tarefa da dialética seria saber provar a probabilidade de uma tese através da refutação, por meio de um diálogo metódico, da improbabilidade das que se lhe opõem; já a tarefa da retórica, seria saber defender a tese mais provável, “determinando, por meio de uma técnica da persuasão, a necessidade de que se aceite” (Retórica, introdução, p. 37).

Na etimologia mesma da palavra, ironia procede do grego *eironeia*, que significava “ação de interrogar fingindo ignorância, dissimulação”; este termo remete a Sócrates e ao seu interessante modo de discutir, segundo relatado por Platão nos Diálogos, que consistia numa disposição fingida de aprender com outrem através de hábeis interrogações que objetivavam fazê-lo entrar em contradição, evidenciando assim o caráter errôneo de suas concepções (Houaiss, 2007, p. 1651). A análise da relação intrínseca entre ironia, argumentação e retórica abrange, de certa forma, a retomada deste momento inaugural, o socrático, pelo fato de destacar a ironia na sua força e ímpeto argumentativos. Esta é a razão, por certo, que levou Esteves a declarar, na abordagem filosófica que faz da ironia, que “ironizar é sempre argumentar” (1996, p. 9). Este é um conceito fundamental dos teóricos da argumentação, os quais defendem que expressões verbais são por natureza

pontos de vista, como é o caso da abordagem da argumentação na língua, de Oswald Ducrot (Plantin, 2008, p. 34).

Considerando, portanto, o fundamento retórico da ironia, faz-se necessário aludir ao conceito de tropo (do grego *trépōs*), que diz respeito a voltar, virar, fazer evoluir em outro sentido, indicando uma palavra ou expressão usada em sentido figurado (Houaiss, 2007), dentro do qual se enquadraria a ironia. Os tropos, ou figuras, seriam empregados com o fim de provocarem o efeito retórico do estranhamento, causando a *“ruptura de sentido que perturba e dá sempre nova voz ao que se diz, ao que se exprime, tentando provocar efeitos de delectare ou do movere”* (Esteves, 1996, p. 16). É a este efeito que Perelman se referiu quando afirmou que só existe figura quando se pode operar uma dissociação entre o uso normal de uma estrutura e seu uso no discurso; no entanto, ele ressalta que *“é quando essa distinção, percebida logo de início, se extingue em virtude do efeito mesmo do discurso, que as figuras assumem todo o seu significado argumentativo”* (Perelman, 1996, p. 191).

A ironia seria o tropo mais difícil de interpretar e de contextualizar, sendo, por isso, o que corre mais risco de ser obscuro. Segundo explica Esteves (1997, p. 32), isso se deve ao fato de que a ironia é desconstrutora, pois cria uma *“redescrição e refiguração pelo negativo, cuja captação e a compreensão exigem um excesso de inteligibilidade decodificadora em comparação a outros tropos”* (como a metáfora, por exemplo, que se caracteriza pela similaridade), porque ela põe em jogo múltiplos códigos de linguagem. Até mesmo a sociabilidade pode ser posta em risco, por certo devido à carga avaliativa que possui, podendo estar a serviço de uma atitude sarcástica, agressiva e até ofensiva.

1.2.2. Perspectiva Cognitivista

Nos últimos vinte e cinco anos, tem havido uma grande produção de pesquisa na linha cognitivista sobre a ironia; dezenas de experimentos e estudos foram realizados sugerindo como a ironia é compreendida, a maneira como é adquirida, suas funções sociais, entre outros (Gibbs & Colston, 2007). Na obra *Irony in Language and thought*, estes autores oferecem uma descrição geral dos mais influentes e importantes trabalhos dentro da ciência cognitiva sobre a natureza, a função e a compreensão da ironia, e, segundo

afirmam, boa parte deles considerando o papel da pragmática nas teorias de interpretação linguística e a relação da linguagem com o humor e a emoção.

Em linhas gerais, o estudo da ironia nesta abordagem busca esclarecer através de procedimentos empíricos como ocorre cognitivamente o processamento da ironia, com a expectativa de “dar à ironia seu reconhecimento apropriado dentro da ciência cognitiva como uma propriedade fundamental da mente” (Gibbs & Colston, 2007, p. x). Vê-se, portanto, que apesar de alegarem se enquadrar no âmbito pragmático, tais estudos estão voltados para o processo de compreensão como atividade interna individual, aproximando-se, assim, de uma abordagem psicolinguística apoiada em pesquisas experimentais.

Revisando os resultados empíricos de algumas destas pesquisas acerca dos aspectos psicológicos da compreensão da ironia, Gibbs e O’Brien (1991) apontam cinco conclusões: **(1)** as pessoas² não precisam reconhecer a ironia para compreender o que os falantes querem dizer com o uso de declarações irônicas, **(2)** compreender ironia não requer que as pessoas vejam estas declarações como violação das normas de comunicação cooperativa, **(3)** as pessoas podem facilmente entender o sarcasmo sem qualquer pista de entoação especial, **(4)** as pessoas consideram como sendo especialmente irônicas as declarações que aludem ou ressoam expectativas ou normas sociais e **(5)** pessoas podem entender declarações como sendo irônicas por causa da situação, mesmo quando os falantes não pretendiam que elas fossem entendidas como ironia.

Uma vertente diferenciada de abordagem da ironia ainda dentro da perspectiva cognitiva é a que defende uma concepção de ironia como processo citacional, formulada por Dan Sperber e Deirdre Wilson, que ficou conhecida como “*teoria da menção-eco*” (Brait, 1996, p. 65). O destaque desta abordagem é a tentativa de dar conta da ironia sem recorrer à noção de sentido figurado, buscando assim ampliar os aspectos envolvidos no estudo da ironia, como semânticos, pragmáticos e retóricos de interpretação de enunciados. Basicamente, Sperber e Wilson sustentam que “*todas as ironias típicas e boa parte das atípicas do ponto de vista clássico podem ser descritas como menções (geralmente implícitas) de proposição.*” (Seixas, 2006, p. 71). Segundo eles, a ironia verbal seria uma “*variedade de citações indiretas*”, que assim envolveriam crucialmente a menção de uma

² Não se informa no artigo nada a respeito do perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa (adultos/crianças, idade, etc.)

proposição, usada para expressar a atitude do falante em relação à opinião ecoada (Wilson & Sperber, 1992, p. 58). Um ponto interessante desta proposta é o posicionamento dos autores quanto à inadequação do que eles chamam de “*pragmática lógica*” (na qual a interpretação de um enunciado era vista primariamente como um processo inferencial envolvendo a construção e a manipulação de representações proposicionais) na abordagem da ironia:

Um enunciado irônico contém sugestões de atitude... as quais não podem ser inteiramente explicitadas na forma proposicional. A este respeito, um modelo lógico-pragmático não provê uma melhor descrição... que um modelo semântico. Por outro lado, nossa análise da ironia... envolve crucialmente a evocação de uma atitude – aquela do falante em relação à proposição mencionada. Esta atitude pode implicar um número de proposições, mas ela não é redutível a um conjunto de proposições. Nossa análise assim sugere que uma teoria lógico-pragmática lidando com a interpretação de enunciados como um processo inferencial tem que ser suplementada pelo que poderia ser chamada de uma teoria ‘retórico-pragmática’ ou teoria ‘retórica’ lidando com evocação. (Sperber & Wilson, 1981, p. 317).

Embora a teoria da eco-menção pareça contemplar aspectos próximos aos do plano discursivo, suas análises ainda se mantêm limitadas a exemplos do conjunto textual, não ultrapassando o nível do enunciado (ou seja, não consideram implicações contextuais mais amplas) e, principalmente, estão fundamentadas no conceito de representação mental, que constitui tradicionalmente o interesse maior das epistemologias fundacionais (Marková, 2006). Isto fica evidente em sua obra *Relevance* (1986), na qual Sperber e Wilson argumentam que a comunicação envolveria uma intenção de modificar a atmosfera cognitiva (“*cognitive environment*”) da audiência, o qual consistiria num conjunto de suposições manifestadas a um indivíduo. Segundo explicam, “*uma suposição é manifestada a um indivíduo num dado momento se e somente se ele for capaz de, naquele momento, de representá-la conceitualmente e aceitar aquela representação como verdadeira ou provavelmente verdadeira*” (Sperber & Wilson, 1992, p.63). Vemos, portanto, que o estudo da cognição nesta abordagem centra-se no indivíduo, o qual teria que representar algo que está fora de sua mente, aceitando-o como correto, o que caracteriza esta teoria como representante legítima dos estudos da ciência cognitiva (Marková, 2006, p. 34).

1.2.3. Perspectiva Enunciativo-Discursiva

Tendo visto, resumidamente, algumas abordagens existentes ao fenômeno da ironia, entraremos, agora, no quadro oferecido pelas perspectivas enunciativo-discursivas no estudo da linguagem. Epistemologicamente falando, isto significa um acentuado distanciamento das concepções cognitivistas (nas quais os processos cognitivos são vistos como realizados principalmente no plano intrapsicológico), pois os conceitos de *discurso* e *enunciação* ancoram-se fortemente nos estudos de linha sócio-histórica, como os realizados por Mead, Vygostky e Bakhtin, que retiram a reflexão sobre a língua do campo da estrutura para situá-la no campo do discurso em seu contexto sociointerativo (Marcuschi, 2008, p. 21). Nesta linha de abordagem a linguagem é entendida como *atividade social e interativa, dialógica* em sua origem, estrutura e funcionamento; isto implica dizer que a língua é tratada como um conjunto de práticas enunciativas, e não como uma forma desencarnada, e que, mesmo sendo realizada por um determinado sujeito, individual, a enunciação é sempre um ato social, como se pode depreender do excerto abaixo:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (Bakhtin & Volochinov, 1992, p. 123).

Uma das críticas feitas por Bakhtin aos estudos linguísticos de sua época residia no fato de que eles não abordavam a enunciação em si, mas analisavam apenas seus constituintes imediatos após serem segmentados. Ele ressaltou que “*as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações*” (ibidem, p. 125). E quando se fala de estudar enunciações, precisamos ter em conta que isto significa analisá-la enquanto um todo, no curso da comunicação verbal, o qual é delimitado pelos pontos de contatos da enunciação com o meio verbal e extraverbal, que são as outras enunciações.

Segundo explicação dada de maneira bastante concisa por Charaudeau, em relação à linguagem haveria basicamente duas atitudes diferentes: numa, o ato de linguagem é concebido como um objeto transparente, produzido por um emissor-receptor ideal, em uma

circunstância de comunicação neutra, de modo que ele (o ato de linguagem) se esgotaria em si mesmo, significando apenas o seu explícito, e cuja intencionalidade seria facilmente encontrada pelo receptor ao percorrer o sentido inverso de sua transmissão. Noutra, o ato de linguagem é visto como um objeto não-transparente, ou seja, não esgota sua significação em sua forma explícita, pois este explícito pode significar algo mais além de seu próprio significado, que é relativo ao contexto sócio-histórico. Isto pode se resumir da seguinte forma:

O processo de comunicação não é o resultado de uma única intencionalidade, já que é preciso levar em consideração não somente o que poderiam ser as intenções declaradas do emissor, mas também o que diz o ato de linguagem a respeito da relação particular que une o emissor ao receptor” (Charaudeau, 2009, p.17).

A perspectiva discursivo-enunciativa se enquadraria, assim, neste segundo tipo de atitude, pelo fato de considerar que a competência dos seres de fala estaria na aptidão para significar o mundo como uma totalidade, envolvendo o contexto sócio-histórico e as relações estabelecidas entre emissor e receptor. Diferentemente, de acordo com os que adotam a primeira atitude mencionada por Charaudeau, a competência dos falantes diria respeito exclusivamente à aptidão que teriam para representar o mundo pelo explícito da linguagem. Essa diferença de atitude diante da linguagem é o que nos parece favorecer grandemente a perspectiva enunciativa na abordagem da compreensão da ironia, dada a sua característica de insinuar múltiplos sentidos num enunciado proferido em certa circunstância, e contar imprescindivelmente com a participação do receptor como co-atribuidor da ironia, a fim de que ela se configure como tal (Hutcheon, 2000).

Já que falamos de *enunciação*, precisamos deixar claro a que nos referimos, devido à variedade de acepções específicas utilizadas por estudiosos, como Benveniste, Culioli, Authier-Revuz, Ducrot, Greimas, Jakobson, Recanati, entre outros. Neste estudo, adota-se a acepção do termo segundo o empregou Bakhtin, a qual considera a *enunciação* (ou *enunciado*, *enunciado concreto*) como **a materialização da interação verbal dos sujeitos históricos**, cuja característica principal seria “*seu caráter de novidade, o evento, aquilo que permite a circulação de posições avaliativas de sujeitos do discurso e a permanente renovação dos sentidos*”, conforme pode ser encontrado no *Dicionário da Linguística da Enunciação* (Flores et al., 2009, p. 99).

Na análise de uma enunciação (do russo *viskázivanie*, que designa tanto o ato de enunciar em palavras como o seu resultado, segundo nota do tradutor Paulo Bezerra, em *Os gêneros do discurso*, 2003) é necessário considerar a situação concreta em que ela ocorre, que envolve os interlocutores, o espaço, o tempo, as condições de produção e os propósitos comunicativos, pois o fundamental não é o aspecto reiterável das palavras, mas sim a novidade do evento, a permanente renovação de sentidos, na qual se podem ver as posições avaliativas dos seres do discurso, que são determinadas pela situação imediata e sem as quais não haveria palavra (ibidem, p.99).

Uma mesma palavra, usada numa primeira enunciação durante um diálogo, por exemplo, pode adquirir um sentido irônico com efeito retórico no enunciado seguinte, como veremos nas historinhas apresentadas durante a construção dos dados da pesquisa. Isto é explicado por Bakhtin quando apontava alguns erros do objetivismo abstrato, que, segundo ele, assumia que uma palavra ocorrida em contextos diferentes estaria num mesmo plano:

(...) toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa. Os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto. (ibid., p.107).

Um fator preponderante no sentido de uma enunciação seria a orientação apreciativa (ou acento apreciativo): ela seria responsável pela significação objetiva (indicaria que certa significação havia entrado no horizonte dos interlocutores) e pela criatividade nas mudanças de significação. Estas mudanças, por sua vez, corresponderiam sempre a uma reavaliação, isto é, uma palavra deslocada de um contexto apreciativo para outro assumiria novo sentido (ibidem, p. 135). As seguintes pistas poderiam indicar mudança da posição avaliativa do sujeito: atitudes, gestos, movimentos corporais e entonação expressiva (esta última, o nível mais óbvio e superficial da apreciação social – ibidem, p.132).

Assim, podemos concordar com Seixas (2006, p. 85), quando diz que, “*de um lado, a ironia está relacionada ao processo de enunciação, às modalidades do dizer, e, de outro, à participação do outro para sua instauração, momento em que sentidos diversos são acionados*”. Diante de um enunciado que se configura como irônico, faz-se necessário que o

interlocutor atente para estas pistas sutis de posicionamento apreciativo, as quais serão cruciais na orientação de sentido durante a interação verbal.

De fato, a ironia é empregada tendo um destino certo, alguém ou algo constitui o “alvo” do comentário irônico; uma ironia nunca é inocente ou desinteressada, sendo considerada, pela maioria dos que a estudam como uma demonstração de agressividade (Maingueneau, 1997). Por esta razão, a ironia é capaz de provocar respostas emocionais não só de suas “vítimas”, mas também daqueles que a percebem e dos que não a percebem. Isto é o que Hutcheon (2000), em seu estudo sobre a “cena” social e política da ironia, classificou como sendo uma de suas propriedades: a aresta avaliadora, a qual se assemelha ao conceito de acento de valor bakhtiniano.

Na obra, *Teoria e Política da Ironia*, Hutcheon (2000) aborda a ironia como um processo semanticamente complexo de relatar, diferenciar e combinar sentidos ditos e não ditos, que se realiza através do que denomina de “*aresta avaliadora*” (*evaluative edge*). Esta aresta seria um tipo de julgamento que se permite aos membros de uma comunidade discursiva, os quais reconhecem que o falante pode estar tentando oferecer uma avaliação não-dita sobre algo ou alguém. Outro ponto importante de sua abordagem é a elevação do interpretante ao posto de principal articulador da ironia, visto que em função de ser o co-enunciador do processo, ele pode atribuir outro sentido a um enunciado mesmo onde o ironista não tivera intenção de fazê-lo.

Tomando como base uma bibliografia vasta e diversificada, Hutcheon diz pretender entender como e por que a ironia acontece (ou não), particularmente interessada nas consequências da interpretação de um texto como irônico. Segundo ela, a ironia é “a característica que define a cultura ou a sociedade, a arte ou a crítica modernas” (ibidem, p. 17), de forma que ela busca teorizá-la a partir de exemplos tirados de vários meios, como música, cinema, arte visual, entre outros. Para tanto, a autora apresenta sua própria interpretação, incluindo também a interação do público com estes trabalhos, a partir de uma conjunção de perspectivas teóricas semelhantes, como o dialogismo bakhtiniano, a teoria dos atos de fala, a teoria da enunciação, as análises pragmáticas, sintáticas e semânticas, dentre outras.

Ao tratar da questão do significado irônico, Hutcheon explica que ele possui três características semânticas principais: é relacional, inclusivo e diferencial. A ironia é relacional *“no sentido de operar não apenas entre significados (ditos, não-ditos), mas também entre pessoas (ironistas, interpretadores, alvos)”* (ibidem, p. 91); ela é consequência do encontro dinâmico entre criadores de significado. O aspecto inclusivo do significado irônico questiona a idéia da ironia como uma simples antífrase, já que ele se caracterizaria mais como algo fluxo, que envolve significados duplos (ou múltiplos), uma superposição de significados. O aspecto diferencial diria respeito à relação problemática entre a ironia e outros tropos (figuras), tais como a metáfora e a alegoria. Seixas resume bem este ponto explicando que a ironia apresenta *“uma identidade semântica básica constituída em termos de diferença, enquanto a metáfora teria uma identidade em termos de similaridade, e a alegoria, de uma semelhança habilmente sugestiva entre o dito e o não-dito”* (Seixas, 2007, p. 78).

Para o presente estudo, a abordagem feita por Hutcheon pode ser útil no que tange ao aspecto emocional que envolve a ironia, devido à presença de sua *“aresta avaliadora”*. Apesar de que, ao longo dos tempos, tem se abordado de forma mais frequente as qualificações negativas da ironia, a autora defende a tese de que a *“ironia certamente funciona para reforçar, ridicularizar e refutar”*, mas que lhe parece *“que ela também faz muitas outras coisas”* (Hutcheon, 2000, p.73).

E para fundamentar esse entendimento, ela esquematiza num *continuum* tonal e emocional as possíveis funções da ironia atribuídas do ponto de vista do interpretador, e não do ironista, pois como ela pontua bem, sua preocupação na abordagem da ironia está mais na inferência que na implicação, *“mais com a atribuição de ironia que com qualquer intenção “original de ironizar”* (ibidem, p. 74). Assim, a partir das considerações de vários autores sobre funções da ironia ao longo dos tempos, ela elabora a seguinte escala tonal, detalhada um pouco mais à frente:

----- Carga Afetiva Máxima -----		
Inclusiva “comunidades amigáveis”	AGREGADORA	Excludente “grupos fechados”
Corretiva Satírica	ATACANTE	Destrutiva Agressiva
Transgressora Subversiva	DE OPOSIÇÃO	Insultante Ofensiva
Não-dogmática Desmistificadora	PROVISÓRIA	Evasiva Hipócrita Dúplice
Auto-depreciadora Insinuante	AUTOPROTETORA	Arrogante Defensiva
Oferece uma nova perspectiva	DISTANCIADORA	Indiferente Não comprometimento
Humorística Jocosa Provocadora	LÚDICA	Irresponsável Banalizante Redutora
Complexa Rica Ambígua (+)	COMPLICADORA	Enganadora Imprecisa Ambígua (-)
Enfática precisa	REFORÇADORA	Decorativa Subsidiária
----- Carga Afetiva Mínima -----		

Figura 1 – Escala Tonal de Funções Atribuídas à Ironia (Hutcheon, 2000).

Segundo explica a autora, a parte inferior da escala indica as funções atribuídas mais benignas no tom e na motivação inferida; à medida que vai subindo, eleva-se o teor crítico das funções até chegar à zona mais contenciosa (superior). Do lado esquerdo da escala, estão as funções da ironia numa articulação positiva, a qual conferiria aprovação; do lado direito, estão as funções da ironia cuja articulação é negativa, indicadora de desaprovação.

Vejamos, então, o resumo de algumas características de cada uma destas funções e suas respectivas avaliações, com base no que detalhou Hutcheon (2000, pp. 77-85):

- a) **Reforçadora** – função mais direta e básica da ironia; usada para enfatizar alguma coisa, por exemplo, na conversação cotidiana, ou para conferir maior precisão de

comunicação, especialmente de uma atitude. Na posição desaprovadora, a ironia reforçadora é considerada puramente decorativa.

- b) **Complicadora** – função de complexificação verbal ou estruturadora, que convoca à tarefa de interpretação de uma ambigüidade controlada, estética. Na avaliação negativa, ressalta-se a incompreensão que pode advir de uma complexidade desnecessária, que prejudica a comunicação.
- c) **Lúdica** – função relativamente benigna, ligada ao humor, que visa provocação benevolente, característica de jocosidade. É desaprovada por sua superficialidade e irresponsabilidade.
- d) **Distanciadora** – função que sugere não-comprometimento, desinteresse, ou mesmo a indicação de uma nova perspectiva. A avaliação negativa implica indiferença, desdém.
- e) **Autoprotetora** – função de mecanismo de defesa, como uma veste protetora, quando, por exemplo, alguém atribui a si uma ironia para atenuar o efeito de algum comentário numa situação embaraçosa. Na avaliação negativa, critica-se a autodepreciação utilizada como forma de autopromoção indireta e como jogada defensiva.
- f) **Provisória** – função na qual a ironia sempre contém uma estipulação condicional que solapa qualquer posição firme ou fixa; duplicidade que age como meio de neutralizar a tendência de assumir uma posição categórica de “verdade”. Sua avaliação negativa está ligada à dissimulação, à evasiva do equívoco, à hipocrisia e ao logro.
- g) **De oposição** – função cuja natureza transideológica mais evidente, altamente cortante, contradiscursiva, contestadora; polêmica, transgressora e subversiva. É desaprovada por seu caráter insultante e ofensivo.
- h) **Assaltante** – é a função mais conhecida da ironia; este nome vem do latim *assilire*, “saltar sobre”, indica a função de carga negativa máxima, que visa um ataque destrutivo, corrosivo. Na avaliação positiva, indica uma função corretiva da ironia satírica, que visa ridicularizar, e, implicitamente, corrigir alguma coisa. Já

a avaliação desaprovadora desta função é que a ironia é um ataque destrutivo que visa humilhar e registrar desprezo e zombaria.

- i) **Agregadora** – tem como função a criação de comunidades, dos que a “pegam” e dos que não a “pegam”; pode, assim, incluir (gerando comunidades amigáveis entre ironista e interpretadores), ou excluir (quando é produzida para grupos fechados, elitistas e excludentes). Esta seria a função que mais favoreceria a arrogância e a insensibilidade, e estaria ligada a questões de poder e autoridade.

Como se pode depreender desta escala tonal das funções atribuídas à ironia, ela é um fenômeno discursivo que envolve uma vasta gama de efeitos, tons e intenções, e o impacto que ela provocará dependerá grandemente do que a interpreta, que é quem detém a responsabilidade última de decidir se ocorreu ou não uma ironia num dado enunciado. Assim, numa situação argumentativa, na qual está em jogo um processo de negociação sobre um determinado ponto de vista, o efeito provocado por uma ironia, ainda que intencionalmente, da parte de quem a enuncia, seja de apoio ou ataque a uma das partes, estará nas mãos de quem a recebe ou interpreta, podendo variar de modo considerável no tom que se lhe imprime.

Esta atitude avaliadora de que fala Hutcheon, atribuída pela ironia, ilustra de modo claro aquilo que Bakhtin & Volochinov chamam de acento avaliativo que o contexto dá a cada elocução: *“Toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa”,* e é *“à apreciação que se deve o papel criativo nas mudanças de significação”*. Segundo explicam, *“a mudança de significação é sempre, no final das contas, uma reavaliação: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro”* (Bakhtin & Volochinov, 1992, p. 135).

Ao realizar um enunciado irônico, o locutor propositadamente usa as palavras de forma a provocar um efeito de sentido diferente do que se espera normalmente com aquela expressão verbal. Sua atitude diante do enunciado é de não comprometimento, mas sim de fingimento: ele parece defender um ponto de vista, mas na realidade há outro ponto de vista disfarçado nas palavras. É o que Maigneueau (1997) queria dizer ao afirmar que a ironia subverte a fronteira entre o que é assumido ou não pelo locutor: é um tipo de negação de um enunciado que dispensa o emprego de operador dessa natureza.

De fato, o enunciado irônico permite que se ouça uma voz distinta da do locutor – a voz de um enunciador que expressa um ponto de vista insustentável (Maingueneau, 1997), o qual não é assumido pelo locutor. Isto remete à polifonia de que falou Ducrot, caracterizada pela distinção, em uma enunciação, de dois elementos: os locutores e os enunciadores. Locutor seria o responsável pelo enunciado, enquanto o enunciador seria um ser cuja voz se faz presente na enunciação, sem que seja possível, contudo, responsabilizá-lo por palavras precisas. Maingueneau (1990) assim o explica:

(...) o 'locutor' de uma enunciação irônica encena, por assim dizer, um personagem que sustenta uma posição manifestamente deslocada e da qual ele se distancia, pelo tom e pela mímica em particular. Ele se coloca como uma espécie de imitador do personagem que ele ridiculariza fazendo exprimir-se de maneira incongruente (...). Como explica Ducrot, 'falar de maneira irônica, acontece, para um locutor L, que apresenta a enunciação como exprimindo a posição de um enunciador E, posição pela qual, como se sabe, o locutor L não se responsabiliza e, mais do que isso, toma-a por absurda (...) (Maingueneau, 1990, apud Brait, 2008).

Pelo fato de que a ironia é um recurso discursivo elaborado a partir de uma posição enunciativa do sujeito enunciador, que fala tendo em mente um interlocutor específico com o qual dialoga, a análise deste fenômeno requer que se considere o papel de cada um dos envolvidos na atividade comunicativa. Daí porque a perspectiva enunciativa e dialógica de Bakhtin parece a mais apropriada para esta tarefa, pois segundo ele toda produção comunicativa leva em consideração o outro, seja para aproximar-se mais dele ou para distanciar-se (Bakhtin, 1992).

Em seu estudo sobre a perspectiva polifônica da ironia, Brait (2008) afirma entender a ironia como um procedimento intertextual, interdiscursivo, um processo de meta-referencialização, no qual o sentido pretendido do texto corresponde a outro que não o expressamente realizado. Necessariamente não precisa ser o contrário do que se disse, mas um sentido diverso do que normalmente se espera daquele enunciado, utilizado com o fim de convencer alguém de um ponto de vista. Segundo Brait, algumas linhas da Análise do Discurso permitiriam a admissão da ironia como uma categoria estruturadora de texto, um tipo de argumentação indireta que evidencia um ponto de vista que depende da

“perspicácia do destinatário para realizar-se como significação” (Brait, 2008, p. 17). Mais uma vez, destaca-se o papel do interlocutor na construção do significado da ironia, que possibilitará a percepção do propósito argumentativo.

Tomando como referência o trabalho de Olbretchs-Tyteca (1974), Brait destaca alguns artifícios linguístico-discursivos que caracterizam a ironia no campo do cômico: o vocabulário específico (restrito, marcado pelos superlativos e palavras arcaicas), uso de perguntas reiteradas (que podem ser consideradas “hipérboles irônicas”), o exagero, o “conselho irônico” e a “resposta irônica”. Vale aqui destacar que estes recursos da ironia devem ser analisados dentro do âmbito enunciativo, visto que eles são articuladores textuais, e não simplesmente frasais.

1.3. A Compreensão da Ironia

Um dos pontos de controvérsia acerca da ironia é o que envolve a complexa questão da relação entre os sentidos literal e figurado da linguagem, que demanda, conseqüentemente, a consideração do que se entende por “compreensão” e qual a concepção de língua subjacente à análise. Ao adotar a compreensão como uma extração de sentido existente na superfície textual, tem-se a noção da língua como um código, baseada numa semântica lexicalista, numa noção de referência extensionalista na relação linguagem/mundo (Marcuschi, 2008). Essa visão de linguagem como expressão referencial do mundo exclui um dos seus mais importantes usos: o de estabelecer relações. De fato, a linguagem, em si, permite uma rede de relações que envolve uma combinatória de substituições permanentes de domínios semânticos por outros domínios semânticos, de modo que limitar a linguagem apenas ao aspecto literal seria tudo, menos linguagem (Esteves, 1997).

Por outro lado, de uma perspectiva inferencial da compreensão - a partir da qual se realizou esta pesquisa - a língua é vista como uma atividade sociointerativa de base cognitiva e histórica, que segue convenções de uso fundadas em normas socialmente instituídas (Marcuschi, 2008). Esta concepção de linguagem encontra respaldo no que dizia Humbolt (1767-1835), que via a língua não como simplesmente um sistema de signos, mas como uma

atividade (energeia), “*um trabalho mental continuamente reiterado de fazer o som articulado capaz de expressar o pensamento*” (Faraco, 2007). A linguagem, então, é entendida como aquilo que torna possível o pensamento, tendo, portanto, um caráter constitutivo e permitindo a elaboração conceitual e os atos criativos da mente.

Neste estudo, entendemos que as situações discursivas utilizadas constituem eventos comunicativos no qual convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas. Desse modo, o sentido dos textos não é visto como estando no leitor/ouvinte/telespectador, nem no texto em si, mas é construído inferencialmente, a partir de pistas como prosódia, escolhas lexicais, organização sintática, estilo, gestos, posturas, expressões faciais, entre outras. Como afirma Marcuschi, “*compreender é essencialmente, uma atividade de relacionar conhecimentos, experiências e ações num movimento interativo e negociado*” (Marcuschi, 2008, p. 252).

Nesta seção, apresentam-se, resumidamente, resultados de alguns trabalhos voltados para a compreensão da ironia. Conforme falado anteriormente, boa parte dos trabalhos sobre compreensão da ironia inscreve-se no âmbito cognitivista de estudos psicológicos, sendo um dos tópicos de maior interesse no estudo da ironia o desenvolvimento de sua compreensão. Creusere (2000) oferece uma revisão das pesquisas sobre o assunto, organizando-as em cinco áreas: compreensão, influências contextuais, influências da teoria da mente, entonação e funções comunicativas e sociais.

Na primeira categoria de estudos sobre o desenvolvimento da compreensão da ironia, Creusere menciona aqueles que investigaram a *compreensão das crianças de diferentes formas de linguagem não-literais*, como metáfora, ironia, hipérbole e engano versus atos de fala literais (Demorest et al., 1984), os quais indicam ser a compreensão da ironia mais tardia que as demais, em torno dos seis anos. Também cita a sugestão feita por Winner et al (1987) de que haveria três tipos de ironia – sarcasmo, hipérbole e eufemismo – e que o sarcasmo seria o tipo de ironia mais fácil de se entender. Por outro lado, o eufemismo seria o tipo de ironia mais difícil de se perceber, havendo sido entendido comumente durante o estudo como declarações literais verdadeiras.

O segundo grupo de estudos da compreensão da linguagem não-litera é o que focaliza o *papel da localização de informação contextual e da memória* no reconhecimento dos atos de fala irônicos por crianças, como pode ser visto no estudo realizado por Ackerman (1982, apud Creusere, 2000). Segundo concluiu, a memória sozinha não era responsável pela dificuldade das crianças em entender o sarcasmo e a localização das informações contextuais influenciou no desempenho apenas das crianças menores (as que estavam na 1ª Série), ao ressaltar a discrepância entre contexto/enunciado. Quanto ao papel da memória, Winner et al (1987) igualmente descobriram que ela não era um fator muito importante na falta de habilidade das crianças em reconhecer o sarcasmo irônico, mas que teria, sim, contribuído cognitivamente na compreensão deste ato de fala.

No terceiro âmbito de estudo do desenvolvimento da compreensão irônica destaca-se o *papel da teoria da mente no processo*, sobre o qual foram realizados diversos trabalhos (Creusere, 1997; Happé, 1993, 1995; Sullivan et al., 1995; Winner, Brownell, Happé, Blum & Pincus, 1998; Winnher & Leekam, 1991, apud Creusere, 2000), os quais apontavam a associação entre a habilidade de segunda ordem da teoria da mente (capacidade de prever o que a pessoa X sabe que a pessoa Y sabe) e a compreensão da ironia por crianças e adultos. Foram comparados nestes estudos os desempenhos de crianças autistas, crianças em desenvolvimento normal e de adultos com danos cerebrais, nos quais se concluiu que a dificuldade em perceber a ironia e o sarcasmo coincidiu com a inabilidade em fazer predições sobre estados mentais de segunda ordem.

O *papel da entonação e das expressões faciais* no reconhecimento da ironia foi o quarto aspecto apresentado por Creusere em sua revisão dos estudos sobre compreensão da ironia. Os posicionamentos sobre a importância desses fatores são divergentes: alguns estudos sugerem que não são pistas necessárias ou úteis na detecção da ironia (Ackerman, 1986; Gibbs & O'Brien, 1991; Winner & Leekam, 1991 e Winner et al., 1987), enquanto outros indicam que eles facilitam a compreensão de, pelo menos, certos componentes dos atos de fala irônicos. Segundo Creusere & Echols (1999), as expressões faciais dos falantes podem, inclusive, mediar a percepção da atitude irônica do falante como “boa” ou “má”.

Em quinto lugar, na linha de pesquisa quanto à compreensão da ironia, vêm os estudos que investigam as *funções sociais e comunicativas dos atos de fala irônicos*, os quais,

segundo Creusere, são poucos. Revelar uma atitude do falante diante de uma pessoa ou situação é uma das funções comunicativas propostas em estudos para o uso da ironia (Dews, Kaplan & Winner, 1995; Giora, 1995; Kreuz & Glucksberg, 1989; Kumon-Nakamura, Gluksberg & Brown, 1995; Sperber & Wilson, 1995). Alguns dos resultados oferecidos parecem ser contraditórios, como por exemplo, Andrews et al (1986) concluiu que as crianças eram capazes de reconhecer a atitude do falante por trás da ironia, mesmo quando não conseguiam captar a intenção do enunciado do falante. De modo contrário, Winner e Leekam (1991) afirmam que as crianças tinham que primeiro detectar a intenção do falante antes de serem capazes de reconhecer sua atitude irônica. Creusere (2000) conclui dizendo que as razões para esta diferença não são claras.

Finalmente, neste artigo, Creusere conclui que estes e alguns outros estudos têm fornecido evidência intrigante de que as crianças são capazes de reconhecer pelo menos alguns dos objetivos comunicativos e efeitos sociais da escolha de um falante de empregar ironia e sarcasmo. Especificamente, diz ela, existiria evidência de que a sensibilidade à natureza potencialmente humorística, atenuante, e informativa dos atos de fala começa a se desenvolver em torno dos 5 ou 6 anos de idade (Creusere, 2000).

Uma das propostas explanatórias mais recentes deste processo de cognição da ironia é o modelo denominado *“Parallel-constraint-satisfaction”*, o qual explica que vários sinais de intenção irônica, como tom de voz, incongruência e conhecimento sobre o enunciador são processados rapidamente e em paralelo, de forma que a interpretação irônica é considerada assim que há evidência suficiente que lhe dê suporte (Pexman, 2008). Não se explicita, neste estudo, com que modelo de compreensão a autora se compromete, embora sua abordagem se aproxime da linha dos estudos do *modelo da construção-integração* de Kintsch (1998), já que considera a elaboração feita pelo indivíduo a partir dos conhecimentos linguísticos, experiências e conhecimentos de mundo.

Por causa da ambiguidade inerente à linguagem irônica, o entendimento da ironia resultaria da realização de complexas inferências sociais, emocionais e cognitivas, as quais são rapidamente coordenadas no processo de compreensão. O indivíduo tem que fazer estas inferências a partir das palavras do falante, julgar a atitude dele sobre a situação e

sobre suas palavras e avaliar como o enunciador pretende que suas palavras sejam entendidas.

1.4. Argumentação e Ironia: Pontos de Encontro

A argumentação, neste trabalho, é entendida como uma atividade discursiva na qual um ponto de vista sobre algum tema é apresentado e justificado, e perspectivas contrárias são consideradas, com o objetivo de aumentar ou diminuir a aceitabilidade das posições assumidas (Van Eemeren, 1996).

No âmbito dos estudos da Retórica, a ironia é apresentada como uma figura de retórica, ou seja, um recurso de estilo que permite expressar-se de modo simultaneamente livre e codificado, e que desempenha papel persuasivo (Reboul, 2000). Segundo Perelman, uma figura é constituída por uma estrutura discernível cujo emprego se afasta do modo normal de expressar-se e, com isso, chama a atenção para os acontecimentos, tornando-os presentes à consciência (Perelman, 1996).

No entanto, há abordagens retóricas contemporâneas, como a de Esteves (1997) (inspirada na vertente filosófica de Michel Meyer, que faz uma abordagem da argumentação a que chama de Problematologia), que consideram que classificar a ironia apenas como uma figura de estilo é submetê-la a uma redução, minimizando o *“furor argumentativo que nela se exerce, pois ironizar é sempre argumentar”*. Segundo ele, o desvio de sentido proposital provocado pela ironia traria, em si, um caráter argumentativo, pois sempre haveria um posicionamento do locutor em relação ao que está sendo dito, seja para rejeitá-lo, de forma sarcástica, ou para reforçá-lo humoristicamente.

Vale salientar, porém, que Perelman faz uma distinção entre figura de estilo e figura argumentativa, ao declarar que *“para ser percebida como argumentativa uma figura não deve necessariamente acarretar a adesão às conclusões do discurso, bastando que o argumento seja percebido em seu pleno valor”*. No entanto, caso não seja bem sucedida, a figura cairia à posição de figura de estilo, isto é, de valor apenas estético, ornamental (Perelman, 1996).

Na realidade, o conceito tradicional das figuras retóricas como meramente ornamentais remonta à escola de Ramus, conforme explica Plantin (2009), que estabelecia dois domínios dentro da retórica, a retórica das figuras e a retórica da argumentação. De acordo com esta perspectiva, uma boa argumentação não poderia sendo reforçada pelo posicionamento de Locke a favor da *“preservação e melhoramento da verdade e do conhecimento”*, o que significava rejeitar totalmente o discurso figurativo. Nas palavras de Locke, *“toda aplicação artificial e figurativa das palavras inventadas pela eloqüência, não são nada mais que insinuação de idéias erradas, provocação de paixões, e, portanto, desencaminhamento do julgamento”* (Plantin, 2009).

Esta perspectiva associa, assim, o uso de figuras no discurso à ocorrência de falácias, pelas seguintes razões: **1)** Decorações são meros entretenimentos, ou seja, distraem; **2)** A figura pressupõe uma escolha entre duas maneiras de se dizer um mesmo conteúdo semântico, o que indica uma falácia por excesso verbal; **3)** Ornamentos introduzem uma surpresa, que supõe uma falta de controle, uma abertura às emoções, a um conjunto completo de falácias ad passionem; **4)** Figuras violam conscientemente três princípios de Grice: qualidade, quantidade e relevância, além de não respeitarem a regra lógica básica da não-contradição (Plantin, 2009).

Discorrendo sobre as técnicas argumentativas, Perelman apresenta o ridículo como *“a principal arma da argumentação”*, dentro do qual se encontraria a ironia, que poderia ser empregada como contra-ataque aos opositores: *“O ridículo é a arma poderosa de que o orador dispõe contra os que podem, provavelmente, abalar-lhe a argumentação...”*. O raciocínio gerado pelo ridículo deveria iniciar-se pela ironia, através da qual, segundo ele, *“quer-se dar a entender o contrário do que se diz”*. A justificativa para esse rodeio estaria no emprego de uma argumentação indireta (Perelman, 1996).

Brait também admite que a ironia pode ser encarada como um discurso que, através de mecanismos dialógicos, se apresenta como *“argumentação direta e indiretamente estruturada, como um paradoxo argumentativo, como afrontamento de idéias e de normas institucionais, como instauração da polêmica ou mesmo como estratégia defensiva”* (Brait, 2008). Assim, a ironia não se enquadraria simplesmente como uma figura,

mas como uma forma de discurso, no qual participariam mecanismos estruturadores tais como o humor, a intertextualidade e o interdiscurso.

Baseada no trabalho de Obretchs-Tyteca sobre o aspecto cômico do discurso, Brait explica que há três elementos centrais estruturadores da ironia: a analogia, a argumentação indireta e os “sinais” emitidos pelo enunciador. Segundo explica, o “rodeio” irônico evidencia as incompatibilidades, dando uma dimensão de posicionamento à ironia, argumentando de modo indireto a fim de informar ou até educar (Brait, 2008).

De fato, optar por apresentar ou defender um ponto de vista através de ironia pode ser uma tentativa de suavizar o ataque ou mesmo expor o absurdo de uma tese. Dizer este tipo de pensamento de forma indireta corresponderia ao que Colston (1997) denominou de “salgar a ferida”, referindo-se à intensificação de uma crítica ou de uma condenação, e “dourar a pílula”, que corresponderia à amenização de um comentário negativo. Esta última forma também foi trabalhada por Dews & Winner, a qual denominaram de Tinge Hypothesis, na qual a crítica irônica serviria à função pragmática geral de reduzir ou de algum modo diluir o grau de condenação do comentário crítico (Dews & Winner, 1995). Neste estudo, as autoras afirmam ter encontrado evidências que dão suporte a esta hipótese de que a crítica irônica é interpretada de modo menos negativo do que a crítica literal, o que fornece, portanto, uma das razões por que se pode empregar uma argumentação indireta por meio de ironia.

Ao optar por utilizar um procedimento irônico numa argumentação é imprescindível que haja conhecimentos complementares acerca dos fatos, das normas; ou seja, o ponto de vista de quem fala precisa estar bem definido aos olhos do interlocutor. A ironia pode ser bastante útil na argumentação, mas para que seja bem-sucedida, faz-se necessário que se compartilhem minimamente alguns conhecimentos a fim de que ela possa ser percebida. Logo, a ironia não pode ser usada quando pairam dúvidas acerca da opinião de quem fala. Isto dá à ironia um caráter paradoxal: se a empregam, é porque há utilidade em argumentar; mas, para empregá-la, é preciso um mínimo de acordo (Perelman, 1996).

De acordo com a proposta de Leitão (2000), a unidade básica de análise da argumentação seria triádica, formada por argumento (constituído pelo ponto de vista defendido e sua justificativa), contra-argumento (qualquer contraposição ao ponto de vista

argumentado, seja produzido pelo falante ou por outra pessoa) e resposta (reação ao contra-argumento). A presença destes três elementos caracteriza uma argumentação, sendo possível a utilização da ironia em qualquer destas posições. Esta será a configuração fundamental de argumentação adotada nesta investigação.

Não existe um momento específico da argumentação que comporte melhor a ironia: seu emprego é possível em qualquer situação argumentativa. No entanto, na maior parte das vezes, a ironia costuma ser um procedimento de defesa, já que, para ser entendida, ela requer um conhecimento prévio das opiniões do orador, as quais são evidenciadas na etapa inicial ataque (Perelman, 1996).

É preciso que se tenha bem claro o objeto a quem a ironia é direcionada, visto ser esta uma condição para o sucesso de seu emprego. Perelman assevera que “a ironia fica ainda mais eficaz quando é dirigida a um grupo bem delimitado. Apenas a concepção que se faz das convicções de certos meios pode fazer-nos adivinhar se determinados textos são ou não irônicos” (Perelman, 1996).

CAPÍTULO 2 – MÉTODO

Considerando as bases teóricas que ancoraram a presente investigação, vejamos, então, os procedimentos adotados na construção dos dados (escolha de participantes, episódios argumentativo-discursivos apresentados, contexto discursivo da situação de pesquisa, recursos materiais utilizados), e quais procedimentos foram seguidos na análise dos dados.

2.1. Participantes e Contexto Discursivo da Produção de Dados

Os participantes desta pesquisa foram quarenta crianças (vinte meninos e vinte meninas), oriundas de ambientes sociais bem diversos, sendo a metade delas moradoras carentes da comunidade da Mustardinha, e outra metade de diversos bairros de classe média do Recife, entre cinco e oito anos de idade. O contato com as crianças da comunidade da Mustardinha foi feito através do conhecimento da pesquisadora com a coordenadora de uma instituição de apoio socioeducativo, que foi a responsável pela seleção das crianças (todas elas atendidas na instituição) que preenchessem os critérios de inclusão adotados no estudo (explicitados a seguir). Já o segundo grupo foi levantado a partir de contatos pessoais (apenas sociais, com poucas exceções) da pesquisadora com os pais das crianças.

Os critérios utilizados na inclusão ou exclusão dos participantes estiveram relacionados apenas a dois aspectos: **i)** delimitou-se uma faixa etária (5 a 8 anos) que é apontada pela literatura consultada como aquela em que já é possível observar a compreensão de eventos irônicos; **ii)** buscou-se trabalhar com crianças que tivessem familiaridade com a Turma da Mônica, a fim de facilitar a contextualização necessária à compreensão a partir de um conhecimento prévio básico dos personagens da Turma.

Pelo fato de considerarmos a compreensão a partir da perspectiva dialógica, procuramos estabelecer um patamar mínimo de conhecimento prévio para os participantes quanto aos atores das ações discursivas utilizadas na pesquisa, a fim de não correr o risco de observar crianças em desvantagem de condições, já que a construção de sentido envolve a interação de diversos pontos de vista, falas sociais e contextos, incluindo-se aí os conhecimentos discursivos prévios. Assim, aqueles que já conhecessem os personagens, com

suas características peculiares, o tipo de relação existente entre eles, os ambientes nos quais se desenrolam as historinhas e/ou até mesmo os próprios episódios escolhidos para serem exibidos na pesquisa (como efetivamente aconteceu), teriam um conjunto maior de informações sobre o qual ancorariam a situação discursiva, o que poderia refletir na compreensão da ironia e de seu papel retórico.

Vale ressaltar que não se procurou analisar, neste estudo, o impacto de fatores como gênero, situação socioeconômica, nem escolarização na compreensão da ironia na argumentação, embora tais elementos possam de algum modo interferir no processo. Certamente, em um estudo que considerasse como condições de produção esses elementos contextuais mais amplos, poderíamos vislumbrar o fenômeno de modo ainda mais abrangente.

2.2. Procedimentos de Construção dos Dados

A fim de observar como ocorre a compreensão da ironia em argumentação, buscou-se propiciar aos quarenta participantes da pesquisa, de forma individual, o envolvimento numa situação discursiva em que ocorresse ironia em evento argumentativo. Considerando a faixa etária escolhida, optou-se por trabalhar com um dos gêneros discursivos mais presentes da vida das crianças urbanas e com acesso à TV: os desenhos animados. Logo adiante, faremos um breve comentário sobre as características deste gênero que motivaram, em grande parte, a sua escolha. De início, a pesquisadora fazia uma introdução de cada episódio às crianças, e, a seguir, exibia o trecho da historinha selecionado para a pesquisa. Entre algumas pausas, fazia-lhes perguntas, que visavam levá-las a construir uma compreensão responsiva das falas dos personagens.

Tomando por base os fundamentos metodológicos das perspectivas interpretativas nas Ciências Humanas, assume-se neste estudo que os dados relativos ao fenômeno – compreensão da ironia em argumentação – ocorrem na ocasião da atividade discursiva, portanto *“é na forma de os interlocutores interagirem que reside a melhor fonte para a análise do processo de compreensão”* (Marcuschi, 1999, p. 84). Por esta razão, optou-se pelo registro videográfico da ocasião em que foram apresentadas as historinhas às crianças, de modo a possibilitar o acesso às ações comunicativas dos sujeitos engajados no processo

de compreensão (como falas, pausas, hesitações, gestos, expressões faciais), a fim de que se pudesse resgatar a dinâmica da construção discursiva da compreensão da ironia em argumentação para posterior transcrição e análise. Segundo Meira, a videografia é *“uma ferramenta ímpar para a investigação de processos psicológicos complexos, ao resgatar a densidade de ações comunicativas e gestuais”* (MEIRA, 1994, p. 61). Investigar como uma criança atribui sentidos a um evento discursivo qualquer implica considerar rápidas e pequenas transformações, como mudança de atitude, as quais só poderiam ser acessadas novamente mediante este tipo de registro videográfico.

Os encontros com as crianças ocorreram em dois espaços físicos diferentes – o primeiro grupo, da comunidade da Mustardinha, participou da pesquisa numa sala da instituição que o atende, localizada no próprio bairro, a qual era utilizada pela psicóloga que prestava atendimento naquela entidade, a qual continha um aparelho de TV, um reproduutor de DVD, mesinhas e cadeirinhas infantis, dois birôs, cadeiras e diversos brinquedos. Buscou-se realizar as atividades da pesquisa em horários previamente acertados com a direção da instituição, a fim de não prejudicar as atividades diárias das crianças.

As atividades com o segundo grupo – selecionado a partir de contatos pessoais da pesquisadora – tiveram lugar na sala de recepção de um prédio destinado aos serviços sociais da instituição religiosa em questão. Os encontros foram acertados com os pais das crianças e ocorreram numa sala do prédio anexo de uma instituição religiosa, frequentada pelas famílias das crianças, no bairro de Santo Amaro, em momentos fora do horário de atendimento comercial (durante a noite) ou em fins de semana. Nestes casos, a pesquisadora exibiu os vídeos em seu computador portátil (netbook), com o auxílio de um reproduutor de DVD externo. Tanto com este segundo grupo quanto com o primeiro, fez-se um registro videográfico, realizado através de uma câmera portátil (handicam), fixada em um tripé e operada pela própria pesquisadora.

No início da conversa entre a pesquisadora e a criança, buscava-se confirmar a idade da criança na ocasião e assegurar se esta conhecia os personagens da Turma da Mônica (condição previamente requisitada na escolha dos participantes); em alguns casos, quando a criança era muito tímida ou demonstrava alguma hesitação quanto a este último

critério, a pesquisadora mostrava a capa de uma revista em quadrinhos com a ilustração dos personagens para facilitar a lembrança através de um recurso gráfico acessível.

Em seguida, a pesquisadora explicava o que iria acontecer: seriam exibidos alguns trechos de desenho animado da Turma da Mônica, aos quais a criança deveria prestar atenção e, em seguida, seriam feitas algumas perguntas sobre os episódios. À guisa de fornecer um contexto básico dos episódios apresentados, a pesquisadora fazia um curto relato introdutório das historinhas e logo depois exibia os trechos selecionados que continham a situação argumentativa com a ironia, durante os quais eram feitas algumas interrupções para perguntas.

As respostas dadas pelas crianças às perguntas feitas pela pesquisadora forneceriam indícios do processo de interpretação realizada pela criança dos trechos irônico-argumentativos das historinhas. A análise detalhada desse compartilhamento compreensivo é o foco desta investigação, a partir da qual pretendemos estabelecer os caminhos pelos quais as crianças construíam sentidos em situações argumentativas com uso de ironia, e se atribuíam a este uso uma função retórica.

Vejamos, a seguir, alguns aspectos característicos do gênero discursivo utilizado nas atividades de construção dos dados, bem como as razões que motivaram a sua escolha.

2.2.1. Desenho Animado

A escolha por exibir histórias de desenho animado deu-se por três razões: **i)** sua marcante presença e popularidade entre as crianças; **ii)** suas características discursivas e **iii)** seu caráter lúdico. Primeiro, é fato que os desenhos animados estão presentes na vida de praticamente todas as crianças, moradoras de centros urbanos e com acesso à TV, principalmente devido à ampliação da possibilidade de acesso a eles, seja por meio dos canais abertos de TV, de sua locação em lojas especializadas ou pela crescente oferta de DVDs com desenhos infantis em supermercados e lojas. Na realidade, inicialmente cogitou-se a ideia de utilizarmos histórias de revistas em quadrinhos para as atividades de construção de dados da pesquisa, porém, levantou-se a possibilidade de termos algumas das crianças entre cinco e oito anos ainda em processo de alfabetização. Esse fator pesou

bastante na decisão pelo gênero desenho animado, o qual dispensaria a necessidade de a criança saber ler.

Além da facilidade de acesso, outro ponto a destacar é que o desenho animado é um gênero que possui características discursivas bastante acessíveis à compreensão infantil, tais como vocabulário simples, enredos baseados em situações típicas da infância e, frequentemente, permeadas de humor (Kindel, 2003). Os desenhos animados dirigem-se especialmente ao público infanto-juvenil, por isso têm seus enredos, em geral, construídos a partir da ótica infantil: como as crianças-personagens veem o mundo, como se sentem em relação às pessoas (pais, amigos, professores, vizinhos etc.) e como interagem com elas, como administram situações-problema, etc. Isto torna as tramas discursivas apresentadas altamente passíveis de identificação por parte das crianças, facilitando assim a interação dos indivíduos participantes na situação de pesquisa. Os temas trabalhados nas histórias escolhidas para este estudo diziam respeito a questões cotidianas do universo infantil, como relacionamento adulto/criança, disputas de gênero meninos/meninas, dominação paterna e preocupação com a própria imagem diante de um grupo.

Caberia, igualmente, justificarmos por que razão os desenhos animados escolhidos, dentre tantas opções, restringiram-se ao da Turma da Mônica: a opção decorreu do fato de ser este um conjunto de personagens infantis de origem nacional (logo, culturalmente ambientado para crianças brasileiras), bastante conhecidos da maioria da população, seja através das tradicionais revistas em quadrinhos ou por meio de vasta produção em vídeo, exibida nos programas televisivos infantis (seus desenhos podem ser assistidos atualmente nos canais *Globo* – TV aberta – e *Cartoon Network* – TV por assinatura), quanto disponível em DVDs no mercado. A primeira revista em quadrinhos da Turma da Mônica foi lançada em 1970 e teve uma tiragem de 200 mil revistas. Criada pelo cartunista Maurício de Sousa, a Turma da Mônica é um conjunto de aproximadamente duas dezenas de personagens, sendo os principais Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali.

Atualmente, a Turma da Mônica pode ser encontrada em diversas mídias como livros, jornais, desenhos animados, CD-ROM, games, internet e discos, além de ter gibis e outros produtos licenciados em 40 países e com 14 idiomas. Segundo informações disponíveis na internet, as revistas são vendidas aos milhões, o licenciamento é o mais

poderoso do país e os estúdios se preparam para trabalhar com a televisão. De 1979 até 2010, foram lançados 17 filmes da Turma da Mônica, sendo os episódios utilizados nesta pesquisa selecionados dos DVDs “A estrelinha mágica” (2004), “Cine Gibi 2” (2005) e “Cine Gibi 4” (2009).

E por último, mas não menos importante, o desenho animado tem como função comunicativa principal entreter, promover momentos lúdicos, o que contribuiu, certamente, para favorecer um ambiente mais convidativo e despertar o interesse das crianças na atividade da pesquisa. Algumas delas, inclusive, chegaram a pedir que continuássemos a exibição dos desenhos, o que pode ser considerado um indício de que o formato da atividade alcançou o objetivo de não provocar enfado.

Foram empregados nas situações de construção de dados os seguintes materiais: um DVD contendo os trechos dos episódios selecionados de desenho animado da Turma da Mônica, um aparelho de televisão ou computador portátil pessoal, reproduzidor de DVD e uma câmera de vídeo portátil. Em algumas ocasiões, quando a pesquisadora precisou se certificar de que a criança conhecia aquele grupo de personagens, mostrou-se a capa de uma revista em quadrinhos da Turma da Mônica e perguntou-se o nome ou alguma característica dos personagens.

Considerando que o objetivo da exibição dos desenhos era destacar os trechos em que ocorriam as situações com a presença da ironia, e que também não poderíamos prolongar o tempo de encontro com as crianças, utilizamos um DVD adaptado para os fins da pesquisa, o qual continha a abertura dos episódios (onde aparece e é anunciado o título), uma cena inicial utilizada no relato introdutório feito pela pesquisadora (a qual era mostrada em pausa) e os segmentos específicos do episódio que continham os diálogos em que ocorriam os enunciados irônicos (efetivamente exibidos). A decisão por selecionar três episódios de desenho animado decorreu da preocupação em oferecer mais de uma situação em que a criança pudesse interagir com ironia em evento argumentativo, considerando que múltiplas observações têm a possibilidade de proporcionar um quadro mais aproximado dos processos realizados pela criança na construção de sentidos. Seria um tanto pretensioso acreditar que numa única observação uma criança estaria na condição ideal para dar o melhor de si em termos de compreensão.

Tendo considerado todos os aspectos acima descritos, chegou-se ao critério crucial relacionado à pergunta de pesquisa: selecionar episódios que contivessem situações argumentativas, ou seja, aquelas em que houvesse uma disputa de opiniões, nas quais aparecessem enunciados irônicos, aos quais se pudesse atribuir um valor retórico. Esta seria, portanto, a unidade de análise da pesquisa, isto é, a menor parte do fenômeno em que se observam as características básicas que o constituem (Vigotski, 2008, p.5). Para analisar as dimensões da ação argumentativa, utilizou-se o modelo proposto por Leitão (2000), que considera serem estes os três elementos fundamentais de uma argumentação: o argumento (ponto de vista e elementos de apoio), o contra-argumento (enunciado que desafia o argumento) e a resposta (reação ao contra-argumento). Para ser selecionado como episódio a apresentar às crianças, em cada episódio deveria ser possível identificar cada um desses elementos argumentativos, bem como, é claro, a ocorrência de ironia em um ou mais deles. Mais adiante, no tópico 2.2.3, em que se apresentam os episódios selecionados, estão dispostos os esquemas da argumentação que acontece em cada um deles, os quais foram elaborados para que se visualize o papel retórico da ironia presente nas situações exibidas.

Posto isto, veremos então como se definiram as questões elaboradas sobre cada episódio trabalhado.

2.2.2. Perguntas de Compreensão

Para cada historinha exibida, foram elaboradas perguntas que visavam obter uma interpretação das próprias crianças a respeito das interações conversacionais entre os personagens, as quais eram de três tipos: perguntas de compreensão geral do episódio, perguntas de compreensão da ironia e perguntas de compreensão da função retórica da ironia. Estes dois últimos tipos foram considerados cruciais para os objetivos desta pesquisa, pelo fato de haverem sido elaboradas a fim de indicar se as crianças haviam capturado o sentido irônico num dado enunciado, e também se haviam percebido o que consideramos ser o valor retórico destas ironias, ou seja, o papel argumentativo que elas poderiam estar desempenhando (apresentação do argumento, contraposição ao argumento ou resposta ao contra-argumento).

Chamamos de questões “críticas” ou “cruciais” da compreensão da ironia aquelas que possibilitavam dois tipos de resposta: a) literal (baseada no sentido potencial básico,

reiterável, daquela enunciação, em contexto semelhante) – o que indicaria não haver ocorrido atribuição de sentido irônico); e b) não-litera (baseada em pistas contextuais, detalhadas mais adiante, e em conhecimentos prévios) – que sugeriria a atribuição de sentido irônico. Já a questão crítica relacionada à função retórica tinha por objetivo acessar se a criança havia percebido o papel argumentativo daquela ironia no evento discursivo assistido. Como exemplo, podemos citar a pergunta crítica do segundo episódio, “Meninos e meninas”: diante do argumento apresentado por Cebolinha (“tudo o que vocês, meninas, fazem, nós meninos, também fazemos!”), Magali faz uma pergunta retórica irônica (“Tudo mesmo é? Tudinho?!”). A pergunta crítica elaborada foi: “E aí, a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?”. Caso a criança respondesse que sim, teríamos um forte indício de que ela havia entendido a pergunta da personagem de modo literal; se respondesse que não, poderíamos inferir que ela havia notado uma insinuação irônica de contraposição.

No processo de definição destas perguntas, foi aplicado um teste-piloto com um número maior de questões, baseadas em dois dos três episódios utilizados na pesquisa, o qual foi realizado com dezessete crianças. A partir deste teste, chegamos à conclusão de que o nível das perguntas estava um pouco acima da competência linguística das crianças, o que ocasionou uma simplificação no linguajar e a eliminação de algumas delas.

Em geral, durante os encontros com as crianças, a pesquisadora manteve o formato das perguntas em todas as situações de pesquisa, havendo apenas algumas reiteraões e solicitaões de explicação das respostas dadas, como se pode observar nas transcriões integrais em anexo. Em todos os casos, seguiu-se a mesma ordem de exibição dos episódios e de formulação das perguntas.

2.2.3. Episódios Argumentativo-Discursivos Apresentados

A seguir, serão descritos os episódios selecionados para a construção dos dados da pesquisa, abrangendo não somente a transcrião integral das historinhas em si, mas também os momentos de interrupção da exibição, as perguntas efetuadas à criança (de compreensão geral e as críticas) e suas respectivas funções, bem como os esquemas analíticos da argumentação em cada episódio.

As transcrições obedeceram aos seguintes critérios, conforme explicitado abaixo:

[entre colchetes] – comentário da analista sobre os detalhes da cena: ambientes, gestos, sons, expressões faciais, atitudes

MAIÚSCULAS – ênfase ou acento forte

... – pequena pausa

! – indicador de ênfase

?! – pergunta de admiração

:: - alongamento da vogal

Pq – pesquisadora

P1, P2... Pn - antes de um turno indicam o participante em questão

Q1A – questão 1 do episódio A (“Perdidos no meio do nada”)

Figura 2: Convenções de transcrição adotadas

A) “Perdidos no meio do nada”

Ao apresentar o primeiro episódio, “*Perdidos no meio do nada*”, a pesquisadora relatava que os personagens Cascão, seu pai e Cebolinha haviam saído de carro para um passeio ao shopping. No entanto, o pai do Cascão errara o caminho e eles foram parar num local desértico e desconhecido. O trecho exibido mostra justamente o momento em que Cascão e seu pai divergem quanto ao local em que se encontravam. Cebolinha intervém no diálogo, posicionando-se ao lado de Cascão, e obtém do pai de seu amigo uma resposta irônica, como se pode verificar abaixo, na transcrição do trecho exibido:

Cascão: [ouve-se o som de passos subindo; Cascão aparece no teto do carro e diz, com os braços abertos e aspecto aborrecido] *PAI!... nós estamos perdidos... no MEIO DE UM DESERTO!!!* [a cena se amplia, mostrando Cascão sobre o carro, com os braços estendidos diante de uma vastidão desértica e sol causticante]

Pai: [indignado, com expressão facial de contrariedade e apontado com o indicador] *Nós NÃO ESTAMOS PERDIDOS NO MEIO DE UM DESERTO!! Você não confia em mim?!* [finaliza com tom agudo ascendente, apontando o dedo para si mesmo]

Cascão: [sentado sobre o teto do carro, assobia e olha para cima e balança os pés, como se não se importasse]

[pausa na exibição]

Nesse momento, a pesquisadora interrompia a exibição para perguntar à criança:

Pq(Q1A): Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

A primeira e a segunda pergunta visavam capturar a compreensão básica do episódio, ou seja, não implicavam na articulação de informações complexas ou que requisitassem inferências mais elaboradas. De certo modo, também contribuíam para estabelecer um ponto de partida da interação dialógica entre a pesquisadora e a criança, já que por serem simples, minimizavam receios, acanhamento, ou possíveis expectativas de dificuldades em relação à situação de pesquisa.

Logo após a resposta da criança, a exibição era retomada. O pai do Cascão esboça uma reação de bastante contrariedade e diz:

Pai: [estremece o corpo, com as mãos pra cima e com expressão de profunda irritação] *O:::RA ESSA!!! pois eu vou mostrar pra você que eu sei MU::ITO BEM onde esTAMOS!!*

[o pai olha um mapa de um lado, vira para o outro e resmunga]

Cebolinha: [intervém com os olhos fechados e mãos levantadas e voz suave] *pois pla mim nós estamos no meio do nada!*

Pai: [com uma expressão negativa, de falta de interesse no rosto, e simulando uma risada] *ha, ha, ha! MUIto engraÇAdo!*

[pausa na exibição]

Nesse ponto, a exibição era interrompida mais uma vez para a formulação das seguintes perguntas, sendo a Q3A fundamental para a análise do fenômeno em estudo:

P(Q2A): O que o Cebolinha achou daquele lugar?

P(Q3A): O pai do Cascão achou engraçado o que o Cebolinha disse?

Caso a resposta da criança indicasse que ela havia entendido o enunciado do pai do Cascão como irônico, solicitava-se que ela explicasse por que havia compreendido assim. Após a resposta da criança, dava-se seguimento ao vídeo, no qual Cascão aparece indicando algo:

Cascão: *olha pai...* [em tom de advertência] *isso não foi uma piada...* [a cena corre-se para a direita e aparece uma placa enterrada na areia, com um urubu pousado em cima, onde se lê, “MEIO DO NADA”; trilha musical de leve suspense]

Pai do Cascão: *engraçado...* [examina o mapa] *esse lugar não consta no mapa... bom... pelo meno:s... não estamos mais perdidos...* [Cascão e Cebolinha se entreolham aparentando enfado]

Pai do Cascão: [abre a mala do carro e retira uma mochila] *agora... só o que temos a fazer* [fala com ar de satisfação] *é achar uma oficina!* [meninos olham, admirados]

Cascão: *mas, pra quê?* [questiona, levantando as mãos abertas]

Pai do Cascão: *uhh!* [pensa rapidamente e responde com expressão fechada] *pro carro, ora!*

Cascão: [fala abrindo os braços e com leve sorriso] *não é melhor achar um...* [junta as mãos, olhando para o céu] *cemitério?*

Pai do Cascão: *ha, ha, ha!* [ri ironicamente, enquanto vai saindo] *quero ver se você vai continuar com essas piadinhas...* [Cascão simula uma risadinha nervosa] *DEPOIS da caminhada...*

Cascão: *uhh!!* [Cascão muda a expressão, fica sério]

Pai do Cascão: *...que TEREMOS de fazer!* [Cascão olha o pai se afastar, esboçando decepção]

[exibição interrompida]

Finaliza-se nesse ponto este primeiro episódio, e questiona-se a criança:

P(Q4A): O pai do Cascão mudou de idéia sobre o lugar?

Como dissemos anteriormente, as perguntas Q1A e Q2A visavam obter um primeiro panorama da compreensão do enredo por parte da criança. Já as perguntas Q3A e Q4A tinham papel importante no propósito da pesquisa: dependendo da resposta dada a pergunta Q3A, pretendia-se ver se a criança havia capturado a ironia utilizada pelo personagem: caso a resposta fosse afirmativa, era bem provável que ela havia atribuído um sentido literal –o pai do Cascão achara realmente engraçado o que dissera Cebolinha - ao enunciado irônico. Caso fosse negativa, haveria um forte indício de que ela tinha percebido o teor irônico da fala do pai do Cascão; a fim de proporcionar à criança uma chance de elaboração da resposta, seria feita outra pergunta, do tipo, “como você sabe disso?” ou “por que você acha isso?”, que solicitaria uma justificção para a resposta dada.

Em relação à resposta da pergunta Q4A, visava-se observar a função retórica da ironia, pois sua resposta apontaria para a percepção ou não do caráter argumentativo da ironia utilizada anteriormente, visto que indicaria uma mudança de posição do personagem oponente na situação argumentativa exibida, no caso, o pai do Cascão.

Em termos argumentativos, neste primeiro episódio temos uma situação de clara oposição entre dois pontos de vista a respeito do lugar em que se encontravam os personagens. Cascão e Cebolinha ocupam o lugar de **proponente** do ponto de vista inicial – “estamos perdidos” – enquanto seu pai faz o papel de **opponente**, empregando como justificativa para seu ponto de vista contrário sua suposta credibilidade por ser o pai e, portanto, digno da confiança do filho. Vale ressaltar que os papéis de proponente e oponente, numa argumentação, não equivalem aos dos sujeitos envolvidos, individualmente falando, já que duas ou mais pessoas que defendem um mesmo ponto de vista são consideradas como um só proponente ou oponente, dependendo da ordem em que apareçam os pontos de vista.

Na sequência da cena, Cascão não responde verbalmente a seu pai, mas faz uso de linguagem corporal típica em nossa cultura de uma atitude de desconsideração (desvio do olhar e assobio); assim, ele parece sinalizar que não está convencido do argumento apresentado pelo pai, o que pode ser confirmado na reação de profunda irritação do pai, em seguida.

Então, aparece o amigo Cebolinha, convidado para o passeio malsucedido, que se posiciona ao lado de Cascão quanto a estarem perdidos no meio do nada. Em franca minoria de opinião, o pai do Cascão não tem alternativa, senão ridicularizar, através de uma ironia, o respaldo dado por Cebolinha ao argumento de Cascão. Tanto a linguagem gestual do pai do Cascão – olhos fechados, expressão facial indicadora de atitude arrogante (sobrancelhas arqueadas e olhos fechados) – quanto a entonação característica de uma risada simulada, apontam para um sentido incomum, ou pelo menos insincero, do enunciado “Ha, ha, ha! Muito engraçado!”, que marcam o distanciamento do enunciador em relação à enunciação, para que o coenunciador pressuponha que se trata de uma ironia.

Como diz Maingueneau (2008, p. 175), este fenômeno pode ser classificado como um caso de polifonia, já que esse tipo de enunciação é uma espécie de “encenação em que o enunciador expressa com suas palavras a voz de uma personagem ridícula que falasse seriamente e do qual ele se distancia, pela entonação e pela mímica, no instante mesmo em que lhe dá a palavra”. Quando diz, “Muito engraçado!”, referindo-se a um argumento considerado insustentável, o enunciador passaria a responsabilidade desta fala inadequada a um outro, desqualificado, posicionando-o na cena da enunciação.

A instauração da ironia neste episódio de desenho animado, ocorre, portanto, no plano discursivo, por meio da ambiguidade estabelecida entre as informações verbais (o que diz o personagem), as informações não-verbais (olhar, gestos, movimentos físicos), as informações suprasegmentais (de natureza linguística, mas de caráter não-verbal, como pausas e tom de voz) e as atitudinais (raiva, irritação, desinteresse, tranquilidade, etc.). A partir da confluência destas informações é possível inferir uma intenção (entendida aqui como um direcionamento, Searle, 2002, p. 4) irônica nas falas e atitudes dos personagens.

Para cada historinha exibida, foram elaborados esquemas nos quais se destacam os movimentos argumentativos no episódio. Para caracterização da argumentação, assume-se aqui o modelo que propõe Leitão (2000), os quais são o **argumento** (ponto de vista + elementos de apoio), o **contra-argumento** (enunciado que desafia o argumento) e a **resposta** (reação ao contra-argumento). Foram identificados nos diálogos das historinhas os enunciados que corresponderiam a cada uma destas funções. Vejamos, a seguir, o esquema relativo a este primeiro episódio:

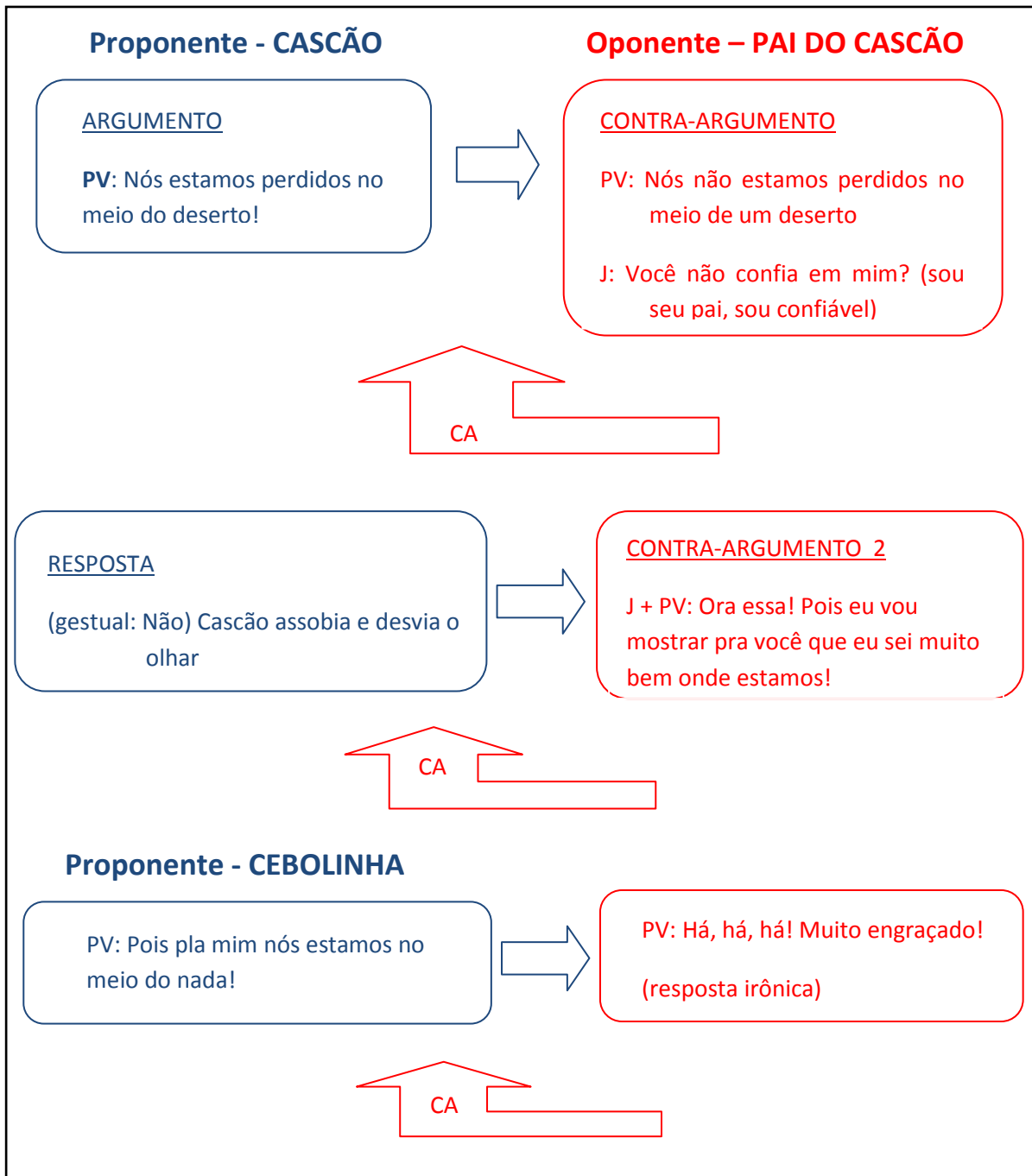


Figura 3: Esquema Argumentativo de "Perdidos no meio do nada"

B) "Meninos & Meninas"

No segundo episódio apresentado, "*Meninos e meninas*", a pesquisadora mostra a cena em que os amigos Cebolinha, Cascão, Mônica e Magali estão brincando num parque: as meninas brincam de boneca, num banco, e os garotos jogam bola de gude ali, ao lado. Conta, então, que dali eles vão ao cinema e lá começam a conversar sobre o que as meninas e os meninos podem fazer. Pede para que a criança observe o que vai acontecer a seguir e

dá início à exibição do diálogo, que acontece num ambiente escuro, próprio de uma sala de cinema. Os personagens não aparecem de forma clara, mas apenas de perfil e sombreados. Cascão aparece sentado no lado esquerdo, Cebolinha vem logo depois, voltado para as meninas, Mônica e Magali, que estão do lado direito e apresentam expressão facial de aborrecimento, com o cenho franzido:

Cebolinha: [de modo altivo – cabeça erguida, olhos fechados e braço levantado com dedo indicador em riste] *...Ah... que TUDO O QUE VOCÊS, meninas, FAZEM* [expressão facial meio sorridente] *nós meninos* [expressão facial modifica-se, indicando provocação] *TAMBÉM, FAZEMOS!* [som que parece indicar surpresa, algo inesperado; Cascão e as meninas demonstram estupefação]

Cascão: [ergue-se e olha em direção à tela, como se estivesse mirando os telespectadores] *É?!*

Cebolinha: *É isso aí!* [fala com ar de arrogância - os olhos fechados, nariz empinado e mãos na cintura]

Magali: [leva o indicador à boca, e murmura, pensativa] *Ummm... Tudo mesmo, é?! TUDINHO?!* [fala com um leve sorriso nos lábios e tom de presumida admiração]

[Mônica acompanha a fala de Magali, esboçando um leve sorriso de cumplicidade]

Cebolinha: *TU-DI-N-H-O!!* [soletrando a última sílaba] *TUDINHO!!*

[pausa na exibição]

O vídeo é interrompido e a seguinte pergunta é formulada à criança:

Pq(Q1B): *E aí... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?*

Esta é a única pergunta feita em relação a este episódio. Com esta pergunta, pretende-se acessar se a criança capturou tanto a ironia, quanto o seu emprego retórico na situação argumentativa, já que se ela responde que sim, pode-se inferir que o enunciado foi percebido literalmente, não como irônico. Em caso de resposta negativa, a pesquisadora

busca obter uma explicação por parte da criança quanto ao porquê daquela compreensão, o que indicará sobre que indício ela atribuiu um sentido diferente ao enunciado.

Na continuação da exibição, Cascão entra na conversa, aparentando certa inquietação diante do ponto de vista apresentado por seu amigo Cebolinha. Magali retruca com uma aparente reiteração do posicionamento de Cebolinha, deixando entrever na entonação aplicada ao enunciado e no sorrisinho discreto sua real opinião:

Cascão: *TUDINHO?!* [soletrado] *T-U-D-I-N-H-O?!!* [questiona, abrindo os braços]

Cebolinha: *É!!* [reafirma, convicto, com os olhos fechados e colocando as mãos na cintura]

Magali: *Pois eu acho* [fala com os olhos fechados e boca levemente sorridente] *que tem UMA* [faz o gesto indicando um com o dedo] *ou DUAS COISAS* [faz dois com os dedos] *que vocês NÃO FAZEM!* [cruza os braços]

Cebolinha: *HA!! É?!* [fala gesticulando com a mão e com expressão irritada] *Pois eu QUELO VER!!*

[exibição finalizada]

Nesta história temos o clássico confronto entre meninos e meninas, configurado pelo contexto circunstancial logo na primeira cena, em que os personagens aparecem envolvidos em brincadeiras separadas – Cascão e Cebolinha brincam de bolinha de gude enquanto Mônica e Magali brincam de boneca. Essa imagem inicial parece trazer uma mensagem tácita a respeito do que seria socialmente construído como atividades próprias de cada sexo, a qual, efetivamente, parece ter sido apreendida por alguns participantes da pesquisa. A seguir, as crianças surgem num cenário característico de cinema, ambiente escuro e com poltronas – os personagens são distinguidos apenas pelos seus perfis sombreados e por suas vozes - onde a conversa sobre a disputa de gêneros se desenvolve. Cebolinha apresenta sua opinião de forma bastante segura e, de certo modo, desafiadora.

Magali elabora uma pergunta retórica (*“Ummm... Tudo mesmo é?! TUDINHO?!”*) na qual se evidencia uma ironia que insinua incredulidade, perceptível no tom de voz macio e melodioso, acompanhado da expressão facial de dissimulada satisfação – olhos semi-fechados e sorriso no canto da boca. Aparentemente, Cebolinha não se deu conta, ou mesmo não considerou a possibilidade de uma expressão irônica da parte de Magali, tanto

que ele responde prontamente à pergunta retórica como se ela fosse um questionamento sincero, quando diz “*Tudinho!*”, três vezes.

A fala e a postura rígida e empedernida do Cebolinha apontam para a manutenção de seu ponto de vista, desconsiderando a carga avaliativa negativa da pergunta irônica de Magali. Esta, então, enuncia de modo direto sua opinião sobre o assunto, quando diz achar que há uma ou duas coisas que eles não fazem.

A seguir, temos o esquema correspondente desta situação argumentativa.

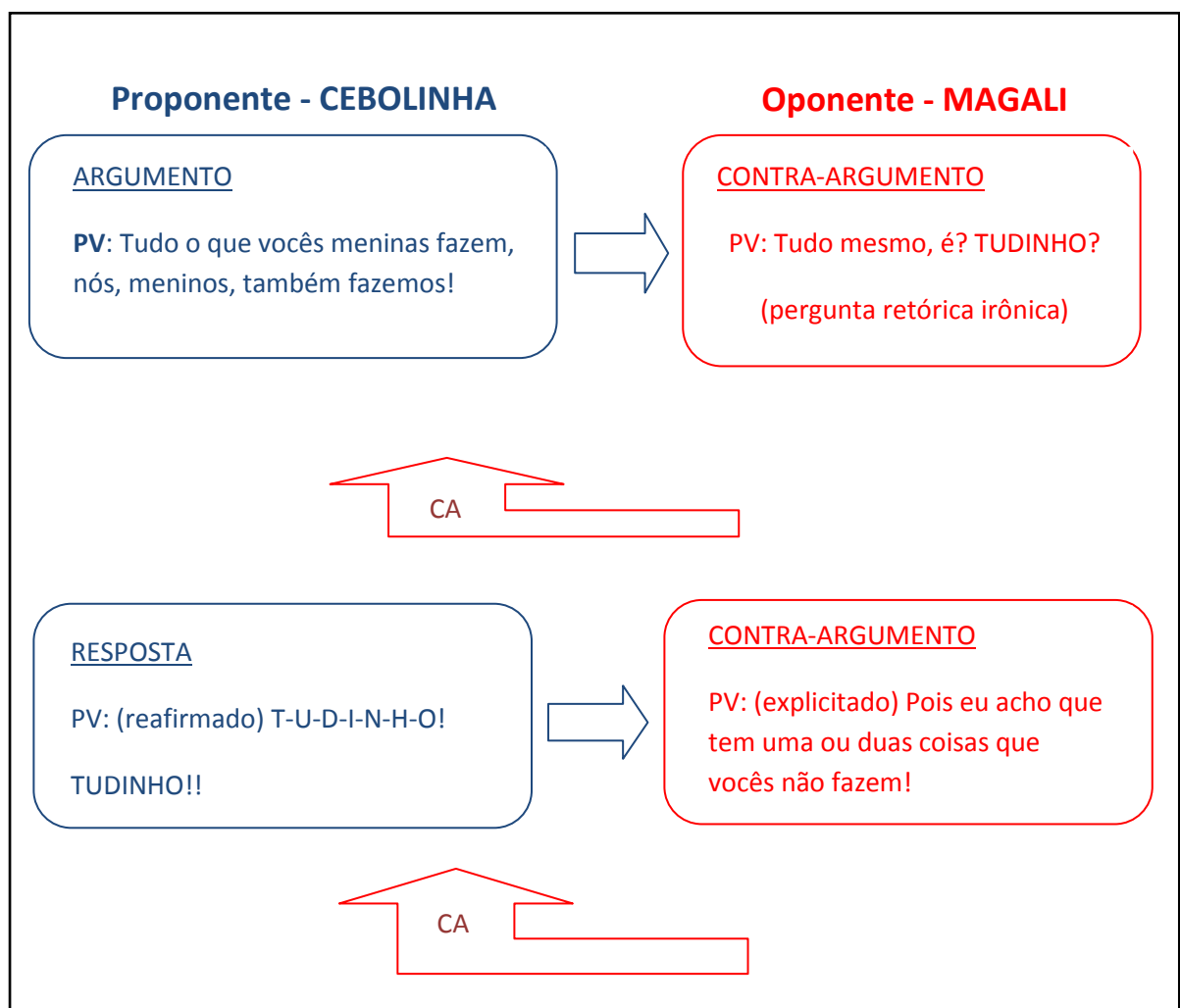


Figura 4: Esquema Argumentativo em “Meninos & Meninas”

C) “Boas maneiras”

No terceiro e último episódio, “*Boas maneiras*”, mostra-se inicialmente uma cena em que Cebolinha aparece comendo à mesa, em frente a seus perplexos pais, que o

observam enquanto ele ‘devora’ o almoço, pegando a comida com as mãos, fazendo ruído ao mastigar, sujando a mesa e falando de boca cheia. A pesquisadora explica, então, que por causa deste comportamento mal-educado, seus pais decidem colocá-lo numa escola de boas maneiras, de uma certa Srta. Biju. Diz também que Cebolinha reage contrariamente à ideia, alegando ser isto coisa de menina, e revela seu temor de se tornar alvo de zombaria por parte de seus colegas. Mas, que seu pai não aceitara o argumento e ficara firme na decisão.

Então, conta que Cebolinha pensou um pouco e teve a ideia de convidar seu amigo Cascão para fazer o curso com ele, com o argumento de que a Srta. Biju era uma “gata”, linda e maravilhosa. A pesquisadora relata que Cascão convence-se com isso, e decide acompanhar Cebolinha no primeiro dia de aula, juntamente com mais dois colegas. Pede, então, que a criança assista ao momento em que Cascão e seus colegas vão ao primeiro dia de aula na escola de boas maneiras. Exibe-se, assim, a cena em que, numa sala, as crianças se sobressaltam ao verem uma poltrona girar e ali aparecer uma senhora idosa e de óculos, que diz com leve sotaque francês:

Srta. Biju: *Olá, amiguinhos!!* [som forte, que parece indicar grande surpresa; os garotos reagem bastante assustados e, irados, voltam-se contra o Cebolinha]

Colega: [com tom enfurecido, testa franzida e olhos raivosos] *UMA GATA, né, Cascão?!*

Cascão: [com entonação irônica] *LINDA E MARAVILHOSA, né, Cebolinha?!*

[pausa na exibição]

A exibição é interrompida e são feitas as seguintes perguntas à criança:

Pq(Q1C): Cascão acha que a srta. Biju é uma gata?

Pq(Q2C): Que é que Cebolinha tinha dito pra ele?

Pq(Q3C): Cascão acha a mesma coisa?

A resposta à pergunta Q1C tem por objetivo prover um indício da compreensão da criança de que houve um emprego irônico da palavra “gata”, por parte do Cascão. Se a criança responde que sim, aparentemente ela não notou que o termo deveria ser tomado com uma conotação negativa. A segunda pergunta tem por objetivo recuperar a primeira ocorrência da expressão “uma gata”, que constitui a justificativa dada por Cebolinha para

fortalecer seu argumento quanto à realização do curso de boas maneiras. Ao fazer a criança lembrar-se desse detalhe, proporciona-se um elemento facilitador para a compreensão da indignação de Cascão e de seus amigos, diante das reais características físicas da Srta. Biju. Já a pergunta Q3C, permite que se observe se a criança identificou um posicionamento contrário do personagem Cascão em relação à professora, ou seja, se ela atribuiu um valor retórico ao enunciado irônico realizado por Cascão.

Retoma-se nesse ponto a exibição do vídeo, no momento em que Cascão e seus colegas vão saindo em direção à porta da sala:

Cebolinha: [seu aspecto aparenta desconforto] *Ei!! Espelem aí! Onde é que vocês vão?*

Cascão: [saindo] *Tô fora!! E não há ninguém que me faça mudar de ideia!!* [Cascão sai da sala e bate fortemente a porta após si; Cebolinha se encolhe com o ruído]

[exibição finalizada]

Encerra-se a exibição e a pesquisadora faz a última pergunta ao participante:

Pq(Q4C): Por que Cascão não quer ficar mais na escola?

Esta pergunta é crítica pelo fato de estimular a criança a buscar uma motivação para a mudança de posição do Cascão em relação a fazer o curso: inicialmente, cedendo ao argumento de Cebolinha de que a Srta. Biju era bonita, Cascão aceitara fazer o curso. Porém, ao conhecer pessoalmente a professora, Cascão desiste da ideia e decide ir embora. Ao responder que Cascão não quer ficar porque a professora não era bonita, a criança estará indicando haver atribuído uma atitude de contraposição do personagem Cascão - baseada na relação ambígua estabelecida entre as sequências verbais ("*uma gata, né...?!*", "*linda e maravilhosa, né...?!*") e as informações visuais (traços típicos de uma senhora idosa – óculos, penteado, roupas) - ao argumento inicial de Cebolinha.

A criança que apreende essa conjunção verbo-visual perceberá a ambiguidade da fala dos personagens e poderá captar o efeito retórico pretendido com esta ironia, ou seja, o posicionamento de contraposição dos personagens na situação de disputa. A argumentação aqui, portanto, caracteriza-se como indireta, ocorre via ironia, e instaura-se pela articulação das informações visuais, verbais, não-verbais e suprasegmentais da cena enunciativa.

Segundo Leitão, não existe uma regra que “implique a necessidade de que todas (as fases) da argumentação apareçam de modo explícito no texto, ou dentro de uma ordem pré-definida, para que uma sequência argumentativa seja identificada” (Leitão, 2007, p.81), mas é considerado típico da argumentação cotidiana que alguns de seus elementos apareçam de forma indireta, como é o caso aqui do contra-argumento implícito de Cascão apresentado por meio da ironia.

Conforme se pode ver no esquema da argumentação deste episódio, existem dois pontos de vista em tensão: **1)** Cebolinha defende que se faça o curso pelo fato de ser a professora uma mulher muito bonita, **2)** Cascão, após constatar que o argumento de Cebolinha não se sustentava em fatos, decide mudar de ideia. Diante da situação deflagradora da mudança de posição – encontro com a Srta. Biju – Cascão expressa-se de modo irônico, retomando os mesmos termos usados por Cebolinha para convencê-lo no início, o que configura um evidente caso de subversão irônica. Isto é, o enunciador simula imputar ao outro a responsabilidade pela posição enunciativa que efetuou, a fim de que ela se autodestrua (Maingueneau, 2008).

Nesse caso, temos uma ocorrência irônica que é parecida ao uso das aspas, quando acontece um tipo de *divisão interna da instância da enunciação*: o enunciador diz algo que não assume como seu. Segundo Maingueneau (2008, p. 178), a diferença é que ao realizar um enunciado irônico, o enunciador diz algo que, além de não assumir como seu (como é o caso das aspas), é invalidado no momento em que fala. Para que se reconheça a ironia deste enunciado, faz-se necessário levar em conta os elementos contextuais que apontam um uso diferenciado dos termos, distante do sentido inicialmente atribuído na fala do Cebolinha, os quais podem ser as reações físicas de surpresa e de certo choque dos personagens, a expressão facial de contrariedade, a entonação indignada da enunciação e a atitude imediata de se retirar da escola.

Boa parte das respostas dadas pelas crianças mostrou que elas tomaram estes indicadores para atribuírem um sentido irônico ao enunciado, conforme veremos na seção de resultados.

A seguir, pode-se ver de modo esquemático como se desenrolam os movimentos argumentativos deste último episódio:

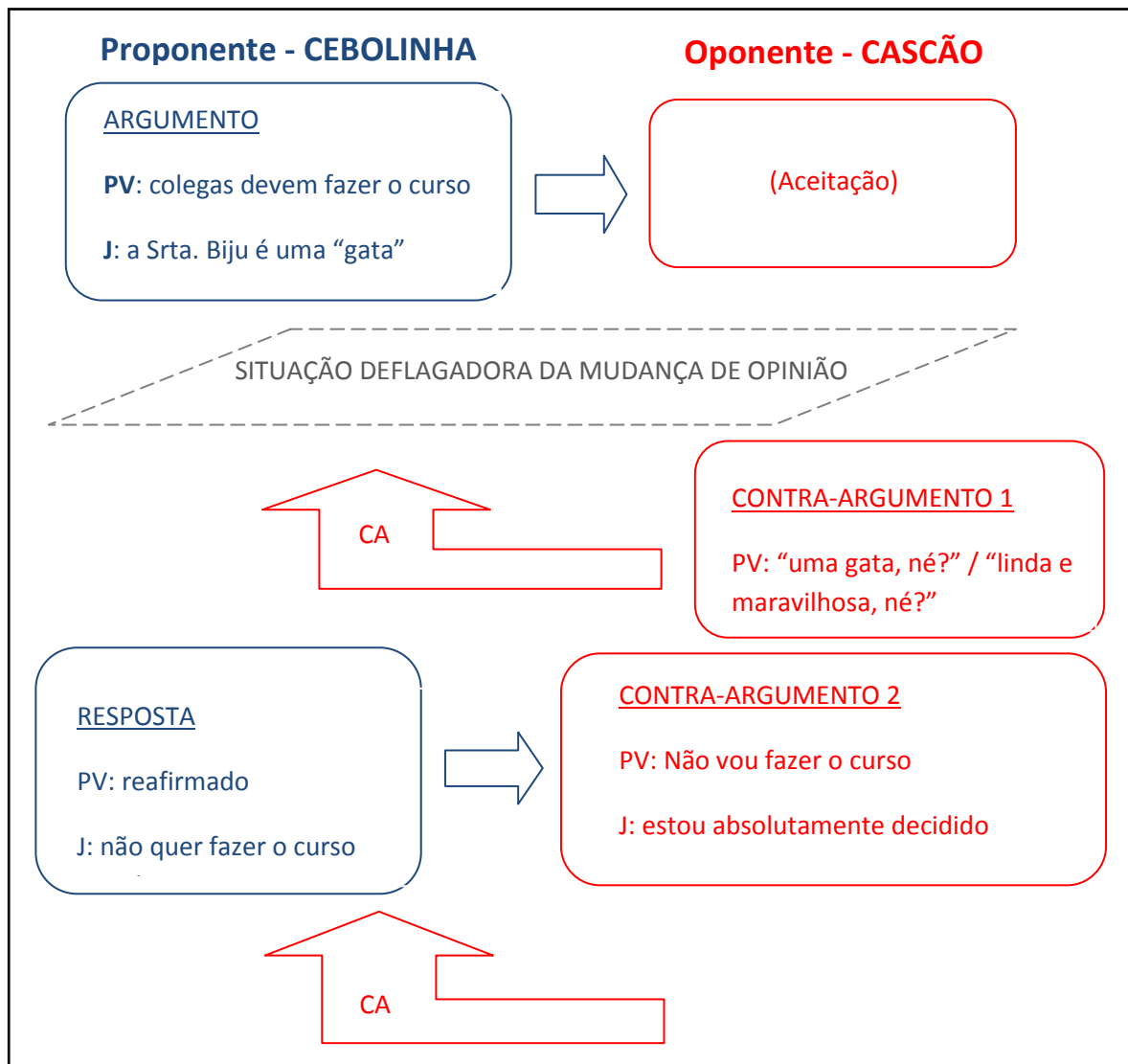


Figura 5: Esquema Argumentativo de “Boas Maneiras”

2.3. Procedimento de Análise dos Dados

Após o término dos encontros com as quarenta crianças, iniciaram-se as transcrições dos registros videográficos produzidos. Num primeiro momento, todos os registros foram assistidos para a tomada de notas iniciais da participação das crianças na situação de pesquisa, as quais forneceram um quadro amplo da responsividade das crianças diante dos episódios exibidos e das perguntas a eles relacionadas.

O procedimento analítico foi feito em dois níveis: microanalítico e macroanalítico. No primeiro, buscou-se capturar indícios verbais e extraverbais da atividade compreensiva de cada criança, de modo a compor uma microanálise interpretativa da interação dos participantes com os episódios apresentados, a qual se ancora na consideração de que as

ações humanas – cognitivas, comunicativas e gestuais – são ricas em conteúdos semânticos, os quais podem ser entendidos em contextos socioculturais específicos (Meira, 1994, p.60).

Microanálise

A partir do registro videográfico das atividades de pesquisa, foram realizadas transcrições completas da interação das crianças com as situações discursivas em que havia ironia em meio a uma argumentação. Além dos enunciados verbais foi observada também a presença de entonações expressivas, repetições, hesitações, bem como o modo como as crianças se comportavam diante dos episódios (o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação, se demonstravam um conhecimento prévio deles, interesse ou desinteresse na atividade etc.).

Em seguida, visando elaborar os possíveis caminhos percorridos pelas crianças no processo de construção dos sentidos atribuídos pelas crianças nas situações discursivas trabalhadas, foi feita uma microanálise individual da compreensão dos episódios de alguns casos ilustrativos, que demonstrassem regularidades e variabilidades no processo de construção de sentidos do fenômeno estudado. Considerando que em pesquisa do tipo qualitativa o número de casos analisados raramente é estipulado, buscamos seguir o critério da saturação de informação na escolha dos exemplos a serem incluídos neste trabalho. Diz-se que há saturação de informação quando após um certo número de procedimentos de construção de dados, o pesquisador percebe que os relatos de novos sujeitos são semelhantes aos que já possui, o que indica uma rarefação de informações novas (Duarte, 2003).

Assim, selecionamos onze crianças que ilustravam o desempenho compreensivo do grupo pesquisado, buscando abranger casos tanto de compreensão quanto de não-compreensão. Foram realizadas análises da compreensão da ironia e da função retórica desta na argumentação para cada uma delas³.

A necessidade de se buscarem casos ilustrativos decorreu do fato de que os indivíduos percorrem caminhos diferentes para construir sentidos nas atividades discursivas;

³ As transcrições integrais das interações de cada criança estão dispostas nos Anexos 4 ao 13.

e até o mesmo indivíduo pode variar nessa trajetória de evento para evento. Daí porque analisar um mesmo indivíduo em três situações discursivas distintas, como se fez neste estudo, pode oferecer uma visão mais rica dos processos de atribuição de sentidos.

Dessa forma, realizaram-se dois níveis de análise neste estudo: primeiro, uma microanálise da compreensão de cada indivíduo envolvido nas atividades de pesquisa, integralmente, nas três situações argumentativas com ironia, o que gerou uma descrição comparativa de seu processo de compreensão em momentos distintos; depois, a partir de uma macroanálise, tentou-se construir um panorama dos caminhos percorridos pelos indivíduos na construção de suas compreensões da ironia e sua relação com os eventos argumentativos apresentados.

Macroanálise

Nesta última etapa, tomando por base os resultados levantados na microanálise, tentou-se elaborar uma descrição de aspectos gerais caracterizadores da compreensão da ironia em eventos argumentativos no grupo estudado. Procurou-se organizar as respostas das crianças em algumas categorias que abarcassem as pistas supostamente seguidas por elas na construção do sentido irônico, o que permitiu o vislumbre das principais relações dialógicas estabelecidas no processo de atribuição de sentido em cada episódio.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISES E DISCUSSÕES

Com base nas considerações teóricas realizadas no primeiro capítulo, procurou-se fazer uma análise cuidadosa das razões apresentadas pelas crianças para explicar a compreensão da ironia nas historinhas assistidas, a qual permitiu-nos organizá-las em duas grandes categorias: **i) Pistas contextuais** – aspectos gerais da situação enunciativa (informações verbais, visuais, não-verbais, suprasegmentais, atitudinais) e **ii) Conhecimentos prévios** – conhecimento prévio da historinha, experiência pessoal, conhecimento de mundo, as quais serão explicadas a seguir.

i) Pistas contextuais

Antes de discorrer sobre os aspectos caracterizadores deste tipo de pista, faz-se necessário justificar a escolha do nome que lhe foi atribuído, já que estamos conscientes da problemática que envolve a noção de contexto no âmbito da pragmática. Parece-nos adequado, para os fins desta pesquisa, adotar o conselho dado por Ochs (1979, apud Levinson, 2008), o qual afirma que:

(...) devemos considerar o mundo social e psicológico em que o usuário da língua opera em determinado momento (...); ele inclui, no mínimo, as crenças e suposições dos usuários da língua a respeito dos cenários temporais, espaciais e sociais; ações passadas, presentes e futuras (verbais e não-verbais), e o estado do conhecimento e da atenção dos participantes da interação social em questão. (Ochs, 1979 apud Levinson, 2008, p. 27)

Assim, com base nesses critérios, interpretações baseadas nas aqui chamadas “*pistas contextuais*” mostram a ligação feita pela criança entre as informações inferidas na situação de enunciação e nos enunciados analisados, tais como informações *verbais* (palavras ou expressões enunciadas), informações *visuais* (características físicas/gráficas dos ambientes, dos personagens), informações *não-verbais* ou *paralinguísticas* (olhar, gestos, movimentos físicos etc.), informações *suprasegmentais* (de natureza linguística, mas de caráter não-verbal, como pausas e tom de voz) e informações *atitudinais* (atribuição de um comportamento que indica avaliação negativa ou positiva de alguém sobre algo, que envolve uma disposição de agir de uma certa maneira – Houtlosser in Van Eemeren, 2001). Neste

caso, o processo de compreensão envolve a seleção de um conjunto de aspectos explícitos na situação enunciativa que dariam respaldo a essa interpretação.

ii) Conhecimentos prévios

Os indícios apontados pelas crianças nesta categoria mostram que a compreensão de um enunciado irônico envolve também a consideração de fatores totalmente externos à situação restrita da enunciação, o que remete ao caráter dialógico do processo de atribuição de sentidos: na interpretação de um evento comunicativo atual concorrem com os elementos novos vários elementos prévios, como experiências pessoais vivenciadas que se assemelham às das historinhas assistidas, recordação de interação anterior (fora da situação presente de pesquisa) com os episódios trabalhados e/ou conhecimentos gerais de mundo (enciclopédicos). Essa é uma das características da compreensão ativa: ela determina uma série de inter-relações, de consonâncias e multissonâncias com o compreendido (FLORES et al, 2009, p. 63).

Vejamos, então, alguns casos que ilustram a utilização destas duas categorias de pistas nos processos de compreensão da ironia de cada historinha apresentada na pesquisa.

3.1. EPISÓDIO – “Perdidos no Meio do Nada”

Nesta historinha, pretendíamos capturar, por meio da realização das perguntas mencionadas na seção 2.2.2, se as crianças haviam compreendido o comentário feito pelo pai do Cascão (“*Ha, ha, ha! Muito engraçado!*”) à fala de Cebolinha (que apoiava o ponto de vista defendido pouco antes por Cascão, de que eles estavam perdidos) como irônico. As crianças que indicassem ter atribuído um sentido afirmativo (“sim, ele achou engraçado o que Cebolinha dissera”) à fala do pai do Cascão provavelmente não haviam apreendido o efeito de sentido irônico pretendido, já que, supostamente, capturaram apenas o primeiro nível da enunciação. Conforme explica Berrendonner (1982, apud Brait, 1996, p. 118), quando se produz um discurso irônico, ocorre uma enunciação E_1 a propósito de uma anterior E_0 , que se tenta desconsiderar.

O enunciado proferido pelo pai do Cascão, *“Muito engraçado!”*, não sinaliza uma avaliação positiva sincera, mas sim um julgamento depreciativo, que pode ser inferido por meio do acento de valor entonacional. Percebe-se uma mudança relevante no tom da voz do pai do Cascão no momento em que realiza a elocução do comentário irônico, dado que ele estava falando num tom alterado, como se estivesse muito aborrecido com o que dissera seu filho (*“Pai, nós estamos perdidos no meio de um deserto!”*), o que também é corroborado pelos gestos e expressões faciais (cenho franzido, boca cerrada, dedo indicador apontado para o filho, como se pode conferir na ilustração do episódio, no Anexo 1).

Já no momento em que se dirige ao Cebolinha, o pai do Cascão fala num tom bem mais moderado, simulando uma risada perceptivelmente artificial que se articula com uma expressão facial inadequada para uma situação engraçada (os olhos estão altivos, fechados e a boca está aberta, mas sem o formato típico de sorriso). Tem-se aqui um caso típico de *ironia frástica*, já que em lugar de dizer *“não tem graça nenhuma!”*, o personagem prefere dizer o contrário, *“muito engraçado!”*. Note-se que a modalização do enunciado é feita por meio do advérbio de intensidade *“muito”*, que sinaliza uma apreciação enunciativa. Assim, o personagem sinaliza por meio da entonação e das expressões faciais que seu comentário não deve ser entendido como um elogio, e sim, como um julgamento depreciativo.

Dos participantes que pareceram ter compreendido o enunciado do pai do Cascão como irônico, 48% recorreram ao contexto enunciativo anterior - principalmente a partir de informações verbais ou atitudinais (raiva, braveza, chateação) - para basear sua compreensão do sentido irônico, como se pode ver em alguns casos a seguir, em que as crianças dizem apoiar sua compreensão em algo dito anteriormente pelo personagem.

Vejamos, então, alguns exemplos de casos em que se infere ter havido compreensão da ironia neste primeiro episódio:

Ex. 1 - Participante 2 (ELIANA⁴, 5 anos)

Esta criança foi uma das primeiras a participar da pesquisa, destacando-se por sua simpatia, postura (esteve o tempo todo de pernas cruzadas, mantendo a coluna reta e o

⁴ Os nomes das crianças citados neste trabalho são fictícios.

olhar elevado) e notável articulação verbal, para uma criança de apenas cinco anos. Das onze crianças na faixa dos cinco anos, Eliana foi uma das três que pareceu atribuir sentido irônico nos três episódios apresentados, e embora tenha aparentado não saber explicar suas respostas logo que era perguntada, sempre conseguia elaborar alguma justificativa para o que havia dito.

Vejamos, então, o trecho da interação⁵ com a pesquisadora após a exibição da primeira parte do episódio “*Perdidos no meio do nada*”:

Pq – E aí... o Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₂ – [bastante segura] Tá perdido!

Pq – É? Como é que você sabe? Por que você acha isso?

P₂ – Num sei... [olha para o monitor e faz um gesto levantando os ombros]

Pq – Tá bom... vamo seguir vendo, tá? [maneja o computador]

P₂ – Hum-hum!

[prossegue a exibição, onde aparece o enunciado irônico]

[exibição pausada]

Pq – E o Cebolinha... o que é que o Cebolinha achou daquele lugar [aponta para a tela do computador]?

P₂ – Achou... num achou bom... [fala, levantando um pouco os ombros e mexendo com os dedos das mãos]

P₂ – Por que é que você acha que ele não gostou?

P₂ – [olha para a tela, enquanto estrala os dedos] É porque ele acha que tá perdido...

Pq – E o pai do Cascão... achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂ – Não! [balançando a cabeça, negativamente]

Pq – Não? Como é que você sabe... que ele não achou engraçado?

P₂ – [faz um gesto levantando os ombros e olhando para o lado, como que dizendo não saber] Porque eu vi!

Pq – Cê viu? O que foi que cê viu?

⁵ A tabela das Convenções de Transcrição pode ser conferida na p. 52.

P₂ – [olha para o lado] ...ele dizendo! [levanta os ombros]

P_q – Cê quer que eu volte... cê quer que eu volte um pouquinho pra você ver de novo?

P₂ – [balança a cabeça, assentindo]

[repete-se a cena em que ocorre a ironia]

[exibição é pausada]

P_q – E aí... o pai do Cascão achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂ – Não!! [responde com firmeza]

P_q – Mas ele não disse, “ha, ha, ha! Muito engraçado!” [fala, imitando a entonação do personagem]? O que é que ele quis dizer com isso?

P₂ – Que::: num sei! [move os ombros, rapidamente]

P_q – Mas você acha que não foi engraçado?

P₂ – Não! [responde, ao mesmo tempo em que balança a cabeça, negativamente]

P_q – Tá bom... vamo ver aqui... o restinho... [maneja o computador] já tá terminando, tá?
[segue e termina a exibição do episódio]

P_q – E aí... o pai do Cascão... mudou de idéia sobre o lugar?

P₂ – Mudou! [balançando a cabeça]

P_q – Ele acha que tão perdido ou que não tão perdido?

P₂ – Que não tão perdido! [balança a cabeça, negativamente]

As respostas de Eliana apontam que ela teve clareza quanto aos pontos de vista presentes na situação: logo no início, ela diz com segurança (como se pode notar na firmeza e prontidão da resposta) o ponto de vista do personagem Cascão (estamos perdidos) e explica o entendimento que teve da fala do Cebolinha (quando disse, “*Pois pla mim nós estamos no meio do nada!*”), como sendo a mesma defendida por seu amigo Cascão (“nós estamos perdidos no meio de um deserto!”).

Quanto ao enunciado irônico do pai do Cascão, Eliana parece tê-lo capturado, como se vê na resposta enfática (“Não!”, acompanhada do gesto negativo com a cabeça) dada duas vezes, embora não consiga apontar em detalhe como chegou a esse entendimento. Na segunda vez em que a pesquisadora realiza a pergunta crítica, após ter exibido de novo o trecho em que ocorre a ironia, ela tenta reproduzir o modo de falar do pai do Cascão, a fim de ver se a criança apontaria a entonação característica da ironia pronunciada pelo personagem como uma pista usada no seu reconhecimento. No entanto, a criança parece ignorar tal detalhe, e mantém o que havia dito. A explicação máxima que conseguiu dar foi apenas dizer que vira “ele (o pai do Cascão) dizendo”, o que indica o possível reconhecimento de um sentido irônico praticamente imediato à elocução. Podemos cogitar que, nesta situação em particular, a criança parece não ter tido condições de realizar uma reflexão sobre o que havia sido dito, sobre a construção verbal do enunciado. Para usar um termo empregado por Vico (1668-1744, escolástico moderno, citado por Marková, 2006), ela não pode não ter desenvolvido ainda a habilidade “*metacomunicativa*”, fundamental no uso da ironia, que consistiria na habilidade de refletir sobre sua própria comunicação e a comunicação dos outros, já que “quando ironizamos alguma coisa, temos que ser capazes de refletir sobre a linguagem em si” (IBID, p.101).

Ex. 2 - Participante 24 (ALICE, 5 anos)

Esta criança foi bastante atenciosa durante toda a atividade de pesquisa, acompanhou algumas falas dos personagens com expressões faciais de alegria, surpresa, desagrado e respondeu a todas as perguntas. A resposta tranquila e segura (sublinhada na transcrição abaixo) dada à pergunta da compreensão da ironia (“O pai do Cascão achou engraçado o que o Cebolinha disse?”) dá indícios de que ela notou o sentido irônico do comentário feito pelo pai do Cascão em relação à fala do Cebolinha. Logo de início, ela parecia não saber como havia chegado a essa conclusão, como se pode perceber nos gestos e expressões que faz (levanta os ombros e faz uma caretinha), mas em seguida, ela aponta algo que ele (o pai do Cascão) havia dito no início da história (“*Pois eu vou mostrar pra vocês que eu sei muito bem onde estamos!*”) como sendo a base sobre a qual ela entendera seu comentário como irônico.

Isto aponta para o papel crucial dos enunciados prévios, dos já-ditos, na construção de sentidos num texto, seja oral ou escrito. Nesse caso, a criança fez referência (“ele disse que sabia... onde estava”) justamente ao enunciado que traz o ponto de vista defendido pelo personagem como sendo o elemento que não permitia que o enunciado “*Muito engraçado!*” fosse entendido literalmente. Isto sugere que a compreensão de uma ironia realizada em meio a uma argumentação pode estar atrelada à compreensão prévia dos posicionamentos assumidos nela, ou seja, se ficou claro qual é o ponto de vista sustentado por uma das partes (proponente ou oponente), qualquer comentário, seja irônico ou não, feito por essa parte provavelmente será entendido como reforçador ou pelo menos, consonante com ele. Afinal de contas, em circunstâncias normais, e especialmente quando há uma disputa de opiniões, não faz sentido alguém afirmar ou defender uma coisa e, logo a seguir, desmenti-la despropositalmente.

Assim, observando as respostas dadas pela criança neste episódio, é possível inferir que ela compreendeu a fala do pai do Cascão como irônica, e também lhe atribuiu uma função retórica, ou seja, para ela o enunciado irônico respaldava-se no ponto de vista explicitado previamente. Nas últimas respostas, ela indicou não ter notado mudança de ponto de vista no personagem, o que pode sugerir o fortalecimento do argumento por meio da ironia, que o confirmara. A seguir, destacamos trechos da transcrição onde se encontram as perguntas críticas e suas respostas (sublinhadas):

Pq – E aí... o pai do Cascão achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂₄ – Não... [responde com um leve sorriso]

Pq – Não? Como é que você sabe?

P₂₄ – [levanta os ombros, como se não soubesse explicar e faz uma caretinha]

Pq – Por que você acha que ele não achou engraçado?

P₂₄ – [dá uma olhada para o monitor] Porque ele disse que sabia...

Pq – Ele disse que sabia?

P₂₄ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq - Tá bom, vamos ver o resto...

P₂₄ – ...onde estava.

[entre o primeiro e o segundo trecho, exibiu-se o restante do episódio que havia sido interrompido para realização de perguntas]

P_q – E aí... o pai do Cascão mudou de idéia sobre o lugar, ou não?

P₂₄ – [olha um pouco para cima e diz] Não...

P_q – Não? Ele achava antes o quê?

P₂₄ – Que::... [pensa um pouco olhando para o lado] ele estava num... negócio...

P_q – É? E aí... ele continua achando a mesma coisa?

P₂₄ – Hum-hum... [assente, balançando a cabeça]

Ex. 3 - Participante 33 (LEONARDO, 6 anos)

Leonardo foi um participante que se destacou por sua atenciosidade e disposição para colaborar: participou ativamente de toda a atividade de pesquisa, fez muitas perguntas e aparentou bastante interesse nas historinhas apresentadas. Ele, inclusive, chegou a pedir, por duas vezes⁶, que se prosseguisse livremente com as exibições, sem pausas. No entanto, notamos nela certa dificuldade em expressar-se verbalmente, tanto pelo frequente uso de gestos, em lugar de palavras, quanto pela tentativa de reprodução das falas dos personagens⁷.

De acordo com suas respostas, é possível supor que ele percebeu a ironia da fala do pai do Cascão, como se vê no “Não!” enfatizado pelo forte movimento de negação com a cabeça, bem como pelo fato de ter indicado o conhecimento prévio que teria da historinha como a base para tal compreensão (“Porque... na televisão... teve um desse, aí eu vi!”). Esta explicação aponta para o papel crucial dos enunciados prévios, dos já-ditos, na construção de sentidos.

No entanto, dada a proximidade do “Não” da pergunta feita pela pesquisadora, não podemos precisar se houve aqui alguma indução à resposta “não”. Há a possibilidade disto

⁶ Pode ser conferido na transcrição integral localizada no Anexo 6, no final deste trabalho.

⁷ Quase não fez uso de discurso indireto.

ser assim por conta da resposta da criança na pergunta crítica final (a qual diz que o pai do Cascão achava estar perdido no início do episódio).

Quanto à função retórica da ironia, não é possível inferir se ela foi capturada, pois a criança parece não ter atribuído ao personagem o ponto de vista que ele (o pai do Cascão) defendia, que dizia “não estar perdido no deserto”. Ao responder a última pergunta, que questionava o ponto de vista inicial do personagem, a criança diz que ele estava perdido, o que não confere com o diálogo inicial da historinha em que ele argumenta com seu filho que não estava perdido⁸.

A seguir, os trechos em que ocorrem as perguntas críticas e as respostas da criança:

Pq – E o pai do Cascão [aponta para a tela] ... achou engraçado o que o Cebolinha disse? Ou não?

P₃₃ – Não! [responde, balançando fortemente a cabeça de um lado para o outro]

Pq – Não? Por quê? Como é que você sabe disso? Como é que você sabe que ele não achou engraçado?

P₃₃ – Porque... é... na televisão [pisca os olhos e aponta para a tela de TV] aí teve um desse, aí eu vi!

Pq – Ah, você viu um desse na televisão?

P₃₃ – [balança a cabeça, assentindo]

[entre o primeiro e o segundo trecho, exibiu-se o restante do episódio que havia sido interrompido para realização de perguntas]

Pq – E aí, o pai do Cascão... ele mudou de ideia sobre o lugar, ou ele continua achando a mesma coisa?

P₃₃ – Ele... ele... [pisca os olhos] mudou de ideia...

Pq – É? O que é que ele achava no começo? Ele achava que tava perdido ou não?

P₃₃ – [olhando para a tela] Ele tava... perdido! [olha agora para a pesquisadora]

Pela resposta da criança, poderíamos inferir que ela não compreendeu o ponto de vista defendido pelo pai do Cascão no início do episódio (que dizia não estar perdido, em

⁸ Ver tópico 2.2.3, do Capítulo 2 deste trabalho.

oposição ao de seu filho Cascão, que alegava estarem perdidos num deserto), no entanto, é possível também que a criança tenha apenas retomado a primeira opção oferecida pela pesquisadora na pergunta (“tava perdido ou não?”).

Ex. 4 - Participante 27 (JÚLIO, 7 anos)

Outra criança bastante comunicativa e bem humorada, Júlio relatou ter bastante conhecimento prévio acerca das historinhas apresentadas, como se pode ver nas respostas dadas abaixo e em outros trechos⁹, nos quais a criança aparece muito feliz de rever episódios já conhecidos, chegando até a acompanhar a fala e os gestos dos personagens. Conforme se percebe na resposta dada, a criança recorre ao conhecimento prévio que teria a partir de suas experiências anteriores (em outras circunstâncias, fora da situação de pesquisa) com a historinha (“É porque eu já assisti... duas vezes”) para embasar sua compreensão. Ela parece fazer uma tentativa de recordação do episódio, como se pode inferir da hesitação em dar a resposta e da atitude física dela (ficou olhando para baixo por uns segundos antes de responder “Não”). Vejamos, abaixo:

Pq – E o pai do Cascão... achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂₇ – É::: [responde, olhando um pouco para baixo, como tentando se lembrar] Não!

Pq – Não? Como é que você sabe disso?

P₂₇ – É porque eu já assisti! [responde, sorrindo]

Pq – Ah, tu já assistiu?

P₂₇ – Duas vezes! [mostra, sorridente, os dois dedos da mão, juntos]

Pq – Duas vezes, foi?

P₂₇ – [balança a cabeça, assentindo]

[entre o primeiro e o segundo trecho, exibiu-se o restante do episódio que havia sido interrompido para realização de perguntas]

Pq – E aí... o pai do Cascão mudou de idéia sobre o lugar, ou não?

⁹ Ver transcrição integral no Anexo 7, no final deste trabalho.

P₂₇ – É:::: [olha para baixo, procurando uma resposta] Pode repetir a pergunta, por favor?

P_q – O pai do Cascão... ele mudou de idéia sobre o lugar...

P₂₇ – É:: não!

P_q - ...ou ele continua achando a mesma coisa que antes?

P₂₇ – Ele continua achando a mesma coisa!

Embora seja provável que tenha havido compreensão da ironia no comentário feito pelo pai do Cascão, não é possível, inferir se a criança capturou a função retórica do comentário irônico do pai do Cascão, já que ela aparentou certa insegurança (perceptível nas hesitações e na solicitação de repetição da pergunta) quanto à resposta da pergunta referente à ela (“O pai do Cascão mudou de ideia sobre o lugar?”). É possível que ele haja considerado que o personagem manteve o ponto de vista defendido, embora não possamos afirmar que ponto de vista seria este, já que não ficou explicitado o que ele havia entendido com “a mesma coisa”.

Ex. 5 - Participante 1 (CARLA, 8 anos)

Este caso é bastante interessante pelo fato de que a criança parece construir o sentido irônico da fala do pai do Cascão a partir de conhecimentos oriundos de sua experiência de vida, apresentada por ela como análoga à situação discursiva da historinha, como pode ser visto abaixo no trecho sublinhado. Este exemplo remete claramente ao caráter dialógico da compreensão – ela faz corresponder uma série de palavras suas às palavras dos personagens, atribuindo-lhes, assim, um sentido. É importante ressaltar que a expressão verbal desta criança é marcada por frequentes prolongamentos, pausas, tom de voz “manhoso” e é acompanhada de várias expressões faciais e gestos. O que pode parecer vacilação ou incerteza nos trechos destacados aqui da transcrição são apenas peculiaridades do modo de falar dela, que podem ser percebidos ao longo de toda a interação¹⁰.

A explicação dada por ela à atribuição de sentido irônico ao comentário do pai do Cascão parece enquadrar-se no que Hutcheon chama de função “provisória” da ironia,

¹⁰ Conferir no Anexo 8.

quando se infere do ironista uma atitude dissimulada, que possibilita que assuma duas posições mutuamente exclusivas (Hutcheon, 2000, p. 82). A criança, no exemplo que mencionou de uma situação parecida com seu irmão, disse ter dado uma resposta que, para ela, não representava a verdade (ela não havia achado engraçado o que o irmão dissera), mas permitia ao seu irmão que a interpretasse de modo que lhe parecia favorável (ele pensou que ela achou engraçado).

Quanto à função retórica da ironia, não se pode afirmar que ela a percebeu, já que respondeu que sim, que houve mudança de posicionamento por parte do pai do Cascão. Para fundamentar esta compreensão, a criança indicou ter se baseado em uma informação visual (“... ele mudou, porque ele viu a placa”). No entanto, conforme pode ser conferido na transcrição da sequência deste trecho do episódio (ver subtópico 2.2.3), o pai do Cascão reafirma que não estavam perdidos, o que indica que ele manteve seu ponto de vista até o final. Vejamos, abaixo, trechos destacados da interação:

Pq – E aí, o que o Cebolinha achou desse lugar?

P₁ - Que... que... que não tem nada [gesticula com as mãos abertas e espalmadas], que tá no meio do nada! [faz expressão sorridente]

Pq – É? Então... ele pensa igual que o Cascão, ou pensa diferente?

P₁ - Ele... [olha pra frente] pensa diferente... um pouquinho...

Pq – Ah, é? E o pai do Cascão achou engraçado aquilo que o Cebolinha disse?

P₁ - [sorri, mexendo com os dedos das mãos]

Pq – Hum? Você acha que o pai do Cascão achou engraçado? Quer que eu volte pra você ouvir de novo?

P₁ - A::cho que:: não achou engraçado...

Pq – Por que você acha isso?

P₁ - Porque::: assim... [fala, olhando para o outro lado e mexendo com os dedos] lá em casa, eehh... meu irmão diz uma coisa que eu...que eu... num gostei... que:: ele acha engraçado e eu num acho, aí eu digo, ‘han, han’... rio [expressão facial de enfado], fico rindo, só que... [gesticula com as mãos] aí eu digo, ‘ha, ha, muito engraçado’... só pra num dizer que eu num tô achando engraçado... [fala bem baixinho, ainda gesticulando com as mãos]

Pq – Mas aí, de verdade, você tá achando engraçado?

P₁ - Não! [responde com ênfase]

Pq - ...quando você diz isso?

P₁ - Não! [responde com um sorriso]

Pq – Não?! Ha, ha! [sorri] E aí? Você acha que foi isso que aconteceu aqui? [aponta para a tela]

P₁ - [assente]

Pq – Umm?

P₁ - [assente, olhando firmemente a pesquisadora]

[entre o primeiro e o segundo trecho, exibiu-se o restante do episódio que havia sido interrompido para realização de perguntas]

Pq – E aí... o pai do Cascão mudou de ideia sobre o lugar? Ou ele acha ainda a mesma coisa?

P₁ - [olha um pouco para baixo e depois para cima, como se buscasse uma resposta]

Pq – No início ele disse que tava perdido ou que não tava perdido? O pai?

P₁ - [olha para a tela e responde com ênfase] Que não estava perdido!

Pq – Ummm... e ele mudou de ideia, ou continuou achando a mesma coisas?

P₁ - Eu acho que ele mudou, porque ele viu a placa!

Ex. 6 - Participante 25 (REBECA, 8 anos)

Rebeca foi uma das participantes que se destacou por sua simpatia, bom humor (pareceu divertir-se bastante durante as atividades), atenciosidade e ótima articulação verbal. Ela foi uma das crianças que pareceu haver atribuído sentidos irônicos aos três episódios apresentados.

Neste primeiro episódio, vê-se que ela articulou a elementos não-verbais, como atitudes (raiva, braveza) e movimentos físicos (referindo-se ao pai do Cascão, ela disse que ele “olhou no mapa”) na configuração do sentido irônico das palavras do personagem. Ela identificou o comportamento dele como sendo típico de alguém que está com raiva, como se pode observar ao responder à pergunta crítica: “Não! Muito pelo contrário... ficou

bravo!... Com raiva!”. É possível que ela haja inferido isto a partir de elementos extraverbais, como expressões faciais (no desenho, o personagem aparece com o rosto bastante contrariado, com os olhos fechados e cenho franzido, como pode ser conferido na ilustração do Anexo 1), tom de voz (bastante alterado) e gestos (mãos abertas e erguidas, como se fosse agarrar alguém, como se vê na ilustração) que aparecem no desenho, os quais são considerados socialmente como indicadores de contrariedade.

A criança também relembra as cenas em que o pai do Cascão olhara um mapa (“... ele tentou olhar no mapa, mas ele não achou... nada”), buscando respaldar seu ponto de vista por meio da localização geográfica do lugar em que se encontravam, e atribui a ele uma atitude arrogante, por não admitir que estava errado, mesmo diante das evidências contrárias.

É interessante destacar o comentário feito pela criança – “ele sabe que tá perdido, mas não quer admitir” – o qual pode indicar ter ela apreendido a função retórica da ironia enunciada pelo pai do Cascão, pois já que o argumento dele não se sustentava diante das evidências (o ambiente era característico de deserto), ele tenta ridicularizar o ponto de vista de seu oponente. Se considerarmos a escala tonal de funções da ironia de Hutcheon (2000), este poderia se enquadrar num caso típico de aresta avaliadora de carga negativa, pois aqui a criança compreendeu o enunciado irônico como estando a serviço de uma atitude autoprotetora, isto é, a arrogância percebida no comportamento do pai do Cascão é uma maneira de dissimular um movimento defensivo (ibidem, p.80).

Vejamos os destaques da transcrição deste caso:

Pq – E o Cebolinha... o que é que o Cebolinha achou desse lugar?

P₂₅ – [olha um pouco para cima, pensando] Que:: assim... era um lugar esquisito, que não conhecia...

Pq – Ah... e o pai do Cascão... achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂₅ – Não! [responde com firmeza] Muito pelo contrário... [entonação sorridente] ficou... bra... bravo!

Pq – Foi?

P₂₅ – ... com raiva!

Pq – É? Como é que você notou isso?

P₂₅ – Porque... assim... ele tentou olhar no mapa, mas ele não achou... nada!

P_q – Ah...

P₂₅ – Quer dizer, ele sabe que tá perdido, mas ele não quer admitir! [diz, com ar de riso]

[entre o primeiro e o segundo trecho, exibiu-se o restante do episódio que havia sido interrompido para realização de perguntas]

P_q – E aí... o pai do Cascão mudou de ideia... sobre esse lugar?

P₂₅ – Ah::: [olha para cima, procurando uma resposta] Acho que não!

Vimos, assim, alguns exemplos de crianças que deram indicações de haver atribuído um sentido irônico à fala do pai do Cascão, as quais se basearam em pistas relacionadas ao contexto enunciativo anterior (Alice), ao conhecimento prévio das historinhas (Leonardo e Júlio), ao conhecimento baseado em experiências vividas (Carla) e à atribuição de atitudes aos personagens (Rebeca).

Passemos, agora, a alguns exemplos de casos em que aparentemente não houve atribuição de sentido irônico por parte das crianças neste primeiro episódio.

Ex. 7 - Participante 21 (ANA, 5 anos)

Dos quarenta participantes da pesquisa, apenas três deles pareceram não ter compreendido nenhuma das ironias dos episódios; entre eles, estava esta criança, Ana, de cinco anos, que fazia parte do grupo atendido por uma instituição de apoio educativo-social numa comunidade carente no bairro da Mustardinha. Era uma criança simpática e bastante comunicativa, mas, ao que parece, não conseguiu se engajar nas situações discursivas apresentadas pelas historinhas, como se pode perceber nas respostas evasivas dadas e nas frequentes tentativas de mudança de tópico conversacional durante a interação (isto pode ser conferido no Anexo 10). Não foi possível inferir se houve compreensão da ironia, pois ela não ofereceu nenhuma resposta verbal à primeira pergunta crítica, mas realizou um movimento físico (assentiu, ao mesmo tempo em que se dobrava para o lado) que pode ser um indicador de incerteza.

Várias vezes também ela questionou a respeito do nome dos personagens, apesar de ter afirmado (mais adiante na transcrição) que possuía um DVD da Turma da Mônica, e não parecia prestar muita atenção aos episódios, interrompendo-os frequentemente para fazer perguntas ou comentários que não estavam relacionadas com as historinhas. No trecho abaixo, temos um exemplo disso, logo no início da interação, assim que a pesquisadora fez a primeira interrupção na exibição, para fazer as primeiras perguntas:

P₂₁ – A pessoa tem que escovar antes de ir pra escola? Antes de ir pra sala?

Pq – Hum-hum! ... Veja! O Cascão... você ouviu o que ele falou?

P₂₁ – [assente]

Pq - Ele acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₂₁ – Que não tá perdido... [enquanto fala, ergue-se um pouco e olha para a frente da mesinha]

Pq – É? Vamos ver o resto agora da historinha...

Vimos acima que a criança parece não ter se interessado muito pela historinha em si, que acabara de ser exibida, já que ela fez uma pergunta que nada tinha a ver com o que fora apresentado e levanta-se como se pretendesse sair. Esta pergunta, provavelmente, estava relacionada a um comentário que ela havia feito, segundos antes de começar a exibição do episódio, sobre o aparelho ortodôntico usado pela pesquisadora (ver no Anexo 10, “tu colocou aparelho no dente!”).

Também na resposta que ela dá à pergunta que visava capturar se a criança havia entendido o ponto de vista defendido pelo personagem (no caso, o Cascão, que desempenhava o papel de proponente na argumentação), percebe-se que aparentemente ela não prestou atenção ao que ele dissera, pois lhe atribui o ponto de vista contrário ao que fora explicitamente enunciado (“que não tá perdido”).

Após o trecho acima, a pesquisadora dá prosseguimento à exibição da historinha, porém, mais uma vez, nota-se que a criança não parece interessada em participar, ou pelo menos, estava passando por alguma circunstância (como pode ser o caso da doença de seu irmão) que lhe impedia de concentrar-se na atividade proposta, como se vê na interrupção que faz durante a exibição, abaixo:

P₂₁ – Ei! Uma vez... o meu irmão...

Pq – Ó!... [aponta para a tela]

P₂₁ – ...novinho...

Pq – [pausa a exibição do vídeo]

P₂₁ – ele tá com febre... e ele tá com aquele negócio no olho [aponta para o olho]...pegou do meu outro irmão...

Pq – Conjuntivite?

P₂₁ – [assente] Minha vó tá botando soro...

Pq – E é? Coitado, né? Bichinho...

P₂₁ – Tá sarando...

Pq – Tá... ó! [aponta para a tela] Vamos terminar de ver aqui, tá?

A pesquisadora tenta, após dedicar um pouco de atenção ao problema pessoal compartilhado por Ana, retomar a apresentação do episódio, mas a criança não oferece nenhuma resposta que permita conclusões quanto à compreensão da ironia e de sua função retórica na argumentação em tela.

Vejamos, então, as respostas das perguntas consideradas críticas neste episódio:

Pq – E aí... o pai do Cascão achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂₁ – [assente, dobrando-se para o lado]

Pq – Foi?

P₂₁ – Esse daí é o Cebolinha? [aponta para a tela]

Pq – Não, é o Cascão!

P₂₁ – E o Cebolinha?

Pq – É aquele que falou antes dele...

P₂₁ – [assente]

[entre o primeiro e o segundo trecho, exibiu-se o restante do episódio que havia sido interrompido para realização de perguntas]

Pq – E aí... o pai do Cascão mudou de idéia sobre esse lugar?

P₂₁ – [pensa um pouco e diz] Sim...

Pq – Foi? O que é que ele achava antes... o pai dele?

P₂₁ – [olha para a tela]

Pq – Achava que tava perdido ou não?

P₂₁ – Achava...

Pq – Foi?

P₂₁ – Achava.

Pq – E aí agora... ele mudou, foi?

P₂₁ – [assente]

Conforme dissemos mais acima, as respostas da criança não nos fornecem elementos que possibilitem inferir se houve atribuição de sentido irônico à fala do pai do Cascão, nem se ela capturou alguma função retórica à ela.

Ex. 8 - Participante 20 (MELISSA, 5 anos)

Outra criança que também pareceu não haver entendido nenhuma ironia foi Melissa, de cinco anos, também. Aparentemente, a dificuldade de Melissa estava ligada à timidez, pois ela pouco falou durante a situação de pesquisa, respondendo a maior parte das perguntas apenas balançando a cabeça, afirmativamente, e só depois que a pesquisadora insistia em obter dela uma resposta (como pode ser conferido no Anexo 11).

Provavelmente, pelo fato de não costumar participar de atividades sozinha no ambiente da instituição, de não receber atenção exclusiva (lá são atendidas centenas de crianças em cada turno), somado ao seu perfil tímido, tenha ocasionado um certo bloqueio que a impediu de interagir de forma espontânea e natural durante a atividade de pesquisa. Este foi um dos riscos que sabíamos correr no desenvolvimento da atividade: lidar com crianças que apresentassem dificuldades em verbalizar a respeito das bases que as levaram a produzir os sentidos nas interações.

Vejamos, abaixo, alguns trechos destacados de sua participação neste episódio:

Pq – Que é que o Cebolinha achou desse lugar [aponta com o controle para a televisão]?

P₂₀ – [fica encarando a pesquisadora, sem responder nada]

Pq – Hum?

P₂₀ – [olha para a câmera, com a boca aberta]

Pq – Ele acha que tá perdido também ou não?

P₂₀ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – É?

P₂₀ – [balança a cabeça]

Pq – Tá bom... vamo ver o que o pai do Cascão vai dizer, tá bom? [maneja o controle]

[a exibição é retomada, na qual acontece a fala irônica dopai do Cascão]

[interrompe-se a exibição para a realização da pergunta crítica]

Pq – E aí, o pai do Cascão achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂₀ – [olha para a pesquisadora com os olhos bem abertos e responde afirmativamente com a cabeça]

Pq – Foi? Tá bom... vamo ver aqui o resto da história...

[a exibição é retomada; ao final, a pesquisadora faz as últimas perguntas]

Pq – [olha para a criança e esboça um sorriso]

P₂₀ – [retribui o sorriso]

Pq - E aí... o pai dele, o pai do Cascão mudou de idéia sobre o lugar?

P₂₀ – [responde afirmativamente, balançando a cabeça]

Pq – Sim? O que é que ele achava antes?

P₂₀ – [fica olhando para a pesquisadora, mas não responde]

Pq – Ele achava que tava perdido ou que não... no começo?

P₂₀ – [balança forte a cabeça, afirmativamente]

Pq – E no final...

P₂₀ – [balança a cabeça, negativamente]

Pq – Ele mudou, foi, de ideia?

P₂₀ – [balança a cabeça, afirmativamente]

Pq – Vamo ver agora a próxima historinha, tá?

Como se pode perceber, praticamente todas as respostas desta criança foram apenas gestuais e decorreram da insistência da pesquisadora em obtê-las, o que não nos permite fazer qualquer consideração quanto à atribuição de sentido irônico e do papel da ironia neste episódio por parte da criança.

Ex. 9 - Participante 30 (GABRIELA, 8 anos)

Um dado intrigante foi o fato de que a faixa etária em que houve mais casos de aparente não compreensão da ironia foi a das crianças mais velhas, de oito anos: das dez crianças nesta faixa, metade não indicou ter atribuído sentido irônico à fala do pai do Cascão. Um destes casos foi o de Gabriela, uma criança simpática e comunicativa, que aparentou ter bastante segurança em suas respostas. Vejamos abaixo o trecho de sua participação em que ocorre a pergunta crítica:

Pq – E aí, o Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₃₀ – Que tá perdido! [responde rápido, risonha e balançando a cabeça, afirmativamente]

Pq – E:::: o Cebolinha? O que é que o Cebolinha achou desse lugar?

P₃₀ – [olha para a tela, enquanto responde] Que:: ele... a gente está no meio do nada!
[sorridente]

Pq – É? E o pai do Cascão... achou engraçado aquilo que o Cebolinha disse?

P₃₀ – [olha rapidamente para a tela e diz] Achou! [aparenta segurança, balançando a cabeça]

Pq – Achou? Por que você acha que ele achou?

P₃₀ – [fica olhando uns segundos a tela] Porque ele sabe o mapa todo! [gesticula com as mãos]

Pq – É? Vamos ver o finzinho...

Neste caso, a criança parece não ter apreendido o efeito de sentido irônico pretendido pelo pai do Cascão, pois se deteve apenas no primeiro nível da enunciação, conforme explicação dada por Berrendonner (1982, apud Brait, 1996), citado no início desta seção. A criança parece não ter se dado conta do acento de valor entonacional conferido pelo personagem a sua fala, e compreendeu-a como uma avaliação positiva sincera, e não como um julgamento depreciativo. Segundo podemos depreender de sua própria explicação, sua compreensão do comentário feito pelo pai do Cascão respaldava-se na articulação de informações verbo-visuais: ela indica uma informação disponível numa das cenas anteriores ao comentário, na qual ele aparece abrindo um mapa e dizendo que ia mostrar para Cascão e Cebolinha que sabia muito bem onde estava (conferir na ilustração do episódio, no Anexo 12).

3.2. EPISÓDIO – “Meninos & Meninas”

Este episódio foi o menor dos três apresentados, e envolvia apenas uma pergunta que visava capturar tanto a compreensão da ironia quanto a compreensão do papel retórico do enunciado irônico. Em termos quantitativos, esta foi a situação discursiva que teve o menor percentual de respostas indicativas de compreensão irônica (60%), ou seja, das quarenta crianças que participaram da pesquisa, vinte e quatro delas indicaram ter compreendido a ironia deste episódio.

Na historinha em apreço (cuja transcrição encontra-se no sub-tópico 2.2.3 (letra B), a ilustração, no Anexo 2), a personagem Magali faz uma pergunta retórica irônica (“Tudo mesmo, é? Tudinho?!”), desafiando o argumento proposto por Cebolinha de que os meninos podiam fazer tudo o que as meninas faziam. O trecho exibido e a introdução, contada um pouco antes pela pesquisadora, são bastante curtos em extensão (das três situações discursivas apresentadas, é a menor). O tema em questão – disputa de gêneros – é dos mais

polêmicos, especialmente na faixa etária aproximada dos personagens do desenho (segundo informações disponíveis na web¹¹, Mônica, Magali e Cebolinha têm sete anos), quando ocorre mais intensamente a formação de grupos por sexo e se acirram as diferenças entre eles.

A instauração da ironia neste pequeno trecho do desenho animado poderia ser configurada a partir da integração de informações vindas pelo menos, destas três fontes: **a)** dados verbais (palavras enunciadas); **b)** dados prosódicos (entonação, pausas, timbre de voz, volume); **c)** dados visuais (gestos, expressões faciais, postura) e **d)** conhecimento de mundo (convenções sociais).

A entonação expressiva, até certo ponto melodiosa, empregada por Magali no enunciado, além das informações visuais, como a postura ativa (marcada pelos olhos fechados, queixo elevado e braços cruzados) e o sorrisinho de canto de boca (conforme pode ser conferido na reprodução das cenas do episódio, disposta na seção Anexos), deixam entrever uma intenção comunicativa que não se limitava a um mero questionamento, mas que objetivava atacar o ponto de vista defendido.

E vale lembrar que temos aqui um exemplo claro de reavaliação de uma palavra, quando uma mudança no contexto apreciativo de uma palavra redonda em mudança de significação (Bakhtin, 1992, p. 135): o *“tudo”* utilizado por Cebolinha, trazendo a ideia de totalidade, ausência de limites, foi deslocado em termos significativos para um *“tudo”* duvidoso, desafiador, rebaixado, portanto, a um nível inferior, por conta da orientação apreciativa evidenciada na entonação e na linguagem gestual da personagem.

Apesar de curto, o episódio não foi exibido por inteiro de uma só vez, mas foi dividido em duas partes: na primeira, aparece Cebolinha lançando seu argumento, sendo a seguir, questionado ironicamente por Magali; interrompe-se a exibição para que se faça a pergunta crítica da compreensão da ironia e de sua função retórica (*“A Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos fazem também?”*) à criança. Depois, dá-se prosseguimento ao episódio, quando Magali então explicita seu posicionamento. A interrupção na exibição é feita justamente devido à presença explícita do contra-argumento de Magali (*“Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!”*), na sequência

¹¹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Turma_da_Mônica

da conversação, o que poderia influir nas respostas dos participantes da pesquisa à questão crítica. Isto é, se deixássemos para fazer a pergunta crítica após esta fala da Magali, não poderíamos dizer se a criança havia notado a ironia da pergunta retórica da personagem e daí inferido seu posicionamento contra-argumentativo, ou se estaria apenas recorrendo ao posicionamento explícito de sua fala.

De fato, após assistirem o restante da conversa entre Magali e Cebolinha, metade das crianças que aparentemente não captou a ironia mudou a resposta que havia dado à questão relativa à compreensão da ironia. Isto sugere que a opção por apresentar o contra-argumento por meio de estratégia discursiva irônica, tornou opaca a intenção de contraposição ao ponto de vista de Cebolinha, comprometendo assim o propósito retórico da pergunta da personagem.

Vejamos um exemplo em que, ao que parece, ocorreu essa opacificação:

Ex. 10 - Participante 3 (AMANDA, 7 anos)

Amanda, embora parecesse ser tímida, colaborou de forma simpática com a pesquisadora na atividade de pesquisa, respondendo a todas as perguntas. Ela pareceu haver compreendido a ironia no primeiro e no terceiro episódios, porém neste segundo, sua resposta indica que ela atribuiu um sentido literal ao que Magali havia perguntado. Vejamos o trecho em que ocorre esta situação:

Pq – Cê deu pra ouvir o que a Magali falou?

P₃ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – Então... o que é que a Magali acha: que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₃ – [balança a cabeça, afirmando]

Pq – A Magali acha que sim?

P₃ – [continua balançando a cabeça, e com um sorrisinho]

Pq – Por que você acha isso?

P₃ – Por causa que “TUDINHO, TUDINHO”!! [ênfatisa a entonação das últimas palavras e acompanha-as com um gesto de mão abertas e expressão facial distendida]

Pq – Então ela tá dizendo que sim... vamo ver aqui o restinho...

[retoma-se a exibição; Magali explicita seu ponto de vista]

[exibição pausada]

[Amanda fica sorrindo e mexendo com as mãos]

Pq – E aí... ela acha que os meninos fazem tudo o que as meninas fazem?

P₃ – Não!! [responde sorrindo, como que admitindo um equívoco]

Pq – Não? Mudou foi?

P₃ – Foi! [responde, sorridente]

Pq – Ah... tá bom... vamos ver agora o próximo episódio... [maneira o computador]

O caso acima ilustra bem a situação de não compreensão de sentido irônico ao enunciado contra-argumentativo da personagem. Temos, aqui, uma pista muito provável de que a criança inicialmente atribuiu um sentido literal ao que Magali havia dito: ela responde reiterando a pergunta feita pela personagem, “*TUDINHO, TUDINHO!*”, reforçando-a por meio da entonação, da duplicação e da gesticulação que fez. Pela expressão facial e pelo gesto que fez com a mão, pode-se inferir também que este sentido parecia-lhe óbvio, não seria passível de ambiguidade. Só depois que assiste o restante do episódio, quando ocorre o enunciado em que Magali explicita seu posicionamento (“Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!”), contrário ao de Cebolinha, é que Amanda percebe que havia um sentido implícito nas entrelinhas daquela pergunta da personagem.

Este exemplo remete a um dos riscos que envolvem a utilização de enunciados com sentidos indiretos em eventos argumentativos: a possibilidade de que os movimentos argumentativos/contra-argumentativos não sejam capturados como tais em função da não-compreensão de um sentido comunicado indiretamente – como a ironia.

Vamos ver, então, mais três exemplos em que há indícios de que não houve compreensão da ironia neste episódio.

Ex. 11 - Participante 20 (MELISSA, 5 anos)

Esta criança é a mesma do Ex. 8, a qual apresentou dificuldades de expressão verbal em todos os episódios. Como dissemos mais acima, a criança tinha uma acentuada timidez, que provavelmente intensificou-se diante da própria situação de pesquisa e/ou de possíveis limitações impostas pelo contexto comunicativo de origem. Da mesma forma que no episódio anterior, Melissa evitou responder verbalmente as perguntas feitas, limitando-se a fazer movimentos afirmativos após cada pergunta. Não foi possível, então, supor qualquer coisa sobre construção de sentidos neste episódio também.

Mesmo assim, vejamos alguns trechos da participação de Melissa no segundo episódio:

Pq – Cê ouviu o que a Magali disse?

P₂₀ – [balança a cabeça, afirmativamente]

P – Ela acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂₀ – [balança a cabeça, afirmativamente]

Pq – É?

P₂₀ – [continua balançando a cabeça]

Pq – Tá bom... vamo ver o final... [maneira o controle]

[a exibição prossegue; a personagem Magali explicita seu posicionamento]

Pq – [olha para a criança e sorri] E aí... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂₀ – [com expressão sorridente, balança a cabeça, afirmativamente]

Pq – Tá bom... vamo ver aqui a próxima... [maneira o controle]

As respostas dadas por Melissa seguiram sempre o mesmo padrão: ela apenas balançava a cabeça afirmativamente. Mesmo após ver o episódio completo, incluindo o trecho em que Magali explicita seu ponto de vista (“Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!”) para seu oponente Cebolinha, a criança mantém a resposta

gestual afirmativa. Assim, não podemos conjecturar nada a respeito da compreensão que teve (ou não) da situação discursiva apresentada.

Ex. 12 - Participante 21 (ANA, 5 anos)

Esta criança é a mesma do Ex. 6, e foi uma das três participantes que aparentemente não conseguiram atribuir sentido irônico em nenhuma das situações apresentadas. Da mesma forma que no episódio anterior, Ana continuou bastante dispersiva durante a exibição do desenho, e, apesar de informar que possuía o DVD da Turma da Mônica, ela não deu indícios de que conhecia realmente os personagens e suas características, como quando aparentou surpresa ao ouvir o nome do personagem Cascão, no início da conversa com a pesquisadora (pode ser conferido na transcrição integral da atividade, no Anexo 10).

No trecho logo abaixo, Ana parece não prestar atenção ao diálogo travado entre os personagens, chamando a atenção apenas para características gráfico-visuais do desenho:

[segue a exibição do vídeo]

Cebolinha – *Ah... que tudo o que vocês, meninas fazem, nós, meninos, também fazemos!*

Cascão – *Ah, é?*

Cebolinha – *É isso aí!*

Magali – *Tudo mesmo é? Tudinho?!*

P₂₁ – A boca da pessoa vai pra cá e depois vai pra ali [aponta com a mão o rosto indicando o movimento de perfil dos personagens]

[o vídeo é pausado]

Pq – E aí, viu o que a Magali disse? Ela acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂₁ – [assente com um leve sorriso] Ela acha que também faz!

Pq – É? Como é que você sabe disso?

P₂₁ – Sabendo! [faz expressão e entonação como se fosse óbvio]

P_q – É?

P₂₁ – [assente, com uma expressão séria]

P_q – Tá bom! Vê...

P₂₁ – Eu tenho o DVD dela!

P_q – É? Tu tem?

P₂₁ – [assente]

À continuação da exibição do episódio, vemos que Ana atribui um sentido literal à pergunta de Magali (“Tudo mesmo, é? Tudinho?!”), e diz que ela acha que tudo o que as meninas fazem, os meninos podem fazer. Este é precisamente o ponto de vista defendido por Cebolinha, que no caso em análise, passa a ser atribuído à Magali também; dessa forma, não se caracterizaria uma situação argumentativa entre os dois personagens, já que não haveria divergência de opinião entre eles. Ao ser indagada sobre como chegara a essa conclusão, a criança dá uma resposta que sugere ser aquele sentido óbvio para ela, como pode se inferir da entonação com a qual diz “Sabendo!!”. Logo em seguida, ela dispõe uma informação que poderia ser uma justificativa da sua compreensão: ela diz possuir o DVD da Turma da Mônica. Em outras circunstâncias, como ocorreu com outras crianças nesta pesquisa, foi possível considerar uma informação desse tipo como conhecimento prévio da historinha; já no caso de Ana, seria temerário fazê-lo por conta de uma série de indícios que não confirmam um conhecimento razoável dos enredos, ou uma maior familiaridade da criança com os personagens.

Ex. 13 - Participante 33 (LEONARDO, 6 anos)

Esta criança consta também nesta seção de análises no Exemplo 3, no qual mencionamos como sua característica mais marcante era a dificuldade que tinha de expressão verbal, e que ficou mais perceptível durante este segundo episódio, que teve de ser repetido mais vezes (foram quatro) que nas interações com outras crianças (na maioria, apenas uma vez, no máximo, duas).

Vejamos, a seguir, algumas passagens dos diálogos com a pesquisadora, neste episódio:

[inicia-se a exibição]

Cebolinha – *Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!*

P₃₃ – Ah, já vi!

Cascão – *Ah, é?!*

Cebolinha – *É isso aí!!*

Magali – *Tudo mesmo é? TUDINHO?!*

[o vídeo é pausado]

P₃₃ – Aquele ali... é Cebolinha [tenta distinguir os personagens, que aparecem sombreados, destacando apenas suas silhuetas] ...o Cascão, e... aquele que tá assim... [imita a postura lateral do personagem, fazendo um bico]

P_q – É a Mônica!

P₃₃ – Aquele que tá assim... [põe uma mão na cintura e a outra com o indicador em riste na altura do rosto, imitando a posição de outro personagem]

P_q – [olha para a criança e depois para a tela] Esse aí é o Cebolinha, né?

P₃₃ – E o outro? [aponta para o lado esquerdo da tela]

P_q – Aquele que tá sentado é o Cascão! A Mônica tá na frente do Cebolinha e a Magali tá ali de lado [aponta para a tela, indicando as posições dos personagens]

P₃₃ – Aquela... [imita a postura da Magali]?

P_q – É a Magali... Cê ouviu o que a Magali falou?

P₃₃ – [assente levemente com a cabeça]

[ouve-se um ruído perto da porta, do lado externo]

P₃₃ – Ó pra aí! [aponta em direção à porta]

P_q – [olha para a porta também] Alguém mexeu na porta... Eu vou voltar um pouquinho pra você ouvir, tá bom?

P₃₃ – [assente]

[exibe-se novamente o episódio]

[o vídeo é pausado]

Logo de início, a criança informa conhecer o episódio, o que gerou uma expectativa de que ela conseguisse elaborar mais comentários sobre esta historinha. No entanto, as muitas perguntas referentes aos personagens ao longo da conversa (como as que estão logo acima) deixaram a impressão de que ela não os reconheceu de imediato, o que indica que provavelmente ela se enganou (ou seja, havia assistido a outra história, e não a esta) ou que já fazia muito tempo que não tinha contato com ela.

É notável também o interesse que ela tem pelos elementos visuais, pelos contornos e pelos gestos feitos pelos personagens, o qual transparece em quase todas as suas falas. Por perceber que a criança se detivera, durante a primeira exibição, apenas no reconhecimento dos personagens, e que se distraíra com um ruído de fora da sala, a pesquisadora resolve recomençar a exibição. Logo após assisti-la, a criança toma a palavra, já tentando reproduzir o que falara a Magali:

P₃₃ – Assim: “tudo mesmo é? Tudinho!” [imita a fala da Magali, fazendo um gesto com a mão]

P_q – E aí... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₃₃ – [olha para a tela e diz, balançando a cabeça, afirmativamente] Faz!

P_q – Ela concorda com o que o Cebolinha disse? É?

P₃₃ – [assente, balançando a cabeça] Concorda! [diz, sério]

P_q – Tá bom! Vamo ver agora o final...

Mais uma vez, percebemos como a linguagem gestual parece ser importante na comunicação desta criança: assim que é interrompido o episódio, antes mesmo de a pesquisadora fazer a pergunta, a criança faz uma imitação da fala da personagem Magali, acompanhada de gestos semelhantes aos realizados no desenho. Pela resposta dada à

pergunta crítica, pode-se inferir que a criança atribuiu um sentido direto, literal (“Faz!”), à pergunta feita por Magali, colocando-a do mesmo lado da posição defendida por Cebolinha, que argumentava que “tudo o que as meninas fazem os meninos podem também fazer”. Sendo esta a compreensão construída pela criança, não restaria lugar para nenhuma “função retórica”, visto que sem divergência de opiniões não se estabelece o cenário dialético ou condição pragmática que permite a emergência de uma argumentação (Van Eemeren & Grootendorst, 1984).

Após ver o episódio pela segunda vez, a criança tenta explicar o que tinha entendido, mas não consegue articular nenhuma frase, recorrendo, então, à gesticulação, como podemos ver abaixo, mas igualmente não fala nada, apenas imita a postura do personagem na cena:

[logo após a segunda exibição do episódio]

P₃₃ – Assim... assim... [com uma mão estendida, tenta falar alguma coisa sobre o episódio, mas não consegue] bota aí de novo pra eu ver...

[exibe-se novamente o episódio – 3ª. vez]

[exibição pausada]

P₃₃ – É assim... tudi-n-h-o! TUDINHO! [imita a fala do Cebolinha e gesticula com a mão]

P_q – Ahaha! [sorri] E aí, a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem? A Magali?

P₃₃ – Fazem não! [responde enfático, balançando a cabeça para um lado e outro]

P_q – Fazem não? Por que você acha que não?

P₃₃ – [olha para baixo um pouco] Porque! [responde, sério]

P_q – Hum?

P₃₃ – Porque! [encara a pesquisadora]

P_q – Por que o quê?

P₃₃ – Porque... porque... aquela é quem? que tá assim... [aponta para um personagem no lado direito da cena]

Pq – É a Magali! A que falou é a Magali!

P₃₃ – Assim... assim... [tenta dizer alguma coisa, mas não consegue]

Pq – Como é que você sabe que ela não concorda com o Cebolinha? Que ela acha que não... que as meninas não fazem...

P₃₃ – Ah, é assim... [abre os braços] POR QUE NÃO? Aí... [fica com os braços abertos, tentando dizer algo, mas não consegue; pronuncia algumas palavras ininteligíveis] bota aí de novo...

Após ver o episódio pela terceira vez, Leonardo consegue repetir o que havia dito Magali, na pergunta irônica feita ao Cebolinha. Questionado quanto à opinião de Magali em relação ao que dissera Cebolinha, desta vez Leonardo responde que não, o que indica que houve uma mudança na atribuição de sentido da criança à pergunta retórica da personagem. Porém, a criança não consegue elaborar uma justificativa que explique essa mudança, usando como resposta suficiente um “PORQUE!”, como indicando algo óbvio, ou que não sabia o que dizer. É interessante ressaltar que este tipo de explicação (“PORQUE!”) também foi empregada por outras duas crianças que eram da mesma instituição onde se encontrava Leonardo.

Diante da dificuldade em explicitar as bases de sua compreensão (como se pode ver no último turno dela, logo acima) a criança recorre outra vez à gesticulação e pede mais uma vez para assistir o episódio (4ª vez). No entanto, ao final da exibição, ela parece se render diante da impossibilidade de elaboração compreensiva da situação apresentada:

[o episódio é exibido pela 4ª vez, integralmente]

P₃₃ – Eu num tô entendendo nada! [cruza os braços sobre o peito e fica com expressão de contrariedade]

[exibição pausada]

Assim, a partir do caso de Leonardo, podemos inferir que a possibilidade de compreensão da ironia de uma criança pode variar de situação para situação, já que ele

pareceu ter apreendido os enunciados irônicos dos outros episódios apresentados, mesmo com toda a dificuldade que tinha para expressar-se verbalmente.

Quanto aos casos em que se infere ter havido compreensão da ironia neste segundo episódio, “*Meninos e meninas*”, um dado é bastante interessante: a maioria dos participantes (aproximadamente 54%) explicou ter atribuído sentido irônico neste episódio devido à inadequação do que fora enunciado diante de uma dada convenção social – meninos não podem fazer coisas de menina. Vejamos, a seguir, alguns exemplos:

Ex. 14 - Participante 2 (ELIANA, 5 anos)

No início da exibição deste episódio, Eliana informa enfaticamente (fala alto e em tom de surpresa) que possuía este DVD e que já assistira este episódio. Porém, ao ser indagada pelo nome das personagens que aparecem na cena, ela não consegue responder, sendo então, ajudada pela pesquisadora a recordá-los (ver Anexo 4). Ela assiste atentamente à exibição, que é seguida pelo seguinte diálogo com a pesquisadora:

Pq – Cê ouviu o que eles disseram?

P₂ – Hum-hum!

Pq – E aí... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂ – Não [balança a cabeça, negativamente]

Pq – Não? Por que é que você acha isso... por que você acha que ela não acha?

P₂ – Ummm... [comprime os lábios, estalando os dedos]... que:: [faz um gesto abrindo as duas mãos, como dizendo não saber]

Pq – Alguma coisa ali que ela fez ou disse...

P₂ – É:: tá errado!

Pq – Hum?

P₂ – Tá errado! [diz com firmeza]

P – Tá errado? Por quê?

P₂ – Porque... [olha para a tela] meninos e meninas não pode brincar!

Pq – É?

P₂ – [assente, balançando a cabeça]

P_q – Tá bom... vamo ver aqui o restinho...

A criança responde prontamente que não, o que sugere que ela entendeu a pergunta feita por Magali como estando em oposição ao que fora dito por Cebolinha. No entanto, ao ser solicitada a explicar o porquê desta sua compreensão, a criança parece não saber o que dizer, como se pode perceber em sua expressão facial (lábios comprimidos), seus gestos (estalar de dedos, depois mãos abertas) e hesitações na fala, mas de repente, ela toma uma posição valorativa a respeito do assunto: *“Tá errado!”*, marcada pela ênfase no tom da voz e na reiteração da asserção. O tom, em certo modo, autoritário, aplicado a esta declaração aponta para uma espécie de julgamento de algo considerado inadequado. Logo a seguir, ela associa a compreensão que tivera do enunciado de Magali a uma conhecida convenção social – *“meninos e meninas não podem brincar”*.

Esta parece ser uma crença compartilhada pela criança e atribuída à personagem no episódio, que ilustra bem o caráter cultural, histórico e social dos sentidos produzidos na língua, que é variável ao longo do tempo e sensível ao contexto. Esta pergunta retórica de Magali, realizada em outro momento histórico ou em outro local (comunidades mais flexíveis quanto às distinções entre sexos), possivelmente não se revestiria desse efeito irônico atribuído pelas crianças. O fato de viverem numa sociedade em que ainda se observam papéis exclusivos para homens e para mulheres permitiu-lhes conferir um sentido não-literal à pergunta de Magali.

Ex. 15 - Participante 40 (CIBELLE, 6 anos)

Cibelle, mesmo sendo uma criança de perfil tímido, participou colaborativamente da atividade de pesquisa, respondendo a todas as perguntas, ainda que aparentando certo receio (sempre dava um sorrisinho tímido antes de responder, baixinho, às perguntas, e mexia um pouco com as mãos, como se estivesse ansiosa). Com base em suas respostas, é possível inferir que ela compreendeu as ironias dos três episódios.

Pq – E aí, Cibelle... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₄₀ – Não! [responde prontamente, balançando a cabeça, negativamente]

Pq – Como o Cebolinha disse?

P₄₀ – [balança a cabeça, negativamente]

Pq – Não? Por que é que você acha que não? [pergunta, risonha]

P₄₀ – [olha para a pesquisadora] Porque... umas coisas os meninos fazem e outras coisas as meninas fazem! [responde fazendo um movimento com as mãos em paralelo, indo para um lado e para o outro]

Pq – Ah, é? Tá bom... vamo ver o final... [maneira o computador]

A criança aparenta estar segura quanto ao sentido pretendido por Magali ao fazer a pergunta ao Cebolinha: ela estaria remetendo a uma convenção pré-estabelecida de que haveria atividades próprias para meninas e outras para meninos. Ou seja, já na pergunta da personagem a criança atribuiu um posicionamento valorativo a Magali, relacionado ao argumento que havia sido apresentado por Cebolinha, o que nos permite inferir que ela percebeu o valor retórico do enunciado aparentemente interrogativo da personagem.

Ex. 16 - Participante 1 (CARLA, 8 anos)

Conforme havíamos comentado no Ex.5, Carla foi uma criança que tinha uma característica peculiar no modo de expressar-se: demorava um pouco para começar a falar, prolongava as palavras e fazia bastante uso de variações entonacionais, embora suas respostas fossem bastante articuladas e aparentassem firmeza de opinião. Em todos os episódios, é possível inferir que ela capturou sentidos irônicos nas situações argumentativas apresentadas, e neste episódio, em especial, destacamos a maneira como ela parece atribuir à Magali uma crença (*“ela sabe...”*) por ela também compartilhada (*“meninas não fazem tudo o que os meninos fazem”*).

Sua concordância com esta declaração pode ser inferida a partir da entonação expressiva aplicada à pergunta retórica que ela (Carla) faz: *“um menino vai brincar de*

boneca?!". A articulação de elementos não-verbais (entonação, expressões faciais) presentes nesta pergunta da criança deixa ver seu posicionamento valorativo em relação ao tópico da argumentação, o qual, provavelmente contribuiu na produção do sentido irônico da fala de Magali. Vejamos, abaixo, o trecho do diálogo realizado logo após ela ter assistido ao episódio:

Pq – E aí, a Magali acha que tudo o que os... as meninas fazem os menino também faz?

P₁ - Não, porque ela sabe que... as meNINAS... elas não fazem tudo o que os meninos fazem, nem os meninos fazem tudo o que as meninas fazem... [fala gesticulando, abrindo e fechando as mãos, com uma expressão facial que aparenta obviedade – sobrelanceiras elevadas, aspecto risonho]

Pq – E é? Umm... Como é que você sabe disso? Por que você tá dizendo isso?

P₁ - Porque... [ajeita uma fivela no seu cabelo] um menino... vai brincar de boneca?! [a pergunta tem uma entonação de questionamento retórico, enfatizado pelo olhar incrédulo, expressão facial meio risonha]

Pq – Ha, ha! [sorri] Ahh... cê acha que ela pensou isso aí, esse detalhe?

P₁ - [fala olhando um pouco para cima e abrindo as mãos] É...

Pq – Pode ser, né? [volta a manejar o computador] Vamo ver o restinho...

Ex. 17 - Participante 25 (REBECA, 8 anos)

No início da exibição deste episódio, Rebeca disse já ter assistido essa historinha, o que pode ter contribuído para um conhecimento prévio da posição defendida pela personagem no enunciado irônico. Como se pode ver abaixo, a resposta de Rebeca pareceu seguir na mesma linha de explicação dada por Carla, ou seja, o conhecimento de restrições sociais quanto às atividades desempenhadas por meninos e meninas desempenharia um papel fundamental na construção de sentidos das falas dos personagens.

Embora ela não consiga expressar claramente em que indício baseou sua compreensão ("*... ela deu como se fosse assim dizer...*"), é possível inferir que a criança parece capturar neste episódio a ocorrência de ironia desempenhando uma função retórica. A sua resposta à pergunta crítica, acompanhada dos movimentos e expressões faciais indicam a percepção de um sentido da fala de Magali em franca oposição à opinião

defendida anteriormente por Cebolinha. É interessante o modo como ela explica sua compreensão: os gestos, o tom de voz quase professoral e as expressões “assim”, “por exemplo” e “entende?”, remetem a discursos instrutivos, que oferecem modelos ou que demonstram uma regra. Vejamos abaixo:

Pq – Cê ouviu o que a Magali disse?

P₂₅ – [assente, sorrindo]

Pq – E aí... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂₅ – Não! [responde balançando a cabeça negativamente]

Pq – Não? Por que é que você acha isso?

P₂₅ – [olha para cima e pensa um pouco] Ummm...

Pq – Por que você acha isso? Ela disse alguma coisa que deu... que você percebeu?

P₂₅ – [olha para frente, ainda pensando] Assim... ela deu como se fosse assim dizer... que eles não fazem as mesmas coisas... por exemplo [passa a gesticular com as mãos] os meninos brincam de carrinho e as meninas brincam de boneca, entende? Os meninos nunca vão brincar de boneca e as meninas de carrinho... [gesticula com as mãos juntas, que se movem de um lado para o outro]... mais ou menos assim...

Pq – Ah... tá... vamo ver o que eles vão terminar falando... [maneira o computador]

Passemos, agora, aos exemplos da participação das crianças no terceiro episódio exibido, intitulado “Boas maneiras”.

3.3. EPISÓDIO – “Boas Maneiras”

No terceiro dos três episódios exibidos, apesar de ser o último e o mais extenso, o que poderia ter acarretado cansaço ou desinteresse por parte das crianças, tivemos o maior percentual de respostas indicativas de compreensão da ironia e da função retórica (85%).

O enredo, contado de modo resumido às crianças pela pesquisadora, envolvia o esforço de Cebolinha em convencer seus amigos a acompanhá-lo num curso de boas

maneiras, tendo em vista o receio que nutria de que viesse a ser alvo de zombaria caso fosse sozinho. De início, ele ainda tentara argumentar com o pai dizendo que fazer tal curso era “coisa de menina”, mas o pai ficou firme na decisão e ele então teve a ideia de convidar seus colegas. Para convencê-los, Cebolinha havia descrito a professora como uma mulher muito bonita (*“uma gata... linda e malavilhosa!”*), o que efetivamente surtiu efeito, pois seus colegas o acompanharam na ida à escola da srta. Biju.

O trecho do DVD exibido mostra o instante exato em que Cebolinha, Cascão e mais dois colegas se defrontam com a Srta. Biju: a inesperada aparência da professora (uma senhora idosa, de óculos, cabelos presos num coque, de nariz proeminente) provoca uma reação muito forte dos garotos, demonstrada nos efeitos sonoros característicos de espanto, nas expressões faciais de susto e especialmente nos enunciados irônicos. Logo após as falas irônicas dos amigos de Cebolinha, a exibição era interrompida para as perguntas da pesquisa.

Neste caso, a ironia dos comentários dos personagens parecia se instaurar a partir da integração das seguintes informações: dados verbais (palavras enunciadas que remetiam à descrição dada por Cebolinha a respeito da professora – “linda e maravilhosa”), dados prosódicos (entonação, timbre de voz e volume, notadamente alterados), dados visuais (gestos, expressões faciais, movimentos físicos – típicos de contrariedade, aborrecimento) e atitudinais (comportamentos atribuídos aos personagens – raiva, braveza).

Destacamos alguns exemplos de crianças que parecem ter capturado a ironia e o papel retórico que exercia na historinha. Para facilitar a leitura, organizamos os exemplos trazidos ao corpo do trabalho de acordo com as explicações dadas pelas crianças à compreensão que tiveram da ironia: **A)** *Informações visuais X construção discursiva* - o paradoxo entre a descrição verbal de D. Biju feita por Cebolinha e as características visuais dela quando aparece; **B)** *Informações não-verbais ou suprasegmentais*; **C)** *Atitudes atribuídas aos personagens* – raiva, irritação, fúria, reclamação, chatice e **D)** *Ausência de explicação*.

A) Informações Visuais X Construção Discursiva

Quase a metade (44%) das crianças atribuiu sentido irônico à fala do Cascão a partir do contraste entre as características físicas da Srta. Biju, apreendidas visualmente, e a idéia que faziam dela devido à construção discursiva realizada por Cebolinha no início da história. Algumas disseram que ela era feia (como p.ex., Gabriela, anexo 12), outras, que não era bonita (p.ex., Cibelle, Anexo 14), outras que era velhinha ou uma vovó (p. ex., Rebeca, Anexo 09) e algumas outras que apontaram diretamente as características físicas consideradas desagradáveis (p.ex., Eliana, Anexo 04). A seguir, vejamos dois destes exemplos selecionados:

Ex. 18 - Participante 2 (ELIANA, 5 anos)

Mais uma vez trazemos um exemplo com a participante Eliana, que, de acordo ao apresentado nos Exs. 1 e 14, foi uma criança que sobressaiu-se por sua articulação verbal, não obstante sua pouca idade, e sua disposição em contribuir com a atividade proposta. Ela pareceu haver compreendido as três ironias presentes nas historinhas: na primeira, não conseguiu deixar claro como chegara àquela compreensão, embora tenha assegurado que fora algo dito pelo personagem; já no segundo episódio, ela parece recorrer a uma convenção social para basear seu entendimento da pergunta feita por Magali.

Diferentemente das situações anteriores, no terceiro episódio Eliana aponta ter atribuído um sentido contrário à fala de Cascão por conta da inadequação física da professora: *“ela não do tamanho dele... é muito grande!”*. Parece que houve uma quebra de expectativa em relação à figura da professora por parte da criança, o que aparentemente levou-a a construir o sentido irônico do comentário de Cascão, como se pode inferir de sua resposta inicial: *“... ele queria que seja:: é:: da forma do Cebolinha:: ou dos outros...”*. Como os personagens deste desenho são crianças, provavelmente ela esperava deparar-se com uma figura fisicamente compatível com elas, o que não aconteceu e acabou servindo como pista para a compreensão do comentário dos personagens como irônicos. Vejamos, abaixo, a transcrição:

Pq – Cê ouviu o que ele disse... o Cascão?

P₂ - [assente]

Pq – E aí o Cascão... ele acha que a dona Biju é uma gata?

P₂ – Não! [responde prontamente]

Pq – Não?

P₂ – Não, porque ele queria que seja:: é::: da forma do Cebolinha:: ou [olha para a câmera e fica um pouco encabulada] do outros... [eleva os cotovelos, estralando os dedos; depois levanta os braços sobre a cabeça, ainda fitando a câmera, com timidez]

Pq – O::: você acha que o Cascão achou a senhorita Biju bonita?

P₂ - Não! [fala com os braços erguidos sobre a cabeça]

Pq – Como é que você sabe que ele não achou?

P₂ – Porque:: ela não do tamanho dele... é muito GRANDE! [fala com ênfase]

Pq – É muito grande?

P₂ – Hum-hum!

Pq – E o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele sobre senhorita Biju?

P₂ – Num sei! A senhorita Biju::: num disse nada! [fala com as mãos sobre a cabeça e olha para a câmera]

Pq – Ele tinha dito que ela era bonita, não foi? Pra ele ir com ele pra escola... e aí o Cascão, ele... como é que cê acha que ele ficou depois que viu a cara da senhorita Biju?

P₂ – [com os braços levantados acima da cabeça] num sei...

Pq – Ele ficou contente, ficou chateado, ficou como?

P₂ – É::: chateado!

Pq – Você acha que ele vai ficar na escola com o Cebolinha?

P₂ – Não! [balançando a cabeça]

Pq – Por que cê num acha que ele vai ficar?

P₂ – ele num gostou dela...

Pq – Ele não gostou de quem?

P₂ – Dela!

P – Ok, vamo ver o restinho da história...

[exibe-se o final do episódio]

Pq – Ouviu o que ele disse, “linda e maravilhosa, né Cebolinha!” [imitando o tom do personagem]

P₂ – [começa a sorrir e olha para a câmera, mexendo com os dedos]

Pq – Ele tava achando que a srta. Biju era linda e maravilhosa?

P₂ – Não! [balança a cabeça negativamente e enche as bochechas de ar]

Pq – Não? E por que é que ele disse isso? Cê acha que ele disse isso por quê?

P₂ – [fala em tom de voz alto, olhando para a tela] PORQUE ELE QUERIA MAGOAR ELE!
[aponta para a tela]

Pq – Ah, é? Tá bom...

P₂ – Eu quero ver Meninas & Meninos! [pede, enquanto balança as pernas]

Pq – Cê quer ver? Então tá bom... quando terminar a gente faz... a gente vê o que é que faz, tá bom?

P₂ – [balança a cabeça, assentindo]

Um ponto a destacar neste exemplo é a atribuição de intenção no uso da ironia que a criança faz ao personagem (“porque ele queria magoar ele”), que nos faz remeter àquilo que Hutcheon considera ser a característica fundamental da ironia – sua aresta avaliadora, a qual foi comentada no sub-tópico 1.2.3. Neste caso, a função do enunciado irônico, segundo a interpretação da criança, seria “magoar” o oponente (Cebolinha), podendo, assim, ser enquadrada, de acordo com a escala tonal de funcionamento da ironia, à função de **oposição**, na qual a ironia teria um efeito pragmático insultante e ofensivo, em sua versão desfavorável.

Ex. 19 - Participante 25 (REBECA, 8 anos)

Mais uma vez, temos um exemplo com a criança Rebeca, que, segundo descrevemos nos Exs. 6 e 17, colaborou com atenção e muito bom humor nas três historinhas exibidas, tendo parecido atribuir sentidos irônicos em todas elas. No primeiro

episódio, Rebeca indicou uma atitude percebida no pai do Cascão como pista que a ajudou a compreender a ironia; já no segundo episódio, ela pareceu recorrer a uma convenção socialmente estabelecida quanto aos papéis desempenhados por meninos e meninas, a qual teria respaldado sua compreensão da pergunta de Magali como irônica.

Neste exemplo, a criança atribui ao personagem uma crença: *“ele acha mais é que ela é uma “veia” coroca...”*, explicando que entendera assim porque a personagem teria mais característica de uma idosa do que uma *“mulher chique”*. Temos aqui um evidente contraste de descrições físicas (*“veia coroca”/ “mulher chique”*), que tornariam improvável admitir os enunciados *“Uma gata, né Cascão?!”/ “Linda e maravilhosa, né Cebolinha?!”* como sendo literais, ou como que expressando uma apreciação positiva.

Quanto à função retórica, podemos dizer que a criança parece ter apreendido o objetivo argumentativo da ironia, quando diz que *“ele só iria ficar se fosse... se a srta. Biju fosse uma... mulher bonita!”* (como pode ser conferido logo abaixo, ao final da transcrição). Ela retoma o argumento apresentado inicialmente por Cebolinha para convencer Cascão a fazer o curso (*“a professora é linda”*) para justificar a desistência do Cascão, devido à sua insustentabilidade.

[ambas sorriem]

Pq – E aí, o Cascão acha que a senhorita Biju é uma gata?

P₂₅ – Não! [responde, sorrindo e balançando a cabeça]

Pq – Não?

P₂₅ – Ele acha mais que ela é uma veia coroca!! [diz em tom zombeteiro]

Pq – Ahaha! Como é que você sabe disso? Por que é que você acha isso?

P₂₅ – Porque é assim... ela tem mais característica de uma IDOSA do que... sei lá... uma mulher... chique!

Pq - Ah, é? Tá bom... e ele disse, “uma gata, né Cascão?”

P₂₅ – Hi, hi, hi! [dá uma risada]

Pq - “linda e maravilhosa, né, Cebolinha?”...

P₂₅ – Uma gata... [faz uma entonação que insinua descrédito]

Pq - Ele tava dizendo o que com isso?

P₂₅ – Ele tava dizendo assim que era uma pessoa bonita... chique, charmosa! [faz entonação expressiva]

Pq – Não, o Cascão agora... o que ele falou... cê ouviu o que ele disse,?

P₂₅ – Vi! [balança a cabeça, afirmativamente]

Pq - ...“linda e maravilhosa, né, Cebolinha?” [imita o tom de indignação do personagem] ... ele tava querendo dizer isso, que ela era linda e maravilhosa?

P₂₅ – Não, ele tava querendo dizer o oposto, que é feia e horrorosa! [faz um gesto com as mãos juntas]

Pq - Ah... e é? Ah... tá! Tá bom... E o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele sobre a senhorita Biju?

P₂₅ – Que era uma gata!

Pq – E o Cascão achou a mesma coisa?

P₂₅ – Não! [responde, sorrindo]

Pq – Não...

[exibe-se o final do episódio]

P₂₅ – [dá uma risada]

Pq – E aí... por que é que o Cascão não quis mais ficar na escola?

P₂₅ – Porque... assim... ele só iria ficar se fosse... se a senhorita Biju fosse uma mulher bonita...

Pq – Ah! E ela...

P₂₅ – E ela, pra ele, ela não era! [responde, balançando a cabeça negativamente]

Pq – Pra ele ela não era, né? Tá bom! Ok! É só isso, Rebeca! Obrigada, viu?

B) Informações Não-Verbais e Suprasegmentais

As informações do tipo não-verbais (olhar, riso, meneios de cabeça, gestos) e suprasegmentais (de natureza linguística, mas não de caráter verbal, como pausas e tom de voz) são fundamentais nas interações face a face, pois contribuem para o estabelecimento, manutenção e regulação do contato (Marcuschi, 1999, p. 63). O

desenho animado não é uma interação face a face, propriamente dita, mas frequentemente realiza simulações dela entre os personagens.

Vejamos alguns casos que ilustram a utilização deste tipo de pista na produção do sentido irônico:

Ex. 20 - Participante 24 (ALICE, 5 anos)

Segundo havíamos comentado no Ex. 2, esta criança participou atenta e ativamente durante a exibição dos três episódios, e pareceu haver atribuído sentido irônico em todos eles.

A ironia deste episódio parece ter sido prontamente reconhecida, embora a explicação dada para esta compreensão tenha requerido um esforço de memória que visou a reconstrução da cena, como se percebe na tentativa de reprodução das falas do personagem. A criança destacou a entonação característica empregada pelo personagem – segundo ela, indicadora de uma atitude negativa, de braveza – como sendo a pista contextual que permitia a interpretação irônica.

As posições assumidas pelos personagens neste episódio parecem bem claras para a criança, como se vê na resposta das perguntas quanto à função retórica: ela sustenta o novo ponto de vista de Cascão, explicitado na ironia expressada anteriormente, por meio da resposta verbal reforçada pelo firme movimento da cabeça. A incongruência entre o aspecto da professora conforme descrito por Cebolinha no seu argumento e o que se havia constatado por ocasião do uso da ironia (ele achou-a muito feia) parece respaldar a compreensão irônica da fala do Cascão.

Pq – E aí, o Cascão acha que D. Biju é uma gata?

P₂₄ – [endireita-se na cadeira] Não!

Pq – Não? Como é que você sabe disso?

P₂₄ – [gesticula com os ombros, como dizendo “não sei”]

Pq – Por que você acha isso?

P₂₄ – Porque... [fala sorrindo e olhando para o monitor] ele disse que... ele veio e ele disse,
“é... uma gata” [imita a voz, dando um tom artificial]... ele falou com a voz brava...
 [olha para a pesquisadora e diz com ênfase]

Pq – Ele falou com uma voz brava... foi?

P₂₄ – [assente]

Pq – Ah... e o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele?

P₂₄ – Que ela... que ela era uma gata [fala, sorrindo]

Pq – É? E o Cascão acha a mesma coisa?

P₂₄ – [olha um pouco para o monitor] Acha não [fala balançando a cabeça]!

Pq – Vamos ver o finalzinho...

[exibe-se o final do episódio]

Pq – E aí, por que é que o Cascão não quer ficar mais na escola?

P₂₄ – Porque::: [olha para o lado e pensa um pouco] ...ele achou a senhorita::: [olha para a pesquisadora] muito feia!

Pq – Foi? [sorrindo] Tá bom! Tá bom! Pronto, Alice... é só isso... obrigada, viu?

Ex. 21 - Participante 3 (AMANDA, 7 anos)

Neste exemplo, a criança parece perceber ironia no comentário de Cascão, mas não consegue imediatamente formular uma explicação para sua compreensão. A pesquisadora repete a pergunta e ela indica então a expressão facial do personagem como sendo o índice que possibilitou a realização dessa inferência (“ele fez uma cara feia”). A ambiguidade existente entre o que ele falara e a expressão que fizera, foi a chave para a atribuição da ironia neste episódio para esta participante.

[Amanda olha sorrindo para a pesquisadora]

Pq – Viu a dona... a dona Biju como ela era?

P₃ - [assente, sorridente]

Pq – E aí... o Cascão achou que ela era é uma gata?

P₃ – Não! [responde enfaticamente e sorrindo]

Pq – Não? Como é que você sabe disso?

P₃ – Porque você acha que ele não achou ela uma gata?

Pq – Por que você acha isso?

P₃ – Porque... ele fez uma cara feia quando ela virou na cadeira! [responde, sorridente]

Pq – Fez uma cara feia? Ah, tá... e:: o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele sobre senhorita Bijú?

P₃ – [olha um pouco para baixo e diz] Num me lembro!

Pq – Ele tinha dito que ela era bonita, né? Que ela era uma gata, ela era linda e maravilhosa... e por que será que ele disse isso?

P₃ – Porque ele não sabia como ela era!

Pq – Ah, porque ele não sabia como ela era... descobriu agora?

P₃ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – Tá bom... vamo ver aqui o restinho...

[exibe-se o restante do episódio]

Pq – E aí... por que será que o Cascão não quer mais ir ficar na escola de boas maneiras?

P₃ – Só por causa da professora, porque ele não gostou dela!! [fala com entonação aguda, acompanhada do gesto com as mãos, apontando a tela e a expressão facial de distendida, relaxada]

Pq – Ele não gostou dela, né?

P₃ – [assente, sorrindo]

Quanto à compreensão da função retórica, não podemos inferir, a partir do que disse a criança, se ela entendeu ou não o comentário irônico como sendo uma resposta contrapositiva de Cascão ao argumento apresentado por Cebolinha (vamos fazer o curso porque a professora é muito bonita). Da mesma forma que na resposta relativa à compreensão da ironia, a criança recorre a uma atitude atribuída ao personagem (no caso, desgosto) para responder a última pergunta crítica.

C) Atitudes atribuídas aos personagens

Outra parte das crianças que pareceram compreender a ironia, constituído por 23,5% dos casos, fundamentou sua compreensão nas atitudes que teriam observado nos personagens, tais como raiva, chatice, zanga, irritação, fúria e reclamação. É bem provável que a identificação destas atitudes tenha derivado da observação de expressões faciais, gestos, tom de voz dos personagens, como se pode perceber no próximo exemplo destacado, no qual a criança (Leonardo, 6 anos), não conseguindo expressar uma explicação à sua resposta, tenta imitar os gestos e o tom de voz do personagem:

Ex. 22 - Participante 33 (LEONARDO, 6 anos)

Nas análises feitas nos episódios anteriores, nos Exs. 3 e 13, fizemos comentários sobre a dificuldade que esta criança apresentou em expressar-se verbalmente, o que lhe fazia recorrer constantemente à linguagem gestual para relatar o que havia compreendido. Nas três situações a criança utilizou este mesmo procedimento, tentando reproduzir as falas dos personagens e imitando os gestos que faziam nas cenas. Em termos comparativos, neste último episódio Leonardo conseguiu expressar-se um pouco mais, como se pode ver abaixo na transcrição dos diálogos com a pesquisadora.

Ao responder à primeira pergunta crítica relativa a este episódio, Leonardo parece ter atribuído um sentido irônico ao comentário feito por Cascão ao ver a Srta. Biju, como se pode ver na resposta negativa, porém, ao tentar explicar por que havia entendido assim, ele volta a encenar os movimentos dos personagens, fazendo uma imitação do modo irritado como Cascão se dirigiu ao Cebolinha. Este pode ser um indício de que a criança considerou a forma como o personagem falou (irritado, aparentemente chateado) como um sinal de que seu enunciado (do Cascão) não queria dizer exatamente um elogio, e sim um tipo de reclamação.

Na resposta da pergunta que visava capturar se a criança havia atribuído uma função retórica ao comentário irônico de Cascão, Leonardo parece ter entendido o posicionamento deste personagem na situação argumentativa em curso, embora tenha apontado a mudança de opinião de Cascão a um rompimento da amizade entre Cascão e Cebolinha (“porque... ele... num quer... ser... o amigo de... de Cebolinha, não”). Assim, não

podemos dizer se ele percebeu o comentário irônico de Cascão como uma resposta contra-argumentativa ao que ia de encontro ao argumento que havia sido apresentado por Cebolinha. Abaixo, temos a transcrição da participação da criança:

Pq – E aí... o Cascão acha que a senhorita Biju é uma gata?

P₃₃ – Umm... não!

Pq – Por que é que você acha que ele não acha?

P₃₃ – Porque! [parece incomodado com algo em suas costas] porque... Ce... Cebolinha!! [parece imitar o tom de voz irritado dos personagens]... aí... ah!! [abre a boca, como espantado]... aí depois, “Cebolinha!”... aí Cebolinha fez assim... [abre as mãos com as palmas para cima, e ao mesmo tempo eleva os ombros, como em sinal de desconhecimento; também faz uma expressão com os lábios, que geralmente indica não saber algo]

Pq – Ahaha! [sorri e Leonardo a acompanha também] E o que é que o Cebolinha tinha dito sobre a senhorita Biju?

P₃₃ – [fica sério] Biju? [pensa um pouco, olhando para baixo, mas não diz nada]

Pq – Sim?

Pq – Se lembra que quando ele ligou pro Cascão ele falou da senhorita Biju, da professora? O que foi que ele disse sobre ela?

P₃₃ – Que ela é linda! [fala prontamente e com as mãos juntas]

Pq – Que ela é linda? E o Cascão, ele acha também que ela é linda?

P₃₃ – Acha não... [responde enfaticamente, balançando a cabeça para um lado e outro]

Pq – Não? Tá bom... vamo ver o finalzinho...

[exibe-se o final do episódio]

P₃₃ – Cadê o Cascão?

Pq – Esse, que saiu, de blusa amarela, ó... [aponta para a tela]... que saiu, pela porta...

P₃₃ – [assente afirmativamente, com os braços ainda cruzados]

Pq – E aí... por que é que o Cascão não quer mais ficar na escolinha?

P₃₃ – Porque... é assim... “EU NUM QUERO FICAR COM ESSA ESCOLINHA, NÃO!”

Pq – Por que ele foi embora? Por que ele não quis mais ficar?

P₃₃ – Porque... ele... num quer... ser... o amigo de... de... Cebolinha, não... [fala, piscando muito os olhos]

Vejamos, ainda, outro caso em que a criança apontou uma atitude do personagem como pista seguida na atribuição do sentido irônico:

Ex. 23 - Participante 1 (CARLA, 8 anos)

Nos comentários anteriores a respeito da participação desta criança (ver Exs. 5 e 16), ressaltamos algumas características peculiares de sua maneira de falar (um pouco demorada, com prolongamentos) e de sua boa articulação verbal. Ela pareceu ter compreendido a ironia nos três episódios apresentados, sendo que no primeiro, ela disse ter recorrido a uma experiência pessoal análoga à da situação discursiva exibida, no segundo, ela fez referência a uma convenção socialmente estabelecida e neste terceiro ela aponta a atitude do personagem como pista indicadora do sentido irônico produzido.

Em dois momentos distintos, observamos que ela explica sua compreensão a partir de uma atitude atribuída ao personagem (“ele tá reclamando com o Cebolinha”/ “ele brigou com o Cebolinha”). É interessante notar que ela também aponta uma intencionalidade na falsa justificativa empregada por Cebolinha no seu argumento, ou seja, ele teria propositadamente mentido para Cascão a fim de convencê-lo a fazer o curso com ele (“... o Cebolinha mentiu pra ele, dizendo que a professora era linda só pra ele ir com o Cebolinha”). Isto configuraria, então, uma estratégia retórica, ainda que desonesta, da parte do personagem. É possível inferir que a criança atribuiu uma função retórica ao comentário irônico de Cascão pelo fato de que ela considerou que ele mudou de opinião ao perceber a inconsistência da justificativa (“porque ele viu que a professora ela não era bonita aí ele voltou, pra onde ele tava”) apresentada por Cebolinha ao convencê-lo de fazer o curso. Abaixo, segue a transcrição:

Pq – Cê viu... a Srta. Bijú?

P₁ - [assente]

Pq – Aquela mulher que tava sentada na cadeira, né? E aí, o que é que o Cascão achou... o Cascão achou que a Srta. Bijú era uma gata?

P₁ - [pensa rapidamente ao olhar para a tela] Não! [responde com firmeza]

Pq – Não? Como é que você sabe disso?

P₁ - Porque:: ele tá reclamando com o Cebolinha... [aponta a tela com a mão e fala sorrindo]

Pq – Ele tá reclamando, é? [diz, sorrindo] E o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele?

P₁ - Que:: a:: professora era linda...

Pq – A professora era linda, né... E o Cascão acha que ela é linda? Acha também que ela é linda?

P₁ - Não...

Pq – Não? E como é que você sabe... como é que você percebeu que ele não concordou? Achou que ela não era linda?

P₁ - Porque:: [fala com um sorriso, movendo os braços e em tom que indica obviedade] ele... ele brigou com o Ca... com o Cebolinha!!

Pq – Ele brigou com o Cebolinha? Ahh... tá bom... vou voltar só um pouquinho pra você dar uma olhadinha por último...

Pq– E aí, por que é que o Cascão não quer ficar mais na escola?

P₁ - Porque:: ele num queria ir... e Cebolinha mentiu... o Cebolinha mentiu pra ele, dizendo que a professora era linda, só pra ele ir com o Cebolinha...

Pq – E aí agora ele mudou de idéia por quê?

P₁ - Porque: ele viu:: que a professora:: ela não era boNITA: aí ele VOLTOU, pra onde ele tava!

Pq – Ah:: certo, tá bom! Cê gostou da historinha?

P₁ – Hum-hum!

3.4. Ausência de Explicação

Algumas crianças pareceram ter capturado o sentido irônico dos enunciados destacados nas histórias, porém não conseguiram oferecer uma explicação que apontasse as pistas que lhes ajudaram nessa compreensão. No episódio “Perdidos no meio do nada” foram dez casos, em “Meninos & meninas” foram apenas três casos e neste último episódio,

houve oito casos deste tipo. Pelo que pudemos inferir destas situações, as crianças demonstraram ser um pouco retraídas e, em geral, suas respostas eram sempre bastante resumidas. Com todas elas reiteramos as perguntas, a fim de dar-lhes outra chance de resposta, caso tivesse havido algum mal-compreendido, mas evitamos insistir a fim de não provocar algum constrangimento diante da atividade de pesquisa.

3.5. Não-Compreensão da Ironia e da Função Retórica

Das crianças que participaram neste estudo, apenas três delas aparentemente não conseguiram apreender nenhuma das três ironias das historinhas, sendo que uma delas aparentou certa dificuldade de engajamento na atividade discursiva proposta pela pesquisa e as outras duas, pareceram ter dificuldades por conta da timidez, ou acanhamento diante da atividade de pesquisa. A falta de engajamento numa situação comunicativa qualquer pode ocasionar problemas na compreensão de enunciados, especialmente nas atividades interativas realizadas face a face e nas que utilizam mediação midiática, pois a compreensão nestes eventos é negociada, isto é, co-construída momento a momento, portanto os interlocutores precisam participar ativamente na construção dos sentidos, a fim de que não ocorram compreensões indevidas, já que um texto pode permitir muitas leituras, mas não, infinitas (Marcuschi, 2008, p. 257).

Quanto ao possível acanhamento de algumas crianças durante a atividade proposta, podemos atribuí-la a vários fatores, especialmente se considerarmos que as duas crianças que apresentaram este tipo de dificuldades (assim como a que pareceu não engajar-se na atividade) faziam parte do grupo trabalhado numa instituição de apoio socioeducativo numa comunidade carente da cidade. Provavelmente, além de serem caracteristicamente tímidas e o fato de não estarem acostumadas a participar de atividades individuais no ambiente da instituição, de não receberem atenção exclusiva (lá são atendidas centenas de crianças em cada turno), tenha contribuído para ocasionar um certo bloqueio que as impediu de interagir de forma espontânea e natural durante a atividade de pesquisa. Este foi um dos riscos que sabíamos correr no desenvolvimento da atividade: lidar com crianças que apresentassem dificuldades em verbalizar a respeito de como haviam chegado a produzir os sentidos apontados por elas nas interações.

Vejamos, a seguir, dois exemplos que podem ser enquadrados na não-compreensão da ironia do terceiro episódio apresentado:

Ex. 24 - Participante 20 (MELISSA, 5 anos)

Aparentando estar um pouco cansada já da atividade, possivelmente também pela dificuldade que estava tendo em responder às perguntas, Melissa falou menos neste episódio que nos anteriores, realizando apenas movimentos com a cabeça diante das perguntas. Não podemos dizer categoricamente que não houve compreensão da ironia, mas as respostas gestuais afirmativas dadas em dois momentos distintos (como se podem ver na transcrição abaixo) deixam a impressão que a criança tomou o comentário de Cascão literalmente.

Indagada sobre o motivo pelo qual havia entendido daquela maneira, ela recorre a uma palavra igualmente empregada por outras crianças (p.ex., Leonardo, no Ex. 13) quando não conseguiam explicar como haviam chegado a certas compreensões: “PORQUE!”. Este tipo de resposta, sempre acompanhado de uma entonação, de certo modo, altiva, desafiante, parece encerrar uma indicação de obviedade (a questão não necessita de mais explicação) ou de um reconhecimento de que se chegou a um ponto final (esgotaram os conhecimentos) a respeito do assunto.

O episódio foi exibido integralmente duas vezes, a fim de que a criança tivesse mais uma chance de observar melhor a situação em que ocorria a ironia, no entanto, as respostas dela mantiveram-se na mesma linha. Quanto à questão da função retórica, vê-se que a criança tem dificuldade em elaborar uma resposta, mas ao final parece atribuir a desistência de Cascão em ficar na escola a algo que estaria mais relacionado ao personagem Cebolinha (ela disse, “ele comia sem...”, o que pode ser uma retomada do relato inicial da historinha, quando a pesquisadora conta que Cebolinha fora mandado pelos pais à escola da srta. Biju por comer sem educação).

Dessa forma, não é possível inferir que houve nem a compreensão de algum sentido irônico no episódio, nem muito menos alguma atribuição de função retórica por parte desta criança. Abaixo, dispõe-se a transcrição desta interação:

Pq – Cê ouviu o que o Cascão falou por último?

P₂₀ – [assente levemente]

P – E aí, ele acha que a senhorita Biju é uma gata?

P₂₀ – [olha para a pesquisadora e balança a cabeça, afirmativamente]

P – Hã?

P₂₀ – É!

Pq – Por que você acha isso?

P₂₀ – [balança ainda a cabeça e diz bem baixinho] Porque!

Pq – Hã?

P₂₀ – Porque!! [responde com firmeza, olhando para a pesquisadora e mexendo com os dedos sobre a mesa]

Pq – Por que? O que é que o Cebolinha [aponta para a tela com o controle] tinha dito pra ele sobre a senhorita Biju?

P₂₀ – [não responde nada, fica só olhando a pesquisadora]

Pq – O Cebolinha é esse aí de verde [indica com o controle]... o que é que ele tinha dito sobre a senhorita Biju?

P₂₀ – [continua desenhando com os dedos sobre a mesa e não fala nada]

Pq – Cê lembra... o que eu contei pra você... da história?

P₂₀ – [balança a cabeça, negativamente, enquanto segue desenhando com os dedos sobre a mesa]

Pq – O que é que ele tinha dito da professora?

P₂₀ – [não consegue dizer nada, fica olhando fixamente para o lado, ainda mexendo os dedos]

Pq – Ele falou alguma coisa sobre ela... o que é que ele disse?

P₂₀ – [não responde nada]

Pq – Hã? Tá lembrada?

P₂₀ – [nega, balançando a cabeça]

Pq – Não? O Cascão acha a mesma coisa que o Cebolinha... da senhorita Biju? Hã?

P₂₀ – [assente, sem convicção, balançando levemente a cabeça]

Pq – Vamo ver o finalzinho...

[exibe-se o final do episódio, e depois retoma-se de novo o episódio desde a cena em que aparece a Srta. Biju]

Pq – Cê viu como é que o Cascão tava? Viu?

P₂₀ – [sorri e balança a cabeça, afirmativamente]

Pq – E aí, ele achou que a senhorita Biju era uma gata?

P₂₀ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – Sim?

P₂₀ – [continua assentindo]

Pq – Tá bom... vamo ver o final...

[exibe-se o final do episódio]

Pq – E aí, por que é que o Cascão não quis mais ficar na escola?

P₂₀ – [olha um pouco para a pesquisadora e diz] Porque ele:: porque ele:: ... [olha de repente para baixo, e não levanta mais a cabeça]

Pq – Hã? Vai, diz [com entonação de solicitação], tu ia dizer, vai... [toca no braço da criança e ela olha para a pesquisadora de novo]... que é que tu ia dizer? Por que é que o Cascão foi embora [aponta para a tela] e num quis mais ficar na escola?

P₂₀ – [olha para cima, e retoma a palavra] Porque:: [olha para o lado, buscando o que dizer]ele comia sem, sem... ele comia:: [faz uma caretinha, franzindo a testa e abrindo a boca]

Pq – Hum? Ele comia sem o quê?

P₂₀ – [fica olhando a pesquisadora enquanto mexe com os dedos sobre a mesinha, mas não diz nada]

Pq – Fala... pode falar, vou te ouvir, vai! [inclina-se um pouco à frente]

P₂₀ – [parece bastante acanhada, olhando para baixo]

Ex. 25 - Participante 21 (ANA, 5 anos)

Conforme os comentários feitos nos Exs. 8 e 11, observamos que a participante Ana (P₂₁), de cinco anos, por exemplo, pareceu não ter se engajado nas

situações discursivas apresentadas, como se pode inferir das respostas evasivas e do grande quantidade de gestos sinalizadores de contrariedade e distanciamento. O desempenho dela nos três episódios foi idêntico, o que nos levou a supor que não houve compreensividade responsiva em nenhuma das historinhas.

Neste episódio, em especial, ela aparentou de modo mais explícito a falta de interesse em participar, como se pode ver quando ela diz não saber uma parte da historinha, também quando gesticula com os ombros (sinalizando “não sei”), quando tenta desviar a atenção para alguém correndo fora da sala (a porta estava fechada) e quando diz que não gostava “desse menino” não (o personagem de quem se perguntava, Cascão).

No episódio anterior, “Meninos e meninas”, Ana havia dito que possuía o DVD da Turma da Mônica, mas no presente episódio ela faz referência ao DVD para dizer que não o assistia, mas sim ao da Era do Gelo. É provável que ela tenha querido marcar um distanciamento da situação apresentada e, assim, encerrar mais rapidamente aquelas perguntas. Também se percebe que ela faz uma certa confusão na atribuição das falas dos personagens, o que pode indicar uma não-compreensão da situação discursiva como um todo, e não apenas do enunciado irônico. Abaixo, segue a transcrição da interação com a criança:

P – Aha... E aí, o Cascão acha que D. Biju é uma gata?

P₂₁ – [estica-se para trás na cadeira e gesticula com os braços estendidos, indicando não saber]

Pq – Vou voltar aqui pra você olhar...

P₂₁ – Eu não sei essa parte não...

Pq – Como é? Ó... vê essa parte aí...

[passa de novo o trecho em que eles conhecem a Srta. Biju]

P₂₁ – [fala algo inaudível durante a exibição do episódio]

Pq – Cê viu o que o Cebol... o Cascão disse com o Cebolinha?

P₂₁ – [assente]

Pq – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?

P₂₁ – Cebolinha, linda e maravilhosa, né, Cebolinha? [imita o personagem, balançando-se]

Pq – O Cascão acha que a dona Biju é uma gata?

P₂₁ – [olha para a porta, gesticula com os ombros “não sei”] Óia, o menino tá correndo...

Pq – Ein?

P₂₁ – Acha... e eu sei?...[faz uma careta] ...eu não gosto desse menino não...

Pq – Ah, é?

P₂₁ – ...eu nunca assisto meu DVD... [olha para a câmera] ...eu só assisto a era do gelo...

Pq – Tá...

P₂₁ – Mas só que não assisto essa parte toda não...

Pq – Tá bom... Vê só... o que é que o Cebolinha tinha dito para ele sobre a Srta. Biju?

P₂₁ – Disse, num é, Cebolinha? Tu vai achar uma gatinha... [olha para a pesquisadora]... num é, Cebolinha!

Pq – É? E o Cascão? O Cascão acha a mesma coisa que o Cebolinha?

P₂₁ – [gesticula indicando não saber]

Pq - Ele acha que a dona Biju é uma gata?

P₂₁ – [olha para a pesquisadora e responde com entonação convicta] Ele num acha não... que ele é Cebolinha...

Pq – Ah é? Tá bom! Vamos ver o restinho da história... Presta atenção, que é o final...

[exibe-se o final do episódio]

Pq – E aí, por que é que o Cascão não quer ficar mais na escola?

P₂₁ – [gesticula não saber]

Pq – Cê viu ele indo embora?

P₂₁ – [assente]

Pq – Por que será que ele não quis mais ficar?

P₂₁ – Porque... porque... porque... porque não quis ficar... porque o colega...ficou falando...
[fala movendo-se constantemente]

Pq – O quê?

P₂₁ – O colega...que não... quis... ficar...[inaudível] ...pegou o Cascão e disse, num é, Cebolinha... você achou uma gracinha... aí pegou...pegou o amigo dele e foi-se embora... [pela expressão corporal e facial – olhar comprido, boca tensa - aparenta estar insegura quanto ao que diz]

Pq – Foi? Tá bom. Ok, Ana... é só isso, viu? Obrigada, tá, pela sua participação...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito central deste trabalho foi observar, a partir da perspectiva enunciativa dialógica, como a compreensão de ironia empregada como recurso retórico numa argumentação poderia afetar o reconhecimento de seus elementos básicos (argumento, justificativa, contra-argumento, resposta) por crianças que tivessem entre cinco e oito anos de idade. Foram observadas quarenta crianças numa atividade discursiva que envolvia a exibição de três historinhas de desenho animado, as quais continham, cada uma, uma situação argumentativa com ocorrência de ironia exercendo um papel retórico; também foram feitas algumas perguntas às crianças, que visavam obter indícios da compreensão da ironia e da função retórica desta na argumentação. Para integrar o corpo do trabalho, no entanto, foram selecionadas treze crianças, cujas participações pareceram mais ilustrativas das possibilidades de construção de sentidos do fenômeno em estudo.

As análises realizadas sobre a interação dessas crianças com as historinhas de desenho animado exibidas permitiram-nos fazer interessantes reflexões a respeito de como acontece a compreensão da ironia: cada indivíduo parece inferir o sentido dos enunciados irônicos a partir do estabelecimento particular de relações entre vários tipos de informações, relativas ao contexto (verbal, não-verbal, visual, suprasegmental, atitudinal) e aos conhecimentos prévios acionados em cada evento discursivo. Segundo comentamos no decorrer do texto, consideramos ambos os tipos de informações destacadas (contextuais e conhecimento prévio) como provedoras do contexto integrador que estabelece o sentido do que foi enunciado; a separação entre elas aqui apresentada visou atender à necessidade de especificação dos aspectos considerados, segundo relato das crianças.

Foi interessante notar uma certa tendência no acionamento de um determinado tipo de informação de acordo à particularidade do tema em polêmica: na primeira historinha, que tratava de uma disputa de opinião entre pai e filho, as crianças que aparentaram haver atribuído um sentido irônico ao enunciado em destaque apontaram elementos do próprio cenário discursivo como os indicadores da presença de um sentido diferenciado, como as falas dos personagens ou as atitudes a eles atribuídas. Neste episódio, é importante destacar o fato de que os pontos de vista de cada uma das instâncias

argumentativas já haviam sido explicitados antes da ocorrência da ironia, que aconteceu no terceiro turno de fala do oponente, que correspondia a um movimento contra-argumentativo relativo à fala de um dos personagens da instância proponente. É provável que esta apresentação explícita dos pontos de vista em disputa tenha contribuído de modo decisivo para a atribuição de sentido irônico na fala do personagem, como pode ser observado no relato de várias crianças que afirmaram acreditar que ele não havia achado engraçado o que o Cebolinha dissera por conta do posicionamento assumido claramente pouco antes.

Assim, os casos ilustrativos de compreensão da ironia no primeiro episódio levam-nos a considerar a importância da articulação entre informações verbais (enunciados anteriormente proferidos), informações extraverbais (expressões faciais, gestos, entonação) e informações atitudinais (avaliação negativa ou positiva feita por alguém sobre alguma coisa, que envolve a disposição de agir de uma certa maneira) na instauração do sentido irônico. Por terem percebido a contradição entre estas informações, as crianças exerceram o papel fundamental de coenunciadoras, interpretantes da ironia ensejada na historinha exibida.

No caso do segundo episódio, por sua vez, tivemos uma predominância de relatos apontando conhecimentos prévios como suportes de uma compreensão irônica, o que é bastante sugestivo, dada a temática da disputa: a guerra entre sexos. É de se supor que a proximidade do tema polêmico com a realidade vivenciada pelas crianças tenha repercutido no processo de construção de sentidos desta historinha, como foi evidenciado nas respostas baseadas no conhecimento de uma convenção social que diz que “meninos e meninas não fazem as mesmas coisas”, como foi o caso das quatro crianças que ilustravam a compreensão da ironia (Eliana, Cibelle, Carla e Rebeca). Estes exemplos remetem ao conceito de compreensão dialógica de Bakhtin: a interação de diversos contextos, pontos de vista e falas sociais concorre para a constituição de sentido de um discurso (FLORES e al., 2009, p.63).

O maior índice de não-compreensão da ironia ocorreu neste episódio (40%), o que nos leva a refletir sobre alguns aspectos que o diferenciaram dos demais: a historinha era bem mais curta que as outras (as crianças foram expostas a informações contextuais

imediatas à situação de enunciação muito breves), o enunciado irônico acontece um pouco antes da explicitação do ponto de vista da personagem que a utiliza (propositalmente, foi interrompida a exibição logo após o enunciado considerado irônico, a fim de observar a possibilidade de sua apreensão como tal já naquele momento) e as características visuais da cena requeriam um nível maior de atenção nos detalhes (o ambiente sugerido era o de uma sala de cinema, escura, na qual os personagens eram distinguidos apenas por suas silhuetas e vozes).

O fato de ter sido a menor historinha apresentada acarretou uma menor configuração contextual da situação discursiva, como a introdução menos extensa contada pela pesquisadora, a pequena quantidade de turnos conversacionais (o argumento proposto por Cebolinha já aparece no primeiro turno, e a ironia acontece logo a seguir, ainda antes da explícita exposição do contra-argumento de Magali) e a possível dificuldade de apreensão de indícios extraverbais, como gestos e expressões faciais. Das 24 crianças que pareceram ter compreendido a ironia neste episódio, 79% indicaram basear sua compreensão em conhecimentos prévios (conhecimento prévio da historinha, experiência pessoal, conhecimento de mundo), sendo a maioria deles relacionados a convenções socialmente estabelecidas, enquanto só duas crianças apontaram pistas contextuais como base de sua compreensão.

Este último dado referente às pistas contextuais de certo modo nos chamaram a atenção, pelo fato de que a ironia na fala da personagem Magali, segundo nossa particular apreensão, instaurava-se justamente através da atitude desconfiada, incrédula, sugerida nos dados prosódicos (entonação, pausas, timbre de voz, volume) e visuais (gestos, expressões faciais, postura), perceptíveis durante a fala da personagem. O fato de que estas pistas quase não foram relatadas pelas crianças que pareceram compreender a ironia de Magali, permite-nos refletir sobre a seleção de contextos realizada por cada indivíduo na construção de sentidos, a qual permitiria a desambiguação dos enunciados a partir de consideração de dados oriundos de outras fontes, que não as disponíveis diretamente na situação enunciativa.

Este dado nos leva a considerar que, na ausência de um maior número de indicadores contextuais imediatos à situação de enunciação, as crianças recorreram a seus

conhecimentos de mundo para construir os sentidos do evento discursivo, que pode também ter sido favorecido pela própria questão em debate – disputa de gênero –, algo experimentado por praticamente todas as crianças nesta faixa etária. Segundo explica Charaudeau (2009, p. 30), as hipóteses interpretativas que fazemos para compreender os proósitos contidos em trocas comunicativas não dependem apenas das referências ou experiências vividas pelos interlocutores, mas são construídas igualmente a partir de “saberes que os sujeitos comunicantes supõem existir entre eles”, aos quais ele denomina de “filtros construtores de sentido” (ibidem, p. 31).

Um ponto importante a destacar na análise deste segundo episódio foi o fato de havermos interrompido a exibição logo após a personagem proferir o enunciado considerado irônico (antes, portanto, da explicitação do ponto de vista de Magali), a fim de observar se a intenção irônica seria apontada já nesse momento do diálogo. Queríamos evitar que a escuta da verbalização explícita do ponto de vista pudesse influir nas respostas dos participantes quanto à função retórica da ironia. E, de fato, metade das crianças que inicialmente não pareciam ter apreendido a ironia da fala de Magali mudou de opinião após assistirem o restante da conversa dos personagens. Isto sugere a plausibilidade da preocupação apresentada no início deste trabalho: que formular um movimento argumentativo através de enunciado irônico pode tornar opaca a posição assumida em relação ao ponto de vista apresentado, se de apoio ou rechaço, o que compromete a eficácia retórica almejada com a utilização da ironia.

Já em relação ao terceiro episódio exibido, o destaque fica por conta da importância dada pelas crianças que aparentemente compreenderam a ironia à discrepância entre as informações visuais da situação discursiva e as informações verbais literalmente apreendidas: a Srta. Biju era uma senhora idosa e não preenchia os requisitos de beleza socialmente convencionalizados / Cascão e seu colega a chamaram de “gata”, “linda e maravilhosa”. Quase a metade delas (44%) apontou essa como sendo a pista que os levaram a apreensão do sentido irônico da fala dos personagens, enquanto 23,5% indicaram ter percebido este sentido a partir de atitudes atribuídas aos personagens (raiva, irritação, fúria, reclamação). Neste caso, a atribuição de atitude pode ter ocorrido com base em informações *não-verbais* ou *paralinguísticas* (olhar, gestos, movimentos físicos etc.),

informações *suprasegmentais* (de natureza linguística, mas de caráter não-verbal, como pausas e tom de voz).

Os dois tipos de pistas relatadas como sendo as bases que permitiram a compreensão dos enunciados como irônicos estão no âmbito do que chamamos de pistas contextuais, as quais foram cruciais na construção de contexto integrador que conferiu coerência à situação argumentativa exibida. Neste episódio, pudemos observar de forma marcante como a ironia foi apreendida como desempenhando um papel retórico em relação ao ponto de vista opositivo dos personagens (Cascão e outro colega). A ênfase dada por várias crianças ao apontarem o posicionamento contrário do Cascão, capturado no comentário irônico feito em relação à Srta. Bijú indica a força retórica aplicada ao movimento argumentativo de contraposição quando se utiliza a estratégia discursiva da ironia. O caráter avaliador da ironia neste episódio também sugere a presença da aresta avaliadora de que fala Hutcheon (2000), a qual, pelo que parece nas explicações dadas pelas crianças, foi apreendida em sua carga afetiva de oposição, chamado especificamente de “contradiscursivo”, que é quando sua natureza cortante fica mais evidente.

Em suma, a observação do processo de compreensão da ironia em argumentação realizado pelas crianças participantes da pesquisa mostrou, com certa evidência, que a compreensão de uma ironia realizada numa argumentação parece ser fundamental para que se entendam os posicionamentos que estão em jogo nela. Devido à carga avaliativa que a ironia agrega à apresentação ou refutação de um ponto de vista, o malogro na apreensão de sentidos opositivos instaurados por ela nas situações discursivas apresentadas pareceu ter ocasionado a não-captura dos pontos de vista subjacentes à enunciação irônica. Assim, entendemos que equívocos no estabelecimento das instâncias argumentativas motivados pela não-compreensão de uma ironia pronunciada com fins retóricos, pode por em risco o processo de negociação entre pontos de vista, essencial para a caracterização de uma argumentação.

No entanto, pudemos ver também que, pelo menos em um dos casos (Rebeca, P25, 8 anos), o oposto também parece acontecer: a criança apontou o ponto de vista explicitado inicialmente pelo personagem como a pista que não lhe permitia entender o enunciado irônico literalmente (ver p. 79). Dessa forma, parece plausível dizer que numa

argumentação, havendo clareza quanto aos posicionamentos de cada parte, é possível que um enunciado irônico seja entendido como exercendo um papel retórico, seja de apoio ou de rechaço a um dos argumentos em disputa.

Certamente, conforme pudemos observar neste estudo, a estratégia irônica pode contribuir de forma eficaz na realização de críticas ou de avaliações de argumentos, podendo ser empregada nas atividades discursivas mais diversas, que vão das mais linguisticamente elaboradas, como os discursos científico-acadêmicos, até as mais simples, compreensíveis até para crianças bem pequenas, como vimos nas historinhas de desenho animado.

Esperamos que este trabalho possa contribuir na ampliação da investigação de processos de compreensão da ironia, em especial numa atividade discursiva que tem um papel importante nos processos de construção de conhecimento, a argumentação (Leitão, 2007). O estudo das estratégias discursivas que podem ser empregadas durante o processo de negociação característico da argumentação pode ajudar a destacar o papel crucial das formulações linguísticas para que se alcance o objetivo perseguido numa argumentação: influenciar o ponto de vista da audiência. Segundo Leitão (2003, p. 270), este objetivo impõe restrições específicas nos processos de produção discursiva necessários ao real desenvolvimento da argumentação, sendo a elaboração do conteúdo e a formulação linguística os dois principais aspectos normalmente distinguidos em modelos de produção discursiva. A preocupação com a formulação linguística dos movimentos argumentativos foi justamente o propulsor desta investigação, que pretende ser uma singela contribuição no vasto horizonte dos estudos sobre produção de sentidos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. (2007). **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes.

ACKERMAN, B. P. (1986). **Children's sensitivity to comprehension failure in interpreting a non-literal use of an utterance**. *Child Development*, 57, 485-497.

ARISTÓTELES. (1990). **Retórica**. Madrid: Editorial Gredos.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). (1992). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec.

BRAIT, B. (2008). **Ironia em perspectiva polifônica**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp.

_____(2005). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp.

CHRARAUDEAU, P. (2009). **Linguagem e discurso: modos de organização**. 1ª ed. São Paulo: Contexto.

COLSTON, H. (1997). **Salting a wound or sugaring a pill: the pragmatic functions of ironic criticism**. *Discourse Processes*, 23, 24-53.

COLSTON, R. W. & GIBBS, H. L. (2007). **A brief history of irony**. In: **Irony in language and thought: a cognitive science reader**. New York: Lawrence Erlbaum Associates.

CREUSERE, M. (2000). **A developmental test of theoretical perspectives on the understanding of verbal irony: children's recognition of allusion and pragmatic insincerity**. *Metaphor and symbol*, 15, 29-45.

DEMOREST, A., MEYER, C., PHELPS, E., GARDNER, H. & WINNER, E. (1984). **Words speak louder than actions: understanding deliberately false remarks.** *Child Development*, 55, 1527-1534.

DEWS, S., KEPLAN, J. & WINNER, E. (1995). **Why not say it directly? The social functions of irony.** *Discourse and processes*, 19, 347-367.

DIAS, L. F. **Significação e forma lingüística na visão de Bakhtin.** In Brait (org.) Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.

DUARTE, R. (2002). **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo.** Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março.

ESTEVES, J. M. V. (1997). **Ironia e argumentação.** Tese de Mestrado em Filosofia. Universidade Nova de Lisboa.

FARACO, C. A. (2007). **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola Editorial.

FLORES, V.N.; BARBISAN, L. B.; FINATTO, M. J. B.; TEIXEIRA, M. (2009). **Dicionário de Lingüística da Enunciação.** São Paulo: Contexto.

GIBBS, R. & O'BRIEN, J. E. (1991). **Psychological aspects of irony understanding.** *Journal of Pragmatics*, 16, 523-530.

GIORA, R. (1995). **On irony and negation.** *Discourse processes*, 19, 239-264.

HOUAISS, A. (2007). **Dicionário da Língua Portuguesa.**

HOUTLOSSER, P. (2001). Point of view. In Van Eemeren, F. (ed.). **Crucial concepts in argumentation theory.** Amsterdam: Amsterdam University Press.

HUTCHEON, L. (2000). **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

KINTSCH, W. (1998). **Comprehension: a paradigm for cognition**. Cambridge, MA: Cambridge University Press.

KREUZ, R. J. & GLUCKSBERG, S. (1989). **How to be sarcastic: the echoic reminder theory of verbal irony**. *Journal of Experimental Psychology: General*, 118, 374-386.

KUMON-NAKAMURA, S., GLUCKBERG, S. & BROWN, M. (1995). **How about another piece of pie: the allusional pretense theory of discourse irony**. *Journal of experimental psychology: General*, 124, 3-21.

LEITÃO, S. (2000). **The potential of argument in knowledge building**. *Human Development*, 6, 332-360.

_____. (2007). **Processos de construção do conhecimento: a argumentação em foco**. *Pro-Posições*, v. 18, n.3 (54) – set/dez .

LEVINSON, S. (2007). **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes.

KINDEL, E. A. I. (2003). **A natureza do desenho animado**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS.

MAINGUENEAU, D. (1990). **Éléments de linguistique pour Le texte littéraire**. Paris: Bordas.

_____. (1997). **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes (Ed. da Universidade Estadual de Campinas).

_____. (2008). **Análise de textos de comunicação**. 5ª ed. São Paulo: Cortês.

MARCUSCHI, L. A. (2008). **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial.

_____. (1999). **Aspectos da questão metodológica na análise da interação verbal: o continuum qualitativo/ quantitativo.**

MARKOVÁ, I. (2006). **Dialogicidade e representações sociais: as representações da mente.** Petrópolis: Vozes.

MEIRA, L. (1994). **Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva.** Temas em Psicologia, n.3, p. 59-71.

OLBRECHTS-TYTECA, L. (1974). **Le comique du discours.** Bruxelles: Edition de l'Université de Bruxelles.

PEXMAN, P. (2008). **It's fascinating research: the cognition of verbal irony.** *Current Directions in Psychological Science*, 17, 4, 286-290.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. (1996). **Tratado da Argumentação.** São Paulo: Martins Fontes.

PLANTIN, C. (2009). **A place for figures of speech in argumentation theory.** *Argumentation*, 23, 325-337.

PLATÃO. (2004). Fedro. **Coleção "A obra prima de cada autor"**. São Paulo: Martin Claret.

POTTER, J. (1996). **Representing reality: discourse, rhetoric and social construction.** London: Sage.

REBOUL, O. (1998). **Introdução à retórica.** São Paulo: Martins Fontes.

ROBERTS, R. M. & KREUZ, R. J. (1994). **Why do people use figurative language?** *Psychological Science*, 5, 159-163.

SEIXAS, N. S. A. (2006). **Jornalismo e ironia: produção de sentido em jornais impressos no Brasil**. Tese (doutorado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Letras, Recife.

SEARLE, J. **Intencionalidade**. (2002). São Paulo: Martins Fontes.

SPERBER, D. & WILSON, D. (1995). **Relevance: communication and cognition**. Cambridge, MA: Harvard University Press.

VAN EEMEREN, F. H. & GROOTENDORST, R. (1992). **Argumentation, communications and fallacies: a pragma-dialectical perspective**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

_____. (2004). **A systematic theory of argumentation: the pragma-dialectical approach**. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (1984). **Speech acts in argumentative discourse**. Dordrecht: Foris Publication.

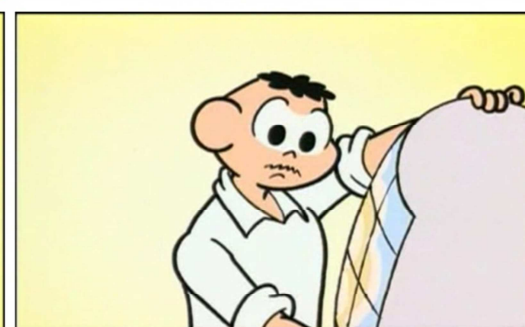
VIGOTSKI, L. S. (2008). **Pensamento e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

WINNER, E., BROWNEL, H., HAPPÉ, F., BLUM, A. & PINCUS, D. (1998). **Distinguishing lies from jokes: Theory of mind deficits and discourse interpretation**. *Brain and language*, 62, 89-106.

WINNER, E. & LEEKAM, S. (1991). **Distinguishing irony from deception: understanding the speaker's second-order intention**. *British Journal of Psychology*, 9, 257-270.

ANEXO 1

ILUSTRAÇÃO DE “PERDIDOS NO MEIO DO NADA”

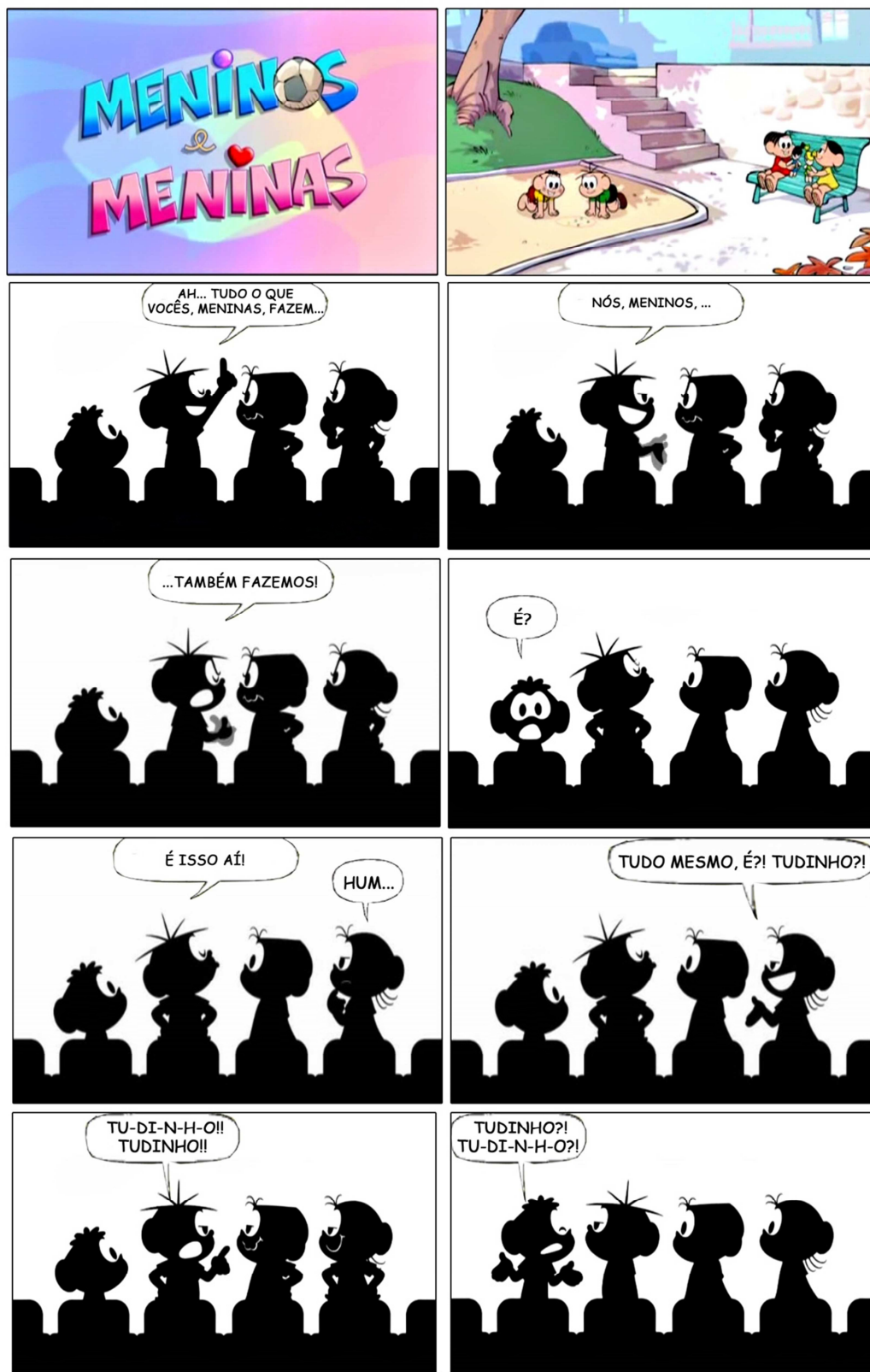


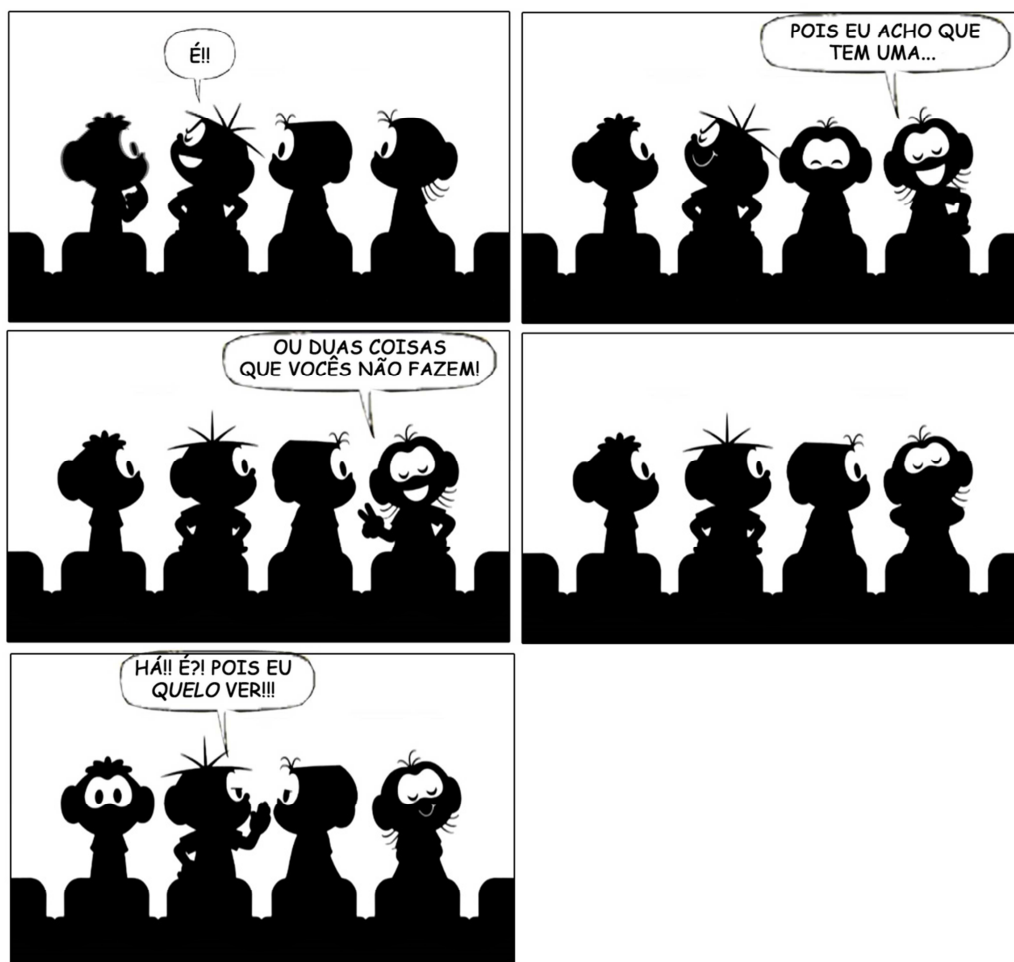




ANEXO 2

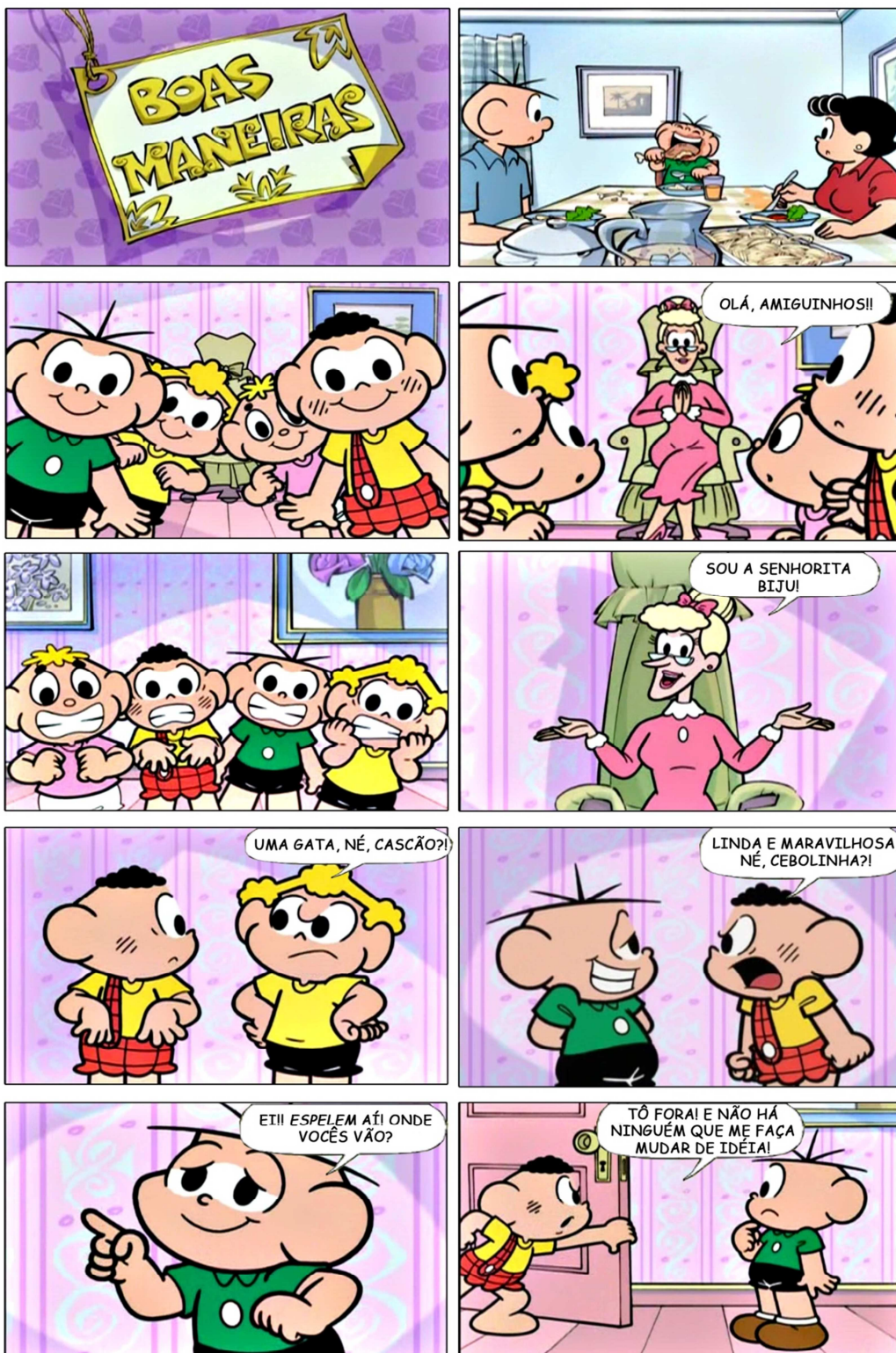
ILUSTRAÇÃO DE “MENINOS & MENINAS”





ANEXO 3

ILUSTRAÇÃO DE “BOAS MANEIRAS”



ANEXO 4

TRANSCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE ELIANA (P2)

ELIANA P2 - 5 anos

Pq – Bem, estamos aqui com a ELIANA, né, Eliana?

P₂ – [balança a cabeça, confirmando]

Pq – Quantos aninhos você tem?

P₂ – Cinco! [responde sorridente, olhando para a câmera e mostrando os cinco dedos da mão]

Pq – Cinco? Eh... Muito bem... cê conhece os personagens da Turma da Mônica?

P₂ – [assente, balançando a cabeça]

Pq – Sim?

P₂ – [assente, afirmativamente]

Pq – Bom, eu vou colocar aqui o pedacinho de umas historinhas, tá bom? Pra você olhar e depois eu vou fazer umas perguntinhas, tá? Aí cê presta atenção no que eles vão falar...

P₂ – Tá! [balança a cabeça, afirmativamente, olhando para a tela do computador]

Pq – Nessa primeira historinha aqui [aponta para a tela do computador, onde aparece o título do episódio], “Perdidos no meio do nada”, foi o seguinte... o pai do Cascão chamou o Cascão e o Cebolinha para irem passear de carro, e disse que ia levar eles pro shopping... só que ele entrou numa rua errada e foi parar num local desconhecido... e aí eles começam a conversar, tá certo? quando eles chegam nesse local... aí cê presta atenção no que eles vão dizer, tá bom?

P₂ – Tá bom... [assente e olha para o monitor]

[começa a exibição do vídeo]

Locutor – Cascão em... Perdidos no meio do nada!

[a criança esboça um sorriso na primeira cena e assiste atentamente]

[Aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos... no meio de um deserto!!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

[o vídeo é pausado]

Pq – E aí... o Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₂ – [bastante segura] Tá perdido!

Pq – É? Como é que você sabe? Por que você acha isso?

P₂ – Num sei... [olha para o monitor e faz um gesto levantando os ombros]

Pq – Tá bom... vamo seguir vendo, tá? [maneira o computador]

P₂ – Hum-hum!

[prossegue a exibição]

Cascão – [assobia, olhando para cima, sentado sobre o carro]

Pai – Ora essa!! [muito enfurecido] Pois eu vou mostrar pra você que eu sei muito bem onde estamos! (procura num mapa)

Cebolinha – Pois pla mim nós estamos no meio do nada!

Pai – Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] Muito engraçado!!

[a exibição é pausada]

Pq – E o Cebolinha... o que é que o Cebolinha achou daquele [aponta para a tela do computador] lugar?

P₂ – Achou... num achou bom... [fala, levantando um pouco os ombros e mexendo com os dedos das mãos]

P₂ – Por que é que você acha que ele não gostou?

P₂ – [olha para a tela, enquanto estrala os dedos] É porque ele acha que tá perdido...

Pq – E o pai do Cascão... achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂ – Não! [balançando a cabeça, negativamente]

Pq – Não? Como é que você sabe... que ele não achou engraçado?

P₂ – [faz um gesto levantando os ombros e olhando para o lado, como que dizendo não saber]
Porque eu VI!

Pq – Cê viu? O que foi que cê viu?

P₂ – [olha para o lado] ele dizendo! [levanta os ombros]

Pq – Cê quer que eu volte... cê quer que eu volte um pouquinho pra você ver de novo?

P₂ – [balança a cabeça, assentindo]

[volta a cena no episódio]

Pai – Ora essa!! [muito enfurecido] Pois eu vou mostrar pra você que eu sei muito bem onde estamos! (procura num mapa)

Cebolinha – Pois pla mim nós estamos no meio do nada!

Pai – Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] Muito engraçado!!

Cascão – Olha, pai [em tom de advetência] isso não foi uma piada...[a cena corre-se para a direita e aparece uma placa enterrada na areia, com um urubu pousado em cima, onde se lê, “MEIO DO NADA”; trilha musical de leve suspense]

[a exibição é pausada]

Pq – E aí... o pai do Cascão achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂ – Não!! [responde com firmeza]

Pq – Mas ele não disse, “há, há, há! Muito engraçado!” [fala, imitando a entonação do personagem]?
O que é que ele quis dizer com isso?

P₂ – Que::: num sei! [move os ombros, rapidamente]

Pq – Mas você acha que não foi engraçado?

P₂ – Não! [responde, ao mesmo tempo em que balança a cabeça, negativamente]

Pq – Tá bom... vamo ver aqui... o restinho... [maneira o computador] já tá terminando, tá?

Pai – Que esquisito! [procura no mapa] Esse lugar não consta no mapa! Bom, pelo menos, não estamos mais perdidos.

[Cascão e Cebolinha se entreolham]

Pai – Agora... [abre a mala do carro e tira de lá uma mochila] só o que temos a fazer, é achar uma oficina!

Cascão – Mas, pra quê?

Pai – Pro carro, ora!

Cascão – Não seria melhor achar um... cemitério! [fala simulando seriedade, juntando as mãos e olhando para cima]

Pai – Ha, ha, ha! Quero ver se você vai continuar com as piadinhas... depois da caminhada...

Cascão – Uhh!!

Pai – ... que teremos que fazer!

[exibição pausada]

Pq – E aí... o pai do Cascão... mudou de idéia sobre o lugar?

P₂ – Mudou! [balançando a cabeça]

Pq – Ele acha que tão perdido ou que não tão perdido?

P₂ – Que não tão perdido! [balança a cabeça, negativamente]

Pq – Que não tão perdido, né? tá bom... vamo ver a próxima historinha... a próxima historinha se chama... “Meninos e meninas”, certo? Essa daqui é o seguinte... vê só! [maneira o computador]

[inicia a exibição com a tela de título e a primeira cena]

Locutor – “Meninos e meninas”

[na primeira cena as crianças aparecem num parquinho: Cascão e Cebolinha jogam bolinha de gude enquanto Mônica e Magali brincam de boneca, sentadas num banco]

P₂ – AH! JÁ TENHO! Já assisti esse! [fala com ênfase]

Pq – Ah, já assistiu? Que bom! Aqui tá o Cascão [aponta o personagem na tela] e o Cebolinha... eles tão brincando de... bolinha de gude no parque, certo? E as meninas tão brincando de...

P₂ – De boneca!

Pq – ...de boneca ali no banco, né? Quem é aquela menina? [aponta para a tela]

P₂ – Eu num sei!

Pq – É a Mônica e a... [faz entonação típica de solicitação para que o interlocutor complete o que se diz]

P₂ – E:::: Ummm [tenta lembrar, olhando para cima]

Pq – Como é o nome daquela de amarelinho [aponta para a tela]... cê se lembra?

E – Umm, não! [olha um pouco pra cima, estralando os dedos]

Pq – Maga-li! Mônica e Magali... tão brincando de boneca, e os meninos de bolinha de gude... aí eles começam a conversar sobre... meninos e meninas... e eles continuam essa conversa, e:: saem daí e vão pro cinema... e lá eles continuam conversando sobre esse assunto... aí a gente vai ver um pedacinho dessa conversa deles, tá bom?

P₂ – Hum-hum!

Pq – Aí cê presta atenção no que eles vão dizer...

[inicia a exibição do episódio]

Cebolinha – Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!

Cascão – Ah, é?!

Cebolinha – É isso aí!!

Magali – Tudo mesmo é? TUDINHO?!

Cebolinha – Tudinh...

[o vídeo é pausado]

Pq – Cê ouviu o que eles disseram?

P₂ – Hum-hum!

Pq – E aí... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂ – Não [balança a cabeça, negativamente]

Pq – Não? Por que é que você acha isso... por que você acha que ela não acha?

P₂ – Ummm... [comprime os lábios, estralando os dedos]... que:: [faz um gesto abrindo as duas mãos, como dizendo não saber]

Pq – Alguma coisa ali que ela fez ou disse...

P₂ – É:: tá errado!

Pq – Hum?

P₂ – Tá errado! [diz com firmeza]

P – Tá errado? Por quê?

P₂ – Porque... [olha para a tela] meninos e meninas não pode brincar!

Pq – É?

P₂ – [assente]

Pq – Tá bom... vamo ver aqui o restinho... [maneja o computador]

[segue a exibição do vídeo]

Cebolinha – Tudin-n-h-o! Tudinho!!

Cascão – Tudinho?! T-U-D-I-N-H-O?! Tudinho?!

Cebolinha – É!!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!

[exibição pausada]

Pq – Ouviu o que a Magali disse?

P₂ – [balança a cabeça, afirmativamente]

P – Ela disse que tem uma ou duas coisas que os meninos não fazem...

P₂ – Tá certo! [assevera, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – Tá certo? Por que é que tá certo?

P₂ – Porque::: [olha para a tela do computador, enquanto busca uma resposta]

Pq – Por exemplo...

P₂ – [olha um pouco pra cima e diz] Os meninos não tão falando certo [balança a cabeça, negativamente], mas as meninas sim [balança a cabeça, afirmativamente]!

Pq – Tá bom... vamos ver então, agora a última historinha, tá bom? [maneira o computador]

[exibição retomada]

Locutor – Boas maneiras!

[exibição pausada]

Pq – Boas maneiras! É o seguinte, eu vou contar um pedacinho da história... o Cebolinha tava almoçando em casa, com o pai e a mãe...

P₂ – [olha para a tela com expressão séria, testa franzida]

Pq - Só que ele tava comendo TODO mal-educado [faz uma expressão de desagrado], derramando comida, falando com a boca CHEia... e... TODO mal-educado, né?... aí o pai dele e a mãe dele ficaram preocupados e disseram que iam colocar ele numa escolinha de boas maneiras pra ele aprender a se educar...

P₂ – [olha séria para a pesquisadora, escutando atentamente]

Pq - Só que o Cebolinha não gosta... dessa ideia, porque ele diz que isso é coisa de menina... aí, o pai dele diz, não isso não é coisa de menina... todo mundo precisa aprender educação... mas aí ele fica pensando... mas os meus amigos vão ficar zombando de mim... vão ficar rindo de mim... aí ele tem uma idéia... eu vou ligar pro Cascão e vou convidar pra ele ir comigo... aí ele convida o Cascão e o Cascão vai com ele... de início, o Cascão começou a rir quando ele disse essa história de escolinha, mas aí depois ele disse assim, ah, Cascão, você não sabe, a professora da escola é li::nda, ela é uma gata, LINDA e maravilhosa, o nome dela é senhorita Biju... e eu não podia deixar você de fora, você é o meu amigo... aí o Cascão fica interessado também e aí vai com ele... só que quando eles chegam lá na escola, eles têm uma surpresa... vamos ver o que acontece lá, tá bom?

P₂ – Hum-hum!

[a pesquisadora maneja o computador para retomar a exibição do episódio]

[começa a exibição do episódio]

[numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju – Olá, amiguinhos!

[quando aparece a Srta. Biju, Eliana faz uma careta de desagrado, franzindo bastante a testa e abrindo a boca]

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega – Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

[exibição é pausada]

Pq – Cê ouviu o que ele disse... o Cascão?

P₂ - [assente]

Pq – E aí o Cascão... ele acha que a dona Biju é uma gata?

P₂ – Não! [responde prontamente]

Pq – Não?

P₂ – Não, porque ele queria que seja:: é::: da forma do Cebolinha:: ou [olha para a câmera e fica um pouco encabulada]do outros... [eleva os cotovelos, estralando os dedos; depois levanta os braços sobre a cabeça, ainda fitando a câmera, com timidez]

Pq – O::: você acha que o Cascão achou a senhorita Biju bonita?

P₂ – Não! [fala com os braços erguidos sobre a cabeça]

Pq – Como é que você sabe que ele não achou?

P₂ – Porque:: ela não do tamanho dele... é muito GRANDE! [fala com ênfase]

Pq – É muito grande?

P₂ – Hum-hum!

Pq – E o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele sobre senhorita Biju?

P₂ – Num sei! A senhorita Biju::: num disse nada! [fala com as mãos sobre a cabeça e olha para a câmera]

Pq – Ele tinha dito que ela era bonita, não foi? Pra ele ir com ele pra escola... e aí o Cascão, ele... como é que cê acha que ele ficou depois que viu a cara da senhorita Biju?

P₂ – [com os braços levantados acima da cabeça] num sei...

Pq – Ele ficou contente, ficou chateado, ficou como?

P₂ – É::: chateado!

Pq – Você acha que ele vai ficar na escola com o Cebolinha?

P₂ – Não! [balançando a cabeça]

Pq – Por que cê num acha que ele vai ficar?

P₂ – ele num gostou dela...

Pq – Ele não gostou de quem?

P₂ – Dela!

P – Ok, vamo ver o restinho da história...

[retoma-se a exibição]

Cebolinha – É que eu num queria fazer o culso sozinho... (fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados)

Cebolinha – Ei! Espelem aí!

Cebolinha – Onde vocês vão? (fala com voz amigável e cara aflita)

Cascão – Uhum! Tô fora! E não há ninguém que me faça mudar de idéia!

[exibição pausada]

Pq – Viu?

[a pesquisadora maneja o computador e retorna ao trecho do vídeo em que ocorre o enunciado irônico]

Colega – uma gata, né Cascão?...

Cascão – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?!

[exibição pausada]

Pq – Ouviu o que ele disse, “linda e maravilhosa, né Cebolinha!” [imitando o tom do personagem]

P₂ – [começa a sorrir e olha para a câmera, mexendo com os dedos]

Pq – Ele tava achando que a srta. Biju era linda e maravilhosa?

P₂ – Não! [balança a cabeça negativamente e enche as bochechas de ar]

Pq – Não? E por que é que ele disse isso? Cê acha que ele disse isso por quê?

P₂ – [fala em tom de voz alto, olhando para a tela] PORQUE ELE QUERIA MAGOAR ELE! [aponta para a tela]

Pq – Ah, é? Tá bom...

P₂ – Eu quero ver Meninas & Meninos! [pede, enquanto balança as pernas]

Pq – Cê quer ver? Então tá bom... quando terminar a gente faz... a gente vê o que é que faz, tá bom?

P₂ – [balança a cabeça, assentindo]

Pq – Ok! Obrigada, Eliana, pela sua participação... valeu, tá?

P₂ – [sorri, olhando para a câmera]

ANEXO 5

TRANSCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE ALICE (P24)

ALICE P24 – 5 anos

Pq – Muito bem! A gente está aqui com a nossa amiguinha... Alice!

P₂₄ – [olha fixamente para o monitor]

Pq – Alice, quantos anos você tem?

P₂₄ – [mostra os cinco dedos da mão aberta]

Pq – Cinco?

P₂₄ – [olha para a câmera]

Pq – Muito bem! Veja, eu vou passar aqui três pedacinhos bem curtinhos de historinha da Turma da Mônica, tá?

Pq – Aí você, presta atenção que depois eu vou fazer umas perguntinhas, tá bom?

P₂₄ – [assente com a cabeça e acomoda-se na ponta da cadeira]

Pq – Vem mais pra cá... [aproxima a cadeira da criança] ...Aí, tu fala assim... mais alto, tá, pra gente ouvir... tá bom? [toca no queixo da criança]

P₂₄ – [continua olhando o monitor]

Pq – Aqui é o seguinte... perdidos no meio do nada, foi assim... o pai do Cascão foi pro shopping e convidou o Cascão e o Cebolinha para ir com ele... aí, ele foi dirigindo o carro... só que ele errou a entrada... [gesticula com as mãos]

P₂₄ – [olha para a pesquisadora]

Pq – ...e entrou numa rua lá... e foi parar nesse lugar aí [aponta para o monitor] ...que a gente vai ver...

P₂₄ – [olha para o monitor]

Pq – ...aí vamos ver o que acontece...

[começa a exibição do vídeo]

Locutor – Cascão em... “Perdidos no meio do nada”

[Aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos... no meio de um deserto!!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

Cascão – [assobia, olhando para cima, sentado sobre o carro]

[o vídeo é pausado]

Pq – E aí, o Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₂₄ – [responde, olhando para a pesquisadora] Acha que tá perdido.

Pq – Ah, é? Vamos ver o resto...

[prossegue o vídeo]

Pai – Ora essa!! [muito enfurecido] Pois eu vou mostrar pra você que eu sei muito bem onde estamos!

[procura num mapa]

P₂₄ – [olha o monitor, enquanto rói a unha]

Cebolinha – Pois pla mim nós estamos no meio do nada!

Pai – Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] Muito engraçado!!

[pausa no vídeo]

Pq – E o Cebolinha? O que é que o Cebolinha achou desse lugar?

P₂₄ – Ele achou que... [olha rapidamente para o lado e depois para frente] ...que ele tá no meio do nada! [sorridente]

Pq – No meio do nada! [pergunta, sorrindo]

P₂₄ – [assente, enquanto esfrega uma das mãos na perna]

Pq – E aí... o pai do Cascão achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂₄ – Não... [responde com um leve sorriso]

Pq – Não? Como é que você sabe?

P₂₄ – [levanta os ombros, como se não soubesse explicar e faz uma caretinha]

Pq – Por que você acha que ele não achou engraçado?

P₂₄ – [dá uma olhada para o monitor] Porque ele disse que sabia...

Pq – Ele disse que sabia?

P₂₄ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – Tá bom, vamos ver o resto...

P₂₄ – ...onde estava.

[segue a exibição do episódio]

Cascão – Olha pai, isso não foi uma piada... [aponta para uma placa que diz “Meio do nada”]

Pai – Que esquisito! [procura no mapa] Esse lugar não consta no mapa! Bom, pelo menos, não estamos mais perdidos.

[Cascão e Cebolinha se entreolham]

Pai – Agora... [abre a mala do carro e tira de lá uma mochila] só o que temos a fazer, é achar uma oficina!

[a criança acompanha as falas a partir daqui fazendo algumas caretas]

Cascão – Mas, pra quê?

Pai – Pro carro, ora!

Cascão – Não seria melhor achar um... cemitério! [fala simulando seriedade, juntando as mãos e olhando para cima]

[a criança e a pesquisadora sorriem]

Pai – Ha, ha, ha! Quero ver se você vai continuar com as piadinhas... depois da caminhada...

Cascão – Uhh!!

Pai – ... que teremos que fazer!

[pausa no vídeo]

Pq – E aí... o pai do Cascão mudou de idéia sobre o lugar, ou não?

P₂₄ – [olha um pouco para cima e diz] Não...

Pq – Não? Ele achava antes o quê?

P₂₄ – Que::... [pensa um pouco olhando para o lado] ele estava num... negócio...

Pq – É? E aí... ele continua achando a mesma coisa?

P₂₄ – Hum-hum... [assente]

Pq – Vamos ver agora a próxima historinha... é essa aqui!

[começa a exibição do episódio]

Locutor - Meninos e meninas

[aparece a cena em que as crianças brincam numa praça: Cascão e Cebolinha brincam de bola de gude na areia, enquanto Mônica e Magali estão sentadas num banco brincando de boneca]

P₂₄ – [sorrindo]

Pq – Vê só... [pausa a imagem]

P₂₄ – Ah, eu já vi essa história! [sorrindo]

Pq – Já viu?

P₂₄ – [assente]

Pq – Pronto! Vê... o Cascão e o Cebolinha tão brincando aqui, né? de bolinha de gude, e as meninas de boneca... aí, eles começam a conversar sobre o que os meninos fazem e o que as meninas fazem... aí, eles vão pro cinema e continuam lá conversando... aí a gente vai ouvir o que eles vão dizer, tá bom?

[exibição retomada]

Cebolinha – Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!

Cascão – Ah, é?!

Cebolinha – É isso aí!!

P₂₄ – Fazem não! [diz, meneando suavemente a cabeça]

Magali – Tudo mesmo é? TUDINHO?!

Cebolinha – Tudinh...

[pausa na exibição]

Pq – E aí, a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂₄ – Acha [fala com um leve sorriso]

Pq – Ela acha?

P₂₄ – [balança a cabeça indicando que não, fazendo uma careta de desagrado]

Pq – Não? Ela não acha não?

P₂₄ – [continua meneando a cabeça]

Pq – Por que você acha que não?

P₂₄ – Porque... [olha para o lado direito, como que pensando numa resposta]... os meninos não brincam de boneca! [diz, sorrindo]

Pq – Ah, ha, ha... ah, é? Tá bom!

[segue a exibição do vídeo]

Cebolinha – Tudin-n-h-o! Tudinho!!

Cascão – Tudinho?! T-U-D-I-N-H-O?! Tudinho?!

Cebolinha – É!!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!

[a criança move os lábios, seguindo a fala do personagem]

[exibição pausada]

Pq – [olha para A., sorri] Pronto! Agora, a gente vai ver a outra historinha, tá? É a última!

P₂₄ – [continua olhando para o monitor]

[exibição retomada]

Locutor – Boas maneiras!

[Na primeira cena, Cebolinha aparece almoçando à mesa de sua casa, com seus pais. Ele come fazendo ruído, com muita pressa e fazendo muita sujeira ao redor do prato, sob o olhar assustado dos pais]

Pq – [faz um breve relato do episódio, enquanto A. escuta atentamente, ainda fitando o monitor] Vê! Aqui é o seguinte: o Cebolinha... tava comendo em casa todo mal educado, sabe? Com a boca cheia, derramando comida... aí os pais dele ficaram preocupados...

P₂₄ – [volta o olhar para a pesquisadora]

Pq - ...Aí, disseram assim... Cebolinha,... a gente vai colocar você num curso de boas maneiras ...com a Srta. Biju... aí o Cebolinha disse: [fala, imitando a voz consternada do personagem]“Não, eu não quero!

P₂₄ – [acompanha, apertando os olhos]

Pq - ...Porque senão, meus amigos vão ficar rindo de mim! O que é que vai... o que é que eles vão dizer?” ...Aí, o pai dele [muda o tom de voz para grave]... Não, isso não é só coisa de menina, não! É pra todo mundo aprender a ser educado... aí, o Cascão... o Cebolinha ficou pensando: O que é que eu faço... [leva a mão ao queixo e olha para cima] ...Aí o Cebolinha teve uma idéia, disse assim, vou ligar pros meus amigos e vou convidar eles pra ir comigo... aí ele ligou pro Cascão... aí, quando ele contou pro Cascão que ia fazer o curso com a Srta. Biju, o Cascão começou a rir [faz um gesto com as mãos e aperta os olhos]... aí ele disse, não Cebolin... não, Cascão, estou ligando pra você... porque você é meu melhor amigo... e eu não poderia deixar você fora dessa... você não sabe? a professora... a Srta. Biju, ela é uma gata! [faz entonação de admiração e aperta os olhos, gesticulando também com as mãos] Linda e maravilhosa!

Pq - ...Aí o Cascão disse, ah! eu quero também fazer! Aí, tá bom! Aí, eles foram fazer juntos o curso... certo?

P₂₄ - [olha para o monitor e assente com a cabeça]

Pq - Aí, quando eles chegam juntos lá na escola da Srta. Biju, vamos ver o que acontece...

[começa a exibição do episódio]

[numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju - Olá, amiguinhos!

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega - Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão - Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

P₂₄ - [assiste atenciosamente, um pouco inclinada para frente]

[exibição é pausada]

Pq - E aí, o Cascão acha que D. Biju é uma gata?

P₂₄ - [endireita-se na cadeira] Não!

Pq - Não? Como é que você sabe disso?

P₂₄ - [gesticula com os ombros]

Pq - Por que você acha isso?

P₂₄ - Porque... [fala sorrindo e olhando para o monitor] ele disse que... ele veio e ele disse, "é... uma gata" [imita a voz, dando um tom artificial]... ele falou com a voz brava... [olha para a pesquisadora e diz com ênfase]

Pq - Ele falou com uma voz brava... foi?

P₂₄ - [assente]

Pq - Ah... e o que e que o Cebolinha tinha dito pra ele?

P₂₄ - Que ela... que ela era uma gata [fala, sorrindo]

Pq - É? E o Cascão acha a mesma coisa?

P₂₄ - [olha um pouco para o monitor] Acha não [fala balançando a cabeça]!

Pq - Vamos ver o finalzinho...

[prossegue a exibição]

Cebolinha - É que eu num queria fazer o culso sozinho... [fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados]

Cebolinha - Ei! Espelem aí!

P₂₄ - [assiste roendo um pouco as unhas]

Cebolinha - Onde vocês vão? [fala com voz amigável e cara aflita]

Cascão - Uhum! Tô fora! E não há ninguém que me faça mudar de idéia!

[exibição pausada]

Pq - E aí, por que é que o Cascão não quer ficar mais na escola?

P₂₄ - Porque::: [olha para o lado e pensa um pouco] ...ele achou a senhorita::: [olha para a pesquisadora] muito feia!

Pq - Foi? [sorrindo] Tá bom! Tá bom! Pronto, Alice... é só isso... obrigada, viu?

ANEXO 6

TRANSCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE LEONARDO (P33)

LEONARDO P33 - 6 anos

Pq – Bom, Leonardo, você tem quantos anos?

P₃₃ – [mostra seis dedos das mãos, olhando para a câmera]

Pq – Seis? Mas você vai ter que falar também, tá bom?

P₃₃ – [assente]

Pq – Pra sair sua voz! Você fala bem, fala alto?

P₃₃ – Falo!

Pq – Ótimo! Não tá rouco não, né? [ri um pouco]

P₃₃ – [balança a cabeça, negativamente, e tosse, como que limpando a garganta]

Pq – Muito bem! Vê só... eu vou passar aqui três pedacinhos de historinhas da Turma da Mônica pra a gente olhar um pouquinho e fazer umas perguntinhas, tá bom?

P₃₃ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente e olha para a tela da TV]

Pq – Vamo ver aqui... [maneira o computador e aparece uma tela inicial onde estão os personagens da Turma da Mônica]

P₃₃ – Aquela é Mônica... [a criança tenta identificar pelo nome os personagens que estão na tela]

Pq – Ahã...

P₃₃ – ...o outro é... [tenta lembrar o nome, mas não consegue]

Pq – O outro é quem?

P₃₃ – O o outro é qual? [franzindo a testa e olhando para a pesquisadora]

Pq – Cascão...

P₃₃ – E o outro... [pisca os olhos e olha pra cima, com o indicador em riste]

Pq – Cebolinha!

P₃₃ – E... e a outra? [ainda com a testa franzida e contando com os dedos]

Pq – A Magali... a amiga da Mônica... a Magali!

P₃₃ – Mag... Magali, Mônica, Cascão... e... [tenta listar todos] tem mais?

Pq – E Cebolinha!

P₃₃ – E Cebolinha!

Pq – Pronto!

P₃₃ – Já sei, já! [encosta-se no respaldo da cadeira]

Pq – Olha aí! Aí, é o seguinte: nessa primeira historinha aí, o pai do Cascão foi passear de carro no shopping e convidou o Cascão e o Cebolinha para ir com ele... só que o pai do Cascão errou o caminho e entrou num lugar lá errado e foi parar nesse lugar aí [aponta para a tela] que a gente vai ver, certo?

P₃₃ – [está com a testa franzida, bastante sério, mas escuta atentamente e assente, balançando a cabeça]

Pq – Aí vamo ver uma conversa que eles vão ter, tá bom? {maneira o controle do vídeo}

[começa a exibição do vídeo]

[na tela do computador, aparece o título do episódio e ouve-se a voz de um locutor]

Locutor – Cascão em... “Perdidos no meio do nada”

P₃₃ – [olha para a pesquisadora e pergunta] É assim, é?

[Aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos... no meio de um deserto!!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

Cascão – [assobia, olhando para cima, sentado sobre o carro]

[o vídeo é pausado]

Pq – E aí... o Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₃₃ – [responde logo] Que tá!

Pq – Ele acha que tá? [olha para a criança]

P₃₃ – [assente afirmativamente, olhando para a pesquisadora]

Pq - [maneira o controle para retomar a exibição]

[prossegue a exibição]

Pai - Ora essa!!...Pois eu vou mostrar pra você que eu sei muito bem onde estamos! (procura num mapa)

Cebolinha - Pois pra mim nós estamos no meio do nada!

P₃₃ - [ao ver o Cebolinha, começa a sorrir] E esse aí, quem é? [aponta para a tela]

Pai - Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] Muito engraçado!!

[a exibição é pausada]

Pq - É o Cebolinha!

P₃₃ - Ah, outro? [faz um gesto, como um meio-círculo, com o dedo indicador]

Pq - Não, é que ele tá de boné, né?

P₃₃ - Ah... [a expressão facial fica risonha e abre a boca, como indicando ter compreendido]

Pq - Aí não dá pra ver o cabelinho dele! E aí, o Cebolinha... o que é que o Cebolinha achou desse lugar?

P₃₃ - [fica olhando para a tela, com o cenho franzido, então pergunta] Senhora?

Pq - O que é que o Cebolinha achou desse lugar?

P₃₃ - É::: [olha a tela da TV, e depois se abaixa para mexer no pé]

Pq - Cê ouviu o que ele falou?

P₃₃ - [olha para a pesquisadora, bem sério e diz] Ouvi!

Pq - Ele acha que tá perdido também ou não?

P₃₃ - [olha um pouco a tela] Tá... tá não!

Pq - Ele acha que não?

P₃₃ - Não! [balançando a cabeça]

Pq - E o pai do Cascão [aponta para a tela] ... achou engraçado o que o Cebolinha disse? Ou não?

P₃₃ - Não! [responde, balançando fortemente a cabeça de um lado para o outro]

Pq - Não? Por quê? Como é que você sabe disso? Como é que você sabe que ele não achou engraçado?

P₃₃ - Porque... é... na televisão [pisca os olhos e aponta para a tela de TV] aí teve um desse, aí eu vi!

Pq - Ah, você viu um desse na televisão?

P₃₃ - [balança a cabeça, assentindo]

Pq - Tá legal... vamo ver o restinho...

[continua a exibição do episódio]

Cascão - Olha, pai [em tom de advertência] isso não foi uma piada...[a cena corre-se para a direita e aparece uma placa enterrada na areia, com um urubu pousado em cima, onde se lê, "MEIO DO NADA"; trilha musical de leve suspense]

P₃₃ - [a criança imita a fala do Cascão] Não foi uma piada!

Pq - [olha para a criança e sorri]

Pai - Que esquisito! [procura no mapa] Esse lugar não consta no mapa! Bom, pelo menos, não estamos mais perdidos.

[Cascão e Cebolinha se entreolham]

Pai - Agora... [abre a mala do carro e tira de lá uma mochila] só o que temos a fazer, é achar uma oficina!

[a exibição é pausada]

P₃₃ - Ele riu!

Pq - Ele riu?

P₃₃ - Eu vi! [balança a cabeça]

Pq - E aí... o pai do Cascão... ele mudou de idéia sobre o lugar, ou ele continua achando a mesma coisa?

P₃₃ – Ele... ele... [pisca os olhos] mudou de idéia...

Pq – É? O que é que ele achava no começo? Ele achava que tava perdido ou não?

P₃₃ – [olhando para a tela] Ele tava... perdido! [olha agora para a pesquisadora]

Pq – Foi? Tá bom... vamo ver a próxima... [maneja o controle do vídeo]

[inicia-se a exibição com a tela de título e a primeira cena]

Locutor – “Meninos e meninas”

[na primeira cena as crianças aparecem num parquinho: Cascão e Cebolinha jogam bolinha de gude enquanto Mônica e Magali brincam de boneca, sentadas num banco]

[exibição pausada]

Pq – Ó, nessa daí, ó, [aponta para a tela] os meninos tavam brincando no parquinho de bolinha de gude e as meninas de boneca...

P₃₃ – Ahã! [inclina-se para frente, com aparente interesse]

Pq – Aí eles começam a conversar sobre o que os meninos fazem, o que as meninas fazem... aí daí eles foram pro cinema e continuaram a conversar sobre isso... aí vamo ver o que eles vão dizer, tá bom?

P₃₃ – Tia... deixa rolando! [a criança pede para seguir normalmente com a exibição, sem interrupções]

Pq – Deixar rolando?

P₃₃ – [assente, balançando a cabeça]

Pq – Por quê? Você quer ver todo, é?

P₃₃ – É que o problema é que não dá tempo da gente ver todo, aí eu vou mostrando o pedacinho que eu queria que você visse... tá bom?

P₃₃ – [olha para a tela, com a testa franzida e assente afirmativamente]

Pq – Depois, outra hora a gente bota todo pra você ver, tá legal?

[inicia-se a exibição do episódio]

Cebolinha – Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!

P₃₃ – Ah, já vi!

Cascão – Ah, é?!

Cebolinha – É isso aí!!

Magali – Tudo mesmo é? TUDINHO?!

[o vídeo é pausado]

P₃₃ – Aquele ali... é Cebolinha [tenta distinguir os personagens, que aparecem sombreados, destacando apenas suas silhuetas] ...o Cascão, e... aquele que tá assim... [imita a postura lateral do personagem, fazendo um bico]

Pq – É a Mônica!

P₃₃ – Aquele que tá assim... [põe uma mão na cintura e a outra com o indicador em riste na altura do rosto, imitando a posição de outro personagem]

Pq – [olha para a criança e depois para a tela] Esse aí é o Cebolinha, né?

P₃₃ – E o outro? [aponta para o lado esquerdo da tela]

Pq – Aquele que tá sentado é o Cascão! A Mônica tá na frente do Cebolinha e a Magali tá ali de lado [aponta para a tela, indicando as posições dos personagens]

P₃₃ – Aquela... [imita a postura da Magali]?

Pq – É a Magali... Cê ouviu o que a Magali falou?

P₃₃ – [assente levemente]

[ouve-se um ruído perto da porta, do lado externo]

P₃₃ – Ó pra aí! [aponta em direção à porta]

Pq – [olha para a porta também] Alguém mexeu na porta... Eu vou voltar um pouquinho pra você ouvir, tá bom? [maneja o controle do vídeo]

P₃₃ – [assente]

[exibe-se novamente o episódio]

Cebolinha – Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!

Cascão – Ah, é?!

Cebolinha – É isso aí!!

Magali – Tudo mesmo é? TUDINHO?!

[o vídeo é pausado]

P₃₃ – Assim: “tudo mesmo? Tudinho!” [imita a fala da Magali, fazendo um gesto com a mão]

Pq – E aí... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₃₃ – [olha para a tela e diz, balançando a cabeça, afirmativamente] Faz!

Pq – Ela concorda com o que o Cebolinha disse? É?

P₃₃ – [assente, balançando a cabeça] Concorda! [diz, sério]

Pq – É? Tá bom! Vamo ver agora o final...

[continua a exibição do vídeo]

Cebolinha – Tudi-n-h-o! TUDINHO!!

Cascão – Tudinho?! T-U-D-I-N-H-O?! Tudinho?!

Cebolinha – É!!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!

[exibição pausada]

P₃₃ – Assim... assim... [com uma mão estendida, tenta falar alguma coisa sobre o episódio, mas não consegue] bota aí de novo pra eu ver...

[exibe-se novamente o episódio]

Cebolinha – Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!

Cascão – Ah, é?!

Cebolinha – É isso aí!!

Magali – Tudo mesmo é? TUDINHO?!

Cebolinha – Tudi-n-h-o! TUDINHO!!

[exibição pausada]

P₃₃ – É assim... tudi-n-h-o! TUDINHO! [imita a fala do Cebolinha e gesticula com a mão]

Pq – Ahaha! [sorri] E aí, a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

A Magali?

P₃₃ – Fazem não! [responde enfático, balançando a cabeça para um lado e outro]

Pq – Fazem não? Por que você acha que não?

P₃₃ – [olha para baixo um pouco] Porque! [responde, sério]

Pq – Hum?

P₃₃ – Porque! [encara a pesquisadora]

Pq – Por que o quê?

P₃₃ – Porque... porque... aquela é quem? que tá assim... [aponta para um personagem no lado direito da cena]

Pq – É a Magali! A que falou é a Magali!

P₃₃ – Assim... assim... [tenta dizer alguma coisa, mas não consegue]

Pq – Como é que você sabe que ela não concorda com o Cebolinha? Que ela acha que não... que as meninas não fazem...

P₃₃ – Ah, é assim... [abre os braços] POR QUE NÃO? Aí... [fica com os braços abertos, tentando dizer algo, mas não consegue; pronuncia algumas palavras ininteligíveis] bota aí de novo...

[o episódio é exibido pela 4ª. vez, integralmente]

P₃₃ – Eu num tô entendendo nada! [cruza os braços sobre o peito e fica com expressão de contrariedade]

Cebolinha – Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!

Cascão – Ah, é?!

Cebolinha – É isso aí!!

Magali – Tudo mesmo é? TUDINHO?!

Cebolinha – Tudi-n-h-o! TUDINHO!!

Cascão – Tudinho?! T-U-D-I-N-H-O?! Tudinho?!

Cebolinha – É!!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!

[exibição pausada]

P₃₃ – Assim... e eu quero ouvir... e só uma coisa... [faz um gesto com os dedos indicando o número dois]

Pq – Ela disse?

P₃₃ – Sim! Assim... eu quero uma coisa... [repete o gesto com dois dedos] num foi não?

Pq – Hum-hum!

P₃₃ – Aí depois... [pensa um pouco, olhando para cima] aí... [fecha a mão e toca-a na testa, como se não tivesse encontrado uma resposta]

Pq – Então... quer dizer que... o Cascão... disse que os meninos fazem tudo o que as meninas fazem... e a Magali fez assim... “ah, é? Tudo mesmo, é? Tudinho?” [imita a entonação realizada por Magali]... aí ela tava dizendo, assim, o quê, com isso? que ela concorda com ele ou que ela não concorda?

P₃₃ – Concorda! [responde com muita força, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – Tá bom! Vamo ver a próxima historinha... [maneira o controle]

[começa a exibição do terceiro episódio]

Locutor – Boas maneiras!

P₃₃ – Igual?! [pergunta, com a testa franzida e os braços cruzados]

[Cebolinha aparece comendo à mesa, acompanhado de seus pais, que o observam perplexos enquanto ele devora o almoço, pegando a comida com as mãos, fazendo ruído ao mastigar, sujando a mesa e falando de boca cheia]

P₃₃ – [começa a sorrir ao ver a cena] Deixa rolando! [pede à pesquisadora]

[exibição pausada]

Pq – Vê... tá vendo aí o Cebolinha?

P₃₃ – [assente afirmativamente, inclina-se mais à frente e fica olhando atentamente para a TV]

Pq – Ele tava comendo todo mal-educado, derramando comida... aí o pai dele falou assim, “ô Cebolinha...

P₃₃ – [passa a olhar para a pesquisadora]

Pq - ... eu vou colocar você numa escola de boas maneiras, pra você estudar com a senhorita Biju... aí o Cebolinha, disse assim, “não pai, eu não quero... [faz entonação de súplica] ... porque senão os meus amigos vão ficar rindo de mim... isso é coisa de menina!”... aí, o pai dele disse assim, “não, senhor! [entonação mais grave e expressão facial séria] todo mundo tem que aprender a ser educado!”... aí, o Cebolinha ficou pensando, “e agora, o que é que eu vou fazer? Aí ele, “ah, já sei... vou ligar pros meus amigos e vou convidar eles para ir comigo pra essa escola” ... aí, ele ligou pro Cascão, amigo dele, aí ele ligou pro Cascão... “Cascão, olha, vamos fazer o curso coma a senhorita Biju, aí o Cascão começou a rir, sabe, aí ele disse, “mas Cascão... eu estou lhe convidando porque você é meu melhor aMIGO... e você não sabe? a senhorita Biju é uma GATA, LINDA e maravilhosa”...

Aí, o Cascão vai e aceita fazer o curso com ele... aí quando for no primeiro dia de aula, vamo ver o que acontece, tá, quando eles vão pra escola da senhorita Biju, tá?

P₃₃ – [cruza os braços sobre os ombros e faz uma expressão de expectativa]

[a pesquisadora maneja o computador para retomar a exibição do episódio]

Pq – Já sabe?

[começa a exibição do episódio]

[numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju – Olá, amiguinhos!

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega – Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

Pq – E aí... o Cascão acha que a senhorita Biju é uma gata?

P₃₃ – Umm... não!

Pq – Por que é que você acha que ele não acha?

P₃₃ – Porque! [parece incomodado com algo em suas costas] porque... Ce... Cebolinha!! [parece imitar o tom de voz irritado dos personagens]... aí... ah!! [abre a boca, como espantado]... aí depois, “Cebolinha!”... aí Cebolinha fez assim... [abre as mãos com as palmas para cima, e ao mesmo tempo eleva os ombros, como em sinal de desconhecimento; também faz uma expressão com os lábios, que geralmente indica não saber algo]

Pq – Ahaha! [sorri e Leonardo a acompanha também] E o que é que o Cebolinha tinha dito sobre a senhorita Biju?

P₃₃ – [fica sério] Biju? [pensa um pouco, olhando para baixo, mas não diz nada]

Pq – Sim?

Pq – Se lembra que quando ele ligou pro Cascão ele falou da senhorita Biju, da professora? O que foi que ele disse sobre ela?

P₃₃ – Que ela é linda! [fala prontamente e com as mãos juntas]

Pq – Que ela é linda? E o Cascão, ele acha também que ela é linda?

P₃₃ – Acha não... [responde enfaticamente, balançando a cabeça para um lado e outro]

Pq – Não? Tá bom... vamo ver o finalzinho... [maneja o controle]

[episódio retomado]

Cebolinha – É que eu num queria fazer o curso sozinho... [fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados]

Cebolinha – Ei! Espelem aí!

Cebolinha - Onde vocês vão? [fala com voz amigável e cara aflita]

Cascão – Uhum! Tô fora! E não há ninguém que me faça mudar de idéia!

[exibição pausada]

P₃₃ – Cadê o Cascão?

Pq – Esse, que saiu, de blusa amarela, ó... [aponta para a tela]... que saiu, pela porta...

P₃₃ – [assente afirmativamente, com os braços ainda cruzados]

Pq – E aí... por que é que o Cascão não quer mais ficar na escolinha?

P₃₃ – Porque... é assim... “EU NUM QUERO FICAR COM ESSA ESCOLINHA, NÃO!”

Pq – Por que ele foi embora? Por que ele não quis mais ficar?

P₃₃ – Porque... ele... num quer... ser... o amigo de... de... Cebolinha, não... [fala, piscando muito os olhos]

Pq – Não quer mais ser amigo dele? Tá bom... pronto, Leonardo, muito bem, obrigada, viu, pela sua participação...

ANEXO 7

TRANSCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE JÚLIO (P27)

JÚLIO P27 - 7 anos

Pq – Muito bem, nós estamos aqui com o nosso amigo Júlio! Júlio, quantos anos você tem?

P₂₇ – Sete!

Pq – Sete?

P₂₇ – Sim!

Pq – Muito bem! Veja, eu vou passar aqui três pedacinhos de historinha da Turma da Mônica, tá?

P₂₇ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – Aí você escuta que eu vou fazer umas perguntinhas, tá bom?

P₂₇ – Sim! [balança a cabeça e inclina-se para olhar a tela do computador]

[na tela do computador, aparece o título do episódio e ouve-se a voz de um locutor]

Locutor – Cascão em... “Perdidos no meio do nada”

[exibição pausada]

Pq – Esse aqui é o seguinte, ó... o pai do Cascão foi pro shopping, de carro e convidou o Cascão e o Cebolinha para irem com ele...

P₂₇ – Mas só que ele entrou numa curva errada!

Pq – Ah, tu já viu esse, foi?

P₂₇ – Já! [responde sorrindo]

Pq – Tu conhece essa história?

P₂₇ – Hum-hum! [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – Aha, ha,ha! [sorrindo] Pois bem... aí ele errou o caminho e eles foram parar nesse lugar aí... vamo ver o que acontece, tá bom? [maneira o computador]

P₂₇ – Hum-hum... [aproxima o rosto da tela do computador]

[começa a exibição do vídeo]

[Aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos... no meio de um deserto!!

P₂₇ – [acompanha, falando, o enunciado do personagem, enquanto olha para a pesquisadora, sorrindo] ...no meio de um deserto!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

P₂₇ – ...não estamos perdidos... aí ele vai apostar... [a pesquisadora faz um sinal com a mão, para que ele espere]

Cascão – [assobia, olhando para cima, sentado sobre o carro]

Pai – Ora essa!! [muito enfurecido]

[o vídeo é pausado]

Pq – O Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₂₇ – [bastante seguro] Que tá perdido!

Pq – Vamo ver o resto... [maneira o computador]

[prossegue a exibição]

Pai – ...Pois eu vou mostrar pra você que eu sei muito bem onde estamos! (procura num mapa)

Cebolinha – Pois pla mim nós estamos no meio do nada!

P₂₇ – [abre as mãos e olha sorrindo para a pesquisadora, enquanto acompanha a fala do personagem] ...nós estamos no meio do nada! [abre um largo sorriso]

Pai – Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] Muito engraçado!!

[a exibição é pausada]

Pq – E o Cebolinha... o que é que o Cebolinha achou daquele lugar?

P₂₇ – É::: um deserto! [responde, olhando inicialmente para a tela do computador]

Pq – Um deserto? [pergunta, sorridente]

P₂₇ – É!

Pq – E o pai do Cascão... achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂₇ – É::: [responde, olhando um pouco para baixo, como tentando se lembrar]

Pq – Não? Como é que você sabe disso?

P₂₇ – É porque eu já assisti! [responde, sorrindo]

Pq – Ah, tu já assistiu?

P₂₇ – Duas vezes! [mostra, sorridente, os dois dedos da mão, juntos]

Pq – Duas vezes, foi?

P₂₇ – [balança a cabeça, assentindo]

Pq – Tá bom... vamo ver aqui o resto... [maneira o computador]

[volta a cena no episódio]

Cascão – Olha, pai [em tom de advertência] isso não foi uma piada... [a cena corre-se para a direita e aparece uma placa enterrada na areia, com um urubu pousado em cima, onde se lê, “MEIO DO NADA”; trilha musical de leve suspense]

P₂₇ – [olha para a pesquisadora e diz, sorrindo] Meio do nada!

Pq – [retribui o sorriso]

Pai – Que esquisito! [procura no mapa] Esse lugar não consta no mapa! Bom, pelo menos, não estamos mais perdidos.

[Cascão e Cebolinha se entreolham]

Pai – Agora... [abre a mala do carro e tira de lá uma mochila] só o que temos a fazer, é achar uma oficina!

Cascão – Mas, pra quê?

Pai – Pro carro, ora!

Cascão – Não seria melhor achar um... cemitério! [fala simulando seriedade, juntando as mãos e olhando para cima]

P₂₇ – Cemitério!! [fala, sorrindo e olhando para a pesquisadora]

Pai – Ha, ha, ha! Quero ver se você vai continuar com as piadinhas... depois da caminhada...

Cascão – Uhh!!

Pai – ... que teremos que fazer!

[a exibição é pausada]

Pq – E aí... o pai do Cascão mudou de idéia sobre o lugar, ou não?

P₂₇ – É::: [olha para baixo, procurando uma resposta] Pode repetir a pergunta, por favor?

Pq – O pai do Cascão... ele mudou de idéia sobre o lugar...

P₂₇ – É:: não!

Pq – ...ou ele continua achando a mesma coisa que antes?

P₂₇ – Ele continua achando a mesma coisa!

Pq – É? Muito bem... tá bom... vamo ver a próxima historinha... [maneira o computador e ambos olham para a tela]

[inicia a exibição com a tela de título e a primeira cena]

Locutor – “Meninos e meninas”

[na primeira cena as crianças aparecem num parquinho: Cascão e Cebolinha jogam bolinha de gude enquanto Mônica e Magali brincam de boneca, sentadas num banco]

[Júlio põe a mão no peito e respira fundo, como se estivesse cansado – ele havia estado brincando de correr, antes da atividade de pesquisa]

[exibição pausada]

Pq – Esse aqui, ó [aponta para a tela] os meninos tavam brincando no parque... Cebolinha e

Cascão tão brincando de bolinha de gude...

P₂₇ – [assente, afirmativamente enquanto olha a tela]

Pq – ...e as meninas de boneca...

P₂₇ – Sim! [entrelaça os dedos sobre o peito e assente seguidas vezes com a cabeça]

Pq – Aí eles vão pro cinema e começam a conversar... aí eles conversam sobre o que os meninos fazem, o que as meninas fazem... aí vamo ver o que eles vão dizer... [maneira o computador]

P₂₇ – [assente, balançando a cabeça]

[inicia a exibição do episódio]

P₂₇ – [aproxima-se mais uma vez da tela, inclinando-se para frente]

Cebolinha – Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!

Cascão – Ah, é?!

Cebolinha – É isso aí!!

Magali – Tudo mesmo é? TUDINHO?!

Cebolinha – Tudinh...

[o vídeo é pausado]

Pq – Cê ouviu o que a Magali disse?

P₂₇ – Ahã, ouvi! [diz, sorrindo]

Pq – E aí... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂₇ – É:: [olha para baixo] ela acha que... não! [ergue o olhar de novo para a pesquisadora]

Pq – É? Por que é que você acha isso?

P₂₇ – [olha para a câmera] É porque... eu acho que... [responde olhando para baixo, para o lado contrário da câmera] as meninas brincam de boneca e os meninos brincam de...eh::: bolas, eh:: bonecos, de outras coisas diferentes...

Pq – Ah é? Tá legal... vamo ver o final... [maneira o computador]

[segue a exibição do vídeo]

Cascão – Tudinho?! T-U-D-I-N-H-O?! Tudinho?!

Cebolinha – É!!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!

[exibição pausada]

Pq – Pronto! Vamos ver agora então o último episódio... [maneira o computador]

[exibição retomada]

Locutor – Boas maneiras!

[Cebolinha aparece comendo à mesa, acompanhado de seus pais, que o observam perplexos enquanto ele devora o almoço, pegando a comida com as mãos, fazendo ruído ao mastigar, sujando a mesa e falando de boca cheia]

P₂₇ – [olha para a pesquisadora, rindo da cena]

[exibição pausada]

Pq – Tá vendo o Cebolinha?

P₂₇ – [assente, sorrindo]

Pq – Ele tava comendo todo mal-educado, com a boca cheia, cuspidando comida... [faz gestos com a mão e uma expressão de desagrado]... aí o pai dele ficou preocupado aí disse assim, Cebolinha, eu vou colocar você numa escola de boas maneiras, com a senhorita Bijú... aí o Cebolinha, “não pai, eu não quero... [faz entonação de súplica]

P₂₇ – [passa a mão no rosto, meio sorridente]

Pq - ... porque senão os meus amigos vão ficar rindo de mim, isso é coisa de menina!" ... aí, o pai dele, "não, senhor! [entonação mais grave e expressão facial séria] isso não é coisa de menina! todo mundo tem que aprender a ser educado!" ... aí, o Cebolinha ficou pensando, "que é que eu faço? [leva a mão ao rosto, olhando para cima]...

P₂₇ - [faz expressão séria]

Pq - "Ah, já sei! Tenho uma idéia... vou ligar pros meus amigos e vou convidá-los para fazer o curso comigo!" ... aí, ele vai e liga pro Cascão, convidando o Cascão pra fazer o curso com ele... aí o Cascão começa a rir, "ka, ka, ka!" ... "mas CasCÃO... eu estou convidando voCÊ... porque você é meu melhor aMIGO... você não sabe? a professora, a senhorita Biju, é muito linda... ela é uma GATA, LINDA e maravilhosa"...

P₂₇ - [sorri, enquanto escuta atentamente]

Pq - Aí, o Cascão vai e aceita fazer o curso com ele... aí vamo ver o que acontece quando eles chegam lá na escola, tá?

P₂₇ - Sim! [cruza os braços sobre os ombros e faz uma expressão de expectativa]

[a pesquisadora maneja o computador para retomar a exibição do episódio]

P₂₇ - Eu já sei!

Pq - Já sabe?

[começa a exibição do episódio]

[numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju - Olá, amiguinhos!

[quando aparece a Srta. Biju, Eliana faz uma careta de desgosto, franzindo bastante a testa e abrindo a boca]

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega - Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão - Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

Cebolinha - É que eu num queria fazer o culso sozinho... (fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados)

[exibição é pausada]

Pq - E aí, que é que o... o Cascão acha que a senhorita Biju é uma gata?

P₂₇ - [Júlio estava com o rosto parcialmente coberto pela camiseta, pois estava, aparentemente enxugando o suor] Não! Não! [o segundo não é acompanhado de um gesto com o dedo indicador sinalizando "não"]

Pq - Não? E:: o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele?

P₂₇ - O que é que o Cebolinha?

Pq - O que é que o Cebolinha tinha dito pro Cascão sobre a senhorita Biju?

P₂₇ - Que ela era bonita!

Pq - É? E o Cascão achou a mesma coisa?

P₂₇ - Não! [acompanha o gesto negativo com o dedo indicador]

Pq - Tá bom... vamo ver o final agora... [maneja o computador]

[retoma-se a exibição]

Cebolinha - Ei! Espelem aí!

Cebolinha - Onde vocês vão? (fala com voz amigável e cara aflita)

Cascão - Uhum! Tô fora! E não há ninguém que me faça mudar de idéia!

[exibição pausada]

Pq – E então... por que é que o Cascão não quer mais ficar na escolinha?

P₂₇ – Por... porque::: o Cascão?

Pq – Sim!

P₂₇ – É porque::: o Cebolinha tinha dito que a professora era uma gata, mas ela num é! [responde, rápido e olhando para baixo]... é velha!

Pq – É velha?

P₂₇ – E MUIto! [sorrindo]

Pq – Ah... tá bom... pronto, Júlio, é só isso! [toca no seu ombro] Obrigado, viu?

P₂₇ – [levanta e sai]

ANEXO 8

TRANSCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE CARLA (P1)

CARLA P1 - 8 anos

Pq – Muito bem, estamos aqui com a dona Carla... Carla de quê?

P₁ – Louise! [diz com expressão sorridente]

Pq – Louise... ai que nome bonito! Quantos anos você tem, Carla?

P₁ - Oito!

Pq – Oito? Muito bem! Você conhece a Turma da Mônica? [aponta brevemente para a tela do computador]

P₁ - Conheço!

Pq – Os personagens?

P₁ - [assente]

Pq – Sabe o nome de algum deles?

P₁ - Sei! [responde olhando um pouco para cima] Mônica, Castão... Cascão... Magali...

Pq – É? Ah... tá bom! Olha é o seguinte: eu vou mostrar pra você um pedacinho, bem rapidinho de algumas historinhas da Turma da Mônica, certo?

P₁ - [assente e olha para a tela]

Pq – Aí você presta atenção... no que vai acontecer, e aí depois eu vou fazer as perguntinhas, tá bom?

P₁ - [olha para a pesquisadora, passa a mão no cabelo e olha para a tela de novo] Tá!

Pq - ...aí você presta atenção no que eles vão falar, tá bom?

[inicia a exibição do vídeo]

Locutor - "Cascão em... Perdidos no meio do nada"

[Aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos no meio de um deserto!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

Cascão – [assobia e olha pra cima]

Pai – Ora essa!! [muito enfurecido] Pois eu vou mostrar pra você que eu sei MUITO BEM onde estamos!

Cebolinha – Pois pla mim nós estamos no meio do nada!

Pai – Há, há, há! MUITO engraçado!

[exibição pausada]

Pq – Bom... Você viu o que... aconteceu aí?

P₁ - [assente, com a cabeça sobre as mãos, que estavam apoiadas na mesa]

Pq – O pai do Cascão, esse senhor aí é o pai do Cascão. Ele convidou o Cascão e o Cebolinha para irem passear no shopping, né? E levou eles no carro. Aí chegou em... só que ele se perdeu no meio... ele entrou numa rua errada e errou o caminho... aí foram parar neste lugar aí, certo?

P₁ - [já com a cabeça erguida, ouve atentamente e assente]

Pq – Então... você viu o que eles falaram no comecinho?

P₁ - [fica olhando a pesquisadora, mas não responde]

Pq – Eu vou voltar pra você ouvir de novo, tá bom? Que é um pouquinho rápido né? Aí eu vou voltar aqui um pouquinho... [maneira o computador]

[exibição retomada]

Cascão – Nós estamos perdidos, no meio de um deserto!

Pai – Nós NÃO ESTAMOS PERDIDOS NO MEIO DO DESERTO! Você não confia em mim?

Cascão – [assobia e olha pra cima]

[exibição pausada]

Pq – Bem! O que é que você acha: o Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₁ - Ele acha... [gesticula abrindo as mãos, e com entonação ascendente, como que indicando obviedade]

Pq - Ele acha que tá perdido?

P₁ - Ele acha! [entonação assertiva]

Pq - Tá bom... vamos ver o resto...

[exibição retomada]

Pai - O::ra essa!! [muito enfurecido] Pois eu vou mostrar pra você que eu sei MUITO BEM onde estamos! [procura num mapa]

Cebolinha - Pois pla mim nós estamos no meio do nada!

Pai - Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] MUITO engraçado!!

[exibição pausada]

Pq - E aí, o que o Cebolinha achou desse lugar?

P₁ - Que... que... que não tem nada [gesticula com as mãos abertas e espalmadas], que tá no meio do nada! [faz expressão sorridente]

Pq - É? Então... ele pensa igual que o Cascão, ou pensa diferente?

P₁ - Ele... [olha pra frente] pensa diferente... um pouquinho...

Pq - Ah, é? E o pai do Cascão achou engraçado aquilo que o Cebolinha disse?

P₁ - [sorri, mexendo com os dedos das mãos]

Pq - Umm? Você acha que o pai do Cascão achou engraçado? Quer que eu volte pra você ouvir de novo?

P₁ - A::cho que:: não achou engraçado...

Pq - Por que você acha isso?

P₁ - Porque:: assim... [fala, olhando para o outro lado e mexendo com os dedos] lá em casa, eehh... meu irmão diz uma coisa que eu...que eu... num gostei... que:: ele acha engraçado e eu num acho, aí eu digo, 'han, han'... rio [expressão facial de enfado], fico rindo, só que... [gesticula com as mãos] aí eu digo, 'ha, há, muito engraçado'... só pra num dizer que eu num to achando engraçado... [fala bem baixinho, ainda gesticulando com as mãos]

Pq - Mas aí, de verdade, você tá achando engraçado?

P₁ - Não! [responde com ênfase]

Pq - ...quando você diz isso?

P₁ - Não! [responde com um sorriso]

Pq - Não?! Há, há! [sorri] E aí? Você acha que foi isso que aconteceu aqui? [aponta para a tela]

C - [assente]

Pq - Umm?

P₁ - [assente, olhando firmemente a pesquisadora]

Pq - Tá bom... Vamos continuar vendo a história...

[prossegue o vídeo]

[Carla assiste interessada, estralando os dedos]

Cascão - Olha pai, isso não foi uma piada... [aponta para uma placa que diz "Meio do nada"]

Pai - Que esquisito! [procura no mapa] Esse lugar não consta no mapa! Bom, pelo menos, não estamos mais perdidos.

[Cascão e Cebolinha se entreolham]

Pai - Agora... [abre a mala do carro e tira de lá uma mochila] só o que temos a fazer, é achar uma oficina!

Cascão - Mas... pra quê?

Pai - Uhh... Pro carro, ora!

Cascão - Não seria melhor achar um:: cemitério? [fala simulando seriedade, juntando as mãos e olhando para cima]

Pai - Ha, ha, ha! Quero ver se você vai continuar com essas piadinhas, depois da caminhada...

Cascão – Uhh!!

Pai - ... que teremos de fazer!

[exibição pausada]

Pq – E aí... o pai do Cascão mudou de idéia sobre o lugar? Ou ele acha ainda a mesma coisa?

P₁ - [olha um pouco para baixo e depois para cima, como se buscasse uma resposta]

Pq – No início ele disse que tava perdido ou que não tava perdido? O pai?

P₁ - [olha para a tela e responde com ênfase] Que não estava perdido!

Pq – Ummm... e ele mudou de idéia, ou continuou achando a mesma coisas?

P₁ - Eu acho que ele mudou, porque ele viu a placa!

Pq – Ahh, ele viu a placa...

Pq – Muito bem, vamo ver aqui outra coisinha, tá? Vamo lá! Esse aqui é o outro episódio, tá? É outro pedacinho com outra historinha... Nesse caso aqui, é o seguinte: meninos e meninas.

[mostra-se a abertura do episódio, na qual se apresenta o título, “Meninos e meninas”]

Pq - Veja só... aqui, eles estão brincando no parque, certo? [ambas olham para a tela]

Pq – Tá o Cascão brincando de bolinha de gude [aponta para a tela] com o Cebolinha, e a Mônica e a Magali brincando de boneca, certo?

P₁ - [assente levemente e olha as unhas]

Pq – Aí eles começam a conversar sobre meninos e meninas...

P₁ - [começa a roer as unhas]

Pq - ... aí, daí eles vão pro cinema, e eles continuam lá essa conversa, certo? Aí a gente vai ver um pedacinho da conversa que eles tiveram no cinema, tá bom?

P₁ - [olha para a pesquisadora enquanto rói as unhas]

[começa a exibição do episódio]

Cebolinha – ...Tudo o que vocês, meninas, fazem, nós, meninos, também fazemos!

Cascão – Ah, é?

Cebolinha – É isso aí!

Magali – Tudo mesmo, é? TUDINHO?!

Cebolinha – Tudi-N-H-O! Tudinho!!

[interrompe-se a exibição]

Pq – Deu pra ouvir? O que eles disseram?

P₁ - [ainda roendo as unhas, assente] Hum-hum!

Pq – E aí, a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₁ - [fica olhando a pesquisadora por uns segundos, sem dizer nada]

Pq – Vou voltar de novo pra você ouvir, tá?

P₁ - [resolve responder] Ehh, num acha não... [diz, girando o corpo e fazendo entonação ascendente]

Pq – Num acha não? E por que você acha que ela num acha?

P₁ - Ahhh... [olha para a frente, para o lado e para cima, levando a mão ao queixo]

Pq – Eu vou voltar pra você ouvir de novo a falinha dela, tá? Tá bom?

[reprisa-se o episódio]

Cebolinha – ...Tudo o que vocês, meninas, fazem, nós, meninos, também fazemos!

Cascão – Ah, é?

Cebolinha – É isso aí!

Magali – Tudo mesmo, é? TUDINHO?!

[C. e pesquisadora esboçam sorriso enquanto assistem]

Cebolinha – Tudi-N-H-O! Tudinho!!

[interrompe-se a exibição]

Pq – E aí, a Magali acha que tudo o que os... as meninas fazem os menino também faz?

P₁ - Não, porque ela sabe que... as meNINAS... elas não fazem tudo o que os meninos fazem, nem os meninos fazem tudo o que as meninas fazem...

Pq – E é? Umm... Como é que você sabe disso? Por que você tá dizendo isso?

P₁ - Porque... [ajeita uma fivela no seu cabelo] um menino... vai brincar de boneca?! [olha para a pesquisadora com um sorrisinho]

Pq – Há, há! [sorri] Ahh... cê acha que ela pensou isso aí, esse detalhe?

P₁ - [fala olhando um pouco para cima e abrindo as mãos] É...

Pq – Pode ser, né? [volta a manejar o computador] Vamo ver o restinho...

[exibição retomada]

Cascão – Tudinho? T-U-D-I-N-H-O?!

Cebolinha – É!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!!

[exibição pausada]

Pq – E aí... confirmou o que você pensou da Magali?

P₁ - [assente, sorrindo]

Pq – Então, ela... o que é que ela acha? Que os meninos, fazem ou não fazem?

P₁ - Que os meninos não fazem... [responde baixinho e mexendo com os dedos]

Pq – Não fazem! Tá bom. Ótimo! Aí, essa... terminou e a gente vai pra outra, tá bom?

P₁ - [olha para a tela]

Pq – A outra é a última, tá certo?

P₁ - [assente]

Pq – A outra é um pouquinho maior, mas eu vou resumir um pouquinho a história pra você, tá bom?

[maneira o computador]

P₁ - [observa, enquanto continua roendo a unha] Eu gosto de coisas maiores...

Pq – Tu gosta de coisas maiores? [pergunta, sorrindo]

P₁ - [assente, com leve sorriso]

Pq – É o seguinte... vamo lá...

[a exibição é retomada]

Locutor – Boas maneiras

[aparece a cena em que Cebolinha está comendo à mesa com seus pais. Eles estão espantados com a falta de modos do filho]

[exibição pausada]

Pq – Boas maneiras!

P₁ - [olha para a pesquisadora]

Pq - É o seguinte: o Cebolinha tá em casa comendo, certo? Aí, comendo todo sujo, todo mal-educado... [fala gesticulando com a mão, enquanto C. observa, atenta] derramando comida, suj... falando com a boca cheia... aí o pai dele e a mãe dele ficam olhando [aponta para a tela, C. acompanha] e:: ficam assim... meio preocupados. Aí eles decidem colocar o Cebolinha numa escola de boas maneiras, pra ele aprender a se comportar. Só que... o Cebolinha... não gosta dessa idéia.

P₁ - [olha para a pesquisadora]

Pq - ... porque... ele acha que isso é coisa de menina... boas maneiras [fala, gesticulando]

P₁ - [observa, atenta]

Pq – Então ele vai, e tem uma idéia. Ele diz assim: eu vou convidar meus amigos, para irem comigo. Então ele convida o Cascão para ir com ele.

P₁ - [escuta enquanto estrala os dedos]

Pq – Só que... o Cascão começa a rir... diz que... começa a rir, né, dessa historinha de ir pra escola... de boas maneiras. Aí o Cebolinha vai e diz assim: ah, mas você:: eu num queria que você não perdesse... você é meu melhor amigo e eu gostaria que você estivesse junto de mim, porque a professora, a dona Biju, ela é uma gata...

P₁ - [muda a expressão facial e começa a sorrir]

Pq - ...ela é LINDa e maraviLHOSA! E aí o Ceb... o Cascão fica animado... e decide ir pra escola com ele... e convida outros coleguinhas para irem com ele também, certo?

P₁ - [olha para a tela e estrala os dedos]

Pq – Aí eles vão pra escola de boas maneiras lá [gesticula com a mão] com o Cebolinha...

P₁ - [levanta-se e endireita-se na cadeira]

Pq – Aí a gente vai ver lá quando eles chegarem, tá bom? [maneira o computador] Vê...

[começa a exibição do episódio]

[numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju – Olá, amiguinhos!

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega – Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

[exibição pausada]

Pq – Cê viu... a Srta. Biju?

P₁ - [assente]

Pq – Aquela mulher que tava sentada na cadeira, né? E aí, o que é que o Cascão achou... o Cascão achou que a Srta. Biju era uma gata?

P₁ - [pensa rapidamente ao olhar para a tela] Não! [responde com firmeza]

Pq – Não? Como é que você sabe disso?

P₁ - Porque:: ele tá reclamando com o Cebolinha... [aponta a tela com a mão e fala sorrindo]

Pq – Ele tá reclamando, é? [diz, sorrindo] E o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele?

P₁ - Que:: a:: professora era linda...

Pq – A professora era linda, né... E o Cascão acha que ela é linda? Acha também que ela é linda?

P₁ - Não...

Pq – Não? E como é que você sabe... como é que você percebeu que ele não concordou? Achou que ela não era linda?

P₁ - Porque:: [fala com um sorriso, movendo os braços e em tom que indica obviedade] ele... ele brigou com o Ca... com o Cebolinha!!

Pq – Ele brigou com o Cebolinha? Ahh... tá bom... vou voltar só um pouquinho pra você dar uma olhadinha por último...

[exibe-se novamente o trecho do episódio]

Srta. Biju – Olá, amiguinhos!

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega – Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

Cebolinha – É que eu num queria fazer o culso sozinho... [fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados]

Cebolinha – Ei! Espelem aí!

Cebolinha - Onde vocês vão?! [fala com voz amigável e cara aflita]

Cascão – Uhum! Tô fora! E não há ninguém que me faça mudar de idéia! [sai e bate fortemente a porta]

[exibição pausada]

Pq– E aí, por que é que o Cascão não quer ficar mais na escola?

P₁ - Porque:: ele num queria ir... e Cebolinha mentiu... o Cebolinha mentiu pra ele, dizendo que a professora era linda, só pra ele ir com o Cebolinha...

Pq – E aí agora ele mudou de idéia por quê?

P₁ - Porque: ele viu:: que a professora:: ela não era boNITA: aí ele VOLTOU, pra onde ele tava!

Pq – Ah:: certo, tá bom! Cê gostou da historinha?

P₁ – Hum-hum!

Pq – Infelizmente, não vai dar pra passar toda a história agora, mas se você quiser, depois eu te empresto o DVD, tá bom, Carla?

P₁ - [assente, segurando juntas as mãos]

Pq – Obrigada, viu?

ANEXO 9

TRANSCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE REBECA (P25)

REBECA P25 - 8 anos

Pq – Muito bem, nós estamos aqui com a nossa amiguinha Rebeca! Rebeca, quantos aninhos você tem?

P₂₅ – Oito anos!

Pq – Oito?

P₂₅ – [assente, balançando a cabeça, afirmativamente]

Pq – Tá bem... você conhece já os personagens da Turma da Mônica, né?

P₂₅ – [assente, balançando a cabeça, afirmativamente]

Pq – Vou passar aqui três pedacinhos de historinhas bem pequeninhas só pra gente dar uma olhadinha e aí você... presta atenção que eu vou fazer umas perguntinhas, tá bom?

P₂₇ – [assente, afirmativamente e volta o olhar para a tela do computador]

Pq – Esse aí, “Perdidos no meio do nada” foi assim... o Cascão, o pai do Cascão convidou ele e o Cebolinha para irem pro shopping, e o pai do Cascão foi dirigindo... só que ele errou o caminho e entrou numa rua lá errada e foi parar nesse lugar aí... aí a gente vai ver o que eles conversam, tá bom?

P₂₇ – [assente, levemente]

Pq – [maneira o computador]

[na tela do computador, aparece o título do episódio e ouve-se a voz de um locutor]

[começa a exibição do vídeo]

Locutor – Cascão em... “Perdidos no meio do nada”

[Aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos... no meio de um deserto!!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

Cascão – [assobia, olhando para cima, sentado sobre o carro]

Pai – Ora essa!! [muito enfurecido]

[o vídeo é pausado]

Pq – E aí... o Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₂₅ – Que tá perdido! [responde com segurança]

Pq – É? Tá bom... vamo ver o que ele vai dizer... [maneira o computador]

[prossegue a exibição]

Pai – Ora essa!! Pois eu vou mostrar pra você que eu sei muito bem onde estamos! (procura num mapa)

Cebolinha – Pois pra mim nós estamos no meio do nada!

Pai – Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] Muito engraçado!!

[a exibição é pausada]

Pq – E o Cebolinha... o que é que o Cebolinha achou desse lugar?

P₂₅ – [olha um pouco para cima, pensando] Que:: assim... era um lugar esquisito, que não conhecia...

Pq – Ah... e o pai do Cascão... achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂₅ – Não! [responde com firmeza] Muito pelo contrário... [entonação sorridente] ficou... bra... bravo!

Pq – Foi?

P₂₅ – ... com raiva!

Pq – É? Como é que você notou isso?

P₂₅ – Porque... assim... ele tentou olhar no mapa, mas ele não achou... nada!

Pq – Ah...

P₂₅ – Quer dizer, ele sabe que tá perdido, mas ele não quer admitir! [diz, com ar de riso]

Pq – Ah, é? [pergunta, sorrindo] Muito bem... vamo ver o resto... [maneira o computador]

[retoma a exibição do episódio]

Cascão – Olha, pai [em tom de advertência] isso não foi uma piada... [a cena corre-se para a direita e aparece uma placa enterrada na areia, com um urubu pousado em cima, onde se lê, “MEIO DO NADA”]; trilha musical de leve suspense]

P₂₅ – [sorri e diz] Meio do nada!

Pai – Que esquisito! [procura no mapa] Esse lugar não consta no mapa! Bom, pelo menos, não estamos mais perdidos.

[Cascão e Cebolinha se entreolham]

Pai – Agora... [abre a mala do carro e tira de lá uma mochila] só o que temos a fazer, é achar uma oficina!

Cascão – Mas, pra quê?

Pai – Pro carro, ora!

Cascão – Não seria melhor achar um... cemitério! [fala simulando seriedade, juntando as mãos e olhando para cima]

Pai – Ha, ha, ha! Quero ver se você vai continuar com as piadinhas... depois da caminhada...

Cascão – Uhh!!

Pai – ... que teremos que fazer!

[a exibição é pausada]

Pq – E aí... o pai do Cascão mudou de idéia... sobre esse lugar?

P₂₅ – Ah::: [olha para cima, procurando uma resposta] Acho que não!

Pq – Tá bom... eu vou passar agora pra outra historinha, tá? [maneira o computador e ambas olham para a tela]

[inicia a exibição com a tela de título e a primeira cena]

Locutor – “Meninos e meninas”

P₂₅ – Já assisti essa!

Pq – Já?

[na primeira cena as crianças aparecem num parquinho: Cascão e Cebolinha jogam bolinha de gude enquanto Mônica e Magali brincam de boneca, sentadas num banco]

[exibição pausada]

Pq – Pronto! Veja, aqui os meninos tão conversando sobre o que os meninos fazem, e o que as meninas fazem... certo?

P₂₅ – [assente, afirmativamente]

Pq – Aí eles vão pro cinema... e continuam lá conversando... vamo ver o que eles vão dizer... [maneira o computador]

[inicia a exibição do episódio]

Cebolinha – Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!

Cascão – Ah, é?!

Cebolinha – É isso aí!!

Magali – Tudo mesmo é? TUDINHO?!

P₂₅ – [faz ar de riso]

Cebolinha – Tudinh...

[o vídeo é pausado]

Pq – Cê ouviu o que a Magali disse?

P₂₅ – [assente, sorrindo]

Pq – E aí... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂₅ – Não! [responde balançando a cabeça negativamente]

Pq – Não? Por que é que você acha isso?

P₂₅ – [olha para cima e pensa um pouco] Ummm...

Pq – Por que você acha isso? Ela disse alguma coisa que deu... que você percebeu?

P₂₅ – [olha para frente, ainda pensando] Assim... ela deu como se fosse assim dizer... que eles não fazem as mesmas coisas... por exemplo [passa a gesticular com as mãos] os meninos brincam de carrinho e as meninas brincam de boneca, entende? Os meninos nunca vão brincar de boneca e as meninas de carrinho... [gesticula com as mãos juntas, que se movem de um lado para o outro]... mais ou menos assim...

Pq – Ah... tá... vamo ver o que eles vão terminar falando... [maneja o computador]

[segue a exibição do vídeo]

Cascão – Tudinho?! T-U-D-I-N-H-O?! Tudinho?!

Cebolinha – É!!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!

[exibição pausada]

[ambas sorriem]

Pq – E aí, confirmou o que você respondeu sobre a Magali?

P₂₅ – Ahã! [balança a cabeça, afirmativamente]

Pq – Ela não concorda com o que o Cebolinha disse?

P₂₅ – Não! [balança a cabeça, negativamente]

Pq – Tá bom! Vamos ver o último episódio... [maneja o computador]

[exibição retomada]

Locutor – Boas maneiras!

[Cebolinha aparece comendo à mesa, acompanhado de seus pais, que o observam perplexos enquanto ele devora o almoço, pegando a comida com as mãos, fazendo ruído ao mastigar, sujando a mesa e falando de boca cheia]

[exibição pausada]

Pq – Tá vendo ele à mesa?

P₂₇ – [assente, sorrindo]

Pq – O Cebolinha tava comendo todo mal-educado...

P₂₅ – Horrível! [faz uma careta de desagrado]

Pq – Derramando comida, falando com a boca cheia... [faz gestos com a mão e uma expressão de desagrado]... aí o pai dele e a mãe dele ficou preocupado, aí o pai dele disse assim, “Cebolinha, nós vamos colocar você numa escolinha de boas maneiras”, aí o Cebolinha disse, “não, eu não quero [faz entonação de súplica], porque senão os meus amigos vão ficar rindo de mim, e isso é coisa de menina!”...

P₂₅ – [escuta atenta e faz uma careta de reprovação nesta última frase]

Pq - Aí, o pai dele disse, “não, isso não é coisa de menina! Todo mundo tem que aprender a ser educado!” [entonação mais grave e expressão facial séria]

P₂₅ – Isso é verdade! [comenta, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq - Aí, o Cebolinha ficou pensando, “que é que eu faço? [leva a mão ao rosto, olhando para cima]... aí teve uma idéia... eu vou ligar pros meus amigos e vou convidá-los para fazer a escolinha comigo! aí, eles não vão ficar rindo de mim!” ... aí, ele ligou pro Cascão, “Cascão, olha [faz um gesto como se segurasse um telefone ao ouvido], eu vou fazer a escola de boas maneiras com a senhorita Biju...” , aí o Cascão, “ha, ha, ha, ha, ha!”, começou a rir...

P₂₅ – [sorri alto]

Pq – Aí o Cebolinha, “mas Cascão, eu to ligando pra você porque você é meu melhor aMIGO... e eu não podia deixar você fora dessa...”

P₂₅ – [escuta com bastante atenção]

Pq - ... você não sabe? a senhorita Biju, ela é uma GATA, LINDA e maravilhosa”...

P₂₅ – [sorri alto, enquanto escuta atentamente]

Pq – Aí, o Cascão aceita, e diz, “ah, tá bom! Eu vou fazer o curso com você!”

P₂₅ – [sorrindo, diz] Só porque ela é bonita!!

Pq – É! Aí, quando eles vão lá pra escola, e chegam lá no primeiro dia de aula, vamos ver o que acontece... [a pesquisadora maneja o computador para retomar a exibição do episódio]

[começa a exibição do episódio]

[numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju – Olá, amiguinhos!

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

P₂₅ – [dá uma risada]

Colega – Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

[exibição é pausada]

[ambas sorriem]

Pq – E aí, o Cascão acha que a senhorita Biju é uma gata?

P₂₅ – Não! [responde, sorrindo e balançando a cabeça]

Pq – Não?

P₂₅ – Ele acha mais que ela é uma veia coroca!! [diz em tom zombeteiro]

Pq – Ahaha! Como é que você sabe disso? Por que é que você acha isso?

P₂₅ – Porque é assim... ela tem mais característica de uma iDOSA do que... sei lá... uma mulher... chique!

Pq - Ah, é? Tá bom... e ele disse, “uma gata, né Cascão?”

P₂₅ – Hi, hi, hi! [dá uma risada]

Pq - “linda e maravilhosa, né, Cebolinha?”...

P₂₅ – Uma gata... [faz uma entonação que insinua descrédito]

Pq - Ele tava dizendo o que com isso?

P₂₅ – Ele tava dizendo assim que era uma pessoa bonita... chique, charmosa! [faz entonação expressiva]

Pq – Não, o Cascão agora... o que ele falou... cê ouviu o que ele disse,?

P₂₅ – Vi! [balança a cabeça, afirmativamente]

Pq - ...“linda e maravilhosa, né, Cebolinha?” [imita o tom de indignação do personagem] ... ele tava querendo dizer isso, que ela era linda e maravilhosa?

P₂₅ – Não, ele tava querendo dizer o oposto, que é feia e horrorosa! [faz um gesto com as mãos juntas]

Pq - Ah... e é? Ah... tá! Tá bom... E o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele sobre a senhorita Biju?

P₂₅ – Que era uma gata!

Pq – E o Cascão achou a mesma coisa?

P₂₅ – Não! [responde, sorrindo]

Pq – Não... [maneja o computador]

[retoma-se a exibição]

Cebolinha – É que eu num queria fazer o culso sozinho... (fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados)

Cebolinha – Ei! Espelem aí!

Cebolinha - Onde vocês vão? (fala com voz amigável e cara aflita)

Cascão – Uhum! Tô fora! E não há ninguém que me faça mudar de idéia!

[exibição pausada]

P₂₅ – [dá uma risada]

Pq – E aí... por que é que o Cascão não quis mais ficar na escola?

P₂₅ – Porque... assim... ele só iria ficar se fosse... se a senhorita Biju fosse uma mulher bonita...

Pq – Ah! E ela...

P₂₅ – E ela, pra ele, ela não era! [responde, balançando a cabeça negativamente]

Pq – Pra ele ela não era, né? Tá bom! Ok! É só isso, Rebeca! Obrigada, viu?

ANEXO 10

TRANSCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE ANA (P25)

ANA P21 – 5 anos

Pq – Muito bem! Estamos aqui com a senhorita... como é o seu nome? [senta-se e põe a mão no rosto]

P₂₁ – [balança a cadeira para frente e fica olhando, mas não diz nada]

Pq – Eu esqueci o teu nome...

P₂₁ – Ana...

Pq – Ana?

P₂₁ – Ana Pereira...

Pq – Ana Pereira?

P₂₁ – Ana Pereira da Silva!

Pq – Muito bem! Muito bonito o seu nome, viu, Ana!

Pq – Olha, eu vou passar aqui três pedacinhos de historinha da Turma da Mônica pra gente ver e depois vou fazer umas perguntinhas, tá bom?

P₂₁ – [olha e assente levemente]

Pq – ...Aí você presta atenção no que eles vão dizer, tá certo?

P₂₁ – [olha para a mesinha e mexe os dedos sobre ela]

Pq – Veja... [toca na mão de Pam.] aqui essa primeira, se chama perdidos no meio do nada... [aponta para a tela]

P₂₁ – [olha para a televisão e depois para a pesquisadora, sorrindo]

Pq – Foi assim... o pai do Cascão convidou o Cascão e o Cebolinha para irem pro shopping...

P₂₁ – Cascãaa?! [olha para a pesquisadora e fala sorrindo, com admiração]

Pq – Cascãaa... é! [imita a entonação dela] ...Aquele que é todo sujinho [aponta para a bochecha], que não gosta de tomar banho... te lembra dele?

P₂₁ – [fica olhando para as mãos e assente quase imperceptivelmente]

Pq – Pronto, aí o pai do Cascão convidou ele pra ir pro shopping...

P₂₁ – [continua olhando para as mãos na mesinha]

Pq – Aí foi... de carro, né? Só que... ele se perdeu...

P₂₁ – [olha para a pesquisadora]

Pq – ...o pai dele entrou numa rua lá errada e se perdeu... e aí foram parar nesse lugar aí que a gente vai ver, tá legal?

P₂₁ – [olha e assente]

Pq – Então vamos ver o que eles vão conversar aí...

P₂₁ – [fica olhando fixamente para a pesquisadora enquanto ela olha para a tela e opera os controles]
Tu colocou aparelho no dente!

Pq – Vê... ó! [indica com o olhar o início do vídeo]

[começa a exibição do vídeo]

Locutor – Perdidos no meio do nada

[Aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos... no meio de um deserto!!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

Cascão – [assobia, olhando para cima, sentado sobre o carro]

[o vídeo é pausado]

P₂₁ – A pessoa tem que escovar antes de ir pra escola? Antes de ir pra sala?

Pq – Hum-hum! ... Veja! O Cascão... você ouviu o que ele falou?

P₂₁ – [assente]

Pq – Ele acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₂₁ – Que não tá perdido... [enquanto fala, ergue-se um pouco e olha para a frente da mesinha]

Pq – É? Vamos ver o resto agora da historinha...

[prossegue o vídeo]

Pai – Ora essa!! [muito enfurecido] Pois eu vou mostrar pra você que eu sei muito bem onde estamos! [procura num mapa]

P₂₁ – [olha fixamente para a pesquisadora enquanto ocorre o episódio]

Cebolinha – Pois pla mim nós estamos no meio do nada!

P₂₁ – [passa a olhar a tela]

Pai – Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] Muito engraçado!!

[pausa no vídeo]

P₂₁ – [olha a pesquisadora, sorrindo]

Pq – E aí... o que é que o Cebolinha acha desse lugar?

P₂₁ – [sorri e gesticula com as mãos como se não soubesse]

Pq – Você ouviu o que ele falou agora? Ouviu?

P₂₁ – [sorri e assente, meio encabulada]

Pq – O Cebolinha acha? Ele acha também que tá perdido ou não?

P₂₁ – Não!

Pq – Não?

P₂₁ – [não fala nada]

Pq – Onde é que ele acha que tá?

P₂₁ – Ele tá perdido [nos coisa] ... [inaudível]... ele tá perdido!

Pq – É? Tá bom... vamos ver...

[o vídeo prossegue]

Pai – Ha, ha, ha! Muito engraçado!

[pausa]

P₂₁ – Ó, ó... [aponta para a tela]

Pq – E aí... o pai do Cascão achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂₁ – [assente, dobrando-se para o lado]

Pq – Foi?

P₂₁ – Esse daí é o Cebolinha? [aponta para a tela]

Pq – Não, é o Cascão!

P₂₁ – E o Cebolinha?

Pq – É aquele que falou antes dele...

P₂₁ – [assente]

Pq – Não é?

[segue a exibição do episódio]

Cascão – Olha pai, isso não foi uma piada... [aponta para uma placa que diz “Meio do nada”]

P₂₁ – [ao ouvir a trilha sonora de suspense, encolhe-se na cadeira e imita o olhar preocupado do pai do Cascão, passando a mão no queixo]

Pai – Que esquisito! [procura no mapa] Esse lugar não consta no mapa!

P₂₁ – Ó o Cascão! [aponta para o personagem na tela]

Pq – [sorri e assente]

Pai – Bom, pelo menos, não estamos mais perdidos.

[Cascão e Cebolinha se entreolham]

P₂₁ – Ei! Uma vez... o meu irmão...

Pq – Ó!... [aponta para a tela]

P₂₁ – ...novinho...

Pq – [pausa a exibição do vídeo]

P₂₁ – ele tá com febre... e ele tá com aquele negócio no olho [aponta para o olho]...pegou do meu outro irmão...

Pq – Conjutivite?

P₂₁ – [assente] Minha vó tá botando soro...

Pq – E é? Coitado, né? Bichinho...

P₂₁ – Tá sarando...

Pq – Tá... ó! [aponta para a tela] Vamos terminar de ver aqui, tá?

[prossegue o vídeo]

Pai – Agora... [abre a mala do carro e tira de lá uma mochila] só o que temos a fazer, é achar uma oficina!

P₂₁ – [abaixa-se e apóia-se na mesinha] Quando for toda veia... vai ficar tudo assim... [deita-se sobre o braço sobre a mesinha]

Pq – [olha rapidamente e balança o dedo negativamente]

Cascão – Mas, pra quê?

Pai – Pro carro, ora!

Cascão – Não seria melhor achar um... cemitério! [fala simulando seriedade, juntando as mãos e olhando para cima]

[a criança e a pesquisadora sorriem]

Pai – Ha, ha, ha! Quero ver se você vai continuar com as piadinhas... depois da caminhada... que teremos que fazer!

P₂₁ – Foi-se embora esse Cascão!

[pausa no vídeo]

Pq – E aí... o pai do Cascão mudou de idéia sobre esse lugar?

P₂₁ – [pensa um pouco e diz] Sim...

Pq – Foi? O que é que ele achava antes... o pai dele?

P₂₁ – [olha para a tela]

Pq – Achava que tava perdido ou não?

P₂₁ – Achava...

Pq – Foi?

P₂₁ – Achava.

Pq – E aí agora... ele mudou, foi?

P₂₁ – [assente]

Pq – Tá bom! Vamos ver agora a segunda historinha... vê!

P₂₁ – [ergue-se um pouco da cadeira]

Pq – A segunda história... vê, ó!

[Vídeo]

Locutor - Meninos e meninas

[aparece a cena em que as crianças brincam numa praça: Cascão e Cebolinha brincam de bola de gude na areia, enquanto Mônica e Magali estão sentadas num banco brincando de boneca]

P₂₁ – Meninos...

Pq – É o seguinte... vê, ó! [pausa a imagem] Os meninos tão brincando de bolinha de gude e as meninas de boneca, ó... [aponta para a tela]

P₂₁ – [observa atenta]

Pq – Aí eles começam a conversar... e daí eles vão pro shopping... pro cinema...

P₂₁ – [assente]

Pq – ...e aí lá no cinema eles continuam conversando... sobre o que é que as meninas fazem e o que é que os meninos fazem...

P₂₁ – [olha para o lado e para baixo]

Pq – Aí escuta só o que eles vão dizer, tá? Vê...

[segue a exibição do vídeo]

Cebolinha – Ah... que tudo o que vocês, meninas fazem, nós, meninos, também fazemos!

Cascão – Ah, é?

Cebolinha – É isso aí!

Magali – Tudo mesmo é? Tudinho?!

P₂₁ – A boca da pessoa vai pra cá e depois vai pra ali [aponta com a mão o rosto indicando o movimento de perfil dos personagens]

[o vídeo é pausado]

Pq – E aí, viu o que a Magali disse? Ela acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂₁ – [assente com um leve sorriso] Ela acha que também faz!

Pq – É? Como é que você sabe disso?

P₂₁ – Sabendo! [faz expressão e entonação como se fosse óbvio]

Pq – É?

P₂₁ – [assente, com uma expressão séria]

Pq – Tá bom! Vê...

P₂₁ – Eu tenho o DVD dela!

Pq – É? Tu tem?

P₂₁ – [assente]

[segue a exibição do vídeo]

Cebolinha – Tudin-n-h-o! Tudinho!!

Cascão – Tudinho?! T-U-D-I-N-H-O?! Tudinho?!

Cebolinha – É!!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

P₂₁ – [olha-se na câmera e endireita a postura]

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!

[o vídeo é pausado]

Pq – Cê viu o que ela disse?

P₂₁ – [assente]

Pq – E então... ela acha mesmo que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂₁ – [assente fazendo um beicinho]

Pq – É? Tá legal! Agora, é a última historinha, tá?

P₂₁ – [continua olhando para o monitor, ainda animada]

[Vídeo]

Locutor – Boas maneiras!

P₂₁ – [tapa os ouvidos com os dedos, incomodada pelo volume da televisão]

[Na primeira cena, Cebolinha aparece almoçando na mesa de sua casa, com seus pais. Ele come fazendo ruído, com muita pressa e fazendo muita sujeira ao redor do prato, sob o olhar assustado dos pais]

Pq – [faz um breve relato do episódio, enquanto Ana escuta atentamente, olhando para a tela] Ó! Esse aqui, ó, é o Casc... o Cebolinha! Ele tá em casa almoçando, sabe? Só que ela tá todo mal educado, falando de boca cheia, derramando comida... aí o pai dele fica assim admirado, né? Aí ele diz, Cebolinha, eu vou botar você numa escola de boas maneiras, pra você aprender a se educar...

P₂₁ – [acompanha atenta]

Pq – Aí o Cebolinha diz, “Não, pai, eu não quero ir! Senão, os meus amigos vão ficar rindo de mim, certo? Os meus amigos vão ficar rindo de mim

P₂₁ – [olha para baixo enquanto ajeita os cabelos]

P - ...porque isso é coisa de menina! Aí o pai dele disse assim, não senhor! Você vai fazer sim, porque isso é pra todo mundo aprender...

P₂₁ - [mexe com uma presilha de cabelo sobre a mesa]

Pq - Aí, o Cebolinha diz assim, e agora O que é que eu faço agora... eu tenho que ter uma idéia pra meus amigos não ficarem rindo de mim! Aí ele diz, ah, já sei! Vou convidar eles pra fazer o curso comigo!

P₂₁ - [continua mexendo a presilha, olhando para baixo]

Pq - ... aí ele liga pro Cascão e convida o Cascão... aí ele diz, olha Cascão, você não sabe... a professora Biju, a dona da escola de boas maneiras, olha, a Srta. Biju, ela é muito bonita! Ela é uma gata, linda e maravilhosa! Aí o Cascão vai [toca no ombro de Ana]

P₂₁ - [olha para a pesquisadora]

Pq - ...e resolve fazer o curso com ele... aí quando eles chegam lá na escola, vê só o que acontece... presta atenção...

[prossegue a exibição; numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju - Olá, amiguinhos!

Cascão - Ohh!!

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega - Hum! Uma gata, né, Cascão?!

Cascão - Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?!

P₂₁ - [olha para a tela, ajeitando a presilha no cabelo; depois diz algo inaudível]

[pausa]

Pq - O quê?

P₂₁ - Não é, Cebolinha? [imita sorrindo a fala do personagem]

P - Aha... E aí, o Cascão acha que D. Biju é uma gata?

P₂₁ - [estica-se para trás na cadeira e gesticula com os braços estendidos, indicando não saber]

Pq - Vou voltar aqui pra você olhar...

P₂₁ - Eu não sei essa parte não...

Pq - Como é? Ó... vê essa parte aí...

[passa de novo o trecho em que eles conhecem a Srta. Biju]

P₂₁ - [fala algo inaudível durante a exibição do episódio]

Pq - Cê viu o que o Cebol... o Cascão disse com o Cebolinha?

P₂₁ - [assente]

Pq - Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?

P₂₁ - Cebolinha, linda e maravilhosa, né, Cebolinha? [imita o personagem, balançando-se]

Pq - O Cascão acha que a dona Biju é uma gata?

P₂₁ - [olha para a porta, gesticula com os ombros "não sei"] Óia, o menino tá correndo...

Pq - Ein?

P₂₁ - Acha... e eu sei...[faz uma careta] ...eu não gosto desse menino não...

Pq - Ah, é?

P₂₁ - ...eu nunca assisto meu DVD... [olha para a câmera] ...eu só assisto a era do gelo...

Pq - Tá...

P₂₁ - Mas só que não assisto essa parte toda não...

Pq - Tá bom... Vê só... o que é que o Cebolinha tinha dito para ele sobre a Srta. Biju?

P₂₁ - Disse, num é, Cebolinha? Tu vai achar uma gatinha... [olha para a pesquisadora]... num é, Cebolinha!

Pq – É? E o Cascão? O Cascão acha a mesma coisa que o Cebolinha?

P₂₁ – [gesticula indicando não saber]

Pq – Ele acha que a dona Biju é uma gata?

P₂₁ – [olha para a pesquisadora e responde com entonação convicta] Ele num acha não... que ele é Cebolinha...

Pq – Ah é? Tá bom! Vamos ver o restinho da história... Presta atenção, que é o final...

[prossegue a exibição]

Cebolinha – É que eu num queria fazer o culso sozinho... [fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados]

Cebolinha – Ei! Espelem aí!

Cebolinha – Onde vocês vão? [fala com voz amigável]

Cascão – Uhum! Tô fora! E não há ninguém que me faça mudar de idéia!

[pausa no vídeo]

Pq – E aí, por que é que o Cascão não quer ficar mais na escola?

P₂₁ – [gesticula não saber]

Pq – Cê viu ele indo embora?

P₂₁ – [assente]

Pq – Por que será que ele não quis mais ficar?

P₂₁ – Porque... porque... porque... porque não quis ficar... porque o colega...ficou falando... [fala movendo-se constantemente]

Pq – O quê?

P₂₁ – O colega...que não... quis... ficar...[inaudível] ...pegou o Cascão e disse, num é, Cebolinha... você achou uma gracinha... aí pegou...pegou o amigo dele e foi-se embora... [pela expressão corporal e facial – olhar comprido, boca tensa - aparenta estar insegura quanto ao que diz]

Pq – Foi? Tá bom. Ok, Ana... é só isso, viu? Obrigada, tá, pela sua participação...

ANEXO 11

TRANSCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE MELISSA (P20)

MELISSA P20 – 5 anos

Pq – Muito bem! Nós estamos aqui com a senhorita Melissa, né?

P₂₀ – [olha fixamente para a televisão e assente, balançando a cabeça]

Pq – Melissa, quantos aninhos você tem?

P₂₀ – [mostra os cinco dedos da mão aberta, enquanto responde] Cinco!

Pq – Cinco? Tá bom... olha, presta atenção que eu vou colocar... três pedacinhos de historinha da Turma da Mônica, tá? E vou fazer umas perguntinhas, tá legal? Vê só... [maneira o controle]

P₂₀ – [assente, balançando a cabeça, e dá uma olhadela para a pesquisadora]

Pq – Nessa primeira aí, “Perdidos no meio do nada”, foi assim... o pai do Cascão convidou o Cascão e o Cebolinha pra irem passear no shopping... aí, foi de carro com eles... só que... ele errou o caminho e entrou [fala gesticulando com as mãos] num lugar lá... e aí chegaram nesse lugar que vai parecer aí [indica com a mão a cena na televisão], tá certo?

P₂₀ – [assente, balançando a cabeça]

Pq – ...Aí, presta atenção no que eles vão conversar, tá bom?

P₂₀ – [olha atentamente para a televisão]

[começa a exibição do vídeo]

Locutor – Perdidos no meio do nada

[Aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos... no meio de um deserto!!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

Cascão – [assobia, olhando para cima, sentado sobre o carro]

[o vídeo é pausado]

P – Cê ouviu o que o Cascão falou?

P₂₀ – [assente, balançando a cabeça]

Pq – Ele acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₂₀ – [responde, dirigindo o olhar para a pesquisadora] Que tá perdido!

Pq – É? Tá bom... vamo ver o restinho... [maneira o controle]

[prossegue o vídeo]

Pai – Ora essa!! [muito enfurecido] Pois eu vou mostrar pra você que eu sei muito bem onde estamos! (procura num mapa)

Cebolinha – Pois pra mim nós estamos no meio do nada!

Pai – Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] Muito engraçado!!

[o vídeo é pausado]

Pq – E aí... o que é que o Cebolinha acha desse lugar?

P₂₀ – [fica olhando para a pesquisadora, sem responder nada]

Pq – Cebolinha é aquele de verde, né? [gesticula com a mão, indicando o personagem] Cê viu o que ele falou?

P₂₀ – [assente, balançando a cabeça]

Pq – Então... o que é que ele acha desse lugar?

P₂₀ – Horrível!

Pq – Hum?

P₂₀ – [balança a cabeça, como se negando a responder]

Pq – Deixa eu voltar um pouquinho aqui pra você ver, tá? [maneira o controle] Vê...

[episódio é reiniciado]

Locutor – Cascão em... “Perdidos no meio do nada”

[Aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos... no meio de um deserto!!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

Cascão – [assobia, olhando para cima, sentado sobre o carro]

Pai – Ora essa!! [muito enfurecido] Pois eu vou mostrar pra você que eu sei muito bem onde estamos! (procura num mapa)

Cebolinha – Pois pla mim nós estamos no meio do nada!

[o vídeo é pausado]

Pq – Que é que o Cebolinha achou desse [aponta com o controle para a televisão] lugar?

P₂₀ – [fica encarando a pesquisadora, sem responder nada]

Pq – Hum?

P₂₀ – [olha para a câmera, com a boca aberta]

Pq – Ele acha que tá perdido também ou não?

P₂₀ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – É?

P₂₀ – [balança a cabeça]

Pq – Tá bom... vamo ver o que o pai do Cascão vai dizer, tá bom? [maneira o controle]

[o vídeo é retomado]

Pai – Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] Muito engraçado!!

[o vídeo é pausado]

Pq – E aí, o pai do Cascão achou engraçado o que o Cebolinha disse?

P₂₀ – [olha para a pesquisadora com os olhos bem abertos e responde afirmativamente com a cabeça]

Pq – Foi? Tá bom... vamo ver aqui o resto da história... [maneira o controle]

[segue a exibição do episódio]

Cascão – Olha pai, isso não foi uma piada... [aponta para uma placa que diz “Meio do nada”]

Pai – Que esquisito! [procura no mapa] Esse lugar não consta no mapa! Bom, pelo menos, não estamos mais perdidos.

[Cascão e Cebolinha se entreolham]

Pai – Agora... [abre a mala do carro e tira de lá uma mochila] só o que temos a fazer, é achar uma oficina!

Cascão – Mas, pra quê?

Pai – Pro carro, ora!

Cascão – Não seria melhor achar um... cemitério! [fala simulando seriedade, juntando as mãos e olhando para cima]

Pai – Ha, ha, ha! Quero ver se você vai continuar com as piadinhas... depois da caminhada...

Cascão – Uhh!!

Pai - ... que teremos que fazer!

[pausa no vídeo]

Pq – [olha para a criança e esboça um sorriso]

P₂₀ – [retribui o sorriso]

Pq – E aí... o pai dele, o pai do Cascão mudou de idéia sobre o lugar?

P₂₀ – [responde afirmativamente, balançando a cabeça]

Pq – Sim? O que é que ele achava antes?

P₂₀ – [fica olhando para a pesquisadora, mas não responde]

Pq – Ele achava que tava perdido ou que não... no começo?

P₂₀ – [balança forte a cabeça, afirmativamente]

Pq – E no final...

P₂₀ – [balança a cabeça, negativamente]

Pq – Ele mudou, foi, de idéia?

P₂₀ – [balança a cabeça, afirmativamente]

Pq – Vamo ver agora a próxima historinha, tá?

[ambas olham para a televisão, enquanto a pesquisadora maneja o controle]

Pq – Olha, essa daqui é o seguinte, ó...

[aparece a cena em que as crianças brincam numa praça: Cascão e Cebolinha brincam de bola de gude na areia, enquanto Mônica e Magali estão sentadas num banco brincando de boneca]

P₂₀ – [levanta-se e assenta-se, puxando a cadeirinha mais à frente]

Pq – Os meninos tavam brincando no parque... o Cascão e o Cebolinha brincando de bolinha de gude [aponta com o controle] e as meninas brincando de boneca...

P₂₀ – [olha atentamente e assente, balançando a cabeça]

Pq – Aí eles começam a conversar sobre o que os meninos fazem e o que as meninas fazem... tá? aí, eles vão pro cinema e lá eles continuam falando... bora o que eles vão dizer... [maneja o controle]

[exibição retomada]

Cebolinha – Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!

Cascão – Ah, é?!

Cebolinha – É isso aí!!

A – Fazem não! (diz, meneando suavemente a cabeça)

Magali – Tudo mesmo é? TUDINHO?!

Cebolinha – Tudin...

[o vídeo é pausado]

Pq – Cê ouviu o que a Magali disse?

P₂₀ – [balança a cabeça, afirmativamente]

P – Ela acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂₀ – [balança a cabeça, afirmativamente]

Pq – É?

P₂₀ – [continua balançando a cabeça]

Pq – Tá bom... vamo ver o final... [maneja o controle]

[segue a exibição do vídeo]

Cebolinha – Tudin-n-h-o! Tudinho!!

Cascão – Tudinho?! T-U-D-I-N-H-O?! Tudinho?!

Cebolinha – É!!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!

[exibição pausada]

Pq – [olha para a criança e sorri] E aí... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₂₀ – [com expressão sorridente, balança a cabeça, afirmativamente]

Pq – Tá bom... vamo ver aqui a próxima... [maneja o controle]

[exibição retomada]

Locutor – Boas maneiras!

P₂₀ – [faz uma careta, fechando os olhos, como se estivesse incomodada com o volume do vídeo]

[Na primeira cena, Cebolinha aparece almoçando à mesa de sua casa, com seus pais. Ele come fazendo ruído, com muita pressa e fazendo muita sujeira ao redor do prato, sob o olhar assustado dos pais]

Pq – [faz um breve relato do episódio, enquanto M. escuta atentamente, olhando para a tela] Aí o Cebolinha tava almoçando em casa, só que ele tá comendo bem mal educado, sabe?

P₂₀ – [olha para a pesquisadora, enquanto assente, balançando a cabeça]

Pq – Derramando comida, falando com a boca cheia, aí o pai dele vai e disse assim... Cebolinha [faz uma voz mais grave], eu vou botar você na escola de boas maneiras, da senhorita Biju, pra você aprender a se educar...

P₂₀ – [escuta atentamente, olhando para a pesquisadora]

Pq – Aí o Cebolinha faz... não, pai, eu não quero [imita entonação de súplica], não quero... porque senão os meus amigos vão ficar rindo de mim [coloca a mão no peito]... que isso é coisa de menina!

P₂₀ – [olha seriamente para a pesquisadora]

Pq – Aí o pai dele diz... não, senhor! Educação é pra todo mundo [fala gesticulando com a mão], meninos e meninas... aí ele vai e fica pensando... o que é que eu faço pra meus amigos não ficarem zombando de mim? [põe a mão no queixo]

P₂₀ – [olha rapidamente para a tela e volta a olhar para a pesquisadora]

Pq – Aí ele diz... ah, eu já sei... vou convidar os meus amigos para irem comigo pra escola... aí ele vai e liga pro Cascão e convida o Cascão para participar da escola da senhorita Biju... aí... só que o Cascão começa a rir dele... aí ele diz, Cascão [faz entonação expressiva] estou lhe convidando porque você é meu amigo, e a senhorita Biju é uma professora muito bonita... ela é uma GATA, LI::NDA E MARAVILHOSA... [faz entonação expressiva]

P₂₀ – [olha atentamente, bem séria, para a pesquisadora]

Pq – Aí o Cascão vai e resolve fazer o curso também com ele...

P₂₀ – [assente, afirmativamente]

Pq – Só que quando eles chegam lá na escola... vamo ver o que é que acontece, tá bom? Presta atenção...

[a pesquisadora maneja o controle, enquanto P₂₀ olha para a tela]

[começa a exibição do episódio]

[numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju – Olá, amiguinhos!

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega – Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

[exibição é pausada]

Pq – Cê ouviu o que o Cascão falou por último?

P₂₀ – [assente levemente]

P – E aí, ele acha que a senhorita Biju é uma gata?

P₂₀ – [olha para a pesquisadora e balança a cabeça, afirmativamente]

P – Hã?

P₂₀ – É!

Pq - Por que você acha isso?

P₂₀ – [balança ainda a cabeça e diz bem baixinho] Porque!

Pq – Hã?

P₂₀ – Porque!! [responde com firmeza, olhando para a pesquisadora e mexendo com os dedos sobre a mesa]

Pq – Por que? O que é que o Cebolinha [aponta para a tela com o controle] tinha dito pra ele sobre a senhorita Biju?

P₂₀ – [não responde nada, fica só olhando a pesquisadora]

Pq – O Cebolinha é esse aí de verde [indica com o controle]... o que é que ele tinha dito sobre a senhorita Biju?

P₂₀ – [continua desenhando com os dedos sobre a mesa e não fala nada]

Pq – Cê lembra... o que eu contei pra você... da história?

P₂₀ – [balança a cabeça, negativamente, enquanto segue desenhando com os dedos sobre a mesa]

Pq – O que é que ele tinha dito da professora?

P₂₀ – [não consegue dizer nada, fica olhando fixamente para o lado, ainda mexendo os dedos]

Pq – Ele falou alguma coisa sobre ela... o que é que ele disse?

P₂₀ – [não responde nada]

Pq – Hã? Tá lembrada?

P₂₀ – [nega, balançando a cabeça]

Pq – Não? O Cascão acha a mesma coisa que o Cebolinha... da senhorita Biju? Hã?

P₂₀ – [assente, sem convicção, balançando levemente a cabeça]

Pq – Vamo ver o finalzinho... [maneira o controle]

[prossegue a exibição]

Cebolinha – É que eu num queria fazer o culso sozinho... (fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados)

Pq – Ó, vê só...

[a exibição é pausada neste ponto e volta-se à cena em que aparece a senhorita Biju]

[numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju – Olá, amiguinhos!

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega – Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

[exibição é pausada]

Pq – Cê viu como é que o Cascão tava? Viu?

P₂₀ – [sorri e balança a cabeça, afirmativamente]

Pq – E aí, ele achou que a senhorita Biju era uma gata?

P₂₀ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – Sim?

P₂₀ – [continua assentindo]

Pq – Tá bom... vamo ver o final...

[exibição retomada]

Cebolinha – É que eu num queria fazer o culso sozinho... (fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados)

Cebolinha – Ei! Espelem aí!

A – (assiste roendo um pouco as unhas)

Cebolinha - Onde vocês vão? (fala com voz amigável e cara aflita)

Cascão – Uhum! Tô fora! E não há ninguém que me faça mudar de idéia!

[exibição pausada]

Pq – E aí, por que é que o Cascão não quis mais ficar na escola?

P₂₀ – [olha um pouco para a pesquisadora e diz] Porque ele:: porque ele:: ... [olha de repente para baixo, e não levanta mais a cabeça]

Pq – Hã? Vai, diz [com entonação de solicitação], tu ia dizer, vai... [toca no braço da criança e ela olha para a pesquisadora de novo]... que é que tu ia dizer? Por que é que o Cascão foi embora [aponta para a tela] e num quis mais ficar na escola?

P₂₀ – [olha para cima, e retoma a palavra] Porque:: [olha para o lado, buscando o que dizer] ele comia sem, sem... ele comia::: [faz uma caretinha, franzindo a testa e abrindo a boca]

Pq – Hum? Ele comia sem o quê?

P₂₀ – [fica olhando a pesquisadora enquanto mexe com os dedos sobre a mesinha, mas não diz nada]

Pq – Fala... pode falar, vou te ouvir, vai! [inclina-se um pouco à frente]

P₂₀ – [parece bastante acanhada, olhando para baixo]

Pq – Como é que ele comia?

P₂₀ – Ele comia... [mexe rapidamente com os dedos sobre a mesa] ele comia mutcho feio...

Pq – Feio? E por que é que o Cascão não quis ficar na escola?

P₂₀ – [olha pra baixo e não diz nada]

Pq – Hã, Melissa... diz! O que é que você acha?

P₂₀ – [não olha nem diz nada]

P₂₀ – Vai falar não, nenê? Cê esqueceu, foi? [abaixa-se para olhá-la de perto]

P₂₀ – [balança levemente a cabeça, afirmando]

Pq – Tá legal... não tem problema não, viu? Pronto, Melissa, é só isso... terminou! Tá? Obrigada, viu?

P₂₀ – [assente com a cabeça e levanta-se da cadeira]

ANEXO 12

TRANSCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE GABRIELA (P12)

GABRIELA P30 - 8 anos

Pq – Muito bem, nós estamos aqui com a nossa amiga Gabriela... Gabriela, quantos aninhos você tem?

P₃₀ – Oito!

Pq – Oito! Vou passar três pedacinhos bem pequenininhos de historinhas da Turma da Mônica...

P₃₀ – Ahã...

Pq – ... aí você presta atenção aí que depois eu vou fazer as perguntinhas, tá?

Pq – Esse aqui, ó... [mostra a tela do computador, onde aparece o título do episódio] ...o primeiro, “Perdidos no meio do nada”, é o seguinte... o pai do Cascão foi pro shopping, e convidou o Cascão e o Cebolinha para irem com ele...

P₃₀ – [escuta atentamente e assente, balançando a cabeça]

Pq – Só que ele errou o caminho, e entrou numa rua errada e foi parar nesse lugar aí... vamo ver o que eles vão conversar... [maneja o computador]

[começa a exibição do vídeo]

Locutor – Cascão em... “Perdidos no meio do nada”

[Aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos... no meio de um deserto!!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

Cascão – [assobia, olhando para cima, sentado sobre o carro]

Pai – O::ra essa!! [muito enfurecido] Pois eu vou mostrar pra você que eu sei MUITO BEM onde estamos! [procura num mapa]

Cebolinha – Pois pla mim nós estamos no meio do nada!

Pai – Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] MUITO engraÇADO!!

[o vídeo é pausado]

Pq – E aí, o Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₃₀ – Que tá perdido! [responde rápido, risonha e balançando a cabeça, afirmativamente]

Pq – E::: o Cebolinha? O que é que o Cebolinha achou desse lugar?

P₃₀ – [olha para a tela, enquanto responde] Que:: ele... a gente está no meio do nada! [sorridente]

Pq – É? E o pai do Cascão... achou engraçado aquilo que o Cebolinha disse?

P₃₀ – [olha rapidamente para a tela e diz] Achou! [aparenta segurança, balançando a cabeça]

Pq – Achou? Por que você acha que ele achou?

P₃₀ – [fica olhando uns segundos a tela] Porque ele sabe o mapa todo! [gesticula com as mãos]

Pq – É? Vamos ver o finzinho... [maneja o computador]

[exibição retomada]

Cascão – Olha pai, isso não foi uma piada... [aponta para uma placa que diz “Meio do nada”]

Pai – Que esquisito! [procura no mapa] Esse lugar não consta no mapa! Bom, pelo menos, não estamos mais perdidos.

[Cascão e Cebolinha se entreolham]

Pai – Agora... [abre a mala do carro e tira de lá uma mochila] só o que temos a fazer, é achar uma oficina!

Cascão – Mas... pra quê?

Pai – Uhh... Pro carro, ora!

Cascão – Não seria melhor achar um:: cemitério? [fala simulando seriedade, juntando as mãos e olhando para cima]

Pai – Ha, ha, ha! Quero ver se você vai continuar com essas piadinhas, depois da caminhada...

Cascão – Uhh!!

Pai - ... que teremos de fazer!

[exibição pausada]

Pq – E aí... o pai do Cascão mudou de idéia sobre o lugar, ou não?

P₃₀ – Mudou! [responde rápido, balançando a cabeça]

Pq – Mudou? O que é que ele achava antes?

P₃₀ – Ele achava que... tava certo, mas ele num tava certo...

Pq – Ah... tá bem! Vamo ver a próxima historinha... [maneira o computador]

[começa a exibição do segundo episódio]

Locutor - Meninos e meninas

[aparece a cena em que as crianças brincam numa praça: Cascão e Cebolinha brincam de bola de gude na areia, enquanto Mônica e Magali estão sentadas num banco brincando de boneca]

[exibição pausada]

Pq – Esse aqui, é o seguinte... [ambas olham para a tela] ...os meninos estavam no parque brincando de bolinha de gude e as meninas de boneca... aí, daí, eles foram pro cinema e lá eles ficaram conversando sobre o que os meninos fazem e o que as meninas fazem

P₃₀ – [assente, balançando a cabeça]

Pq – ... aí, vamo ver o que eles vão dizer, tá?

[começa a exibição do episódio]

Cebolinha – ...Tudo o que vocês, meninas, fazem, nós, meninos, também fazemos!

Cascão – Ah, é?

Cebolinha – É isso aí!

Magali – Tudo mesmo, é? TUDINHO?!

[interrompe-se a exibição]

Pq – Cê ouviu a fala da Magali?

P₃₀ – Ahã! [assente, balançando a cabeça, risonha]

Pq – E aí, a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₃₀ – [fica olhando para a tela, enquanto a pesquisadora faz a pergunta] Não! [responde rápido e sorridente]

Pq – Não? Por que você acha que ela não?

P₃₀ – Por que as meninas têm coisas diferentes pra fazer e os meninos têm coisas diferentes pra fazer! [responde ligeiro e com expressão sorridente]

Pq – É? Vamo ver o resto...

[retoma-se o episódio]

Cebolinha – Tudi-N-H-O! Tudinho!!

Cascão – Tudinho? T-U-D-I-N-H-O?!

Cebolinha – É!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!!

[interrompe-se a exibição]

Pq – E aí, confirmou o que você achou?

P₃₀ – [olha uns segundos para a tela] Ahã! [responde, risonha]

Pq – Tá bom! Vamo ver a próxima agora, que é a última... [maneira o computador]

[exibição retomada]

Locutor – Boas maneiras

[aparece a cena em que Cebolinha está comendo à mesa com seus pais. Eles estão espantados com a falta de modos do filho]

Pq – “Boas maneiras”... O Cebolinha tava comendo, todo mal-educado, sabe? [interrompe a exibição]

P₃₀ – [passa a olhar para a pesquisadora]

Pq – E comendo rápido, derramando comida... [fala gesticulando com a mão, fazendo expressão facial de desagrado, enquanto a criança observa, atenta] ...aí o pai dele disse assim, “Cebolinha, eu e sua mãe decidimos colocar você numa escolinha de boas maneiras o Cebolinha numa escola de boas maneiras com a senhorita Biju”.. aí o Cebolinha, “Não! pai, eu não quero, senão, o que é que meus amigos vão dizer de mim? Vão ficar tudo rindo, que isso é coisa de menina!”... aí o pai dele, “não! Ser educado não é coisa de menina... todo mundo tem que aprender a ser educado...”

P₃₀ – [assente, balançando a cabeça]

Pq – Aí o Cebolinha foi e ficou pensando, “que é que eu faço?”... aí ele disse, “já sei! Vou ligar pros meus amigos e vou convidá-los pra fazer o curso comigo!”...

P₃₀ – [assente, balançando a cabeça]

Pq – Aí, tá certo... aí ele ligou pro Cascão, e disse, “Cascão, olha, eu vou fazer o curso e tal... queria lhe dizer...” aí o Cascão, “ka, ka, ka, ka!” [imita uma risada] ...começa a rir dele... aí ele, mas Cascão, eu estou ligando pra você, porque você é meu melhor amigo, e eu num podia deixar você de fora... você num sabe, a professora, a senhorita Biju, ela é uma gata... ela é LINDa e maraviLHOSA...

P₃₀ – [começa a sorrir]

Pq – E aí o Cascão, “ah, tá certo! Eu vou com você!”... aí, eles foram lá pra escolinha da senhorita Biju...aí, vamos ver o que é que acontece quando eles chegam lá, tá bom? [maneja o computador]

[começa a exibição do episódio]

[numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju – Olá, amiguinhos!

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega – Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

[exibição pausada]

Pq –E aí, o Cascão acha que a dona Biju é uma gata?

P₃₀ – Não! [responde rapidamente e com firmeza, sorrindo]

Pq – Não? Por que é que você acha que não?

P₃₀ – Porque:: ele pensou que ela [aponta a tela com a mão e fala sorrindo]era jovem e bonita, mas num é não, ela é velha e feia!

Pq – É? [fala, sorrindo] E o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele?

P₃₀ – Que:: vamo lá, que a professora é muito bonita... uma gata! [responde olhando para a tela]

Pq – Ah... E o Cascão acha a mesma coisa?

P₃₀ – Não... [responde balançando a cabeça, negativamente]

Pq – Não? Tá bom... vamo ver o final... [maneja o computador]

[prossegue a exibição]

Cebolinha – É que eu num queria fazer o culso sozinho... [fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados]

Cebolinha – Ei! Espelem aí!

Cebolinha - Onde vocês vão? [fala com voz amigável e cara aflita]

Cascão – Uhum! Tô fora! E não há ninguém que me faça mudar de idéia!

[exibição pausada]

Pq – E aí, por que é que o Cascão não quis mais ficar na escola?

P₃₀ – Porque::: [olha para a tela, pensando um pouco e pergunta, apontando o personagem] Esse?

Pq – O Cascão! [indica na tela o personagem]

Porque::: ele pensou que:: [estende a mão, apontando a tela] a::: professora deles ia ser muito bonita!

Pq – E não é, não?

P₃₀ – [balança a cabeça negativamente]

Pq - Tá bom! Pronto, Gabriela... é só isso... obrigada, viu?

ANEXO 13

TRANSCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE AMANDA (P3)

AMANDA P3 - 7 anos

Pq – Muito bem, estamos aqui com a senhorita Amanda... né?

P₃ – [balança a cabeça, confirmando]

Pq – Amanda, você tem quantos anos?

P₃ – Sete! [responde sorridente]

Pq – Sete? Bem... cê conhece a Turma da Mônica? [mostra-lhe a capa de uma revista de quadrinhos]

P₃ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente e sorrindo]

Pq – Os personagens da Turma da Mônica?

P₃ – [assente]

Pq – Ótimo! Vê, eu vou mostrar pra você aqui uns trechos de historinhas deles, tá? De DVD, aí você presta atenção no que eles vão falar que aí depois eu vou fazer umas perguntinhas, tá?

P₃ – [balança a cabeça, afirmativamente, olhando para a tela do computador]

[a pesquisadora maneja o computador]

[começa a exibição do vídeo]

Locutor – Cascão em... Perdidos no meio do nada!

Pq – Aqui é o seguinte... nessa historinha [aponta para a tela do computador, onde aparece o título do episódio], Perdidos no meio do nada”, aconteceu assim... o pai do Cascão chamou o Cascão e o Cebolinha para irem passear de carro, certo?

P₃ – [assente, afirmativamente]

Pq – Aí, disse que ia pro shopping com eles... só que ele foi por um caminho e entrou numa rua errada e foi parar nesse lugar aí que a gente vai ver agora... onde eles vão ter uma conversinha... aí vamo ver o que eles vão dizer...

P₃ – [assente e olha para o monitor]

[a criança esboça um sorriso na primeira cena e assiste atentamente]

[Aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos... no meio de um deserto!!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

[o vídeo é pausado]

Pq – Cê ouviu o que o Cascão disse pro pai dele?

P₃ – [assente, sorridente]

Pq – E aí... o Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₃ – [com tranquilidade] Acha!

Pq – Acha? É... vamo ver aqui o restinho... [maneja o computador]

[prossegue a exibição]

Cascão – [assobia, olhando para cima, sentado sobre o carro]

Pai – Ora essa!! [muito enfurecido] Pois eu vou mostrar pra você que eu sei muito bem onde estamos! (procura num mapa)

Cebolinha – Pois pla mim nós estamos no meio do nada!

Pai – Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] Muito engraçado!!

[Amanda sorri com a fala do pai de Cascão]

[a exibição é pausada]

Pq – E o Cebolinha... o que é que o Cebolinha achou desse lugar?

P₃ – [balança a cabeça negativamente, como dizendo não saber]

Pq – Ele achava também que tava perdido ou que não tava perdido?

P₃ – [balança a cabeça afirmativamente] Ele disse que tava no meio do nada!

Pq – É?

P₃ – Não sabia onde tava...

Pq – E o pai do Cascão... ele achou engraçada a fala do Cebolinha?

P₃ – Não! [responde, sorridente e balançando a cabeça, negativamente]

Pq – Não? Como é que você sabe que ele não achou?

P₃ – [sorri, sem responder nada]

Pq – Por que é que você acha que ele não achou engraçado?

P₃ – [olha pra baixo um pouco e balança a cabeça, negativamente] Num sei...

Pq – Deu pra notar como? Que ele não tinha achado engraçado?

P₃ – [não diz nada, só sorri]

Pq – Você quer que eu volte um pouquinho pra você ver?

P₃ – Não...

Pq – Não?

P₃ – É... [olha para cima] num sei!

Pq – Foi alguma coisa que ele fez, assim... que falou... e que deu a entender isso...

P₃ – [faz uma caretinha, franzindo o nariz e balançando a cabeça negativamente]

Pq – Tá ok... vamo ver o restinho... [maneja o computador]

[retoma-se a exibição do episódio]

Cascão – Olha, pai [em tom de advertência] isso não foi uma piada...[a cena corre-se para a direita e aparece uma placa enterrada na areia, com um urubu pousado em cima, onde se lê, “MEIO DO NADA”; trilha musical de leve suspense]

Pai – Que esquisito! [procura no mapa] Esse lugar não consta no mapa! Bom, pelo menos, não estamos mais perdidos.

[Cascão e Cebolinha se entreolham]

Pai – Agora... [abre a mala do carro e tira de lá uma mochila] só o que temos a fazer, é achar uma oficina!

Cascão – Mas, pra quê?

Pai – Pro carro, ora!

Cascão – Não seria melhor achar um... cemitério! [fala simulando seriedade, juntando as mãos e olhando para cima]

Pai – Ha, ha, ha! Quero ver se você vai continuar com as piadinhas... depois da caminhada...

Cascão – Uhh!!

Pai – ... que teremos que fazer!

[exibição pausada]

Pq – E aí... o pai dele mudou de idéia sobre o lugar... em que estavam?

P₃ – [olha para cima um pouquinho e diz, balançando a cabeça, negando] Ummm... eu acho que não!

Pq – Tá bom... vamo ver a seguinte, tá bom? ... a outra é mais curtinha... [maneja o computador]

[inicia a exibição com a tela de título e a primeira cena]

Locutor – “Meninos e meninas”

[na primeira cena as crianças aparecem num parquinho: Cascão e Cebolinha jogam bolinha de gude enquanto Mônica e Magali brincam de boneca, sentadas num banco]

Pq – Essa aqui eu vou resumir um pouquinho pra você... é o seguinte... o Cascão e o Cebolinha [aponta os personagens na tela] tavam brincando de bolinha de gude na praça... e Mônica e a Magali tavam brincando de boneca... aí eles começam a conversar sobre o que os meninos e as meninas fazem, certo?

P₃ – [observa, atenta e balança a cabeça afirmativamente]

Pq – Aí dali eles vão pro cinema e lá eles continuam conversando sobre esse assunto, tá? Aí vamos ouvir o que eles vão dizer sobre isso... [maneja o computador]

[inicia a exibição do episódio]

Cebolinha – Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!

Cascão – Ah, é?!

Cebolinha – É isso aí!!

A – Fazem não! (diz, meneando suavemente a cabeça)

Magali – Tudo mesmo é? TUDINHO?!

Cebolinha – Tudi-N-H-O! TUDINHO!!

[o vídeo é pausado]

Pq – Cê deu pra ouvir o que a Magali falou?

P₃ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – Então... o que é que a Magali acha: que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₃ – [balança a cabeça, afirmando]

Pq – A Magali acha que sim?

P₃ – [continua balançando a cabeça, e com um sorrisinho]

Pq – Por que você acha isso?

P₃ – Por causa que “TUDINHO, TUDINHO”!! [ênfatisa a entonação das últimas palavras e acompanha-as com um gesto de mão abertas e expressão facial distendida]

Pq – Então ela tá dizendo que sim... vamo ver aqui o restinho...

[segue a exibição do vídeo]

Cascão – Tudinho?! T-U-D-I-N-H-O?! Tudinho?!

Cebolinha – É!!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!

[exibição pausada]

[Amanda fica sorrindo e mexendo com as mãos]

Pq – E aí... ela acha que os meninos fazem tudo o que as meninas fazem?

P₃ – Não!! [responde sorrindo, como que admitindo um equívoco]

Pq – Não? Mudou foi?

P₃ – Foi! [responde, sorridente]

Pq – Ah... tá bom... vamos ver agora o próximo episódio... [maneira o computador]

[exibição retomada]

Locutor – Boas maneiras!

[Na primeira cena, Cebolinha aparece almoçando à mesa de sua casa, com seus pais. Ele come fazendo ruído, com muita pressa e fazendo muita sujeira ao redor do prato, sob o olhar assustado dos pais]

[exibição pausada]

Pq – Esse aqui se chama Boas maneiras! Só que ele é muito grande, sabe, aí eu vou resumir um pouquinho pra você... o Cebolinha tava em casa almoçando... aí ele tava comendo todo mal-educado, sabe?

P₃ – [escuta atentamente e assente levemente com a cabeça]

Pq – ...mastigando rápido, cuspidando comida e... falando com a boca CHEia... aí o pai dele e a mãe dele resolveram colocar ele numa escolinha de boas maneiras... pra ele aprender a... se educar... só que o Cebolinha não gostou... dessa... dessa ideia, aí ele ficou dizendo, “não, eu não quero ficar fazendo isso [fala num tom de nervosismo] porque senão os meus amigos vão ficar zombando de mim...

porque isso é coisa de menina"... aí, o pai dele diz, [tom mais grave] não isso não é coisa de menina... todas as pessoas precisam aprender educação...

P₃ – [assente, levemente]

Pq - Aí ele disse, "então, eu tenho que ter uma idéia... pra resolver isso... que é que eu faço?"... Aí ele foi e teve uma idéia... "vou ligar pro meu amigo Cascão... aí ele ligou pro Cascão e convidou o Cascão pra entrar com ele nessa escola... aí Cascão começou a rir, começou a rir dessa história de ir pra escola de boas maneiras... aí o Cebolinha foi e disse, "não Cascão, você é meu melhor amigo e eu não queria deixar você de fora, porque a professora dessa escola de boas maneiras, a senhorita Biju, ela é uma gata, ela é LINDA e maravilhosa!" [entonação expressiva de admiração]

P₃ – [Amanda abre um grande sorriso neste trecho]

Pq - Aí, o Cascão foi e ficou interessado, né, aí então tá bom, eu vou fazer com você... aí ele foi e convidou outros amigos para ir fazer a escola de boas maneiras... certo? Aí vamos ver lá [aponta para a tela do computador] quando eles chegarem na escola de boas maneiras o que vai acontecer...

[a pesquisadora maneja o computador para retomar a exibição do episódio]

[começa a exibição do episódio]

[numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju – Olá, amiguinhos!

[quando aparece a Srta. Biju, Eliana faz uma careta de desagrado, franzindo bastante a testa e abrindo a boca]

[os meninos fazem uma careta de susto]

[Amanda sorri neste momento]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega – Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

[exibição é pausada]

[Amanda olha sorrindo para a pesquisadora]

Pq – Viu a dona... a dona Biju como ela era?

P₃ - [assente, sorridente]

Pq – E aí... o Cascão achou que ela era é uma gata?

P₃ – Não! [responde enfaticamente e sorrindo]

Pq – Não? Como é que você sabe disso?

P₃ – Porque você acha que ele não achou ela uma gata?

Pq – Por que você acha isso?

P₃ – Porque... ele fez uma cara feia quando ela virou na cadeira! [responde, sorridente]

Pq – Fez uma cara feia? Ah, tá... e:: o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele sobre senhorita Biju?

P₃ – [olha um pouco para baixo e diz] Num me lembro!

Pq – Ele tinha dito que ela era bonita, né? Que ela era uma gata, ela era linda e maravilhosa... e por que será que ele disse isso?

P₃ – Porque ele não sabia como ela era!

Pq – Ah, porque ele não sabia como ela era... descobriu agora?

P₃ – [assente, balançando a cabeça afirmativamente]

Pq – Tá bom... vamo ver aqui o restinho... [maneja o computador]

[retoma-se a exibição]

Cebolinha – É que eu num queria fazer o culso sozinho... (fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados)

Cebolinha – Ei! Espelem aí!

Cebolinha - Onde vocês vão? (fala com voz amigável e cara aflita)

Cascão – Uhum! Tô fora! E não há ninguém que me faça mudar de idéia!

[exibição pausada]

Pq – E aí... por que será que o Cascão não quer mais ir ficar na escola de boas maneiras?

P₃ – Só por causa da professora, porque ele não gostou dela!! [fala com entonação aguda, acompanhada do gesto com as mãos, apontando a tela e a expressão facial de distendida, relaxada]

Pq – Ele não gostou dela, né?

P₃ – [assente, sorrindo]

Pq – Tá legal... tá bom... ok! Só isso!

P₃ – Posso ir?

Pq – Hum-hum! Obrigada, viu, pela sua participação!

ANEXO 14

TRANSCRIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE CIBELLE (P40)

CIBELLE P40 - 6 anos

Pq – Muito bem! Nós estamos aqui com a nossa amiguinha Cibelle... Tudo bem, Cibelle?

P₄₀ – Tudo!

Pq – Quantos aninhos você tem?

P₄₀ – Seis!

P₄₀ – Seis? Tá bom... Você conhece os personagens da Turma da Mônica?

P₄₀ – Conheço!

Pq – Já viu historinhas deles, já?

P₄₀ – Sim!

Pq – Pronto! Vê... eu vou passar aqui três pedacinhos de historinhas, tá? Da Turma da Mônica, pra a gente dar uma olhada e conversar um pouco, tá bom?

[a pesquisadora maneja o computador para iniciar a exibição]

Pq – Esse aqui, ó... vê só...

[inicia a exibição]

Locutor – “Perdidos no meio do nada”

[exibição pausada]

Pq – Esse aí é o seguinte... o pai do Cascão, ele convidou o Cebolinha e o Cascão para irem passear no shopping... e ele foi dirigindo, né? Só que ele errou o caminho e entrou numa rua errada lá e foi parar nesse lugar aí que a gente vai ver, tá bom? Vamo ver o que é que acontece... [maneja o computador]

[retomada a exibição]

[aparece Cascão, em cima do carro, falando e gesticulando com os braços abertos]

Cascão – Pai! Nós estamos perdidos... no meio do deserto!!

Pai – Nós não estamos perdidos no meio do deserto! [fala aborrecido] Você não confia em mim?

Cascão – [assobia, olhando para cima, sentado sobre o carro]

Pai – Ora essa!! [muito enfurecido] Pois eu vou mostrar pra você que eu sei muito bem onde estamos! (procura num mapa)

Cebolinha – Pois pla mim nós estamos no meio do nada!

Pai – Ha, ha, ha! [sorriso forçado irônico] Muito engraçado!!

[a exibição é pausada]

Pq – E aí... o Cascão acha que tá perdido ou que não tá perdido?

P₄₀ – Acha que está perdido! [responde, balançando a cabeça, afirmativamente]

Pq – É? E... e o Cebolinha, amigo dele, que é que ele achou desse lugar?

P₄₀ – [olha para a pesquisadora e sorri, movendo-se um pouco para frente, com os braços estendidos e apertando as mãos, aparentando não saber o que dizer]

Pq – Ele também acha que está perdido ou não?

P₄₀ – [olha um pouco para a tela e diz, bem baixinho] Sim...

Pq – E o pai do Cascão... você acha que ele achou engraçada a fala do Cebolinha?

P₄₀ – Não! [responde rápido, olhando para a tela]

Pq – Não? Por que não?

P₄₀ – [olha para a pesquisadora e sorri, com as mãos juntas sobre as pernas, e não responde nada]

Pq – Você notou de alguma coisa que ele fez, ou disse... assim, que você percebeu que ele não achou engraçado?

P₄₀ – [olha para a tela, sorrindo e balança a cabeça, negativamente]

Pq – É? Tá bom... vamo ver o finalzinho... [maneja o computador]

P₄₀ – [olha para a câmera]

[exibição retomada]

Cascão – Olha, pai [em tom de advertência] isso não foi uma piada... [a cena corre-se para a direita e aparece uma placa enterrada na areia, com um urubu pousado em cima, onde se lê, “MEIO DO NADA”]; trilha musical de leve suspense]

Pai – Que esquisito! [procura no mapa] Esse lugar não consta no mapa! Bom, pelo menos, não estamos mais perdidos.

[Cascão e Cebolinha se entreolham]

Pai – Agora... [abre a mala do carro e tira de lá uma mochila] só o que temos a fazer, é achar uma oficina!

Cascão – Mas, pra quê?

Pai – Pro carro, ora!

Cascão – Não seria melhor achar um... cemitério! [fala simulando seriedade, juntando as mãos e olhando para cima]

Pai – Ha, ha, ha! Quero ver se você vai continuar com as piadinhas... depois da caminhada...

Cascão – Uhh!!

Pai – ... que teremos que fazer!

[exibição pausada]

Pq – E aí... o pai do Cascão mudou de idéia sobre o lugar, ou ele continua achando a mesma coisa?

P₄₀ – [olha para a câmera enquanto a pesquisadora faz a pergunta] Não... continua achando a mesma coisa... [fala baixinho e com certa relutância, passando uma das mãos na perna]

Pq – É? Que é que ele acha... que tá perdido ou que não tá?

P₄₀ – Que está perdido! [fala baixinho, ainda mexendo na perna]

Pq – É? Tá bom... vamo ver a próxima historinha... [maneja o computador]

[inicia a exibição com a tela de título e a primeira cena]

Locutor – “Meninos e meninas”

[na primeira cena as crianças aparecem num parquinho: Cascão e Cebolinha jogam bolinha de gude enquanto Mônica e Magali brincam de boneca, sentadas num banco]

[exibição pausada]

Pq – Essa aí, ó, “Meninos e meninas” é o seguinte... os meninos tão brincando de bolinha de gude no parque e as meninas tavam brincando de boneca... aí, daí, eles foram pra outro lugar, e lá eles começaram a conversar sobre o que os meninos fazem e o que as meninas fazem... aí vamo ver o que eles vão dizer, tá bom?

P₄₀ – [não esboça nenhuma reação, apenas fica olhando fixamente para a tela]

Pq – Aí cê presta atenção no que eles vão dizer... [maneja o computador]

[inicia a exibição do episódio]

Cebolinha – Ah... que TUDO o que vocês, meninas FAZEM, nós, meninos, TAMBÉM FAZEMOS!

Cascão – Ah, é?!

Cebolinha – É isso aí!!

Magali – Tudo mesmo é? TUDINHO?!

Cebolinha – Tudi-n-h-o! TUDINHO!!

[o vídeo é pausado]

Pq – E aí, Cibelle... a Magali acha que tudo o que as meninas fazem os meninos também fazem?

P₄₀ – Não! [responde prontamente, balançando a cabeça, negativamente]

Pq – Como o Cebolinha disse?

P₄₀ – [balança a cabeça, negativamente]

Pq – Não? Por que é que você acha que não? [pergunta, risonha]

P₄₀ – [olha para a pesquisadora] Porque... umas coisas os meninos fazem e outras coisas as meninas fazem! [responde fazendo um movimento com as mãos em paralelo, indo para um lado e para o outro]

Pq – Ah, é? Tá bom... vamo ver o final... [maneira o computador]

[segue a exibição do vídeo]

Cascão – Tudinho?! T-U-D-I-N-H-O?! Tudinho?!

Cebolinha – É!!

Magali – Pois eu acho que tem uma ou duas coisas que vocês não fazem!

Cebolinha – Ah, é? Pois eu quero ver!

[exibição pausada]

Pq – Tá bom...

[ambas entreolham-se e sorriem]

Pq - Vamo ver agora a próxima historinha, né? É a última... [maneira o computador]

[exibição retomada]

Locutor – Boas maneiras!

[Na primeira cena, Cebolinha aparece almoçando à mesa de sua casa, com seus pais. Ele come fazendo ruído, com muita pressa e fazendo muita sujeira ao redor do prato, sob o olhar assustado dos pais]

Pq – [fala, enquanto passa a cena] Vê... o Cebolinha tava TODO mal-educado [faz uma expressão de desagrado], comendo e derramando comida, falando de boca CHEia...

[exibição pausada]

[a pesquisadora faz um relato introdutório da historinha, enquanto a criança escuta atenciosamente]

Pq - ...Aí, o pai dele disse assim, “Cebolinha, eu vou colocar você numa escolinha de boas maneiras com a senhorita Biju”... aí o Cebolinha, “não, pai {faz entonação de súplica} eu não quero! Porque senão os meus amigos vão ficar rindo de mim, porque eles vão dizer que isso é coisa de menina!”... aí o pai dele, “não senhor! [faz entonação de repreensão] isso não é coisa de menina, não! Todo mundo tem que aprender a se educar!”... aí o Cebolinha, “e agora, o que é que eu faço?...ah, já sei! eu vou ligar pros meus amigos e vou convidar eles pra participar comigo do curso, aí ninguém vai rir de mim”... aí, foi e ligou pro Cascão, amigo dele, né? aí disse, “Cascão, olha, eu vou fazer o curso com a senhorita Biju, de boas maneiras”... aí o Cascão, “ka, ka, ka, ka!”, começou a rir... aí ele disse, “mas, Cascão, eu estou ligando pra você porque você é o meu melhor amigo... e você não sabe... a senhorita Biju, a professora, é uma GATA... é LI::NDA e maravilhosa!”... aí o Cascão disse, “tá certo, então eu vou fazer o curso com você também” ...aí o Cascão foi com ele pra escola da senhorita Biju... aí vamos ver o que acontece quando eles chegam lá... [maneira o computador]

P₄₀ – [passa a olhar para o computador]

[a pesquisadora maneja o computador para retomar a exibição do episódio]

[começa a exibição do episódio]

[numa sala, aparece uma poltrona alta de costas, que ao girar, revela a srta. Biju, uma senhora idosa de óculos]

[trilha sonora de espanto]

Srta. Biju – Olá, amiguinhos!

[os meninos fazem uma careta de susto]

Srta. Biju - Eu sou a Srta. Biju! [fala com um leve sotaque francês]

[som de decepção]

Colega – Hum! Uma gata, né, Cascão?! [enfurecido]

Cascão – Linda e maravilhosa, né, Cebolinha?! [em tom irônico]

[exibição é pausada]

Pq – E aí, o Cascão acha que a dona Biju é uma gata?

P₄₀ – Não! [responde prontamente, mas baixinho]

Pq – Não? Por que você acha que não?

P₄₀ – [dá um sorrisinho e olha para a pesquisadora, mas não diz nada]

Pq – Como foi que você notou isso, que ele não achou?

P₄₀ – [olha para a tela, com um sorrisinho tímido, e diz, gesticulando com a mão direita] Que o pai dele disse que ela era bonita e ela não era bonita...

Pq – Ah, é? [olha para a tela] E o que é que o Cebolinha tinha dito pra ele sobre senhorita Biju?

P₄₀ – Que ela era bonita! [fala, olhando para a tela e gesticulado, tocando com o punho fechado direito na mão esquerda]

Pq – É? E o Cascão, também acha a mesma coisa?

P₄₀ – [olha para a tela e responde, ainda com os braços estendidos e as mãos apertadas] Sim!

P – Vamo ver o final... [maneira o computador]

[retoma-se a exibição]

Cebolinha – É que eu num queria fazer o culso sozinho... (fala com os braços levantados e as mãos abertas, enquanto olha os colegas se retirando chateados)

Cebolinha – Ei! Espelem aí!

Cebolinha – Onde vocês vão? (fala com voz amigável e cara aflita)

Cascão – Uhum! Tô fora! E não há ninguém que me faça mudar de idéia!

[exibição pausada]

Pq – E aí, por que é que o Cascão não quis mais ficar na escola?

P₄₀ – Porque ele num gostou... da professora do Cebolinha... [responde olhando para a tela e aparentando certo receio, inferido pelos movimentos ainda com os braços estendidos]

Pq – Por que será que ele não gostou dela?

P₄₀ – [olha para a tela e sorri, não dizendo nada]

Pq – Por que você acha que ele não gostou dela?

P₄₀ – [olha para a pesquisadora sorrindo e balança a cabeça, negativamente]

Pq – Pode dizer do jeitinho que você quiser, com as suas palavras, mesmo...

P₄₀ – [olha para a tela, mexendo com as mãos, e balança a cabeça negativamente, piscando levemente os olhos]

Pq – Ele não gostou, né? [faz um gesto com as mãos, sinalizando conclusão]

P₄₀ – [assente, balançando a cabeça e sorrindo]

Pq – Não foi com a cara dela, né? Tá bom! Pronto, Cibelle, é só isso... obrigadinha pela sua participação, tá bom?

P₄₀ – [levanta-se sorrindo e sai]